

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Heloise Vargas de Andrade

**CULTURA ESCOLAR CATÓLICA NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO:
em foco o curso secundário nas instituições escolares salesianas (1931–1961)**

Campo Grande, MS
2021

HELOISE VARGAS DE ANDRADE

**CULTURA ESCOLAR CATÓLICA NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO:
em foco o curso secundário nas instituições escolares salesianas (1931–1961)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Educação Cultura e Sociedade.
Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

Campo Grande, MS

2021

Sxxp ANDRADE, Heloise Vargas. 2021

Educação Salesiana no sul de Mato Grosso: em foco a cultura escolar católica do ensino secundário (1931-1961). – Heloise Vargas de Andrade. – 2021
264f; il.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Faculdade de Educação, *Campus* de Campo Grande, 2021

Orientadora: Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

1) cultura escolar católica; 2) ensino secundário; 3) educação salesiana; 4) *habitus* salesiano; 5) história da educação.

**CULTURA ESCOLAR CATÓLICA NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO:
em foco o curso secundário nas instituições escolares salesianas (1931–1961)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Área de Concentração: Educação

Campo Grande, MS, 30 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis (Presidente)
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto (Membro Titular)
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes (Membro Titular)
Unidade Universitária de Paranaíba
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Jerri Roberto Marin (Membro Titular)
Faculdade de Ciências Humanas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt
Faculdade de Educação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 30 de setembro de 2021.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pela finalização dessa tese apesar das dificuldades enfrentadas em decorrência da pandemia de Covid-19, pois isso não teria sido possível se não fosse pela graça de misericórdia d'Ele. Agradeço a Ele por cuidar da minha saúde física e mental, apesar do descaso do governo com a saúde pública. Sou grata por ter guiado a minha trajetória acadêmica e me dar o privilégio de estudar em uma universidade pública, gratuita, laica, de qualidade e socialmente referenciada, que possibilitou que eu tivesse uma visão mais crítica da sociedade e das desigualdades produzidas por ela.

Agradeço por Ele ter dado sabedoria a minha mãe, Claudia Vargas dos Santos, para que, apesar de poucos recursos, investisse pesado na minha educação básica. Obrigada, mamãe, pelo apoio, pelo incentivo e pela motivação. Obrigada por me ensinar a gostar de ler, de escrever, de ouvir e contar histórias. E também por me ensinar a sempre exigir de mim mesma o melhor.

E, por fim, agradeço a Deus por colocar na minha trajetória professores excelentes, que me inspiraram a lutar pela educação, especialmente minha orientadora, justa, honesta, um tanto rígida, mas também parceira e compreensível. Obrigada, professora Jacira Helena, pelos 10 anos de parceria, pelos aprendizados acadêmicos e de vida que esse tempo de orientação me proporcionou. Tenho muito orgulho de tê-la como parte de minha formação.

Ao amor da minha vida, Fernando José. Nenhuma palavra aqui escrita seria suficiente para expressar o quanto foi importante ter você do meu lado, principalmente nos últimos dois anos de pesquisa. Obrigada por vasculhar os arquivos comigo, madrugar comigo em longas jornadas de escrita, por me ajudar com as tabelas, os gráficos, as conferências, e até por ser meu “parecerista” durante a escrita. Obrigada por me dar o suporte e também por me suportar. Você é sensacional.

A finalização dessa tese foi possível tão somente por uma rede de amigos parceiros e familiares, colaboradores que ajudaram seja com questões técnicas ou questões pessoais. E, por esse motivo, sou farta de amizades que não mediram esforços para me apoiar e incentivar.

Nesse sentido, destaco os amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE), no qual encontrei um refúgio nos momentos de aflição, dúvidas e cansaço acadêmico; mas também encontrei parceiras(os) de vida.

Obrigada Loren e Rose, que junto ao grupo de salesianos me motivaram a pesquisar e produzir, de forma leve e agradável. E também à Cristian e à Jéssica, que, além de parceiros, colaboraram com minha pesquisa no compartilhamento de fontes. Vocês quatro são sensacionais.

Em meio à pressão e obrigação na busca pela realização pessoal e profissional, também levarei com carinho e gratidão os momentos compartilhados com minhas amigas de turma: Cristiane, minha irmã de orientação, e Jorismary, amiga para todas as horas. Obrigada por viverem, sofrerem e sobreviverem comigo o processo de doutoramento.

Agradeço aos professores da banca examinadora, Prof. Dr. Wenceslau Gonçalves Neto, Prof. Dr. Ademilson Batista Paes, Prof. Dr. Jerri Roberto Marin e Profa. Dra. Sônia da Cunha Urt, por aceitarem contribuir com minha trajetória de pesquisadora. Obrigadas pelas ideias e sugestões, assim como pela disposição demonstrada no apontamento de novas direções nas minhas análises.

Grata, por tudo e por todos.

“Olhar para trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o ponto final, e hoje temos a impressão de que tudo começou ontem.”
(GUIMARÃES ROSA).

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar e compreender práticas escolares, sociais, culturais e religiosas nos cursos secundários confessionais implantados pela Congregação Salesiana, no sul do antigo estado de Mato Grosso, entre os anos 1931-1961, para apreender como a cultura escolar católica salesiana construiu disposições que atuaram para a estruturação de um *habitus* salesiano. As instituições investigadas compreendem: Colégio Dom Bosco e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Campo Grande; Ginásio Santa Teresa e Ginásio Nossa Senhora Imaculada da Conceição, na cidade de Corumbá. Essa pesquisa está vinculada à Linha de Pesquisa – Educação, Cultura, Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e incursiona pela História e Sociologia da Educação, com finalidade de aproximação da cultura escolar católica produzida no interior dos cursos de ensino secundário desses estabelecimentos. O ano de 1931 foi marcado pela Reforma Francisco Campos, que constitui as bases da cultura escolar do ensino secundário, também nessa década as instituições salesianas investigadas passaram a funcionar concomitantemente. Já o ano de 1961, é marcado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que dentre outras medidas foi responsável por uma diminuição das disciplinas humanísticas e avanço de uma tendência pedagógica tecnicista. A partir dessa década, os salesianos passaram a enfrentar no campo educacional maior concorrência pelo aumento dos estabelecimentos públicos de ensino secundário. Utilizou-se como fonte de investigação documentos escolares das instituições mencionadas, obras memorialísticas contendo relato de professores e ex-alunos, fontes jornalísticas sobre a atuação dos colégios à época e documentos legislativos nacionais e locais sobre o ensino secundário. As fontes foram cruzadas e analisadas a partir do referencial teórico de Pierre Bourdieu e interlocutores. Para a análise foram mobilizados os conceitos de campo escolar e religioso, prática e *habitus*. A compreensão da cultura escolar foi mobilizada para uma aproximação da trajetória desses educadores no campo educacional brasileiro e dos ideais salesianos de educação, que estão sistematizados no “Sistema Preventivo de Dom Bosco”. Os salesianos empreenderam estratégias para criação de uma educação de excelência, as quais, juntamente com as práticas pedagógicas orientadas por princípios religiosos, conferiram à congregação um espaço de legitimidade no campo escolar. Os colégios investiram em uma educação moral e religiosa com práticas que proporcionavam o contato com a “cultura legítima” e a ampliação de capital simbólico e social. Os resultados apontam indícios de que tais práticas contribuíram para estruturação de um *habitus* salesiano – com uma visão de mundo e com forma de específica de ser e estar na sociedade. O ensino salesiano contribuiu para a formação de agentes religiosos, metódicos e organizados dentre outros atributos sociais.

Palavras-chaves: cultura escolar católica. ensino secundário. educação salesiana. *habitus* salesiano. história da educação.

ABSTRACT

In this paper we attempt to identify and understand school, social, cultural and religious practices in secondary confessional courses implemented by the Salesian congregation, in the South of the former Mato Grosso state, between the years of 1931-1961, in order to understand how the Salesian catholic school culture built provisions which worked on the structuring of a Salesian *habitus*. For this purpose the following investigated institutions were taken into account: Colégio Dom Bosco and Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, sited in the city of Campo Grande; in addition Ginásio Santa Teresa and Ginásio Nossa Senhora Imaculada da Conceição, in the city of Corumbá. This research is linked to the research line – Education, Culture, Society, from the graduate studies program in Education, from the Education School, from the Federal University of Mato Grosso do Sul and dabbled in History and Sociology of Education, in order to approach the catholic school culture produced in interior of those secondary courses of these institutions. The year of 1931 is marked by Francisco Campos Reform, which established the basis of school culture in secondary teaching, also in the same decade Salesian institutions aforementioned started working concurrently. The year of 1961 is marked by the Law of guidelines and basis of Education, in which among other things was responsible for a lowering in humanistic disciplines and an advancement in a pedagogical technicist tendency. From this decade forward, Salesians started facing greater competition due to the fact of an increase of public institutions of secondary teaching. For such investigation sources we used school documents from the aforementioned institutions, memorial works, containing teachers and former students' reports, journalistic sources about the those schools activities at the time, and local and national legislative documents about secondary teaching. Sources were analysed and crossed starting with Pierre Bourdieu's theoretical background and interlocutors. For such analyse we based it on the concepts of school and religious field, practice and *habitus*. The school culture understanding was used for approaching these educators trajectory in the Brazilian educational field and the Salesian educational ideals, which are systematized in the 'Dom Bosco's Preventive System'. The Salesians applied strategies in order to build an excellence education, along with pedagogical practices based on religious principles, that gave the congregation a legitimacy status in the educational field. Those schools invested in a religious and moral education which provided an approximation of the 'legit culture' and an expansion of symbolic and social capital. The results point out evidence that those practices contributed in the structuring of a Salesian *habitus* – establishing a particular worldview and way of being in society. The Salesian teaching contributed to the formation of methodical, religious and highly organized agents among other social attributes.

Key-words: Catholic school culture. secondary school. Salesian education. Salesian *habitus*. Education history.

QUADROS

Quadro 1- Cursos secundários salesianos no sul do antigo Mato Grosso	27
Quadro 2- Pesquisas localizadas na BDTD.....	42
Quadro 3 - Pesquisas com instituições secundárias salesianas no sul do antigo Mato Grosso	44
Quadro 4 - Pesquisas internacionais sobre cultura escolar religiosa – Portais Scielo e Google Acadêmico.....	45
Quadro 5 - Coleta de fontes para a pesquisa	55
Quadro 6 – Obras memorialistas selecionadas para a pesquisa	57
Quadro 7 - Inspetorias Salesianas no Brasil.....	70
Quadro 8 - Composição da “Família Salesiana” (2019)	71
Quadro 9 - Companhias Salesianas fundadas por Dom Bosco	78
Quadro 10 - Reformas do ensino secundário ocorridas no período (1930-1961).....	87
Quadro 11 - Fundação das casas salesianas da Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório em Mato Grosso até 1961.....	100
Quadro 12- Casas salesianas fundadas pelas filhas de Maria Auxiliadora em Mato Grosso	101
Quadro 13 - Registro de subvenções pelo Ministério da Educação e Saúde aos cursos de ensino secundário das instituições salesianas (1934-1940)	128
Quadro 14 – Registro de subvenções pelo Ministério da Educação e Saúde aos cursos de ensino secundário às instituições salesianas (1944-1956)	130
Quadro 15 – Estrutura curricular do ensino secundário na legislação educacional de 1931 e 1942	151
Quadro 16 – Currículo Curso Ginásial Ginásio Imaculada Conceição 1938 – com carga horária mensal de cada disciplina	155
Quadro 17 – Currículo do Curso Ginásial do Ginásio Imaculada Conceição em 1941 – com carga horária mensal de cada disciplina	156
Quadro 18 – Currículo do Curso Ginásial do Ginásio Santa Teresa em 1938 – com carga horária mensal de cada disciplina.....	160
Quadro 19 – Normas para o corpo discente dos estabelecimentos femininos	168
Quadro 20 – Calendário escolar salesiano	172

Quadro 21 – Horário de Aula nos Colégios Salesianos	179
Quadro 22 - Salas Especiais GENIC.....	183
Quadro 23 – Relato dos materiais didáticos adquiridos e registrados no Relatório de Inspeção do GENIC	185
Quadro 24 – Professores leigos que atuaram nos colégios salesianos	200
Quadro 25 – Atribuições dos membros da diretoria do Ginásio Santa Teresa	201
Quadro 26 – Profissões dos responsáveis de acordo com o registro do internato do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1947).....	210
Quadro 27 - Composição da diretoria do Grêmio Literário Dom Aquino	218

TABELAS

Tabela 1 - Dados sobre religião no estado de Mato Grosso	98
Tabela 2 – Número de matrículas por ano no Ginásio Santa Teresa (1899-1953).....	111
Tabela 3 – Quadro geral de matrículas do curso secundário (1947-1950).....	120
Tabela 4 – Exames de admissão ao curso secundário do Ginásio Dom Bosco.....	124

FIGURAS

Figura 1 – Cursos secundários com funcionamento autorizado pelo INEP em 1961	26
Figura 2 - Principais noções bourdieusianas mobilizadas na pesquisa	31
Figura 3 - O jeito salesiano de educar	60
Figura 4 – Capa do Regulamento da Companhia da Imaculada de 1942.....	80
Figura 5 – Capa do estatuto da Companhia SS do Sacramento	80
Figura 6 – Capa do regulamento da Companhia São Luiz de Gonzaga - 1952.....	80
Figura 7 – Capa do regulamento da Companhia São Luiz de Gonzaga – 1941.....	80
Figura 8 – Revista Salesiana “Santa Cruz”	91
Figura 9 – Revista Salesiana “Matto-Grosso”	91
Figura 10 –Mapa da América latina e coordenadas do sonho de Dom Bosco	97
Figura 11 – Mapa geral de implantação de Colégios Salesianos até 1961.....	106
Figura 12 – “Jornal do Comércio” – Colégios Salesianos de Campo Grande (1940).	119
Figura 13 – Notícia sobre comemoração dos 50 anos dos salesianos no Brasil.....	135
Figura 14 - Oferta das instituições e famílias salesianas para a emissora católica.....	139
Figura 15 - Lançamento da Maratona Catequética.....	141
Figura 16 - O jeito Salesiano de Educar	145
Figura 17 - Gráfico de distribuição dos saberes escolares no primeiro ciclo do curso secundário no Ginásio Imaculada Conceição de 1941	154
Figura 18 - Resultado final da Maratona Catequética Feminina em 1950	164
Figura 19 - Relação de Professores do Ginásio Santa Teresa no ano 1937	206
Figura 20 - Personagens para o drama “A Múmia de Tibiriçá.....	222
Figura 21 – Capa do periódico estudantil “O ginásio” (1941)	224

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1- Lata de arquivo de documento do “Arquivo Público de Mato Grosso”	50
Fotografia 2 - Biblioteca CSPD	52
Fotografia 3- Entrada do CSPD, com a imagem de São Francisco de Sales	52
Fotografia 4- Colégio Salesiano Santa Rosa (1900) – Niterói (RJ)	67
Fotografia 5 – Primeira instituição das FMA - Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo/Guaratinguetá-SP.....	68
Fotografia 6 - Companhia de São Luís no Ginásio Santa Teresa - Corumbá	81
Fotografia 7 - Oratório Festivo no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.....	83
Fotografia 8 - Ginásio Santa Teresa na década de 1930	109
Fotografia 9 – Ginásio Imaculada Conceição	113
Fotografia 10 – Colégio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora.....	117
Fotografia 11 – Ginásio Municipal Dom Bosco	121
Fotografia 12 - Jogo de Voleibol no Ginásio Santa Teresa.....	138
Fotografia 13 – Capela do Colégio Dom Bosco (1936).....	174
Fotografia 14 – Capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1943).....	174
Fotografia 15 – Desfile do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (07/09/1954)	177
Fotografia 16 – Desfile do Ginásio Santa Teresa.....	178
Fotografia 17 – Brincadeiras realizadas durante o recreio do Colégio Dom Bosco (1932)..	181
Fotografia 18 - Laboratório de Física – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1932)	186
Fotografia 19 – Laboratório de Química e História Natural – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1932)	187
Fotografia 20 – Dormitório do Colégio Dom Bosco (1936).....	193
Fotografia 21 – Dormitório do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1943).....	193
Fotografia 22 - Alunas da Escola Doméstica do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	213

SIGLAS

ABE: Associação Brasileira de Educação

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACB: Ação Católica Brasileira

APC: Associação de Professores Católicos

APMT: Arquivo público de Mato Grosso

ARCA: Arquivo Histórico de Campo Grande

BDTD: Banco Digital de Teses e Dissertações

CCBE: Confederação Católica Brasileira de Educação

CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNSA: Colégio Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora

CSDP: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa

DNE – Departamento Nacional de Educação

FAED: Faculdade de Educação

FMA: Filhas de Maria Auxiliadora

GENIC: Ginásio Escola Normal Imaculada Conceição

HAC: Homens da Ação Católica

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JCB: Juventude Católica Brasileira

JEC: Juventude Estudantil Católica

JFC: Juventude Feminina Católica

JOC: Juventude Operária Católica

JUC: Juventude Universitária Católica

LDB: Lei de diretrizes e bases

LFAC: Liga Feminina de Ação Católica

NDIHIR: Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional

NOB: Noroeste do Brasil

PPGEdu: Programa de Pós Graduação em Educação

PSD: Partido Social Democrático

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RSE: Rede Salesiana de Escolas

RSEB Rede salesiana de escolas brasileiras

SciELO: *Scientific Eletronic Library Online*

SDB: Salesianos de Dom Bosco

SED: Secretaria Estadual de Educação – MS

SEMED: Secretaria Municipal de Educação – Campo Grande/MS

UCDB: Universidade Católica Dom Bosco

UDESC: Universidade do Estado de Santa Catarina

UDN: União Democrática Nacional

UEDB: União dos Ex-Alunos de Dom Bosco

UFGO: Universidade Federal de Goiás

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

GEPASE: Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Educação

UFRN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte

UFSE: Universidade Federal de Sergipe

UNICAMP: Universidade de Campinas

USP: Universidade de São Paulo

UTP: Universidade Tuiutí do Paraná

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS: APRESENTAÇÃO ACADÊMICA.....	19
INTRODUÇÃO	21
1.1 Trajetória de construção da pesquisa: notas introdutórias sobre o tema, justificativas e formulação do problema.....	23
1.2 Questões teórico-metodológicas: noções da teoria bourdieusiana em operação na pesquisa	28
1.3 Revisão sistemática.....	39
1.4 Arquivos, agentes e memórias: as fontes da pesquisa	48
1.5 Considerações sobre a estrutura da tese	58

PARTE I

I - OS SALESIANOS DE DOM BOSCO: A INTERSECÇÃO ENTRE CAMPO ESCOLAR E CAMPO RELIGIOSO	61
2.1 Dom Bosco e a Congregação Salesiana no Brasil.....	63
2.2 Os princípios educativos da pedagogia salesiana e o Sistema Preventivo	72
2.3 Os salesianos no campo escolar brasileiro	84
II - TRADIÇÃO E RELIGIÃO: OS SALESIANOS NO CAMPO EDUCACIONAL NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO.....	93
3.1 A chegada da congregação no sul do antigo Mato Grosso: implantação e organização da missão salesiana.....	95
3.2 A implantação do curso secundário nas instituições confessionais salesianas.....	103
3.2.1 Ginásio Santa Teresa: educação masculina em Corumbá	108
3.2.2 Ginásio Imaculada Conceição: educação feminina em Corumbá	113
3.2.3 Colégio nossa senhora auxiliadora: educação feminina em Campo Grande.....	116
3.2.4 Colégio Dom Bosco: educação masculina em Campo Grande	120
3.3 Tradição e excelência escolar: estratégias das instituições salesianas para legitimação no campo escolar	126

PARTE II

IV - O ENSINO SECUNDÁRIO CONFSSIONAL SALESIANO: DISPOSIÇÕES, ESTRUTURAS E PRÁTICAS ESCOLARES E RELIGIOSAS	146
4.1 Saberes e conhecimentos escolares	148
4.1.1 Educação salesiana para moças	165
4.2 Organização do tempo e do espaço escolar	170
4.2.1 Horários e espaços escolares do ensino secundário.....	178
4.2.2 Horários e espaços dos internatos salesianos	187

4.3 Agentes salesianos em trânsito no campo escolar	195
4.3.1 Professores.....	196
4.3.2 Alunos.....	208
4.4 Práticas extracurriculares e ampliação de capitais	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	227
REFERÊNCIAS.....	236
ANEXOS.....	256
ANEXO A – Portaria nº 594, de 16 de novembro de 1948..	256
ANEXO B – Hino do Colégio Dom Bosco e da Aula de Catecismo. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSPD).....	257
Anexo C – Relação de Material Escolar para Gabinetes e Laboratórios - Ginásio Imaculada Conceição (Corumbá) – 1937.....	259

NOTAS INTRODUTÓRIAS: APRESENTAÇÃO ACADÊMICA

As notas relacionadas para a apresentação desta tese versam sobre minha trajetória pessoal no campo da pesquisa, mais especificamente no campo da História da Educação. Aqui reúno alguns elementos de minha trajetória acadêmica que culminaram no material ora apresentado e que contribuíram para o meu processo de formação como pesquisadora em nível de Doutorado.

A iniciação à pesquisa e minha inserção no campo científico decorrem de investimentos empreendidos no decorrer da minha graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), e está intrinsecamente relacionada com a participação, desde o ano de 2011, no Grupo de Estudos e Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE/ UFMS), coordenado pela Profa. Dra. Jacira Helena do Valle Pereira Assis.

Os estudos e a participação em pesquisas desenvolvidos no grupo proporcionaram a utilização da teoria de Pierre Bourdieu como lente interpretativa para a compreensão da realidade social, bem como uma visão mais crítica para analisar questões que sempre me provocaram inquietações, principalmente aquelas relacionadas ao campo escolar e ao campo político. Dessa forma, as atividades desenvolvidas no grupo de estudos oportunizaram a participação em projetos de pesquisas vinculados à área de Fundamentos da Educação, que contribuíram para estruturar um modo de ser e estar pesquisadora.

No ano de 2013 tive a oportunidade de direcionar meu olhar investigativo para o campo da História da Educação com a participação no Projeto de Pesquisa¹, desenvolvido entre os anos de 2011 e 2015, intitulado “**Ensino Secundário no sul de Mato Grosso (século XX)**”, que teve como objetivo analisar o processo de conformação do ensino secundário no sul do antigo Mato Grosso no século XX, de modo a revelar sua natureza histórica e particularidades assumidas por esse processo nessa região do país.

O projeto promoveu integração entre o Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu)/FAED/UFMS e o Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nesse período, os docentes vinculados ao programa mineiro estiveram presentes em Campo Grande, participando de bancas de defesa, bancas de qualificação, seminários e minicursos. Em contrapartida, alguns discentes de iniciação científica, mestrado, doutorado e pós-doutorado participaram de missões

¹ Aprovado no Edital – Chamada pública MCTI/CNPQ/MEC/CAPES – Ação Transversal nº 06/2011 – CASADINHO/PROCAD

de estudos na FAE/UFMG, levando as discussões regionais para o contexto investigativo da UFMG.

Particpei do projeto como acadêmica de iniciação científica com uma pesquisa que investigava a cultura escolar de ensino secundário em fontes memorialísticas na cidade de Corumbá. Estive na FAE/UFMG sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria Galvão, que auxiliou na pesquisa com aulas, grupo de estudos e visitas aos acervos da cidade de Belo Horizonte.

A participação de membros do GEPASE no referido projeto teve como produto a publicação do livro “Memórias do ensino secundário no sul de Mato Grosso no século XX” (2015), no qual publiquei um capítulo produzido durante minha Iniciação Científica do ano de 2014.

A imersão nesse projeto fomentou os problemas de pesquisa que orientaram o meu trabalho de conclusão de curso intitulado “**A cultura escolar do ensino secundário no sul de Mato Grosso: leitura em obras memorialísticas corumbaenses (1920-1970)**” (2014) e a dissertação de mestrado denominada “**Ensino Secundário e Agentes Intelectuais (1931-1961)**”, defendida no ano de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

As lacunas historiográficas e questionamentos identificados na finalização da referida dissertação provocaram novos questionamentos a respeito da História da Educação de Mato Grosso do Sul, bem como evidenciaram a necessidade de um maior aprofundamento e investigação das particularidades regionais do processo de construção do campo educacional, a fim de contribuir com mais elementos para a compreensão da história local.

INTRODUÇÃO

Esta tese é resultado da pesquisa de doutoramento que tem como objeto de investigação a formação escolar secundária oferecida pelas instituições escolares da Sociedade São Francisco de Sales no sul do antigo Mato Grosso², no período que compreende os anos 1930 a 1961. O período selecionado acompanha o desenvolvimento do próprio campo escolar. A partir da década de 1930, as 4 instituições salesianas investigadas começam a funcionar concomitantemente. Já o ano de 1961 constituiu-se como um marco legal em decorrência da promulgação da Lei n. 4.024/1961 (BRASIL, 1961), a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que foi responsável pela descaracterização do ensino secundário conhecido e apreciado por grupos das elites até aquele momento.

Isso porque a primeira LDB é considerada pela historiografia educacional como um golpe à predominância do ensino humanístico no ensino secundário, pois passou a privilegiar um currículo mais técnico, voltado à modernização da sociedade industrial brasileira. A referida LDB consolidou o predomínio da educação técnica e científica e a diminuição do espaço que as humanidades ocupavam até então (SOUZA, 2008), reduzindo do ensino secundário a prioridade de investimento na ampliação de capital cultural. No contexto regional, a partir desse período, observa-se a ampliação do acesso ao ensino secundário e maior investimento do poder público na implantação de novos estabelecimentos de cursos secundários.

A hipótese norteadora dessa investigação é de que a cultura escolar católica salesiana construiu disposições que atuaram para a estruturação de um *habitus* salesiano. A aproximação desse *habitus*, que é específico dos agentes vinculados às instituições escolares, foi realizada a partir da investigação das práticas sociais, culturais e escolares constituintes da cultura escolar de instituições salesianas, bem como por meio da aproximação do conceito de cultura escolar católica, mobilizado por alguns pesquisadores da História de Educação que têm como objeto de estudo escolas confessionais católicas, tais como Brito (2005) e Dallabrida (2008).

Na presente proposta, a aproximação da cultura escolar católica contribui para responder às seguintes perguntas que sustentam e norteiam a construção da pesquisa face ao cenário em que se apresenta.

1. Qual o papel da cultura escolar católica para a formação da juventude sul-mato-grossense?

² Sul do antigo Mato Grosso é uma expressão utilizada no decorrer do trabalho para identificar a situação geopolítica do estado de Mato Grosso do Sul no período compreendido pela pesquisa. Na década de 1930, o estado do Mato Grosso compreendia os seguintes estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e parte de Rondônia. (ROCHA, 2019). Em 11 de outubro de 1977, por meio da Lei Complementar n. 31, deu-se a divisão do estado de Mato Grosso e a criação do estado de Mato Grosso do Sul.

2. Quais as estratégias utilizadas pelos salesianos no que tange à ampliação do capital cultural?
3. Quais práticas escolares legitimavam a posição social e conferiam prestígio aos estudantes das instituições secundárias salesianas?
4. Houve significativas disposições para a formação de um *habitus* estruturado na intersecção do campo escolar e campo religioso?

Nesse contexto, os objetivos da pesquisa consistem em:

- Caracterizar e analisar as propostas de formação e de ensino e aprendizagem contidas no projeto salesiano;
- Identificar práticas escolares, sociais e culturais das instituições salesianas que proporcionavam a ampliação de capitais cultural, simbólico e escolar;
- Compreender o processo de formação escolar secundária e a estruturação de um *habitus* estudantil e religioso;
- Realizar registro de dados e interpretá-los à luz do referencial teórico bourdieusiano.

A partir das questões levantadas e de uma primeira aproximação do tema da pesquisa, foi construída a proposta de tese, qual seja:

- Instituições escolares salesianas, detentoras de uma cultura escolar católica e permeadas por uma convicção e orientação religiosa, como espaço de socialização do conhecimento e compartilhamento de vivências e experiências, estiveram diretamente relacionadas à estruturação infraconsciente de um tipo específico de *habitus*. Não somente um *habitus* religioso, mas um *habitus* salesiano, que traria na sua estrutura as disposições incorporadas em um campo escolar permeado por práticas religiosas didatizadas, que tinham como base um sistema educativo conhecido como Sistema Preventivo. A referida formação, a partir de um enfoque na moralidade e no cristianismo, conferiu tradição e prestígio aos colégios salesianos investigados no sul do antigo Mato Grosso, fazendo com que, no período de 1930 a 1961, estes fossem uma das principais escolhas de estudos para os jovens da região.

Para a investigação dessa problemática e com a finalidade de atingir tais objetivos, desenvolve-se uma análise histórico-sociológica, com a análise de documentos institucionais, documentos religiosos, fontes memorialísticas, fontes jornalísticas e demais pistas que auxiliam na compreensão da cultura das escolas salesianas pesquisadas, tendo sua interpretação

sustentada pelas noções e conceitos da Teoria de Pierre Bourdieu. Dentre os conceitos mobilizados, destacam-se: *habitus*, práticas e campo.

1.1 Trajetória de construção da pesquisa: notas introdutórias sobre o tema, justificativas e formulação do problema

Tem crescido na última década pesquisas (SOUZA, 2008; NAGLE; 2001) no campo de História da Educação que tomam como objeto o ramo de cursos secundários (secundário, normal, profissional e técnico), com propostas diferenciadas: enfoque em disciplinas escolares, implantação de instituições, cultura escolar, formação de professores, cultura material e currículo escolar.

A diversidade de temas e recortes, aliada às particularidades regionais, proporciona um complexo e relevante conjunto de resultados, que contribuem para a compreensão desse ramo de ensino. Apesar da diversidade de objetos e de referenciais teórico-metodológicos, as pesquisas regionais vêm apresentando como resultado uma formação escolar de **frações das classes médias e altas**³, que contribuiu para formação de uma elite econômica, política e intelectual que visava à ocupação de altos cargos da sociedade sul-mato-grossense.

Apesar de o ensino secundário ser espaço privilegiado de classes favorecidas, ressaltam-se as especificidades locais relativas à estrutura do campo social, além de articulações políticas e projetos sociais que fomentaram iniciativas no campo educacional com o propósito de atenuar essa característica do ensino secundário, como, por exemplo, a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG)⁴ que, a partir da década de 1950, ofereceu ensino ginasial noturno e bolsas de estudos para estudantes trabalhadores.

No sul do antigo Mato Grosso, chama atenção a presença significativa de cursos de ensino secundário vinculados à Congregação Salesiana logo nas primeiras décadas do século XX, com expressividade numérica e visibilidade escolar prestigiosa.

³ O conceito de classe aqui utilizado é baseado em uma abordagem sociológica bourdieusiana, que considera a classe social como uma “[...] modalidade de agrupamento social e fonte de consciência e conduta, [que] emerge e se consolida pela competição sem fim, na qual os agentes se engajam através dos diversos domínios da vida, visando a aquisição, o controle e a disputa por diversas espécies de poder ou de ‘capital’” (LOÏC WACQUANT, 2013, p. 89). Por tal motivo, não é compreendido como um grupo homogêneo. Admite-se, então, a ideia de frações de classe, que levam em consideração fatores como volume e estrutura de capitais, bem como trajetória em um determinado espaço social.

⁴ Astolfe (2019) teve como objeto de pesquisa a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG) no sul do antigo Mato Grosso, e contribuiu para a compreensão do processo de implantação do Ginásio Barão do Rio Branco (1949). O estabelecimento proporcionou acesso de jovens trabalhadores ao curso secundário e, para isso, ofereceu aulas no período noturno.

Uma primeira aproximação dessas instituições de ensino secundário levantou a possibilidade interpretativa da existência de uma cultura escolar católica geradora de disposições que atuariam para a estruturação de um *habitus* salesiano – suposição essa a ser investigada na presente pesquisa.

Na base estrutural desse *habitus*, estariam presentes, principalmente, elementos como **moralidade, disciplina, religião e erudição**, que seriam mobilizados nas práticas escolares. Buscou-se identificar, portanto, práticas e experiências geradoras e catalisadoras da incorporação de estruturas que poderiam contribuir para a estruturação de um *habitus* salesiano, ou seja, um modo próprio de ser e estar nas instituições salesianas.

Por ensino secundário entende-se a etapa da escolarização formal que sucedia o ensino primário, equivalente ao que corresponde hoje à segunda etapa do ensino fundamental (6º ao 9º ano) e ao ensino médio, que, na legislação do ensino secundário, era designado de primeiro e segundo ciclos. Desse modo, tornava-se indispensável a realização do curso secundário para preparo e ingresso em cursos do ensino superior.

As barreiras existentes na estrutura do curso secundário conferiram-lhe um caráter propedêutico e elitista, uma vez que oportunizava o ingresso no ensino superior para as classes economicamente favorecidas e, para a classe pretendente, oportunizava uma maior inserção social.

De acordo com Souza (2008, p. 89), esse ramo do ensino,

Tratava-se da educação de um grupo social muito restrito, jovens herdeiros e oligarquia agrária, filhos de industriais, grandes comerciantes, profissionais liberais ou da incipiente classe média urbana, cuja formação fundamentada nos estudos desinteressados expressava a distinção cultural de uma elite, destinando-se a uma finalidade muito específica, isto é, a preparação para os cursos superiores.

Dessa forma, a pesquisa investiga, em especial, as práticas escolares que estavam relacionadas a esses quatro aspectos. E é por isso que a investigação se direcionou especificamente aos cursos secundários, que carregavam consigo mais fortemente as questões relativas à erudição, além de ser o ramo do ensino de maior expressividade do “domínio salesiano” no campo escolar.

O “sucesso” das instituições salesianas no campo escolar deu-se primeiramente por seu pioneirismo, já que os salesianos estiveram entre os primeiros estabelecimentos a atuar nas ausências do poder público e consolidar sua posição. No Sul, as instituições secundárias

concentraram-se principalmente nas cidades de Campo Grande e Corumbá, cidades com maior expressão econômica, desenvolvimento de atividade comercial e concentração populacional.

Para as famílias que residiam em cidade com menor densidade populacional, a oportunidade de formação secundária estava relacionada à possibilidade financeira de manutenção dos filhos em regime de internato. Assim, os salesianos conquistaram seu espaço no campo escolar em todo o sul do estado, atuando em apenas duas cidades.

A expansão de instituições secundárias para as cidades menores do sul do antigo Estado iniciou-se timidamente, a partir da década de 1940, mas ganhou folego somente na década de 1950 e 1960, já no final do período estudado. Outras congregações e ordens religiosas também estiveram presentes no estado, atuando especificamente na formação primária. A articulação política, o investimento em propaganda e a inovação dos salesianos proporcionaram a criação de um monopólio do ensino secundário confessional e, conseqüentemente, mantiveram as demais congregações religiosas católicas concentradas apenas na educação primária, na qual também havia necessidade de investimento público e escassez de estabelecimentos escolares.

O mapa disponível na figura 1 ilustra a organização do ensino secundário no final do período estudado, isto é, no ano de 1961. No mapa estão discriminadas instituições públicas, instituições salesianas e demais instituições privadas (de outras congregações religiosas e instituições leigas).

Observa-se, portanto, que dentre as primeiras instituições de ensino secundário implantadas no sul do antigo Mato Grosso, no eixo Campo Grande – Corumbá, apenas duas tiveram iniciativa do poder público: o Colégio Estadual Campograndense, em Campo Grande, e o Colégio Maria Leite, em Corumbá. E, entre as privadas, apenas o Colégio Oswaldo Cruz se apresentava como uma opção de ensino leigo.

Observa-se, ainda, que durante toda a década de 1930 não houve, por parte do poder público, uma normativa legal no tocante às nomenclaturas das instituições e, por isso, as instituições assumiram uma variedade de nomes distintos, tais como Escola, Colégio, Instituto, Liceu, entre outros.

Embora não esteja contemplado no mapa, dentre as instituições pioneiras, o Instituto Pestalozzi destacou-se também como uma importante instituição da iniciativa privada ainda que tenha inicialmente se apresentado com uma opção de instituição leiga, no ano de 1930 destinou-se aos cuidados da Missão Salesiana e, com isso, passou a ser chamado de Ginásio Municipal Dom Bosco.

Em que pese a variedade de nomes assumidos no decorrer do período investigado, assumiu-se para essa pesquisa a orientação formalizada pelo Reforma Gustavo Capanema (1942), na qual as instituições que ofereciam apenas o primeiro ciclo do curso secundário foram denominadas “Ginásios”, e as que ofereciam os dois ciclos foram denominadas “Colégios”.

Durante toda a tese foi as nomenclaturas “Ginásio Santa Teresa”, “Ginásio Imaculada Conceição”, “Colégio Dom Bosco” e “Colégio Nossa Senhora Auxiliadora”, baseada nos textos legais, registrados no quadro 1.

Quadro 1- Cursos secundários salesianos no sul do antigo Mato Grosso

	INSITUTIÇÃO	CURSO GINASIAL	CURSO COLEGIAL
CORUMBÁ	Santa Teresa Fundação: 1889	Início do curso: 1916	
		Inspeção permanente: Decreto n. 3.743, 14/02/1939	
	Imaculada Fundação: 1904	Início do curso: 1937	
		Inspeção preliminar: Decreto n. 21.242, 04/04/1932	
		Inspeção permanente: 05/10/ 1937	
CAMPO GRANDE	Nossa Senhora Auxiliadora Fundação: 1926	Início do curso: 1934	Decreto n. 11.470, 03/02/1943
		Inspeção permanente: Decreto n. 2.628, 04/05/1938	
	Dom Bosco Fundação: 1930	Início: 1933	Decreto n. 11.456, 03/02/1943
		Inspeção permanente: Decreto n. 23.697, de 2 de Janeiro de 1934	

Fonte: Câmara Legislativa; Báez (1988).

Organização⁵: Andrade, 2021.

⁵ De acordo com a ABNT NBR 14724/2011 é necessário “[...] indicar a fonte consultada (elemento obrigatório, mesmo que seja produção do próprio autor)”. (ABNT, 2011, p. 15).

No quadro, estão organizadas as datas de fundação e início dos cursos ginasial e colegial de cada instituição, que também auxiliam a compreender a dinâmica do período. Os documentos utilizados foram localizados no *site* da Câmara Legislativa e nos acervos documentais das instituições investigadas.

Embora os salesianos tenham se inserido no campo educacional sul-mato-grossense através da cidade de Corumbá, a dinâmica de crescimento e urbanização acelerada de Campo Grande, a partir da década de 1930, conferiu, ao longo do período investigado, uma maior visibilidade para as instituições campo-grandenses. Essa diferença se torna mais visível a partir do ano 1943, quando essas instituições adquiriram autorização de funcionamento do curso colegial, estes foram primeiros estabelecimentos a oferecer o ciclo colegial para a juventude no sul do estado.

Vale ressaltar que, na condição de instituições privadas, esses estabelecimentos “[...] eram livres para se estabelecer, mas passaram a ser submetidos à ‘inspeção preliminar’, por um prazo não inferior a dois anos e, posteriormente, à ‘inspeção permanente ou equiparação’”. (DALLABRIDA, 2009, p. 188). Só então, seria possível pleitear o funcionamento do curso colegial. Até o ano de 1961, as instituições corumbaenses ofereceram apenas o curso ginasial. Após esse período, com a LDB 4.024/1961, foram implementadas na política educacional, mudanças relativas às competências entre os entes federativos como, por exemplo, a autorização de funcionamento dos estabelecimentos de ensino que, a partir desse momento, torna-se competência dos estados.

Embora não tenha sido possível localizar tais autorizações, de acordo com Manfroi (1997, p. 17), “Em 1965, por ordem do Secretário de Educação da Seccional de Cuiabá, o Sr. Amélio de Concacho Baís, autoriza ao Colégio Salesiano Santa Teresa o funcionamento do Curso Científico – Autorização EDSEC 20-25/01/1965. Já no Imaculada Conceição, o colegial chegou ainda mais tardiamente, no ano de 1973 pelo processo n. 255.134/72MEC. (GENIC Histórico, s.d).

1.2 Questões teórico-metodológicas: noções da teoria bourdieusiana em operação na pesquisa

Pierre Bourdieu é considerado um dos maiores sociólogos da contemporaneidade, com intensa atuação no século XX. De nacionalidade francesa e campesina, com uma formação filosófica, atuou também nos campos da Sociologia e Antropologia, com repercussão na Educação, na Economia, na Política e no Jornalismo.

Em um processo de análise e crítica da sociedade, o autor elaborou um complexo sistema de conceitos, tendo como contribuições basilares os estudos clássicos da Sociologia desenvolvidos por Marx, Durkheim e Weber⁶.

Esse sistema conceitual possibilitou a abrangência de temas como religião, arte, contracultura, política, jornalismo, moda e feminismo, entre outros, incluindo um conjunto de obras que privilegiam a educação e os sistemas de ensino. A propagação de sua teoria e o reconhecimento alcançado nos diversos campos citados devem-se a esse conjunto de noções conceituais que, em síntese, denunciaram um sistema escolar reprodutivista, desvelando uma dominação simbólica que legitima as posições dos agentes na estrutura social.

Uma de suas principais contribuições para a área da educação consiste na crítica que faz ao discurso meritocrático neoliberal. Por meio da denúncia e da desmistificação da visão redentora da educação presente na sociedade até meados dos anos 1980, Bourdieu identifica na escola um dos principais meios pelas quais as desigualdades sociais e econômicas são produzidas e reafirmadas.

A principal peculiaridade de sua teoria está na crítica e no afastamento tanto das perspectivas objetivistas quanto subjetivistas, pois, para ele, a adoção de uma ou outra perspectiva poderia ser considerada um reducionismo das práticas sociais. Dessa maneira, propõe uma teoria da prática tendo como base o conceito de *habitus*.

O objetivismo – com sua tendência de descrição das regularidades do espaço social sem investigação do processo de produção e estruturação das práticas –, e o subjetivismo – com uma caracterização da investigação a partir da experiência imediata e com enfoque na consciência e intencionalidade das ações individuais – seriam superados pela proposição de um conhecimento praxiológico. O *habitus* pode ser compreendido como

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções. De apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas [...]. (BOURDIEU, 1983, p. 65).

⁶ As noções de representações, bem como as dimensões simbólicas são heranças teóricas de Max Weber (1864-1920). De Émile Durkheim (1858-1917), Bourdieu herda a defesa da Sociologia como ciência “[...] buscando identificar leis que orientam a realidade social, atribuindo uma explicação e ordem ao aparente caos da sociedade.” (GONÇALVES, 2008, p. 2). De Karl Marx (1818-1883), “[...] nota-se a presença forte do paradigma da dominação e das relações de força e conflitos sociais daí gerados. Porém, Bourdieu estabelece rupturas e questionamentos, como: privilegia as relações, ou seja, não reconhece a classe teórica como real e efetivamente mobilizada; considera reducionismo grave da realidade o economicismo; se propõe a romper com o objetivismo, que ignora as lutas simbólicas que ocorrem nos diferentes campos; e adota a noção de capital, que amplia para outros âmbitos, além do econômico, como o social, o cultural e o simbólico.” (GONÇALVES, 2008, p. 2).

A noção de *habitus* atuaria exatamente na zona de tensão entre as duas perspectivas, como disposições incorporadas a partir das estruturas sociais, mas que, no entanto, estruturariam ações diferenciadas de acordo com o ajuste das disposições duráveis frente às conjunturas.

O sistema de pensamentos por ele desenhado buscou solucionar pontos de fragilidades identificados nas demais teorias que até então haviam se proposto a compreender a dinâmica social. Nesse sentido, um de seus principais avanços foi tirar do espaço social o poder de determinação social, ao mesmo tempo em que retirou os agentes da inércia social caracterizada por pouca ou nenhuma possibilidade de reação.

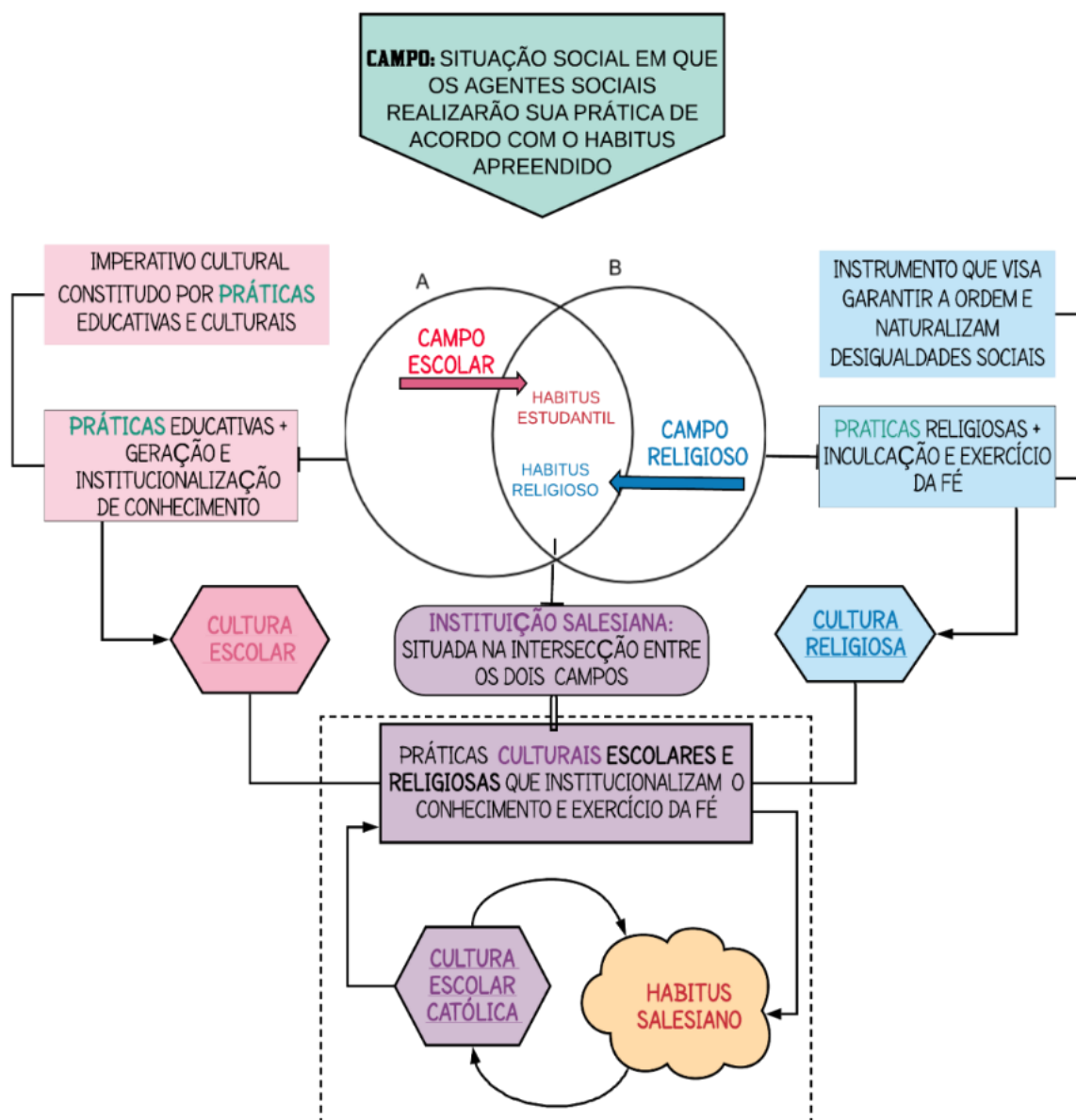
A operacionalização desse sistema de conceitos produzidos pela teoria bourdieusiana, com destaque para o conceito de cultura escolar, promove a possibilidade de investigação das relações e práticas educativas presentes no interior do sistema de ensino. Esse modo de investigação permite desvelar a imposição cultural dos currículos e práticas escolares, auxiliando a compreensão da composição e intencionalidade das bases e saberes que regem a dinâmica escolar, compreendendo, sobretudo, como esses saberes estão organizados e didatizados.

Essa leitura proporciona, ainda, a compreensão de como agentes do campo educacional que não pertenciam às classes favorecidas se apropriaram de discursos externos à escola, como os advindos de secretarias, legislações e documentos curriculares para selecionar e legitimar saberes e conhecimentos das classes dominantes.

Desse modo, na presente pesquisa, que se insere no campo de estudos da História da Educação em interface com a Sociologia da Educação, propõe-se compreender as dinâmicas e relações existentes no interior do campo educacional no sul do antigo Mato Grosso, bem como as práticas constituintes da cultura escolar católica das instituições Salesianas que foram implantadas na primeira metade do século XX.

O fluxograma a seguir é uma ferramenta interpretativa da investigação ora proposta e ilustra a forma como as noções e conceitos estão interrelacionados e foram mobilizados para a pesquisa.

Figura 2- Principais noções bourdieusianas mobilizadas na pesquisa



Organização: Andrade, 2020.

Os círculos centrais A e B correspondem aos campos sociais investigados e, em sua zona de intersecção, encontra-se o ponto de origem do problema de pesquisa, *locus* central da investigação, isto é, as instituições escolares confessionais católicas da Congregação Salesiana. Por fim, a área pontilhada do fluxograma sistematiza a hipótese de pesquisa.

As noções de **campo**, **capitais** e **habitus** formam a tríade conceitual e relacional que compõe a base esquemática da teoria de Pierre Bourdieu e são indispensáveis para compreender e investigar as relações que permeiam.

Bourdieu (2004) retrata um espaço social constituído por **campos**, que são microcosmos organizados a partir de interesses específicos dentro da sociedade, portanto produto histórico

de agentes sociais, considerado como um espaço simbólico e plural, que, ao ser destrinchado, revela a mais primitiva luta concorrencial pela classificação social.

Os campos são formados por agentes ou instituições que compartilham entre si um mesmo interesse, objetivo e intenção. Portanto funcionam de acordo com uma lógica interna própria e são dotados de uma autonomia relativa. Essa lógica interna, que rege a ordem e as regras do campo, orienta e uniformiza as condutas dos agentes, é chamada de *illusio* e compreendida como uma “[...] relação encantada com um jogo que é o produto de uma relação de cumplicidade ontológica entre as estruturas mentais e as estruturas objetivas do espaço social.” (BOURDIEU, 1996, p. 139-140).

É nesse ponto que a noção de campo se relaciona a noção de *habitus*, mediado pela *illusio*, isso porque os campos sociais estabelecem normas e regras que valorizam um determinado tipo de *habitus* que facilita a compreensão da *illusio* nele partilhada. Embora os campos possuam uma relativa autonomia para seu funcionamento, não estão completamente dispersos e alheios no que se diz respeito aos demais. Entender o arranjo de tais campos dentro da sociedade auxilia a compreensão da dinâmica de reorganização e reclassificação dentro dos campos.

Mudanças podem ocorrer no interior de um campo de maneira intencional, ou não. Isso ocorre porque os agentes com maior volume e estrutura de determinado capital adquirem legitimidade para transitar por outros campos sociais. O contato com outros campos pode provocar mudanças estruturais no campo de origem, a partir de uma importação infraconsciente de regras ou tendências existentes no interior de campos adjuntos.

Tal situação pode ser observada, por exemplo, na repercussão de movimentos culturais sobre a lógica e estrutura em mais de um campo de produção cultural, tais como o estilo Gótico, surgido na Idade Média, que influenciou diretamente o campo artístico e o campo da arquitetura; o Barroco, tendência do século XVI, o qual exerceu influência nos campos artístico, literário e da arquitetura; e, nos séculos subsequentes, o Romantismo, o Naturalismo e o Simbolismo, cada um ao seu tempo, provocaram mudança na estrutura dos campos literário e artístico e, conseqüentemente, nos agentes sociais que por eles transitavam.

A importação de regras ou tendências de um campo para outro pode ser infraconsciente, e utilizada para benefício próprio ou benefício de seu campo de origem. Assim, um agente pode utilizar-se de uma posição social privilegiada em determinado campo para adentrar ativamente em outros campos. Quanto maior o volume e estrutura de capitais agregados por um agente, maior será sua possibilidade de trânsito entre os campos, poder e legitimação social.

Todavia, o interior dos campos não é homogêneo e, por isso, os critérios de classificação e reclassificação estão constantemente sendo questionados por alguns daqueles que se encontram em posição marginal. Isso porque o campo é, simultaneamente, “[...] um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças.” (BOURDIEU, 2004, p. 22-23). O espaço social é constituído por relações de poder, que não é rígido, estático ou imutável e, por isso, pressupõe confronto, estratégia, tomada de posição, luta e tensão, que permitem a classificação e a reclassificação em seu interior.

O contato entre diferentes campos também pode existir sem que haja necessariamente trânsito ou deslocamento de agentes, como no caso das escolas confessionais em estudo. Os agentes pertencentes às escolas confessionais se utilizavam concomitantemente da *illusio* do campo escolar e da *illusio* do campo religioso, por meio de uma interpenetração/sobreposição dos campos, conciliando regras e adequações necessárias para o funcionamento de ambos os campos naquela zona de contato.

O **campo religioso** é um dos mais antigos espaços de lutas pelo monopólio das relações sociais e nele os agentes partilham entre si a relação com o sagrado/sobrenatural. No entanto, os diferentes modos de se relacionar com o sobrenatural geram pontos de divergência na *illusio*, que revelam a existência de subcampos dentro do campo religioso.

[...] as diversas organizações religiosas encontradas no campo religioso se estruturam em subcampos e exercem sua missão buscando ser coerentes com os valores religiosos do campo, que são repassados aos agentes e grupos sociais dentro da estrutura organizativa, seja ela educacional, social, religiosa..., no intuito de aumentar a abrangência e adesão à proposta. (ORLANDI, 2007, p. 37).

A organização de subcampos no interior do campo religioso brasileiro pode ser compreendida a partir de uma longa história de violência simbólica e arbitrário cultural imposta pela fé católica, como religião dominante iniciada ainda nos primeiros anos do período colonial com a vinda da Companhia de Jesus.

Tal violência é definida por Bourdieu (1983, p. 25) como “[...] um tipo de dominação suave (violência simbólica), onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes sociais e a ordem da sociedade global.” Dentro dessa relação de violência e imposição social, o arbitrário cultural é marcado pela aceitação e legitimidade social das classificações definidas pelo grupo dominante. (BOURDIEU; PASSERON, 2015).

Embora não sejam as únicas, as religiões africanas, por exemplo, demonstraram o que Nogueira e Nogueira (2002, p. 25) denominam como “boa vontade cultural”⁷. Ao serem demonizadas pelo cristianismo, utilizaram como estratégia o sincretismo religioso, para adentrarem ao campo religioso brasileiro adaptando suas práticas aos padrões socialmente aceitáveis dentro do campo.

As relações hierárquicas de classificação e dominação dentro desse campo legitimam práticas e crenças religiosas que passam a ser tomadas como sinônimo de moralidade. Nessa dinâmica de luta, legitimação e dominação, surgem outros rótulos ou estigmas que colocam todas as outras religiões em situação de inferioridade. Bourdieu (2005) compreende que é nesse contexto de disputa pela legitimação social que são realizadas as definições de religião/magia, sagrado/profano, manipulação legítima/manipulação profana do sagrado. Tais competências religiosas não podem ser lidas de forma ingênua, uma vez que a imposição cultural realizada pela fé católica reafirmou a cultura europeia como cultura legítima no processo de formação da sociedade brasileira.

Bourdieu (2005) identifica a responsabilidade do campo religioso na produção e reprodução de desigualdades sociais, assim como ocorre no campo escolar. No caso do campo religioso, essa característica se torna visível com a utilização de discursos que acreditam na predestinação, dom, bênção e punição, entre outros, bem como por meio de símbolos e ritos que se associam às explicações divinas e dão sentido e materialidade às classificações sociais e vão ao encontro de outros discursos sociais exteriores ao campo religioso, que naturalizam as desigualdades sociais.

Tal característica do campo religioso desvelada pela teoria de Pierre Bourdieu se assemelha à crítica e à denúncia que o sociólogo faz ao **campo escolar** – por se tratar de um espaço social no qual as desigualdades são reproduzidas. Nesse sentido, o campo escolar se diferencia dos demais, pois a entrada dos agentes no campo não acontece devido a uma escolha, e, por isso, não é um “espaço para jogar um jogo específico”. Mais do que qualquer outra instituição, esse é um espaço em que se ensina a jogar o jogo social, um espaço de aquisição, ampliação e institucionalização de capitais, que aumenta as possibilidades do agente de transitar em outros campos posteriormente.

Essa função social da escola, de socialização e ampliação do capital cultural de maneira igualitária, é fundamental para que seja cumprido seu discurso democrático. E a denúncia de Bourdieu em parceria com Passeron, em “A Reprodução”, sua obra mais conhecida,

⁷ “A boa vontade cultural se caracteriza pelo reconhecimento da cultura legítima e pelo esforço sistemático para adquiri-la” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 33).

(BOURDIEU; PASSERON, [1970] 2013), tem como maior objetivo desmistificar esse discurso democrático e revelar uma ação meritocrática. Nesse sentido, “[...] a educação passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantém e se legitimam os privilégios sociais. Trata-se, portanto de uma inversão total de perspectiva.” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2009, p. 14).

A denúncia veiculada pela Teoria da Reprodução no campo acadêmico e escolar, durante a década de 1970, marcou o campo escolar naquele momento histórico e suscitou novos questionamentos a respeito da função social da escola. Anos depois, Petitat (1994) avança nessa discussão ao abordar questões históricas relativas ao currículo, à organização do tempo e espaço escolar, assim como identifica na instituição escolar um importante papel de produção da sociedade.

De acordo com Petitat (1994), a função social da escola extrapola o binarismo da mudança e da conservação social e aponta, na historiografia, uma participação ativa nas transformações que ocorrem em todo espaço social. Embora o autor concorde com a necessidade de denúncia e combate a uma escola conservadora, considera um reducionismo conceber a escola apenas como uma instituição reprodutivista e traz para o campo acadêmico e escolar a percepção da necessidade da busca de um equilíbrio entre produção e reprodução.

A análise historiográfica de Petitat (1994) a respeito da escola favorece a compreensão da estruturação do campo escolar, no qual ele ressalta o papel das igrejas católica e protestante na estrutura da escola moderna. Papel esse que é expresso pela “[...] concentração dos cursos dentro dos estabelecimentos, gradação sistemática das matérias, programa centrado no latim e no grego, controle contínuo dos conteúdos adquiridos, supervisão e disciplina.” (PETITAT, 1994, p. 76).

Para a presente pesquisa, é cara essa compreensão da influência velada da religião no campo escolar, proporcionando a percepção de como os ideais religiosos se institucionalizam no campo escolar, ainda que leigo. Essa característica se maximiza durante a investigação de escolas confessionais, que reúnem elementos do campo escolar e campo religioso concomitantemente. Tais escolas caracterizam-se

[...] por seguir a “confissão” religiosa de uma determinada ordem religiosa ou congregação. Uma escola confessional pode ser católica, presbiteriana, evangélica, etc. Por ser “confessional”, esse tipo de escola professa, por via de regra, uma doutrina ou um princípio filosófico a ser seguido e que se dissemina em suas práticas cotidianas e em seu próprio marketing perante a sociedade. (BITTAR, 2010, p. 1).

Os dois campos, quando em contato, utilizam-se de preocupações comuns e convergem suas ações a fim de inculcar nos agentes os ideais religiosos, a partir de práticas orientadas pedagogicamente. E ainda, sistematizam de forma institucionalizada os ideais religiosos como parte dos conhecimentos e saberes escolares. Nesse caso, as disposições necessárias para o êxito escolar não encontram origem somente em uma herança cultural, mas também em uma herança religiosa. Tais disposições são compostas por um esquema de percepções, conhecido como *habitus*, que é estruturado no decorrer dos processos de socialização vivenciadas por cada agente.

A família é a principal instância dessa sociabilização, mas a ação prática nos mais diversos campos sociais, onde se incorporam um modo de pensar e agir, andar, falar e vestir, também contribuem para a estrutura dessas disposições. O *habitus*, assim, pode ser entendido também como “[...] um conjunto de conhecimentos **práticos** adquiridos ao longo do tempo que permite perceber e **agir** num universo social.” (BRANDÃO; ALTMANN, 2005, p. 2, grifo nosso). É por isso que o *habitus* gera um sentimento de pertencimento e a identificação com determinada classe ou grupo social e com um determinado campo. Assim, a noção de *habitus* é complementada pela noção de **práticas** na investigação da dinâmica estabelecida entre os campos sociais, pois, além de ser estruturado pelas práticas, também é a estrutura responsável por orientá-las.

As noções de prática e *habitus* proporcionam a assimilação de uma lente teórica que extrapola a concepção de uma teoria reprodutivista e se coloca como uma “Teoria da Prática”. Por isso torna-se importante o rastreamento das práticas nas instâncias de socialização, as quais passam a ser pensadas como elementos formativos do *habitus*, sendo responsáveis pela estruturação gradativa ou sedimentação dos esquemas responsáveis pela formação de novas estruturas, a partir da experiência e da vivência diária. De maneira dialética, as novas estruturas construirão novas práticas, proporcionando aos agentes sociais um conjunto de ações, capitais, apreciações e novas estruturas, que serão usadas nos campos de interesse e convertidas em elementos de classificação social.

Embora a família tenha peso maior na socialização primária, a escola, de maneira institucionalizada, atua forjando disposições orientadoras de ações e capazes de se estruturarem e se solidificarem como estrutura durável e como elemento invisível, construído a partir da dinamicidade e elasticidade das relações sociais, ao ponto de projetar práticas que se pareçam naturalizadas. Para que isso ocorra, é indispensável que as **práticas pertinentes à lógica do campo em questão sejam contínuas**. Tal situação é passível de ser encontrada em campos de imersão contínua, como os campos escolar e religioso.

Dessa forma, torna-se possível a adjetivação do conceito de *habitus*, com a identificação de um conjunto de práticas proveniente de determinado campo social. Essas adjetivações reiteram a existência de um esquema de percepção e ação desejáveis ao funcionamento de cada campo. No caso do campo religioso, parte-se do entendimento de que “[...] a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social [...]” (BOURDIEU, 2005, p. 33). As práticas religiosas partilhadas pelos agentes que compartilham uma mesma fé estruturaram novos esquemas geradores de apreciações e práticas que coadunam com o pensamento institucionalizado pela religião.

O *habitus* religioso identifica o *modus operandi* de determinado agente, estando ele dentro ou fora do campo, uma vez que se constitui como “[...] princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural.” (BOURDIEU, 2005, p. 57). Nesse sentido, emerge o questionamento relativo à eficácia do processo formativo de um *habitus* religioso que não tenha sua instituição religiosa – igreja – como a principal matriz de socialização. De que forma a escola, responsável pela socialização de conhecimentos científicos historicamente acumulados pela sociedade e identificada como instância estruturação de um *habitus* estudantil poderia atuar para estruturar um *habitus* religioso?

Sendo sintetizada por normas e práticas, a investigação da **cultura escolar** auxilia a compreensão da naturalização e normatização de práticas escolares que pode revelar as características específicas de *habitus* (estudantil). Ainda que Bourdieu não tenha operacionalizado em seus estudos e pesquisas com foco no conceito de cultura escolar, os conceitos de prática, campos e *habitus*, juntamente com os estudos de Jean-Claude Forquin (1993) e Justino Magalhães (2007), podem auxiliar em uma análise sociológica e histórica da cultura escolar.

Magalhães (2007) ressalta a investigação das práticas escolares como um desafio epistêmico para a História da Educação e emerge como o principal produto da ação escolar. De acordo com o autor:

Toda a ação escolar tende para uma normatividade e toda a normalização é produto e prova de uma ação pedagógico-didática eficaz. As práticas são simultaneamente ação, interação e produto, carecendo de uma representação e de uma interpretação, como todo organizado em si mesmo. (MAGALHÃES, 2007, p. 201).

Desse modo, tais práticas devem ser investigadas a partir da mediação da normatividade estabelecida entre professor/aluno e os meios didáticos – elementos constituintes da cultura escolar. No caso das instituições confessionais salesianas, são investigadas as relações estabelecidas entre o conhecimento, os alunos, a cultura religiosa e as expectativas e metas do modelo educacional.

Forquin (1993) auxilia a discussão a respeito da instituição escolar, bem como a produção cultural, transmissão e seleção dos conteúdos e saberes escolares que fazem parte do currículo escolar. Propõe que a investigação da cultura escolar também deve partir das relações existentes entre escola e fatores externos a ela, como, por exemplo, os condicionantes políticos e econômicos que incidem sobre a instituição social. Segundo o referido autor, “[...] a cultura é o conteúdo substancial da educação [...] a educação não é nada fora da cultura e sem ela. Mas, reciprocamente, dir-se-á que é pela e na educação [...] que ela “realiza” a cultura como memória viva [...]” (FORQUIN, 1993, p. 14), ou seja, trata-se de uma relação dialética de determinantes e determinações entre escola e cultura.

Dentro da instituição, a cultura se propagaria por meio de práticas educativas que exercem o papel de fonte de geração de conhecimentos, estruturando a chamada cultura escolar, composta por um conjunto de “[...] características de vida próprias, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.” (FORQUIN, 1993, p. 167).

Dessa forma, “[...] certos conteúdos cognitivos e simbólicos, que selecionados, organizados, normatizados e rotinizados, sob o efeito dos imperativos de didatização, constituem habitualmente o objeto de uma transmissão deliberada no contexto das escolas”. (FORQUIN, 1993, p. 167). Esse conjunto de normas e práticas permite a socialização do conhecimento escolarizado ao reger e organizar as normas instituídas e compartilhadas no campo escolar, tanto para profissionais da educação quanto para estudantes.

O ambiente escolar pode ser compreendido pela análise das práticas escolares, culturais e religiosas. E, nesse sentido:

A cultura escolar envolve também a escolha de estratégias de transmissão e avaliação do conhecimento escolar como o controle do tempo e do espaço, o incitamento ao trabalho regular, o sistema de avaliação, que concorrem para inculcar condutas. Os saberes e as estratégias de transmissão dos mesmos são **recriados e reinventados pelas práticas dos corpos diretivo e docente das instituições educativas, bem como pela intervenção dos estudantes.** (DALLABRIDA, 2008, p. 2, grifo nosso).

No que tange à cultura escolar, Bourdieu (2012) se aproximou desse conceito ao associá-lo à cultura das elites, quando tratou das desvantagens dos estudantes oriundos de grupos ou classes diferentes.

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês, (ou *a fortiori*, camponês e operário) não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido empregado pelos etnólogos) dessa classe. (BOURDIEU, 2012, p. 55).

A cultura religiosa presente no interior das instituições de ensino desempenha outras ações que vão na mesma direção da cultura da elite. A principal reação causada pela consequência dessa presença está na característica naturalizante e meritocrática dos discursos, que tem como objetivo utilizar a vontade divina e a culpabilização individual para explicar o desempenho escolar dos estudantes.

Embora existam pesquisas voltadas à investigação das instituições católicas e da cultura escolar, ainda são poucas as que se aprofundam nas coexistências dessas duas matrizes culturais (escolar e religiosa) que perpassam o ambiente da cultura de uma escola confessional. E, nos casos em que isso ocorre, não é objeto da pesquisa compreender essa intersecção.

Não foram localizadas, até o momento, pesquisas voltadas à junção das temáticas “instituições salesianas” e “cultura escolar”. Além disso, há ausência de pesquisas que investiguem a Congregação Salesiana sobre a perspectiva da cultura escolar e do *habitus* salesiano, conforme poderá ser observado na revisão e levantamento de produções científicas, no próximo tópico.

1.3 Revisão sistemática

A revisão sistemática é um tipo de estudo similar às revisões bibliográficas e revisões de literatura. Tais estudos possibilitam a compreensão do movimento do campo científico e o acesso às produções acadêmicas acerca de determinado objeto.

A diferenciação nesse tipo de estudo é o uso de protocolos, que permitem organizar e selecionar criteriosamente os resultados, normatizando o processo de busca. Nesse sentido, todo o trabalho de filtragem de pesquisa, critérios de inclusão e exclusão, extração e tabulação de dados permite refinar os resultados e fazer uma varredura mais completa do que está disponível para acesso nos meios eletrônicos.

O protocolo de revisão sistemática é o instrumento responsável por organizar o processo de revisão, constituindo-se no primeiro exercício necessário para selecionar criteriosamente os resultados e normatizar o processo de busca. Nele, são inseridos alguns elementos, tais como: definição das bases eletrônicas de pesquisas, critérios de inclusão e exclusão do trabalho, criação de *streamings* para a busca, leitura de resumos, filtragem de pesquisa, extração e tabulação de elementos pré-textuais das pesquisas selecionadas.

Ao buscar compreender o objeto de estudo, realizou-se uma varredura da produção veiculada em dissertações e teses, por meio do repositório virtual Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), em estudos que abordam temáticas envolvendo a Congregação Salesiana, cultura escolar e formação secundária. Foram utilizados também os repositórios da *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e do Google Acadêmico, a fim de levantar pesquisas internacionais que pudessem contribuir com a discussão acerca da cultura escolar católica.

Para o processo de revisão na BDTD, primeiro foram priorizadas as produções que trabalhassem especificamente com a cultura escolar católica. Posteriormente, foram selecionadas aquelas que contemplavam instituições católicas em funcionamento na primeira metade do século XX e que pesquisavam a cultura escolar, práticas religiosas ou *habitus* religioso. E, em um terceiro momento, foram selecionadas pesquisas que investigavam instituições presentes no sul do antigo Mato Grosso.

Compreende-se a importância da atuação salesiana na formação da juventude sul-mato-grossense, proporcionando-lhe uma educação de excelência para as classes favorecidas e ampliando o acesso à educação primária aos menos favorecidos (SILVA, 2013). Por isso, há de se ressaltar a contribuição da Congregação Salesiana como um elemento constituinte da história da educação no sul do antigo Mato Grosso.

Durante as buscas na plataforma, não foi possível identificar nenhuma produção científica que investigasse uma cultura escolar própria da ordem salesiana, apontando suas características e estrutura. Apesar disso, quando a busca evidencia apenas instituições salesianas de ensino secundário estudadas de forma isolada, observou-se aumento significativo na quantidade de produções. O grande número⁸ de instituições salesianas de ensino secundário demonstra a importância da presença da ordem salesiana para o campo educacional brasileiro.

⁸ A Rede Salesiana Brasil de escolas contabiliza atualmente mais de 100 instituições de educação básica no território brasileiro, cuja maioria teve sua fundação na primeira metade do século XX. Compõem a rede salesiana os estabelecimentos escolares fundado pelos Salesianos de Dom Bosco (SDB) e pelo Instituto Filhas de Maria Auxiliadora (FMA).

Sendo assim, elencou-se “cultura escolar católica” como o primeiro descritor utilizado na busca na BDTD. Posteriormente, foram utilizados como descritores de busca os conceitos de “*habitus* religioso”, “ensino secundário” e “cultura escolar”. A utilização do conceito de *habitus*, adjetivado com a noção de religião, torna-se profícua, uma vez que abre a possibilidade de compreender o processo formativo dos agentes em instituições confessionais.

Dessa forma, as práticas são compreendidas como elementos formativos do *habitus*, pois a estrutura do *habitus* proporciona aos agentes sociais um conjunto de ações, capitais, apreciações e novas estruturas que serão usadas nos campos como elementos de classificação social. Ao serem investigados, tais elementos podem sugerir e/ou trazer indícios do cotidiano escolar dentro dessas instituições confessionais.

Após a utilização do conceito de *habitus* como descritor de busca, utilizou-se a combinação dos temas “salesianos” e “cultura escolar”, haja vista que no sul do antigo Mato Grosso todas as instituições de ensino secundário confessionais que foram implantadas na primeira metade do século XX eram pertencentes à ordem salesiana. Sendo assim, auxilia a compreensão da atuação dos salesianos em outros estados e regiões brasileiras.

Após a seleção e utilização de todos os descritores de busca, a plataforma proporcionou o acesso a oito pesquisas. Nesse momento, foi utilizada como recurso a leitura dos resumos dessas pesquisas, a fim de identificar produções que pudessem contribuir para a aproximação com o objeto em questão. Durante a leitura do resumo, privilegiou-se a identificação dos objetivos das pesquisas, as instituições trabalhadas, o recorte temporal utilizado na investigação, as fontes pesquisa e o referencial teórico.

As pesquisas evidenciadas pela busca, apresentadas no Quadro 2, abordam instituições católicas, não necessariamente salesianas, e problematizam questões acerca da constituição do *habitus* e/ou da cultura escolar. Dentre essas, destacaram-se no quadro algumas palavras-chave de pesquisas que operaram com termos como “educação católica”, “ensino católico” ou “pedagogia católica”, pouco explorados nas pesquisas em História da Educação.

Quadro 2- Pesquisas localizadas na BDTD

AUTOR/ ANO	TÍTULO / PALAVRAS-CHAVE	REFERENCIAL TEÓRICO / FONTES
TESES		
Brito (2004). UFRN	A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caicó-RN, 1941-1951) Palavras-chave: Igreja Católica. Educação católica . Cultura escolar.	Viñao Frago Dominique Julia / Relatos orais e escritos de ex-alunos
Pereira (2014) UTP	O habitus cajuruense: cultura escolar do curso normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na década de 1960 Palavras-chave: Cultura escolar. <i>Habitus</i> . Educação católica feminina.	Viñao Frago Domique Julia Pierre Bourdieu / Relatos orais e escritos de ex- alunos
Dalcin (2008) UNICAMP	Cotidiano e práticas salesianas no ensino de Matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma História Palavras-chave: Ensino de matemática. Educação. Salesianos. História da educação Matemática.	História Cultural / Fontes documentais e iconográficas do arquivo escolar
Furtado (2007) USP	Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964) Palavras-chave: cultura escolar, formação de professores, magistério.	Roger Chartier Viñao Frago Dominique Julia
DISSERTAÇÕES		
Melo (2008) UFSE	As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre Educação Católica (1915-1970) Palavras-chave: Escola. Educação Feminina. Religião. Cultura Escolar. Moralidade. Disciplinamento. Ensino Católico .	Viñao Frago Julia Chartier Foucault / Entrevistas com ex-alunas e professoras e documentos escolares e jornais
PEIXOTO (2013) UFGO	O educandário Nossa Senhora Aparecida-Ipameri-GO (1936-1969) Palavras-chave: Instituição Escolar. Escola Católica . Cultura Escolar.	Jean-Claude Forquin / Registros, imagens, fotos, atas e relatórios do arquivo escolar
Diegoli (2008) UDESC	Sólida Instrução e Educação Esmerada: as estratégias disciplinares no Colégio Santo Antônio Blumenau -SC (1932-1942) Palavras-chave: Ensino médio. Disciplina escolar. Escolas religiosas. Ensino secundário. Estratégias disciplinares. <i>Habitus</i> .	Pierre Bourdieu Michel Foucault
Rampi (2007) PUC-SP	A formação de professoras da Escola Normal do Colégio Santa Inês: educação salesiana no Brasil inserida na Pedagogia Católica (1927-1937) Palavras-chave: Escola Normal Livre. Colégio Santa Inês. Formação de professores. Pedagogia católica . Educação salesiana. Educação da mulher.	Periódicos institucionais, atas, livros de registros, circulares, horário de aula

Organização: Andrade, 2020.

Paula Sônia de Brito (2004) pesquisou a cultura escolar de estabelecimentos de ensino na década de 1940 na cidade de Caiacó, no Rio Grande do Norte. Embora não trabalhasse com

a adjetivação ora proposta, ou seja, cultura escolar católica, utilizou um termo similar, “cultura escolar jesuítica”, a fim de identificar alguns aspectos presentes na cultura das escolas investigadas. A autora trabalhou com os pensamentos pedagógicos escolanovistas – católicos e laicos – que repercutiram sobre a cultura escolar dos estabelecimentos investigados. Com uma análise da cultura escolar a partir de uma perspectiva história, fundamentada em Viñao Frago e Julia, investigou disciplinas escolares, tempo, espaço, saberes escolares, artefatos pedagógicos, dispositivos de normatização próprios das instituições da ordem jesuítica.

Heloísa Helena Daldin Pereira (2014), em sua pesquisa de doutoramento, intitulada “O habitus cajuruense: cultura escolar do curso Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na década de 1960”, propôs-se a investigar a educação católica feminina recebida no curso Normal em uma renomada instituição da cidade de Curitiba, no Paraná. A pesquisa foi desenvolvida a fim de compreender os mecanismos profissionais utilizados pela instituição para “[...] moldar as atitudes das alunas e conformar modos de ser e de pensar das normalistas de acordo com os padrões de comportamento defendidos pela sociedade, pela igreja e pela cultura escolar para a manutenção do *status quo* de uma elite.” (PEREIRA, 2014, p. 19).

Na investigação dessa problemática, a autora desenvolveu uma análise histórico-sociológica de documentos institucionais, narrativas e pistas que auxiliassem a compreensão da cultura e das características da escola pesquisada, com base na “Teoria do *Habitus*” de Pierre Bourdieu. Para a autora, tais características funcionam como geradores de disposições de um *habitus* específico estruturado naquela instituição. As práticas constituintes desse *habitus*, colocadas em destaque pela autora, estão relacionadas principalmente com a manutenção da tradição, disciplina, conservadorismo e consumo de bens culturais nos moldes franceses.

Valéria Alves Melo (2008) também desenvolveu uma pesquisa sobre a mocidade feminina em uma instituição católica de Sergipe. Essa foi a única pesquisa em que foi localizada a utilização o termo “cultura escolar católica”. A autora fundamentou sua investigação nos estudos de Viñao Frago e Dominique Julia, utilizou-se do conceito de representação de Roger Chartier e da visão pós-estruturalista de Michel Foucault, que direcionou a análise das práticas de disciplinamento localizadas na instituição investigada. A autora apontou práticas cotidianas que evidenciam principalmente duas características: formação intelectual e doméstica (da boa mãe e esposa) e práticas de disciplinamento.

Patrícia Rodrigues Luiz Peixoto (2013), diferentemente das demais pesquisadoras, utilizou-se das contribuições de Forquin (1993) para a investigação da cultura escolar, a fim de compreender os símbolos, rituais, normas e práticas materializadas na instituição e dialogou com autores da História Cultural. Dentre as fontes selecionadas para a pesquisa, destacaram-se

principalmente fontes documentais e historiográficas utilizadas para investigar as formas de materialização da cultura escolar e a institucionalização do estabelecimento de ensino pesquisado.

No Quadro 3, estão relacionadas as pesquisas que não foram identificadas por meio da busca na plataforma e que têm como objeto de investigação instituições salesianas da antiga região sul de Mato Grosso. Por pesquisarem práticas culturais, sociais e escolares, essas produções contribuíram com os primeiros indícios de uma cultura escolar católica presente nas instituições secundárias no antigo do sul de Mato Grosso.

Quadro 3 - Pesquisas com instituições secundárias salesianas no sul do antigo Mato Grosso

INSTITUIÇÃO NÍVEL DE ENSINO	TÍTULO/ANO/ AUTOR/PALAVRAS-CHAVE	FONTES
UFMS (Dissertação)	A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1889-1999. (MANFROI, 1997). Palavras-chave: não indicadas após o resumo.	Documentos institucionais e entrevistas
UFMS (Dissertação)	Escola Normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946-1961) (ORTIZ, 2014) Palavras-chave: Escola normal. Práticas escolares. Normalistas.	Documentos escolares: correspondências, estrutura curricular, cópias de estatutos, iconografia

Organização: Andrade, 2020.

As pesquisas aqui relacionadas possibilitam dimensionar a força da tradição salesiana no projeto educativo das famílias que almejavam a manutenção ou ascensão da posição social durante as primeiras décadas do século XX. Contribuem sobremaneira com a elaboração de uma suposição de pesquisa a respeito da existência de uma **cultura escolar católica** nas instituições salesianas, a qual foi estruturante de um *habitus* estudantil e religioso na antiga região sul de Mato Grosso. Ora com posições marcadamente tradicionais, ora com práticas renovadoras, as instituições salesianas configuram-se como *lócus* de socialização de capital cultural.

Considera-se ainda que devido a periodização utilizada pela dissertação de Adilson José Francisco (1997), esta não foi incluída nos quadros de revisão sistemática. Vale ressaltar, no entanto, que está configura-se como uma referência para o estudo sobre instituições escolares no estado de Mato Grosso. Dado a sua contribuição, no ano de 2010, a pesquisa foi publicada com livro, fazendo com que a divulgação dos resultados dessa pesquisa tornasse-se ainda mais acessíveis aos pesquisadores e estudiosos do assunto.

Essa pesquisa contribui com a compreensão do processo de implantação da Sociedade São Francisco de Sales no antigo Mato Grosso. A partir da investigação da cultura escolar do Colégio São Gonçalo, Francisco (2010), lança luz sobre importantes questões relacionadas ao campo político, religioso e educacional; bem como ao projeto de modernização educacional veiculado pelos salesianos.

Além das pesquisas relacionadas, cabe ressaltar a recente publicação do livro “História da Educação Confessional e Laica: pesquisa, ensino e representações” (2019), organizado pelo professor e pesquisador Doutor Ademilson Batista Paes, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (Campus de Paranaíba), que reúne artigos da História da Educação que discutem educação e religião no Brasil.

Nessa obra, além da participação de membros do GEPASE, com o artigo “Salesianos no Sul de Mato Grosso: memórias de agentes secundaristas do Ginásio Dom Bosco” (ASSIS; URBETA; ANDRADE, 2019), é possível dialogar com artigos que discutem a ação salesiana com os grupos indígenas do estado de Mato Grosso do Sul, a ação dos salesianos no campo educacional em Goiânia, além do aprofundamento da compreensão do ultramontanismo no contexto da expansão salesiana para além do continente europeu.

No cenário internacional, embora as pesquisas sobre ensino, laicidade e escolas confessionais venham ganhando espaço nos últimos vinte anos, com representatividade numérica crescente, e estejam ampliando essas discussões para o campo da pesquisa escolar, em poucos casos estão voltadas para a investigação historiográfica. No Quadro 4, estão relacionadas algumas das contribuições selecionadas na SciELO e no Google Acadêmico.

Quadro 4 - Pesquisas internacionais sobre cultura escolar religiosa – Portais Scielo e Google Acadêmico

LOCAL	TÍTULO/ANO/ AUTOR	PALAVRAS-CHAVE	ACESSO
Universidad de San Andrés (ARGENTINA)	La cultura escolar de las escuelas católicas: entre tradición y mercado (OCAMPO, 2012).	Educación católica. Modelos escolares católicos. Cultura escolar. Segmentación social.	http://www.scielo.edu.uy/pdf/pe/v5n1/v5n1a04.pdf
Universidade de Coimbra (PORTUGAL)	A Europa e a herança cultural da escola (FERREIRA, 2011).	Schooling. Culture. Europe.	https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4038/3305
Universidade de Coimbra (PORTUGAL)	A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa (MIRANDA, 2011)	Humanismo. Ratio Studiorum. Jesuítas. Ensino das Humanidades. Conhecimento.	https://www.uc.pt/fluc/classicos/publicacoes/ficheiros/humanitas63/26_MMiranda.pdf

Organização: Andrade, 2020.

Mário Maurício Ocampo (2012), mesmo não tendo como prioridade a realização de uma pesquisa de cunho histórico, contribuiu para a compreensão da cultura escolar católica na socialização da cultura religiosa em ambiente escolar na Argentina, como também com a identificação das forças que regem o campo escolar religioso e da luta por controle e pela legitimidade do capital religioso próprio da educação católica. Ocampo (2012, p. 5, tradução nossa⁹) ressalta:

Interessa-nos analisar como diferentes unidades escolares católicas podem ter gerado práticas e/ou discursos através de sua cultura escolar que revelam cenários de integração, adoção, rejeição, localização e/ou incorporação acrítica do pensamento institucional da Igreja (Grace 2007); como coexistem nas reivindicações cruzadas que as escolas de hoje têm em geral (Dussel e outros, 2007) e os processos de diferenciação e fragmentação social que reorganizam o sistema educacional como um todo [...].¹⁰

Ao utilizar Pierre Bourdieu como lente de interpretação em sua pesquisa, o autor analisou as disputas que ocorrem dentro do campo e colocou em evidência a denúncia da naturalização da violência simbólica como parte da ação educativa das escolas católicas. Nisso, ele questionou a seleção e hierarquia dos conhecimentos e os discursos pedagógicos da escola católica e o seu papel na produção e reprodução social das desigualdades.

O autor apontou uma tendência historiográfica argentina, que colocou uma lente laicista na historiografia, conferindo invisibilidade à educação católica na História da Educação, e aponta a necessidade de rompimento com essa tendência. Assim, Ocampo (2012, p. 19, tradução nossa) enumera cinco principais períodos que marcaram essa presença católica no campo educacional argentino:

a) o monopólio da educação católica entre o século XVI e o início do século XIX; b) a diferenciação crescente e as tensões emergentes entre a educação católica e o Estado localizado no período de 1810 a 1880; c) o papel do Estado educador em paralelo com o desenvolvimento da educação católica de 1880 a meados do século XX; d) a consolidação da educação gratuita e a configuração do subsistema de educação católica entre 1955 e 2005; e) a situação atual, que

⁹ Na tese, optou-se que a tradução das citações de textos estrangeiros observasse as orientações da obra Metodologia Científica, de Antônio Joaquim Severino, que afirma, “Regra geral os textos em língua estrangeira são traduzidos no corpo do trabalho. [...] uma tese, uma dissertação, uma monografia devem ser escritas em uma única língua.” (SEVERINO, 2010, p. 176). Dessa forma, os textos no idioma original são mantidos em notas de rodapé.

¹⁰ Nos interesa analizar cómo en distintas unidades escolares católicas se pueden haber generado —a través de su cultura escolar— prácticas y/o discursos que evidencian es cenarios de integración, adopción, rechazo, localización y/o incorporación acrítica del pensamiento de la Iglesia institucional (Grace, 2007); como conviven en ella las demandas cruzadas que tienen hoy las escuelas en general (Dussel y otros, 2007) y los procesos de diferenciación y fragmentación social que reorganizan al sistema educativo en su conjunto [...]

chamamos de educação católica nos dias que antecederam o Bicentenário (2005-2010).¹¹

A referida pesquisa contribui para a compreensão do desenvolvimento do cenário argentino com pesquisas voltadas para a cultura escolar católica, proporcionando novos olhares a respeito do objetivo a ser investigado.

Antônio Gomes Ferreira (2011) abordou aspectos do mosaico cultural europeu e suas particularidades, fazendo uma leitura da organização e reorganização do campo educacional europeu desde a Baixa Idade Média até o século XX. Nesse contexto, destacou o papel da Igreja Católica na constituição não somente da cultura europeia, mas da cultura escolar europeia. O autor abordou o papel da cultura humanística, demonstrou a legitimidade de seus conhecimentos para o campo educacional europeu e identificou a diferença prática entre a formação secundária preconizada no ensino secundário – como meio de acesso ao ensino superior – e a educação popular.

O forte investimento na escolarização na Europa, a partir do século XVIII, vai possibilitar a disseminação de um conhecimento que constituirá um patrimônio comum e dará abertura à formação dum imaginário europeu. Primeiramente, esse conhecimento é sobretudo marcado pela preponderância dos estudos clássicos ou pela grande cultura humanística produzida na Europa, desde o Renascimento, bem como pela doutrina e pelos valores da religião cristã. No segundo período, muito decorrente do cientificismo e do fervor do progresso que se instala nos Estados modernos, os conteúdos científicos e a valorização das línguas e da cultura dos países mais desenvolvidos vão, a pouco e pouco, assumindo maior relevância no contexto do ensino [...]. (FERREIRA, 2011, p. 26).

A pesquisa ainda evidenciou uma dinamicidade do campo educacional em consequência da especificidade cultural de alguns países. Contribuiu com a presente pesquisa, sobretudo, no que se refere à compreensão da dinâmica educacional europeia, que foi uma das principais referências de modelo educativo para os países latino-americanos, com influência direta no campo escolar brasileiro.

Margarida Miranda (2011), com uma investigação historiográfica, propôs-se a apresentar aspectos comuns das práticas escolares e religiosas de instituições da Companhia de Jesus, desde sua gênese no contexto da Reforma Católica. Com o foco voltado para educação

¹¹ a) el monopolio de la educación católica entre el siglo XVI y los comienzos del siglo XIX; b) la creciente diferenciación y las tensiones emergentes entre la educación católica y el Estado ubicadas en el período 1810 a 1880; c) el rol del Estado educador en paralelo al desarrollo de la educación católica que va desde 1880 hasta mediados del siglo XX; d) la consolidación de la educación libre y la configuración del subsistema de educación católica entre 1955 y el 2005; e) la situación actual, -a la que nosotros denominamos como la educación católica en los tiempos previos al Bicentenario (2005-2010).

jesuítica – a primeira ordem religiosa que se dedicou ao ensino – e sua importância para a cultura escolar europeia, a pesquisa identificou um ensino não utilitário, que tinha como pilar a

[...] cultura humanística, referindo-se simultaneamente à formação humana integral e ao processo que a ela conduzia. Por isso, o ciclo de Humanidades, que incluía o estudo da língua, literatura, poesia, história, geografia e retórica, combinava-se, por sua vez, com o estudo da matemática, lógica, ética, filosofia e ciências naturais, no ciclo das Artes. Formação completa era, para humanistas e para jesuítas, a via para o desenvolvimento intelectual e moral do indivíduo. (MIRANDA, 2011, p. 480).

A pesquisa indicou o tipo de homem que os jesuítas pretendiam formar, discutiu parte do processo histórico de legitimação da *Ratio Studiorum* no campo educacional europeu e apresentou diversas características próprias do modelo educacional dessa ordem. Sobre as práticas escolares, ela destacou:

O que mais se salienta nessas práticas é a ausência de quaisquer preconceitos contra a memória ou contra a repetição; pelo contrário, pressupõe a noção clara de que a aprendizagem é um processo pessoal que envolve mais do que o intelecto, ou a simples percepção. Assim, após a lição magistral do professor (*praelectio*), os exercícios consistiam em repetições orais, composições escritas, declamações, debates, disputas de perguntas e respostas, concursos de poesia e prosa, exposição pública de poesias, e até representações teatrais, ora com a simplicidade de meios da sala de aula, ora com a solenidade dos actos públicos. (MIRANDA, 2011, p. 480).

Tais características apontadas pela autora na cultura escolar preconizada pela *Ratio Studiorum* são identificadas também nas pesquisas que têm como objeto de investigação a cultura escolar de estabelecimentos brasileiros, permitindo compreender a origem das práticas evidenciadas nas pesquisas brasileiras.

Os resultados das pesquisas contribuem aqui para uma incursão nas interfaces da História e Sociologia da Educação, visto que, ao tratar das práticas culturais e religiosas no ambiente escolar, percorrem o trânsito entre a escola e a sociedade, sem deixar de lado as contribuições históricas.

1.4 Arquivos, agentes e memórias: as fontes da pesquisa

Este tópico tem como objetivo tecer considerações a respeito dos processos de seleção e tratamento de fontes realizado para a construção da tese. A investigação das instituições da Congregação Salesiana passa primeiramente pela necessidade de reunir vestígios históricos, pois tais vestígios dão indicativos da trajetória salesiana no campo escolar brasileiro.

Diversos são os vestígios materiais e imateriais que podem ser utilizados como fonte de pesquisa, no entanto é preciso considerar que estes apresentam limitações ao retratar determinado evento histórico. Isso porque eles representam os interesses de quem os produziu, e, por isso, estão permeados pela visão de mundo de um determinado grupo social ou político.

Concorda-se com Galvão e Lopes (2010), quando argumentam que, na pesquisa histórica, existem limites e incertezas que não permitem ao pesquisador reconstruir a historicidade do objeto em sua totalidade. Apesar do rigor metodológico, compreende-se, portanto, que a incursão na História da Educação possibilitada pelas fontes aqui dispostas não permite uma reconstrução histórica a respeito da formação escolar dos agentes intelectuais. Os vestígios contribuirão para interpretações e aproximações, sem se esgotar em uma verdade absoluta.

Nem o documento nem a fonte memorialística são neutros. Eles carregam conjuntamente uma carga ideológica da pessoa/órgão que o produziu, com uma intencionalidade ou propósito específicos. Isso porque a importância das fontes varia de acordo com o objeto e as perguntas que se têm para responder a respeito deste. Por isso, “[...] avaliar as possibilidades de uma fonte documental é buscar perceber a qualidade das informações que ela pode ou não nos fornecer, de acordo com a problemática de cada pesquisa.” (BACELLAR, 2008, p. 68).

Considera-se imprescindível, então, o exercício do cruzamento de diferentes fontes de pesquisa, a fim de reunir vestígios que proporcionem a melhor aproximação daquilo que se considera como História. No trabalho com as fontes, destacam-se três etapas: 1) Garimpo nos arquivos e acervos, com diferentes tipos de fontes; 2) Catalogação de fontes; 2) Cruzamento de fontes. Nesse ponto, o trabalho hercúleo do historiador passa por diversos processos, em que podem ser identificadas algumas dificuldades que precisam ser registradas no decorrer da pesquisa.

Na pesquisa histórica, um dos processos mais comuns é a visita aos arquivos, museus, bibliotecas, memoriais ou acervos, que podem ou não estar organizados. Nesse sentido, a expressão “garimpo” tornou-se comum entre os pesquisadores da área, pois, apesar de alguns arquivos estarem organizados, nem sempre estão organizados de uma maneira que favoreça o adentro aos documentos que vão ao encontro dos interesses da pesquisa.

Isso porque as fontes não estão lá *a priori*, estas se tornam fontes a partir dos questionamentos que a pesquisa suscita ou daqueles que o pesquisador infere a partir dos documentos. No caso de alguns arquivos, não é possível saber nem mesmo quais os tipos de documentos aquele arquivo guarda, somente a partir do “garimpo” torna-se possível

compreender a natureza dos documentos e a organização de uma lógica. Nesse ponto, é necessário ressaltar que, apesar de a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e outros protocolos da área de Biblioteconomia e da Arquivologia trazerem orientações para o arquivamento dos documentos, elas nem sempre são utilizadas na organização dos acervos.

Ressalta-se, ainda, que é possível observar a frequente distinção entre os arquivos públicos e privados, uma questão que não pode ser generalizada, pois a caracterização do arquivo depende da jurisdição à qual está subordinado e dos recursos à disposição para o tratamento dos documentos. No entanto, a dificuldade que se observa nessa parte do processo de pesquisa está intrinsecamente relacionada à tão conhecida falta de investimento e valorização da cultura, da história, do patrimônio cultural e da memória, que afeta diretamente o campo da História da Educação.

Os indicativos estão na falta de quadros de pessoal e material/equipamentos para organizar, higienizar e catalogar as diversas “latas” de documentos encontradas no **Arquivo Público do Mato Grosso**¹², em Cuiabá/MT, onde os servidores, apesar de se mostrarem bem receptivos, estão limitados pela falta de conhecimento daquilo que existe na própria instituição. Tal fato se repetiu no **Palácio da Instrução Pública de Cuiabá**, onde os documentos do início do século XX estavam trancados em uma sala e, por estarem com mofo, não podiam ser organizados, catalogados e nem mesmo serem acessados pelos pesquisadores.

Fotografia 1¹³- Lata de arquivo de documento do “Arquivo Público de Mato Grosso”



Fonte: APMT.

¹² Não foram realizadas pesquisas no Arquivo Público de Mato Grosso do Sul, uma vez que a documentação disponível na Instituição data de documentos a partir da década de 1970.

¹³ É admissível a diferenciação de quaisquer tipos de ilustrações, de acordo ABNT NBR 14.724/2011: “Qualquer que seja o tipo de ilustração, sua identificação aparece na parte superior, precedida da palavra designativa (desenho, esquema, fluxograma, fotografia, gráfico, mapa, organograma, planta, quadro, retrato, figura, imagem, entre outros), seguida de seu número de ordem de ocorrência no texto, em algarismos arábicos, travessão e respectivo título.”

Diferentemente dos dois arquivos supramencionados, cabe destacar a visita ao Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSDP), localizado em Barbacena, MG. O centro foi inaugurado no ano de 1981, pela Inspetoria São João Bosco, em Belo Horizonte, como forma de comemorar o centenário da presença salesiana no Brasil. No arquivo

[...] foi adotado o sistema decimal na classificação do acervo; a catalogação foi feita no computador, com a possibilidade de acesso pela internet; adotou sistema de preservação e catalogação do acervo de fotografia, zelou pela conservação do acervo usando técnicas de imunização e controle da luz solar; ampliou consideravelmente a capacidade de armazenagem. (CENTRO SALESIANO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA, 2020, n.p.)¹⁴.

A instituição reúne arquivos recebidos de todas as inspetorias brasileiras. No entanto, pouco ou nenhum documento do início do século XX da Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório¹⁵ está presente nos arquivos. Apesar de ser uma das inspetorias mais antigas do Brasil, em funcionamento desde 1894, não enviaram documentos para arquivamento no CSDP.

A equipe do acervo era pequena, composta por duas funcionárias, uma menor aprendiz e um jovem do noviciado em processo de formação clerical, que se mostrou receptiva, disposta a ajudar, mostrando o lugar, contando suas histórias e acompanhando o “garimpo” de fontes. A instituição, apesar de não dispor de recursos para restauração ou maquinário para refrigeração dos documentos, dispõe de uma organização eficiente para a sua localização. O espaço abriga um minimuseu com documentos materiais, além de espaço específico para cartas mortuárias, CD’s e DVD’s, periódicos, biblioteca, monografias, partituras, pinturas, fotos, livros para doações e o arquivo documental de cada inspetoria.

Nesse sentido, a visita mostrou-se profícua ao proporcionar acesso a periódicos, livros sobre teatros, acampamentos, companhias salesianas, elencos, além do conhecimento, que foi proporcionado pelas conversas que possibilitaram o entendimento da organização salesiana no território brasileiro.

No entanto, cabe destacar que os arquivos privados, apesar de disporem de um pouco mais de recursos, nem sempre estão dispostos a receber os pesquisadores da academia. Isso ficou mais evidente quando foi necessário procurar as instituições escolares salesianas em funcionamento.

¹⁴ Tais informações foram retiradas do site institucional do Centro de Documentação, no qual está disponível o catálogo do acervo para consulta. Disponível em: <http://www.csdp.salesianos.br/>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

¹⁵ A Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório é também conhecida como Missão Salesiana (MSMT). Trata-se da inspetoria responsável pelas casas salesianas no estado do Mato Grosso, Mato de Grosso do Sul e no noroeste do estado de São Paulo.

Fotografia 2 - Biblioteca CSPD

Fonte: Arquivo Pessoal - Andrade, 2020.

Fotografia 3 - Entrada do CSPD, com a imagem de São Francisco de Sales¹⁶

Fonte: Arquivo Pessoal - Andrade, 2020.

Os colégios possuem arquivo próprio, reúnem uma enorme quantidade de vestígios, tais como: fotos, livros, relatórios de inspeção, cadernos de atas, cadernos de crônicas dos padres fundadores, partituras de hinos, boletins escolares, pontos de provas, registro de matrícula de alunos e de professores, certificados de conclusão de curso entre tantos outros registros. Apesar de uma fartura de documentos, o acesso sempre é limitado a uma parte muito restrita do material, o que deixa o pesquisador com a sensação de que há uma parte da história que não poderá ser contada ou acessada.

Em algumas instituições não foi possível nem mesmo o acesso restrito ou monitorado, como o caso da Inspeção Salesiana Santo Afonso de Ligório (BCG) e do Colégio Dom Bosco em Campo Grande, MS. Nas diversas tentativas de contatos com a Inspeção, via telefone ou mesmo pessoalmente, com diferentes funcionários, a informação obtida foi a de que os documentos relacionados às instituições escolares teriam sido enviados às secretarias de educação, e nem mesmo dispunham da informação se havia sido para a secretaria municipal ou

¹⁶ Francisco de Sales (1567-1622) foi Bispo de Genebra e escreveu “Introdução à Vida Devota” e “Tratado do Amor de Deus”. Foi canonizado pela Bula do Papa Alexandre VII; Pio IX o proclamou Doutor da Igreja em 1877. Dom Bosco inspirou-se em São Francisco de Sales como mestre de uma espiritualidade simples, popular e aberta a todos.

estadual. Ao entrar em contato com as duas secretarias, os setores responsáveis pelo arquivamento de documentos mostraram desconhecer a informação do recebimento de tal material.

No Colégio Dom Bosco, o responsável pelo arquivamento dos documentos escolares antigos mostrou desconforto ao receber novos pesquisadores, devido a uma experiência anterior que foi considerada por ele como negativa. Algumas análises e leituras derivadas da pesquisa científica são interpretadas pelo campo religioso como algo depreciativo e difamatório. Tais experiências acabam dificultando o acesso de outros pesquisadores a essas instituições. Essa desconfiança pode ser compreendida como uma estratégia de sobrevivência e ocorre porque, mesmo sem intenção de profanação, a pesquisa científica coloca em discussão a gestão do sagrado e, portanto, há uma contestação objetiva da legitimidade dos detentores desse monopólio. (BOURDIEU, 2005).

Por outro lado, na tentativa de evitar tais situações, alguns pesquisadores utilizam-se de análises mais brandas e acabam se rendendo ao artifício de mostrar os benefícios da religião para a sociedade de uma maneira geral, numa espécie de “elogio da religião”. Essa estratégia evidência, no entanto, uma “boa vontade cultural”, que dissimula o papel da religião e seus mecanismos de sujeição e subordinação. (PIERUCCI, 1997). Daí a complexidade que envolve a pesquisa com instituições escolares localizadas no interior do campo religioso e a necessidade de desenvolver uma investigação “[...] ao mesmo tempo, de adesão e de crítica, de distanciamento e de respeito.” (BOURDIEU; CHARTIER, 2012, p. 22).

Vale ressaltar, ainda, que no decorrer desta pesquisa o “garimpo” foi facilitado pela parceria estabelecida com outras pesquisadoras do campo acadêmico que cederam as fontes de sua pesquisa para compor o *corpus* empírico aqui utilizado. A pesquisadora Fernanda Ross Ortiz possibilitou o acesso aos documentos do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora em Campo Grande, MS, bem como a pesquisadora Stella Sanches de Oliveira Silva cedeu documentos do Colégio Dom Bosco (Campo Grande, MS) e Santa Teresa (Corumbá, MS) coletados durante sua pesquisa de doutorado.

As contribuições de ambas as pesquisadoras foram valiosas, mas parecem pouco comuns na academia. Tal situação pode atentar para a necessidade de os Programas de Pós-Graduação em Educação organizarem um acervo digital contendo fontes de pesquisas que já foram desenvolvidas em instituições educativas. A ação facilitaria o acesso a documentos que já foram “garimpados”, com o cuidado de dar os créditos aos responsáveis pela coleta. A iniciativa poderia vir facilitar e valorizar o campo da História da Educação, isso porque muitas fontes são coletadas em outros estados e municípios, o que implica a disposição de tempo e

recursos financeiros – acrescenta-se os percalços da área de ciências humanas e sociais, que, na atual conjuntura política, tem sofrido cada vez mais com cortes de verbas e desvalorização da pesquisa.

Enfim, esses são alguns dos percalços enfrentados durante o “garimpo” das informações em fontes diversas. O quadro 5 contém as instituições visitadas e a natureza da documentação coletada em cada uma delas. Além das visitas apresentadas, outras instituições foram visitadas, mas não lograram o mesmo êxito, sendo elas: o Colégio Dom Bosco e a Inspeção Santo Afonso de Ligório, como já mencionado; o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHIR), que estava fechado para férias no momento de visita à cidade de Cuiabá; a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (SEMED) e Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED/MS).

E, por fim, na Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), a coleta foi feita por dois participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação (GEPASE) – Cristian Gomes, um acadêmico do curso de graduação em Pedagogia, e Jéssica Urbietta, também em processo de doutoramento. Ambos compartilharam os periódicos do Colégio Salesiano Dom Bosco e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Vale destacar que, apesar das dificuldades da coleta, o uso da tecnologia, ou seja, *smartphones* com câmeras, auxiliou o processo, haja vista que a fotocópia se torna um processo ainda mais agressivo para documentos antigos e frágeis.

Durante todo o processo, foi possível reunir, entre arquivos de coleta própria e arquivos compartilhados por outros pesquisadores, cerca de 7 mil fotografias, quais sejam: fontes de memórias, documentos das escolas institucionais, periódicos e iconografias.

A organização dessas fotografias torna-se outro desafio para o pesquisador na hora da escrita. Nesse sentido, foi necessário realizar, em um segundo momento, um relatório empírico com o catálogo dessas fontes, a fim de proporcionar uma visão ampla de todos os arquivos coletados. O processo consistiu na separação de documentos por assunto, renomeação dos arquivos com códigos específicos para cada instituição e discriminação dos assuntos contidos em cada pasta. Esse se tornou um exercício fundamental para a apropriação das informações obtidas por meio das fontes.

Quadro 5 - Coleta de fontes para a pesquisa

LOCAL/ DATA	DOCUMENTOS COLETADOS – BREVE DESCRIÇÃO
ARCA – Arquivo Histórico de Campo Grande Local: Campo Grande Visita em: dezembro/ 2018.	Jornal Folha da Serra (1934/1935/1936/1937/1938/1939/1940/1941/1942)
Arquivo Público do Mato Grosso Local: Cuiabá Visita em: janeiro/2019.	Regimento interno do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1930); Fotos; Ata de instalação da banca examinadora para admissão no Ginásio Imaculada Conceição (1935); Caderno de Exercícios do Colégio Santa Tereza (1934); Corpo Docente / Horário de Aula / Relatório Anual dos Cursos da Escola Normal Dom Bosco (1932/1933).
Instituto Memória Câmara Legislativa de Mato Grosso Local: Cuiabá Visita em: janeiro/ 2019.	Decreto 101-1942 / Decreto 226-1946 / Decreto 452-1948/ Decreto-Lei 254-1939/ Decreto-Lei 514-1943/ Lei 956-1926 / Lei 1046-1929/ Lei 1058-1930/ Lei nº 45-1947/ Lei nº 97-1937/ Lei nº 111-1948/ Lei-440-1951 / Lei-443-1951 / Resolução 953-1926.
Palácio da Instrução Pública Local: Cuiabá Visita em: janeiro/2019.	Leituras Católicas (1958) – O Sinal Misterioso – Pe. Raimundo Pombo Moreira da Cruz; Leituras Católicas (1957) – A múmia de Tibiriçá – Pe. Raimundo Pombo Moreira da Cruz
Conselho Estadual de Educação Local: Campo Grande Visita em: abril/2019.	Histórico de atividades e Instalações do Colégio Salesiano Santa Tereza (1971); Histórico da situação Jurídica do Colégio Salesiano Santa Tereza; Histórico de atividades e Instalações do Ginásio Imaculada Conceição (1981); Ata de Fundação do Ginásio Imaculada Conceição (1904); Ata de Criação Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1926).
Colégio Salesiano Imaculada Conceição Local: Corumbá Visita em: julho/2019.	Regimento interno (1940); Regimento interno (1943); Livro de Crônicas (1904-1943); Relatório do Curso Ginásial (1937-1942) Contém: Pontos de prova, relação do corpo docente, quadro geral de matrícula, relação de livros didáticos, horários de aula do ano letivo, termos de visita, ata de exame de admissão, mapa do colégio, boletim de frequência, aquisição de materiais para laboratórios.
Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa Local: Barbacena (MG) Visita em: dezembro/2019.	Eco Diocesano (1949); Elencos (1924/1925/1933); Estatuto das Companhias; Folhetim: Animador pastoral nas presenças salesianas (1987); Folhetim: O Jeito Salesiano de Educar – Manual para colaboradores leigos (1977); Folhetim: Oratório Salesiano, uma proposta de educação popular (19--); Histórico da Cidade Dom Bosco; Leituras Católicas - Dom Bosco dizia assim... (1920); Livro de Crônicas – Missões Salesianas em Mato Grosso (1894-1908); Livro: O profeta do Pantanal – Renato Baez (1980); Livro: Pedagogia Salesiana; Livro: Prática del sistema preventivo (1901); Livros Didáticos: Doutrina viva/ Educação musical/ Florilégio nacional; Teatro Salesiano: A aurora viu a cruz (1956).

Organização: Andrade, 2021.

O catálogo auxilia um primeiro cruzamento de fontes, por meio do qual é possível obter diversas visões sobre um mesmo assunto e uma aproximação maior das diferentes nuances do fato histórico. Alguns assuntos podem ser localizados em diferentes tipos de fontes e esse cruzamento é indispensável a partir da compreensão de que nenhum dos documentos pode ser tomado como verdade absoluta.

Para esse cruzamento, utilizaram-se ainda as obras literárias de memorialistas regionais. Entende-se como obra memorialística, as publicações que se utilizam da memória de agentes locais – jornalistas, médicos, advogados, geógrafos e professores – cuja escrita objetivava o relato de acontecimentos, de pessoas ou de características de uma determinada região. A finalidade principal dessa escrita é preservar a história local e divulgá-la.

Para a presente pesquisa, a memorialística representa a possibilidade de dar voz a agentes que transitaram pelas instituições salesianas, a partir de uma contribuição detalhada de uma unidade particular da história, que certamente não poderia ser encontrada em fontes documentais pois, esses autores

[...] envolveram-se diretamente com as questões tratadas, foram protagonistas dos relatos e registraram impressões sobre o passado próximo ou sobre o presente, com base em suas lembranças, sem a pretensão de abordar a história de forma sistemática. Geralmente, escreveram sob a forma de crônicas e consultaram, sobretudo, fontes orais. Não revelaram rigor nas citações de suas fontes ou omitiram-nas inteiramente, o que não significa desinformação nem ausência de consultas, inclusive, às fontes escritas. (CENTENO, 2007, p. 35).

Esse tipo de produção se insere na lógica dos campos de produção simbólica, em que há uma disputa pautada na imposição de categorias de uma visão e divisão do mundo social, ou seja, estão permeados por conflituosas relações de poder e disputa pela legitimidade da produção. (BOURDIEU, 2005). Por isso, assim como o documento, as memorialísticas não são neutras, pois carregam a visão de mundo da pessoa que a produziu.

Essa memória, embora seja amparada por lembranças individuais, é estruturada a partir de um emaranhado de visões de mundo, em que se destacam a classe social, a religião, a posição política e outros. Isso porque a memória se constitui a partir da relação com outros agentes e com mundo social, formando “quadros sociais de referência” externos, que são incorporados ao logo da trajetória individual. Por esse motivo, a memória, apesar de individual, configura-se como uma expressão social e coletiva. (HALBWACHS, 2004).

As memórias selecionadas pela pesquisa, foram organizadas no quadro 6, onde consta o nome e autor da obra, com uma breve descrição e indicação das instituições salesianas mencionadas.

Quadro 6 – Obras memorialistas selecionadas para a pesquisa

Autor / Obra	Breve descrição
Memória da Cultura e da Educação em Mato Grosso do Sul Maria da Glória Sá Rosa, 1990.	O livro foi escrito com o objetivo de preservar memórias e aspectos da cultura e educação do estado. Contém relatos de professores salesianos, professores leigos que atuaram nos colégios investigados e professores que não exerceram o magistério nesses colégios, mas estudaram neles. Instituições mencionadas: todas.
O profeta do Pantanal Renato Báez, 1988.	O livro é dedicado ao registro das obras salesianas na cidade de Corumbá. Báez foi estudante do Ginásio Santa Teresa e envolveu-se diretamente na criação da Associação de ex-alunos e na criação das obras da Cidade Dom Bosco. O livro traz textos de outros ex-alunos e notícias veiculadas em periódicos da época. Instituições mencionadas: Ginásio Santa Teresa e Imaculada Conceição.
Auxiliadora: 70 Anos: 1926 -1996 Yara Penteado, 1996.	O livro foi escrito na ocasião de comemoração do aniversário da instituição. Na condição de ex-aluna, Yara reuniu depoimentos de outras ex-alunas que estudaram em diferentes cursos e diferentes momentos da história do colégio. Instituições mencionadas: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.
Meu querido Colégio Dom Bosco Pierre Adri, 2006	Nessa obra, o advogado e jornalista Pierre Adri se detém ao exercício de relembrar sua trajetória de aluno no Colégio Dom Bosco, onde estudou entre os anos de 1954 a 1964. Na condição de ex-aluno, contribuiu para a aproximação do cotidiano escolar da instituição. Instituições mencionadas: Colégio Dom Bosco.
Memórias de muito antes Abílio Leite de Barros, 1998.	A obra é composta por crônicas que contam episódios da vida do autor na cidade de Corumbá. Entre essas memórias, algumas têm como plano de fundo a vida escolar do autor. Instituições mencionadas: Ginásio Santa Teresa.
O último Cruzado Schneider, 1977	Schneider, membro da Academia Corumbaense de Letras, se propôs, nessa obra, a fazer uma biografia [temática] de seu patrono o educador e missionário Padre Januário Audísio Ducotey, com destaque para os anos vividos em prol da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório, em especial na cidade de Corumbá. Instituições mencionadas: Ginásio Santa Teresa
Corumbá de antigamente Alceste de Castro (1981)	O autor relembra acontecimentos do cotidiano corumbaense e contribui com a menção de professores importantes para sua trajetória escolar. Alceste de Castro foi aluno do Ginásio Santa Teresa e filho do professor Aurélio de Castro, importante personagem para a educação salesiana e corumbaense. Instituições mencionadas: Ginásio Santa Teresa

Organização: Andrade, 2021.

A diversidade de fontes reunidas proporciona um enriquecimento analítico a pesquisa história, isso porque

[...] a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas.

Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (LE GOFF, 2003, p. 540).

Essas são algumas nuances da trajetória de conformação da pesquisa ora apresentada, que promovem a compreensão do processo resultante dessa pesquisa, em que nem todas as fontes coletadas foram utilizadas, apesar das ricas contribuições para a compreensão do processo de implantação e consolidação dos salesianos no campo educacional brasileiro e sul-mato-grossense.

Considera-se, portanto, que as fontes coletadas ainda apresentam uma infinidade de possibilidades de pesquisas e suscitam muitos outros questionamentos sobre a organização e funcionamento do campo educacional.

1.5 Considerações sobre a estrutura da tese

A tese está organizada em duas partes e, ao final, estão apresentadas as considerações finais sobre a pesquisa. A primeira parte é composta pelo segundo e terceiro capítulos, nos quais estão organizados questionamentos e análises gerais específicas da investigação no que diz respeito à congregação religiosa, projeto pedagógico, estratégias, inovações e valores da pedagogia salesiana.

O segundo capítulo, intitulado “**Os salesianos de Dom Bosco:** a intersecção entre campo escolar e campo religioso”, contextualiza a implantação da obra salesiana no campo educacional e sua proposta filosófico-pedagógica, identificando, portanto, como os salesianos organizaram-se dentro dos dois campos. O capítulo está estruturado em três tópicos, sendo eles: Dom Bosco e a Congregação Salesiana no Brasil; Os salesianos no campo educacional: princípios educativos e Sistema Preventivo; e por último, Os salesianos no campo escolar brasileiro.

O terceiro capítulo, intitulado “**Tradição e religião:** os salesianos no campo educacional no sul do antigo Mato Grosso”, tem como objetivo a imersão nas questões relativas à implantação da obra salesiana em Mato Grosso, com enfoque principal para o sul do antigo estado, onde estão localizadas as instituições investigadas. Sobre essas instituições são apresentadas suas especificidades e contexto de funcionamentos durante o processo de implantação e consolidação do campo educacional. Nesse capítulo, as discussões estão relacionadas a questões relativas ao campo escolar sul-mato-grossense que colaboraram para a

implantação dessas instituições, a partir dos seguintes tópicos: Chegada da Congregação no sul do antigo Mato Grosso: implantação e organização da Missão Salesiana; Curso secundário e o Ensino Confessional Salesiano no sul do antigo Mato Grosso e, por último, Tradição e excelência escolar: estratégias das instituições salesianas para legitimação no campo escolar.

A segunda parte compreende o quarto capítulo, intitulado “**O ensino secundário confessional salesiano**: disposições, estruturas e práticas religiosas”. Nele, investigam-se e apresentam-se aspectos diretamente relacionados à materialização dos elementos apontados na primeira parte da tese e possíveis de serem identificados pela análise e cruzamento de fontes relacionadas ao ambiente e às práticas. O capítulo relaciona-se diretamente às práticas culturais, sociais, educativas e religiosas e está organizado nos seguintes tópicos: Saberes e conhecimentos escolares; Agentes salesianos em trânsito no campo escolar; Práticas extracurriculares e ampliação de capitais. A tese se encerra com aquilo que pode se aproximar dos achados e análises da investigação, a partir das problematizações que orientaram a elaboração desta pesquisa.

PARTE I



Figura 3 - O jeito Salesiano de Educar
Fonte: COGO, sd.

CAPÍTULO II

OS SALESIANOS DE DOM BOSCO: A INTERSECÇÃO ENTRE CAMPO ESCOLAR E CAMPO RELIGIOSO

Tal assistência de Deus emerge dos fatos, sobretudo, por três aspectos: Dom Bosco é ensinado pelo Alto em seus sonhos, é visivelmente defendido com a punição de seus opositores e, terceiro, mostra-se um “vidente” realista em seu projeto de oratório e de congregação. Dom Bosco procura recrear e alegrar para confortar e confirmar. (CERIA, 2012, p. 17).¹⁷

O presente capítulo tem como objetivo a compreensão do contexto histórico e o movimento organizacional dos salesianos no campo religioso, bem como dos aspectos filosóficos e religiosos que favoreceram a inserção dos salesianos no campo brasileiro a partir de 1883. Para esse contexto, Dom Bosco configura-se não somente como o fundador da Congregação, mas também como o agente responsável pela consubstanciação de uma representação salesiana dentro do campo religioso.

João Melchior Bosco (1815-1888) nasceu na região de Piemonte, na Itália¹⁸, em uma família de camponeses piemonteses católicos, devoto de Nossa Senhora Auxiliadora. Sua trajetória de vida foi marcada pela sociabilização realizada com pontos de referências inerentes ao campo religioso e à experiência com o “sobrenatural”, predispondo-lhe a uma formação sacerdotal. Como sacerdote da Igreja Católica, Dom Bosco se inspirou na filosofia dos ensinamentos de São Francisco de Sales para desenvolver o trabalho com a juventude pobre e marginalizada nos Oratórios de Turim. O reconhecimento institucional desse trabalho deu origem, em 1859, à Congregação São Francisco de Sales, uma congregação católica formada por jovens de educadores.

¹⁷ CERIA, Eugênio. Por que Memórias? In: BOSCO, São João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales: 1815-1855**. São Paulo: Editora Salesiana, 2012. Este documento é um relato de experiência relativo aos primeiros trabalhos de Dom Bosco com o Oratório em Turim nos anos de 1815 a 1854. Sobre essa obra estão disponíveis agora duas edições. Para essa pesquisa foi utilizada a edição do Padre Antônio da Silva Ferreira, editada pela primeira vez em 1946. Esta versão é disponibilizada gratuitamente para *download* no site da Editora Dom Bosco. Disponível em: <http://www.edbbrasil.org.br/literatura-salesiana>.

¹⁸ *Risorgimento Italiano* designou o longo período de unificação italiana no século XIX, em particular após a proclamação do Reino da Itália em 1861. Considerado um processo de unificação tardia, a Itália superou as pequenas pátrias regionais para a formação dos Estado italiano anexando: Reino Sardo-Piemontês; Reino Lombardo-Veneziano; Ducados de Parma, Módena e Tosca; Estados Pontifícios; Reino das Duas Sicílias.

A congregação teve seu nome inspirado no patrono São Francisco de Sales, que originou a identificação e pertencimento do grupo salesiano. Apesar disso, Dom Bosco é a figura de maior representatividade da obra salesiana. A sistematização de uma filosofia educacional católica, a produção literária e as memórias deixadas contribuíram para o aumento do prestígio de Dom Bosco perante o campo religioso e educacional. No ano de 1934, a ação educativa, solidária, fraterna e caridosa, que acolhia a juventude carente, foi legitimada com a canonização de Dom Bosco, Pai e Mestre de Juventude.

Considera-se que tal fato contribui para a manipulação simbólica das aspirações e para inculcar um sistema de práticas e representações consagradas. Para Bourdieu (2005), essa sistematização sacerdotal produz uma distinção entre os agentes do campo religioso, diferenciando os produtores, agentes especializados, dos consumidores leigos ao convencê-los de uma qualificação especial, um dom, ou uma graça inacessível aos homens comuns. A compreensão dessa lógica de funcionamento do campo torna-se ainda mais importante para a investigação da Congregação Salesiana, que teve o colaborador leigo como um dos principais agentes responsáveis pela expansão do poder simbólico da congregação.

A figura 3, na abertura da primeira parte da pesquisa retrata, por exemplo, a expansão da Congregação Salesiana, realizada a partir de uma idealização da união dos salesianos entre clérigos e voluntários leigos. Isso permitiu que os salesianos se adentrassem em diversos campos sociais e auxiliassem a Igreja Católica durante o movimento de ultramontano.

A expansão dos salesianos para além do continente Europeu, a partir do ano de 1875, é considerada uma estratégia desse movimento religioso, que se configurou como uma reação conservadora frente à perda do espaço ocupado pela Igreja, após a consolidação das transformações políticas no continente europeu durante as revoluções liberais (MANOEL, 1996). A partir da chegada da congregação no Brasil, em 1883, foram desenvolvidas duas principais frentes de atuação, 1) evangelização dos grupos indígenas; 2) implantação de instituições de ensino profissional e secundário.

No estado de Mato Grosso, a presença salesiana ocorreu a partir do ano de 1894, onde encontrou terreno frutífero para as duas frentes de atuação. O interesse dos salesianos no campo educacional ia ao encontro das necessidades do campo educativo, que carecia de instituições públicas e privadas que atendessem a juventude do estado. Além disso, o estado continha uma considerável concentração populacional de indígenas, aos quais os salesianos desenvolviam o trabalho que chamavam de Missão.

O entendimento do movimento dos salesianos no campo religioso permite a compreensão de sua inserção na sociedade brasileira e o trânsito da congregação entre o campo

escolar e religioso. Dessa forma, este capítulo tem como objetivo compreender o movimento organizacional dos salesianos no campo religioso, sobretudo nesse período específico de 1859 a 1882, em que se deu o processo de organização e legitimação da congregação, sobretudo no subcampo católico. Além disso, busca-se compreender também os princípios religiosos e pedagógicos contidos na proposta pedagógica salesiana.

2.1 DOM BOSCO E A CONGREGAÇÃO SALESIANA NO BRASIL

Os princípios do liberalismo eram, para alguns, a solução de todos os problemas políticos, um deus *ex machina*, Dom Bosco amava sinceramente sua pátria, mas por suas relações e, sobretudo, pelas conversas amiudadas vezes mantidas com o arcebispo, via o que outros não viam, isto é, as armas que, sob pretexto de patriotismo, se estavam afiando contra a Igreja. (BOSCO, 2012, p. 216).

A identidade da Igreja como instituição social encontra-se em constante processo de ressignificação e constituição, tendo como variáveis o contexto e os elementos disponíveis em cada momento histórico. Ao considerar a Igreja como um campo social, essas variáveis dadas pelo contexto histórico e político tendem a proporcionar no campo instabilidade e reestruturação das relações de dominação e poder.

O presente tópico tem como objetivo a compreensão da vinda da Congregação ao Brasil, bem como a identificação de fatores que contribuíram para o crescimento da congregação no país. A trajetória dos salesianos no Brasil está relacionada às transformações e às lutas concorrenciais ocorridas no interior do campo político durante o século XVIII. Nesse período conhecido também como “era das revoluções”, o continente europeu vivenciou uma diversidade de movimentos que tinham como ponto em comum a reivindicação de uma reorganização política e/ou social. (HOBBSAWM, 1996).

O avanço do conhecimento científico, a secularização da cultura, a difusão dos ideais liberais¹⁹ e o combate à monarquia absolutista ameaçavam diretamente a posição ocupada pela Igreja Católica. A Revolução Francesa configurou-se como a principal expressão dessas

¹⁹ O liberalismo configurou-se como um sistema teórico usado pela burguesia para combater a ordem econômico-social estabelecida no antigo regime. Os princípios que orientaram essa nova ordem social e política configuram-se como os pilares de sustentação do capitalismo. São eles: individualidade, liberdade da propriedade, igualdade e democracia. (CUNHA, 1979). Para o campo educacional brasileiro, as principais contribuições do liberalismo foram difundidas por John Dewey. Nessa perspectiva, a educação foi encarada, de forma romântica e ingênua, como a responsável pelo desenvolvimento da sociedade capitalista, que proporciona igualdade de oportunidades aos estudantes, dado o interesse e o esforço individual de cada um. O liberalismo educacional foi defendido principalmente pelos intelectuais que trabalharam dentro do Estado, para que “[...] ele assumisse a tarefa de reconstrução social, utilizando a escola pública, obrigatória e gratuita” (CUNHA, 1979, p. 49).

inquietações no continente Europeu, repercutindo na formação dos Estados Nacionais²⁰ e na circulação de ideias progressistas em defesa da laicidade²¹ e do liberalismo. No campo educacional, esse avanço dos ideais liberais ocasionou a formação de sistemas nacionais de ensino sob responsabilidade do Estado e, portanto, reconfigurou estruturas de poder no campo e a redução do poder material e ideológico da Igreja.

Em detrimento desse novo cenário, a Igreja Católica, adotou dois principais tipos de conduta, com duas lógicas distintas, mas que posteriormente acabaram convergindo para uma estratégia comum. A primeira, com um teor de acomodação, e uma segunda, com um teor conservador e intransigente.

A primeira lógica corresponde à criação de institutos religiosos ou de vida consagrada relacionados à tentativa de inserção da religião em outros campos sociais, para responder aos novos cenários e problemas sociais gerados pelo avanço capitalismo e do liberalismo político e econômico, como a pobreza e o aumento da densidade demográfica. O trabalho religioso foi reconvertido para o campo educacional, de assistencialismo social e saúde (AQUINO, 2016).

A lógica mais conservadora incorreu em reafirmar os princípios filosóficos e religiosos católicos de forma “[...] bastante agressiva, com a Santa Sé travando combate às doutrinas que ameaçavam as concepções integristas do catolicismo” (CUNHA, 2017, p. 144), como, por exemplo, o liberalismo, a maçonaria e, um pouco mais adiante, o socialismo e o comunismo.

No século XIX, a Igreja Católica, frente à instabilidade de sua posição social e política e sem encontrar uma ação verdadeiramente eficaz frente aos acontecimentos que questionavam a hegemonia do catolicismo, reagiu de forma mais incisiva com o *ultramontanismo* ou movimento ultramontano, o qual se caracterizou como uma reação conservadora à modernidade, a partir de uma orientação política que tinha como objetivo dirimir as consequências do avanço ideológico das ideias liberais. Manoel (1996), auxilia na compreensão do movimento ressaltando os seguintes aspectos:

[...] o movimento ultramontano, de inspiração clerical e hierárquica, teve como proposta um projeto de reeuropeização do catolicismo, marcado pela centralização institucional na figura do Papa e, enquanto orientação política

²⁰ A formação dos Estados Nacionais como ideia moderna de nação “uma e indivisa” surge no século XIX com uma conotação essencialmente política. “A França deu o primeiro grande exemplo, o conceito e o vocabulário do nacionalismo. A França forneceu os códigos legais, o modelo de organização técnica e científica e o sistema métrico de medidas para a maioria dos países. A ideologia do mundo moderno atingiu as antigas civilizações que tinham até então resistido as ideias europeias inicialmente através da influência francesa.” (HOBSBAWM, 1996, p. 7).

²¹ “A laicidade é sobretudo um fenômeno político, vinculando-se com a separação entre o poder político e o poder religioso. Expressa a laicidade, a afirmação da neutralidade do Estado frente aos grupos religiosos e a exclusão da religião da esfera pública.” (RANQUETAT JÚNIOR, 2008, p. 75).

procurou garantir a independência da Igreja contra as pretensões regalistas dos governos. De acordo com os ultramontanos, a salvação da humanidade dependeria da recristianização do mundo e essa tarefa deveria ser assumida pela Igreja, portadora da Verdade, conforme definição do Concílio de Trento. (MANOEL, 1996, p. 42).

Nessa perspectiva, a centralização na figura do Papa compreendia uma padronização católica de clérigos e leigos que desconsiderava as particularidades políticas e culturais assumidas pelo catolicismo em cada país. A Igreja investiu em estratégias que visavam garantir a proteção do catolicismo perante os ideais liberais no restante do mundo, além de expandir e fortalecer sua posição no campo religioso. A fim de alcançar tais objetivos, ela apostou no renascimento e criação de congregações religiosas masculinas e femininas, com tradição e reconhecimento no campo educacional, com a transferência de congregações católicas e de um grande contingente de religiosos para a América do Sul. (AZZI, 1983).

Congregações como lazaristas (1820), capuchinos (1840), maristas (1880), dominicanos (1881) e salesianos (1883) abraçaram a causa da reconquista dos espaços perdidos pela Igreja, tornando-se peça-chave para o avanço do movimento ultramontano no Brasil. Tais congregações não atuavam como as antigas ordens católicas, como institutos de vida religiosa e com votos solenes, mas como institutos de vida consagrada²² e com votos simples, o que promovia um contato maior com a sociedade e a aproximação dos fiéis.

A possibilidade de inserção dessas congregações no campo educacional foi indispensável para o sucesso do movimento ultramontano, pois, no século XVIII, não havia no Brasil clima favorável para a atuação puramente religiosa. Apesar de suas particularidades, o campo político e o campo religioso brasileiro convergiam também para a laicização do Estado.

A aliança entre Igreja e Estado brasileiro havia sido legalizada pela Constituição de 1824, que determinava o catolicismo como religião oficial e estabelecia um convívio de privilégios e proteção instaurada pelo Padroado Régio²³ e pelo beneplácito. Essa relação configurava-se como um solene compromisso entre Estado e a Santa Sé com objetivo de propagar a fé cristã e consolidar a posição da Igreja no país, além de conferia à Igreja o

²² De acordo com Nunes (1983), esse modelo congregacional é caracterizado por implantação de casas religiosas, que desenvolvem, além de ações religiosas, trabalho ativo com a sociedade por meio de atividades educacionais, na área da saúde e com assistência social voltada para o cuidado com as crianças em orfanatos e com os idosos em asilos. Para maior aprofundamento: NUNES, Maria José Rosado. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil – uma abordagem histórico-social. In: **Os religiosos no Brasil** – enfoques históricos (Org.) Azzi e Beozzo. São Paulo: Edições Paulinas e Cehila, 1983.

²³ Padroado Régio foi uma relação formal caracterizada pela aliança política estabelecida entre Estado e Igreja, com benefícios mútuos que durou todo o período imperial. Nessa parceria, o Estado designou para a Igreja a colonização do território brasileiro, realizado principalmente por meio da catequização indígena.

privilegio de atuação no campo educacional durante todo século XIX. O Imperador possuía competência para intervir em assuntos no campo religioso, ao administrar questões religiosas e indicar posições do clero, e apoiar o serviço da Igreja. Com o poder de beneplácito, ficava estabelecida a autoridade do Imperador para legitimar as determinações destinadas ao clero e aos fiéis pela Santa Sé, a fim de que tivesse validade em território brasileiro.

No entanto, o avanço das ideias liberais começava a inflamar o requerimento do fim do governo Imperial e da laicização do Estado. Esse cenário contribuiu para o desgaste do vínculo, que culminou em um evento histórico denominado “Questão Religiosa” ou “Rebelião dos Bispos”, protagonizado pelo governo Imperial e pela Igreja.

O desentendimento entre os entes desse acordo ocorreu com a recusa do Imperador à Bula papal "Syllabus" (1864). O documento representou um dos marcos do movimento ultramontanista contra o avanço das ideias liberais. Postulava, dentre outras coisas, a infalibilidade do papa e combatia instituições em defesa da secularização e do anticlericalismo como, por exemplo, a maçonaria.

Nesse conflito, “O Estado, particularmente o imperador, não abriu mão do seu poder constitucional de censurar os documentos pontifícios [...]” (CUNHA, 2017, p. 142). Ignorando a decisão do Estado, os bispos ultramontanistas – Dom Vital (Olinda) e Dom Macedo Costa (Pará) – foram presos ao tentar afastar membros do clero vinculados à maçonaria nas irmandades religiosas.

O acontecimento escancarou as fragilidades do Padroado Régio, gerou mal-estar no campo político e catalisou o processo de construção da laicidade no Brasil. Ganharam força os movimentos que exigiam a liberdade religiosa e, consequentemente, questionavam a atuação da Igreja no campo educacional brasileiro.

Foi em um momento de fragilidade, desgaste e iminente cisão da relação entre Igreja e Estado que os salesianos chegaram ao Brasil. Os bispos católicos ultramontanistas viam a vinda das congregações europeias como uma maneira de fortalecer sua posição no campo educacional e, por meio dela, arrecadar recursos para a manutenção do clero e promover o avanço do ultramontanismo.

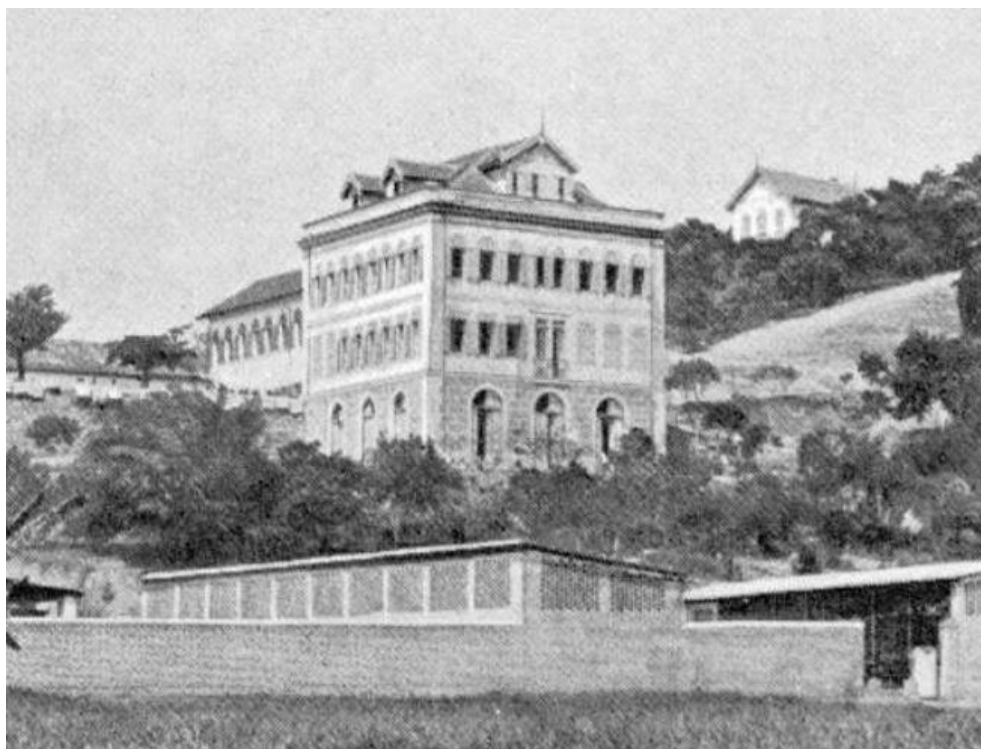
O Bispo Pedro Maria Lacerda, do Rio de Janeiro, desempenhou um papel fundamental para a vinda dos salesianos ao Brasil²⁴. Após desenvolver uma boa relação com lazaristas e capuchinos, que tomaram a frente dos seminários diocesanos, durante uma visita à obra

²⁴ Congregação Salesiana iniciou o trabalho missionário na América do Sul em 1877, no Uruguai. Desde então, o episcopado brasileiro intensificou as solicitações e propostas de trabalho missionário para a vinda dos Filhos de Dom Bosco.

salesiana em Turim, o bispo solicitou ao próprio Dom Bosco o envio de seus missionários ao território brasileiro. (AZZI, 1983).

Em 1882, sob a direção do Inspetor Dom Luis Lasagna²⁵, os salesianos desembarcaram no Brasil para reconhecimento do território brasileiro. A obra salesiana iniciou-se logo no ano seguinte (1883), na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, onde foi implantada a primeira casa, o Liceu de Artes e Ofícios Santa Rosa, com oficinas de mecânica, marcenaria, alfaiataria, sapataria e tipografia. (fotografia 4).

Fotografia 4- Colégio Salesiano Santa Rosa (1900) – Niterói (RJ)



Fonte: Arquivo Digital do Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa.

Seguindo a tradição do trabalho desenvolvido por Dom Bosco em Turim, ainda no Império, os salesianos abriram outras escolas profissionais, as quais tinham como público alvo os filhos dos operários.

Em 1892, as primeiras Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) chegaram em Guaratinguetá-SP, com a finalidade de estender às meninas o carisma da pedagogia salesiana. Com o apoio do padre italiano João Felippo, as salesianas fundaram o Colégio do Carmo na cidade. A proposta

²⁵ Dom Luís Lasagna (1850- 1895), tornou-se salesiano em 1868, e em 1876 liderou um grupo a expedição missionária para fundar a obra salesiana no Uruguai e Brasil. Foi o primeiro Inspetor da Província Salesiana do Uruguai e do Brasil, foi ordenado bispo em 1893 e faleceu em 1895 um acidente em Juiz de Fora quando viajava para fundar a casa salesiana de Cachoeira do Campo.

inicial desse estabelecimento também esteve voltada para o atendimento das meninas abandonadas.

Nesse primeiro, momento as irmãs estiveram sob dependência direta do Superior Geral da Sociedade São Francisco de Sales e, no novo continente, deveriam responder ao Diretor local encarregado da obra salesiana em território brasileiro, Padre Luís Lasanha, pois este auxiliaria as irmãs em possíveis articulações políticas necessárias para a compra e venda de imóveis ou outras dificuldades enfrentadas na administração das casas.

No ano de 1893, o Padre Luís Lasagna fora nomeado Bispo, assumiu autoridade eclesial episcopal e passou a ser chamado de Dom Lasagna. Esse capital religioso adquirido por ele, conferia prestígio e legitimidade para negociar com os bispos brasileiros e autoridades políticas para a implantação de obras salesianas onde quer que chegasse.

Assim, como os Salesianos de Dom Bosco, as irmãs deveriam vir para os grandes centros urbanos onde o liberalismo vinha se fortalecendo rapidamente. Devido ao anticlericalismo e à hostilidade com os novos institutos religiosos, Dom Lasagna, no entanto, optou por outra estratégia: levar as FMA para o interior, onde a tradição religiosa mantinha uma população mais respeitosa. (AZZI, 1999).

Fotografia 5 – Primeira instituição das FMA – Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo/Guaratinguetá-SP



Fonte: Colégio do Carmo, s.d.²⁶

²⁶ Fotografia disponível no site institucional do Colégio do Carmo. Disponível em: <https://www.colegiodocarmo.com.br/colégio/historico> Acesso em: 02 de maio de 2021.

Assim como as demais congregações religiosas, as Filhas de Maria Auxiliadora foram indispensáveis para a proposta ultramontanista, orientada em torno da figura feminina. O ultramontanismo bradava pela formação de um modelo de mulher, “[...] cristã convicta, mãe e polida, a fim de imprimir seus valores ao grupo social, garantindo a implantação de um projeto social que ultrapassava os limites pessoais” (UZUN, 2020, p. 151). Para tanto, as salesianas desempenhavam junto a juventude um trabalho de reforço da religiosidade, sociabilidade e cultura feminina, bem como do recato, devoção à família, preparo matrimonial e maternal.

Ocorre que, nesse cenário, a efervescência do movimento republicano, promovido pelo surgimento de uma nova classe burguesa, colaborou para a ampliação da atuação dos salesianos no campo educacional. A necessidade de promover às novas elites uma formação clássico-humanística, em moldes europeus, encorajou os salesianos a empreender uma reconversão de suas estratégias no campo educacional na intenção de ocupar espaços ainda não conquistados pelo poder público: o ensino secundário.

Os salesianos ampliaram o alcance de suas atividades oferecendo, para diferentes classes sociais, uma educação em que a religião desempenhava o papel disciplinador e evitava o contágio dos jovens pelas ideologias liberais, anarquistas e socialistas. (CUNHA, 2017). Dessa forma, a presença salesiana foi profícua ao ganhar a simpatia das elites e proporcionar a criação de novos estabelecimentos escolares.

A partir de então, a expansão se deu rapidamente pelo território brasileiro. Trabalhando em um sistema de inspetorias, os salesianos as implantaram em pontos estratégicos do território nacional e, conforme transcorria o crescimento de cada uma delas, novas inspetorias eram implantadas.

Essas inspetorias configuravam-se como unidades administrativas que funcionavam de forma autônoma em relação às demais, porém todas elas eram subordinadas diretamente à sede da Congregação em Turim. Cada inspetoria coordenava um conjunto de obras salesianas com a responsabilidade de dinamizar a ação pastoral de acordo com as orientações da congregação e pela formação de novos salesianos. A definição dos limites de atuação de cada uma delas era determinada não somente por fatores geográficos, mas também culturais. No quadro 7, estão listadas as inspetorias salesianas brasileiras juntamente com seus locais de atuação.

Quadro 7 - Inspetorias Salesianas no Brasil

ANO	SEDE INSPETORIAL	INSPETORIA	CASAS SALESIANAS
1883	BSP – São Paulo	Inspetoria Nossa Senhora Auxiliadora	São Paulo (com exceção do noroeste do estado)
1885	BRE – Recife	Inspetoria do Nordeste do Brasil	Pernambuco, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe e Alagoas
1894	BCG – Campo Grande ²⁷	Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório*	Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Noroeste de São Paulo
1948	BBH – Minas Gerais	Inspetoria São João Bosco	Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Tocantins e Distrito Federal
1958	BMA – Amazonas	Inspetoria São Domingos Sávio	Amazonas, Pará, Acre e Rondônia
1958	BPA – Porto Alegre	Inspetoria Pio X	Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina

*Missão Salesiana

Organização: Andrade, 2020.

Fonte: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSDP).

Inicialmente, os salesianos pensaram em três pontos estratégicos de expansão da obra salesiana com o erguimento de três inspetorias, a saber: a primeira em São Paulo, responsável pelo Sul e Sudeste do país; a segunda no Recife, responsável pelo Nordeste; e a terceira, intitulada de Santo Afonso Maria de Ligório (Missão Salesiana), no estado de Mato Grosso, responsável por todo o trabalho de evangelização indígena tanto no centro do país como na região Amazônica.

Em Mato Grosso, a ação salesiana esteve intrinsecamente relacionada à população indígena, o que faz com que, ainda no século XXI, a presença salesiana na região seja conhecida simplesmente como “Missão Salesiana”. Embora a evangelização dos povos indígenas tenha ocupado destaque no projeto salesiano, em igual proporção se desenvolveu o trabalho no campo educacional.

A região carecia amplamente de instituições escolares, principalmente de ensino secundário, tanto em iniciativas públicas quanto privadas. Por esse motivo, o governo e a população local abraçaram o ideal salesiano, que era enaltecido pela imprensa católica. Foram criadas instituições voltadas à educação das elites mato-grossenses, instaladas em cidades estratégicas do estado que começavam a apresentar crescimento econômico e populacional.

Vale ressaltar que, além da Congregação Salesiana, Dom Bosco foi também responsável pela fundação de outros três grupos relevantes para o cenário brasileiro: Filhas de Maria

²⁷ De acordo com os arquivos documentais do CSPD, a sede da Inspetoria Santo Afonso Maria de Ligório teria sido transferida, no ano de 1924, da cidade de Cuiabá para a cidade de Campo Grande.

Auxiliadora (1872), Cooperadores Salesianos (1876) e Associação de Maria Auxiliadora (ADMA) (1869), os quais constituem os primeiros ramos da chamada “família salesiana”. Essa “família” agrega um conjunto de instituições e movimentos católicos que se propõem a seguir os ensinamentos de Dom Bosco e São Francisco de Sales, tendo por base a alegria como o caminho para a santidade.

No decorrer do século XX, a “família salesiana” se expandiu com a criação de 32 outros grupos em diversos países, conforme o quadro 8. Em destaque, estão os grupos formados em território brasileiro e, em negrito, estão os que, apesar de não terem sido fundados no Brasil, estão atuantes no território brasileiro.

Quadro 8 - Composição da “Família Salesiana” (2019)

GRUPOS OFICIALMENTE RECONHECIDOS/ LOCAL DE FUNDAÇÃO	DATA *
Sociedade Salesiana de São Francisco de Sales - Salesianos de Dom Bosco (+ noviços + bispos) (Itália)	1859
Instituto Filhas de Maria Auxiliadora (Itália)	1872
Associação dos Cooperadores Salesianos (Itália)	1876
Associação de Maria Auxiliadora (Itália)	1989
Ex-alunos e ex-alunas de Dom Bosco (Itália)	1908
Ex-alunas e ex-alunos das FMA (Itália)	1988
Instituto Secular Voluntárias de Dom Bosco (Itália)	1917
Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria (Colômbia)	1981
Salesianas Oblatas do Sagrado Coração de Jesus (Itália)	1983
Apóstolos da Sagrada Família (Itália)	1984
Irmãs da Caridade de Jesus (Itália)	1986
Irmãs Missionárias de Maria Auxílio dos Cristãos (Índia)	1986
Filhas do Divino Salvador (El Salvador)	1987
Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria (Tailândia)	1987
Irmãs de Jesus Adolescente (Campo Grande /Brasil)	1988
Associação Damas Salesianas (Venezuela)	1988
Voluntários Com Dom Bosco (Venezuela)	1994
Irmãs Catequistas de Maria Imaculada e Auxiliadora (Índia)	1992
Filhas da Realeza de Maria Imaculada (Tailândia)	1996
Testemunhas do Ressuscitado (Itália)	1999
Congregação de São Miguel Arcanjo (Polônia)	2000
Congregação de Irmãs da Ressurreição (Guatemala)	2004
Irmãs Anunciadoras do Senhor (Hong Kong)	2006
Discípulos (Instituto Secular Don Bosco – Índia)	2009
Comunidade da “Canção Nova” (São Paulo/Brasil)	2009
Irmãs de São Miguel Arcanjo (Itália)	2009
Irmãs de Maria Auxiliadora (Índia)	2009
Comunidade da Missão de Dom Bosco (Itália)	2010
Irmãs da Realeza de Maria Imaculada (Tailândia)	1996
Irmãs da Visitação de Dom Bosco (Índia)	2012
Fraternidade Contemplativa de Maria Nazaré (Uruguai)	2016
Irmãs Mediadoras (Salvador/ Brasil)	2019

* A data aqui mencionada não corresponde à fundação do grupo, mas sim à oficialização da data de Filiação à Família Salesiana.

Fonte: Dados Estadísticos, Anuario Pontificio, Roma 2019.

Organização: Andrade, 2020.

Juntamente com os Salesianos de Dom Bosco, o Instituto Filhas de Maria Auxiliadora (1872) compõem os maiores e mais importantes grupos da “família salesiana”. Dom Bosco confiou o grupo à Maria Domingas Mazzarello²⁸, para que ela fizesse às meninas aquilo que fazia aos meninos. O grupo tornou-se igualmente importante para os ideais ultramontanistas, por ser responsável pela formação das mulheres que cresceriam imersas na cultura católica, desenvolvendo um papel de boas esposas e boas mães, que guiariam a família a seguir o caminho sagrado.

2.2 OS PRINCÍPIOS EDUCATIVOS DA PEDAGOGIA SALESIANA E O SISTEMA PREVENTIVO

Os Santos educadores e os Educadores santos partiram todos do princípio da caridade, e quase todos da caridade do pobre. Mas nenhum dele teve uma potencialidade abrangente e acima de tudo dominante como Dom Bosco: Santos que conseguiram formular em um sistema tudo aquilo que religião caridade e sabedoria prodigalizaram em parte mais e em parte menos na educação: Santos criadores ou divinizadores do sistema educativo cristão só existe um, Dom Bosco. (CAVIGLIA 1934, p. 105).

As instituições escolares de congregações europeias que vieram ao Brasil, nesse contexto do movimento ultramontanista, adquiririam em todo o território nacional um *status* de prestígio por terem propriedade para socializar e educar as crianças em base humanística. Em termos de método educativo, os salesianos se destacaram com a utilização do Sistema Preventivo. Esse método educativo foi sistematizado por Dom Bosco, no século XIX, para trabalhar com a juventude carente em Turim e, desde então, é utilizado pela congregação como a principal base pedagógica para as escolas salesianas²⁹ em todo o território brasileiro, ainda no século XXI.

²⁸ Nascida em 9 de maio de 1937, em Monerse, Itália, Maria Domingas Mazzarello foi cofundadora do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (1872). Mazzarello já desenvolvia um trabalho com a juventude feminina mesmo antes de conhecer Dom Bosco e aliarem-se no trabalho salesiano.

²⁹ No ano de 2002 foi fundada a Rede Salesiana de Escolas Brasileiras com uma proposta de organização das escolas salesianas em rede fundamentada na concepção educativo-pastoral salesiana. A rede atua na construção de material didático próprio, impresso e digital, e auxilia na formação continuada de gestores e educadores. Atualmente a rede congrega mais de 100 escolas, com 5 mil educadores e 85 mil alunos. O site dispõe de notícias atualizadas sobre eventos nas escolas, projetos, ações e campanhas, além de dispor de uma biblioteca online, e álbuns de fotos. (REDE SALESIANA...) Disponível em: <https://escolas.rsb.org.br/Rsb-escola>. Acesso em: 12 de julho de 2020.

Este tópico tem como objetivo a aproximação da proposta de educação da Congregação Salesiana a partir da análise dos escritos de Dom Bosco e de manuais confeccionados pela congregação, além de identificar doutrinas que foram importadas do campo religioso, convertidas e regulamentadas pela proposta pedagógica da Congregação Salesiana.

O sistema pedagógico elaborado por Dom Bosco ganhou destaque no campo educacional brasileiro no início do século XX, a partir da divulgação de um “jeito salesiano de educar”. Nessa proposta, os salesianos aliaram a tradição do ensino católico com ideais modernizantes e atrativos à juventude. Dessa forma, promoveram uma distinção de seus estabelecimentos em relação às instituições leigas e às demais instituições católicas.

Dom Bosco percebeu, nos demais sistemas educativos, a predominância de um sistema repressivo. Embora concordasse com sua eficácia para outros contextos de aplicação, discordava em ser o mais adequado para lidar com a juventude. Como contraponto a esse modelo, ele criou o **Sistema Preventivo**.

De acordo com o entendimento de Dom Bosco (1884, p. 3), “[...] o ‘sistema repressivo’ significa educação por meio da imposição externa e do temor psicológico, enquanto que o ‘sistema preventivo’ significa educação por meio da convicção interior e da liberdade progressiva.” A alternativa criada propôs, então, um contraponto, uma forma específica para trabalhar com a juventude.

Para os salesianos, o Sistema Preventivo está intrinsecamente relacionado à missão dada por Deus para que Dom Bosco, como um santo, trabalhasse com a juventude. Atribuem, portanto, um valor que foge à compreensão do campo científico e somente é compreendido a partir da posse de determinado capital religioso, pois “[...] ainda que esse sistema possa, por certo, ser estudado cientificamente como qualquer outro sistema, para nós, que o sabemos concebido e aplicado por um santo carismático, ele se apresenta imediatamente iluminado e vivificado por uma inspiração divina.” (LEMOYNE, 1903, s.p).

Nesse fragmento, fica evidente o apelo a uma inspiração divina, que confere autoridade e legitimidade para o campo religioso em questões que o extrapolam. Tornaram-se recorrentes, por exemplo, as explicações que afirmam não haver necessidade de uma obra que organizasse e explicasse o método preventivo, pois quem quiser conhecê-lo deverá simplesmente estudar a vida de Dom Bosco e dos demais santos que passaram pela sua congregação.

Apesar do alcance do Sistema Preventivo e o realce nas experiências exitosas, Dom Bosco jamais organizou o seu método de ensino por meio de publicações, a não ser por um breve ensaio em 1877, chamado “Tratado sobre o Sistema Preventivo”, que se refere a um texto condensado dos quase cinquenta anos em que desenvolveu o seu trabalho entre os jovens. Esse

sistema educativo é considerado por seus seguidores como um conjunto de atitudes, crenças, ações, meios, falas, métodos e ambientes, e possui, em sua base de sustentação, um tripé composto por três conceitos principais: razão, religião e *amorevolezza* (ou bondade).

A utilização da razão como um dos sustentáculos do sistema educativo teve influência direta dos ideais iluministas e liberais, que estavam impregnados na Europa no século XIX. A razão é utilizada em oposição à pressão e à imposição, portanto ajuda na avaliação das coisas de forma respeitosa à autonomia e à dignidade dos alunos. Significa, portanto, o abandono de uma relação autoritária e o estabelecimento de um sistema no qual o educador deve contar com a capacidade de discernimento do educando e confiar nela.

Nesse sentido, a **razão** é representada pelo protagonismo juvenil, com a valorização do diálogo, do ato de saber ouvir, ter senso crítico e saber falar. Implica um processo de construção da percepção e da valorização da capacidade de cada jovem. Essa proposta do ensino salesiano orienta os jovens para a descoberta de suas necessidades e suas demandas sociais, que lhes possibilitariam adaptar-se diante das transformações da sociedade.

Essa educação deveria ser ministrada de forma cuidadosa e carinhosa, pois quem sente que é amado, ama; e quem é amado consegue tudo, especialmente dos jovens. Essa confiança estabelece uma espécie de corrente elétrica entre os jovens e os superiores. Os corações se abrem e eles dão a conhecer as suas necessidades, mostram todos os seus defeitos. (BOSCO, 1884, p. 41). Esse amor descrito por Dom Bosco é representado pelo termo italiano *amorevolezza* – que significa bondade, carinho. Refere-se a sentimentos de acolhimento, que perpassariam todo o ato de educação e instrução, seja ela escolar, religiosa ou parental.

O terceiro e último pilar de sustentação do Sistema Preventivo é a religião, o mais importante e o elo com os outros dois. Por esse motivo, a ação educativa tinha como foco principal a evangelização dos jovens, entendida como instrumento de salvação, e também o aprendizado da vida em sociedade. “A religião cumpria então uma dupla finalidade: formar a pessoa para o convívio humano e social, e formar a pessoa para o seu destino transcendente.” (SCARAMUSSA, 1993, p. 2).

A dimensão da religião dentro do Sistema Preventivo vai além das aulas da disciplina de religião, para os salesianos essa dimensão não implicaria uma imposição da fé católica para educadores e educandos, mas compreenderia a inserção dos valores do evangelho em toda a prática educativa. Apesar de utilizar-se de um discurso de inovação, a utilização desse sistema encontrou resistência em alguns estabelecimentos de ensino. Isso porque, ainda que não fosse institucionalizado, o sistema repressivo esteve na lógica de funcionamento do campo e da cultura escolar durante o século XIX nas instituições escolares brasileiras.

No método Lancaster, por exemplo, castigos corporais constituíam-se como “[...] prática pedagógica que visava constituir e consolidar uma determinada cultura escolar, aqui entendida como um conjunto de normas, posturas e condutas impostas aos jovens, como forma de se obter uma disciplinarização do corpo e do espírito.” (LEMOS, 2012, p. 628).

Dentro da filosofia salesiana, a orientação oficial era de que as práticas, as normas e o disciplinamento não poderiam ser alcançados por meio do castigo físico, mas sim em práticas preventivas, que levassem os jovens ao não cometimento de faltas. Essa prevenção consistia em:

Orientar jovens para a prática do bem, acompanhando-os diligentemente para que não cometessem faltas. [...] aos superiores incumbia o dever da vigilância preventiva, aos educandos Dom Bosco reservava o direito de expandir totalmente sua liberdade nos recreios e nos passeios, correndo, jogando e gritando à vontade. (AZZI, 1983, p. 102).

A ideia principal constituía-se em construir nos educandos uma relação de parceria e respeito entre educador e educando, pois, para Dom Bosco, seria desse modo que os jovens tomariam consciência de suas faltas e evitariam um olhar de desaprovação e desapontamento do educador. Essa concepção de educação para os salesianos não implicaria um ambiente ausente de regras, mas nele estariam descartados do Sistema Preventivo suspensões e castigos físicos e quaisquer outras situações humilhantes.

Mas nas aulas se faça ouvir as palavras doçura, caridade, paciência, nunca expressões mordazes, nunca um tapa, nem forte e nem fraco sequer. Utilizem castigos negativos e sempre de modo que aqueles que antes, e nunca se afastem aviltados de nós... Cada salesiano seja amigo de todos; nunca procure tirar vingança, perdoe facilmente e nunca traga à tona coisas já perdoadas uma vez... A doçura no modo de falar, de agir, de avisar, conquista tudo e todos. (AZZI, 1983, p. 103).

O Sistema Preventivo não contém em si a totalidade da proposta salesiana para a educação, por isso conhecer a vida de Dom Bosco e o trabalho desenvolvido com a juventude é considerado tão essencial para o entendimento da proposta.

Também ganham destaques as **Companhias** e os **Oratórios Festivos**, dos quais se derivaram outras práticas salesianas que foram importadas para o interior dos colégios. As reuniões salesianas, em quaisquer ambientes, deveriam ser identificadas pelos “[...] jogos, o canto, a música, as declamações, as atividades variadas, as solenidades bem preparadas. Tudo isto criava um clima de alegria que atraía os jovens, e fazia com que eles percebessem que o Deus salvador nos criou realmente para a alegria.” (BOSCO, 1884, p. 3). A idealização de

alegria e “diversão” descrito na documentação tem como principal objetivo demonstrar que tanto o estudo quanto a religião podiam se tornar atrativos para a juventude, a depender do modo como fossem trabalhados.

Para Dom Bosco a falta de educação era vista como um fator de pobreza e miséria, não somente física, mas também espiritual. Acreditava-se que esse era o motivo de a população menos favorecida ser a maioria dentro do sistema penitenciário. Tendo em vista essa situação, Dom Bosco defendeu o funcionamento das escolas em dias e horários alternativos, para alcançar a juventude menos favorecida. Pensando nisso, ele reinventou a ação do Oratório Festivo³⁰, que tinha como principal função promover o lazer, a educação e a catequese dos jovens carentes aos domingos e dias festivos ou feriados. A primeira experiência salesiana com o Oratório (1853) foi pensada para atender os jovens infratores, transformando-o em internato-escola.

Tratava-se de uma reunião de jovens, sob a assistência dos padres salesianos, ex-alunos e também colaboradores leigos, para trabalhar principalmente com os jovens de frações das classes menos favorecidas. Nesse ambiente, geralmente anexo ao prédio escolar, os jovens recebiam formação religiosa social e moral. De acordo com o regulamento da congregação,

Dom Bosco viveu uma típica experiência pastoral no seu primeiro oratório, que foi para os jovens uma casa que acolhe, a paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria. Seja organizado como um serviço comunitário que, visando a evangelização, oferece a cada um e aos grupos a possibilidade de desenvolver os próprios interesses, segundo modalidades e métodos modificados. As atividades tenham sempre em vista finalidades educativas e orientem para o emprego sadio do tempo livre. (CONSTITUIÇÕES SALESIANAS, 1984, p. 43).

Nesse sentido, é possível compreender o papel da religião na dinâmica social, bem como o interesse religioso nas diferentes classes e agentes. Em alguns casos, a religião atua em prol de uma solução ilusória para a miséria social de agentes das classes menos favorecidas, com uma esperança mágica, que pode ser compreendida como “[...] a visão do porvir daqueles que não têm provir [...] a única projeção de futuro que se oferece a uma classe desprovida de futuro.” (BOURDIEU, 1994, p. 91). Esse interesse religioso é a origem da relação existente entre o campo religioso e a estrutura geral das relações sociais que podem ser observadas nos oratórios.

³⁰ Os oratórios foram criados pela Igreja na cidade de Milão, em 1809; constituíam-se numa sociedade de vida apostólica, dedicada à educação cristã de crianças, de jovens do povo, por meio de obras de caridade. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 44).

Os Oratórios Salesianos brasileiros, inspirados nas ordenanças de Dom Bosco, também se engajaram na proposta de enfrentamento de problemas de ordem econômica, social, cultural e religiosa. Para isso, foram criados manuais e folhetins para o aperfeiçoamento dos educadores salesianos, que elucidavam sua importância para a sociedade. De acordo com o manual “O jeito salesiano de educar”, o Oratório

[...] favorece a criatividade; oferece oportunidade para o surgimento de líderes populares/comunitários; proporciona espaço para os colaboradores leigos (cooperadores); questiona a ação dos educadores; oferece maiores condições de praticar o Sistema Preventivo; vem ao encontro das opções de Puebla (pobres e jovens); acolhe os jovens; ajuda a conservar os princípios e as normas de vida que aprenderam desde pequenos; valoriza o jovem como pessoa; educa informalmente e de maneira integral. (ORATÓRIO..., [s.d], p. 4)³¹.

Em face dessa posição de enfrentamento das mazelas sociais e econômicas, faz-se necessário ressaltar que, embora as atividades no Oratório apresentem inserção no campo da assistência social às classes menos favorecidas, nele se desenvolvem atividades no campo educacional com um propósito educativo e valores essencialmente religiosos.

Ao mesmo tempo em que o Oratório assumiu a função específica para a classe menos favorecida, as Companhias desempenhavam função análoga no interior dos colégios. Tratavam-se de associações juvenis instaladas dentro das instituições salesianas com caráter religioso e com o desenvolvimento de atividades culturais e religiosas, constituindo-se como importante *locus* de disposições para constituição de um *habitus* salesiano.

As companhias de Dom Bosco eram associações formadas, teoricamente, pelos ‘melhores’ alunos. Eram divididas por faixa etária, entre meninos menores e maiores. Seus sócios tinham por obrigação difundir a bondade, a piedade e moralidade entre os outros meninos e desempenhavam tarefas variadas na organização das atividades, como por exemplo, arrumar o palco, ensaiar cantos com meninos menores e também participar das apresentações de canto ou de teatro, entre outras. (WIRTH, 1971, p. 79).

As práticas tinham como propósito a promoção da prática da vida cristã e seus participantes deveriam ter um comportamento exemplar para que pudessem ser admitidos. As companhias funcionavam como uma estratégia de acompanhamento pessoal da vida religiosa dos alunos.

³¹ **ORATÓRIO salesiano: uma proposta de educação popular. Equipe Interinspetorial de Pastoral. [s.l.]: [s.n.], [19--]. 12 p.** Folheto produzido pela Equipe Interinspetorial de Pastoral em Belo Horizonte. Disponível no acervo documental do CSPD.

Observa-se, no entanto, que, apesar do discurso, essas práticas não só contribuíam para a criação de um ambiente de familiaridade, solidariedade e participação livre, mas principalmente para a formação de uma juventude disciplinada, organizada e religiosa. Por isso,

[...] quem houvesse blasfemado ou tomado o nome do Senhor em vão, ou tido más conversas, era imediatamente expulso da sociedade. Encontrando-me desse modo à testa de uma multidão de companheiros, assentamos de comum acordo estas bases: primeiro, todo membro da Sociedade da Alegria deve evitar qualquer conversa ou ação que desdiga de um bom cristão; segundo, exatidão no cumprimento dos deveres escolares e religiosos. (BOSCO, 2012, p. 125).

As três primeiras Companhias salesianas foram fundadas por seguidores de Dom Bosco, ainda em Turim, e estiveram estreitamente ligadas à prática oratoriana. Posteriormente, foram fundadas novas companhias, mas as três primeiras permaneceram ocupando maior destaque, ao ponto de serem “importadas” para as demais inspetorias e casas salesianas. Chegaram à América no fim do século XIX e início do século XX, juntamente com a congregação.

Quadro 9 - Companhias Salesianas fundadas por Dom Bosco

1847 - Companhia São Luiz Gonzaga: Foi fundada por Dom Bosco e, assim, serviu como modelo para as demais. Propunha o entusiasmo pela piedade por meio de práticas sóbrias e regulares e convidava os sócios a darem bons exemplos dentro e fora delas.
1856 - Companhia de Imaculada: Fundada por Domingos Sávio no Oratório de Turim, tornou-se mais elitizada e seleta. Propunha aos jovens estudantes caminhos de santidade e cultivava vocações para a vida apostólica religiosa.
1859 - Companhia São José: Fundada pelo clérigo Bonetti. Orientava a vida espiritual entre os aprendizes e jovens operários e promovia vocações à vida religiosa salesiana. O regulamento redigido pelos primeiros membros e revisto por Dom Bosco deixa transparecer, em primeiro lugar, uma preocupação pelo bom andamento do Oratório. Essa companhia adaptou a seus membros o regulamento da companhia de São Luís.

Fonte: Campelo, 2014.

Organização: Andrade, 2020.

De acordo com a pedagogia salesiana, as companhias faziam parte do processo emancipatório dos educandos. Nelas, os jovens exercitavam o protagonismo juvenil por meio da coordenação de atividades no tempo livre, o que também levava à autodisciplina, organização de festas religiosas e auxílio às atividades do Oratório. Cada companhia tinha características particulares, um regimento interno próprio, um programa de atividade, metas a

serem cumpridas, além de um Santo de devoção e, em alguns casos, até mesmo emblemas e brasões específicos de identificação.

Embora haja um considerável número de pesquisas sobre instituições escolares salesianas vinculadas à área da História da Educação, um número muito pequeno de produções menciona o funcionamento de companhias salesianas, conforme já exposto na Revisão Sistemática realizada para esta tese. Assim, a escassez de pesquisas e, principalmente, de fontes a respeito das companhias levantou a suspeita de que a proposta europeia, no modelo proposto por Dom Bosco, houvesse conseguido se adaptar à sociedade e à cultura brasileira.

No entanto, foi possível localizar no arquivo do CDS DP vestígio de que, pelo menos por algum tempo, as companhias fizeram parte da cultura escolar de algumas instituições educativas salesianas. Até o momento, esses estatutos e regulamentos das companhias são as fontes que melhor permitem a aproximação de tais práticas. (Figuras 4, 5, 6 e 7)

Campelo³² (2014) fez uma minuciosa investigação a respeito do método de ensino salesiano e contribuiu para a compreensão do papel ocupado pelas companhias. De acordo com a pesquisa realizada,

[...] as companhias reuniam-se jovens que coordenavam suas atividades em torno de um interesse, organizavam minuciosamente o tempo livre, submetendo-o a uma disciplina precisa, criava-se um espírito de corporação, afirmava-se um ideal de vida e desenvolvia-se, assim, uma obra bastante explícita de educação, capaz de incidir com maior profundidade no processo emancipatório dos educandos. (CAMPELO, 2014, p. 70).

Nisso, é necessário considerar que, embora seja possível a compreensão e investigação do princípio pedagógico e religioso, que fundamenta o funcionamento das companhias na pedagogia salesiana, poucas pesquisas apresentam fontes que permitam a compreensão do funcionamento prático das companhias e de suas atividades.

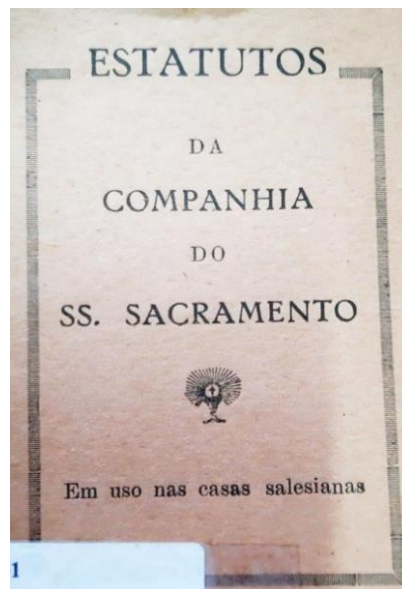
³² A dissertação de Campelo (2014), intitulada A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”, não tem como objeto de estudo uma instituição específica, mas sim a compreensão da estrutura do método preventivo de Dom Bosco e todo o seu aparelhamento.

Figura 4 – Capa do Regulamento da Companhia da Imaculada de 1942



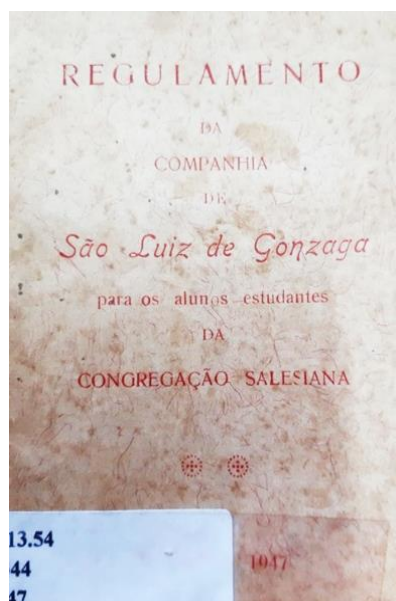
Fonte: Acervo CSPD.

Figura 5 – Capa do estatuto da Companhia SS do Sacramento



Fonte: Acervo CSPD.

Figura 6 – Capa do regulamento da Companhia São Luiz de Gonzaga - 1952



Fonte: Acervo CSPD.

Figura 7 – Capa do regulamento da Companhia São Luiz de Gonzaga – 1941



Fonte: Acervo CSPD.

A tese de Bonifácio (2017) ressalta o funcionamento das companhias salesianas em Sergipe tanto para os meninos dos ginásios quanto para os jovens de frações de classes menos favorecidas que frequentavam o Oratório Festivo N. S Auxiliadora. A pesquisadora explica que,

[...] eram formadas com os alunos da escola regular existente no Oratório Festivo, ou seja, os oratorianos que participavam somente aos domingos somente participavam das companhias a menos que fizessem uma preparação durante um ano e participassem ativamente e assiduamente das atividades promovidas pela instituição. (BONIFÁCIO, 2017, p. 138).

A partir da explicação do funcionamento do oratório investigado, é possível identificar uma adaptação do modelo de companhia inicialmente proposto pela congregação. Nesse oratório sergipano, funcionavam duas companhias São Luís e São José, a primeira para os meninos menores e a segunda para os maiores – as duas acessíveis para alunos da instituição e para meninos pobres da comunidade.

Durante a pesquisa ora apresentada, não foi possível encontrar entre os documentos escolares e nos periódicos em circulação da época, indícios a respeito do funcionamento das companhias salesianas. No entanto, na obra memorialística de Renato Báez (1988), foi possível a localização de uma fotografia do Colégio Salesiano Santa Teresa, na cidade de Corumbá.

Fotografia 6 – Companhia de São Luís no Ginásio Santa Teresa - Corumbá



Fonte: Báez, 1988.

De acordo com a fonte memorialística, a fotografia 6, apesar de não conter informações precisas, trata-se de um registro da Companhia de São Luís, no qual estaria presente o Padre

Raimundo Pombo³³ ainda menino em idade escolar. Por isso, é possível supor que se trate de um registro da década de 1920, época em que o referido padre foi aluno da instituição.

Considera-se, então, que no sul do antigo Mato Grosso a Congregação Salesiana tenha organizado companhias atendendo às recomendações de práticas escolares e religiosas que haviam sido institucionalizadas por Dom Bosco. Não é possível afirmar, no entanto, quantas companhias foram fundadas e por quanto tempo funcionaram na instituição. Sabe-se, no entanto, que durante as décadas de 1940 e 1950, nesse mesmo colégio, funcionaram grupos escoteiros sob a direção do Padre Audísio. Tratam-se de duas propostas com organização muito semelhantes e, por isso, dificilmente tenha havido uma coexistência das duas atividades. Dessa forma, é possível questionar a durabilidade do funcionamento das companhias nos colégios salesianos no sul do antigo Mato Grosso.

O oratório festivo, todavia, parece ter se adaptado melhor ao contexto e às culturas brasileiras. Os oratórios funcionavam anexos às instituições escolares ou até mesmo às paróquias. No sul do antigo Mato Grosso, além do Oratório do Instituto São Vicente, em Campo Grande, e do Oratório da Paróquia de Três Lagoas, todas as quatro instituições aqui investigadas mantiveram ativas a atividade oratoriana, promovendo diferentes estratégias para alcançar também a classe menos favorecida e exercer a caridade de Dom Bosco.

No Colégio Nossa Senhora auxiliadora, o Oratório oferecia “[...] aulas gratuitas diárias de Trabalhos Manuais no período das férias para as oratorianas, e crianças ou moças pobres”. (HISTÓRICO..., s.d). No colégio Dom Bosco, os meninos podiam participar de “[...] competições de lazer através das práticas esportivas.” (ADRI, 2006, p. 51). E no Santa Teresa, em Corumbá, a instituição registou: Os “[...] meninos que com os brinquedos aprendem as noções de catecismo e formam o pequeno clero para solenizar as funções da igreja.” (BAÉZ, 1988, p. 52).

³³ Padre Raimundo Conceição Pombo Moreira da Cruz é considerado o principal dramaturgo do Estado. Esse sacerdote salesiano passou parte de sua vida em Corumbá e Campo Grande. Em Cuiabá, integrou-se à comunidade do Colégio São Gonçalo, destacando-se como pregador, professor, diretor do colégio e escritor, cujas obras teatrais detinham grande popularidade. Presidiu o Conselho de Educação e foi membro da Academia Mato-Grossense de Letras, ocupando a cadeira número 4, que primeiro pertenceu a Dom Aquino Corrêa. Morreu em Cuiabá, em 29 de julho de 1996, aos 82 anos.” (ROLON, 2014, p. 37).

Fotografia 7 - Oratório Festivo no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

Fonte: Acervo Fotográfico CNSA.

Os oratórios ficaram conhecidos por levar a educação cristã de modo suave e atrativo, integrando as atividades de lazer, brincadeiras, competições, músicas e até mesmo acampamentos. Essa dinâmica oratoriana era o que atraía os jovens, com ou sem religião, para os oratórios salesianos.

Conforme documentação escolar, “Cada colégio deve ter o seu oratório anexo. É fonte das melhores vocações. Todos devem cuidar do Oratório Festivo: Padres, Clérigos e Irmãos. Vejam-se no Regulamento os artigos n 377, 378, 379, 380 & 381”. (REGIMENTO..., 1941). É possível considerar que o maior interesse na atividade oratoriana estava relacionado principalmente às “vocações”. Era necessário desenvolver ações que permitissem à Congregação Salesiana o abastecimento de agentes religiosos. Nos documentos escolares, a importância tanto do oratório quanto o uso do sistema efetivo do sistema preventivo eram constantemente lembrados e evidenciados pela inspetoria e compunham o regimento interno dos colégios.

O regulamento mencionado no Regimento Interno do Ginásio Santa Teresa, “*Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*” (1984), é somente um exemplo documental entre as ações desenvolvidas pela congregação com a principal finalidade de normatizar a prática dos salesianos em todas as casas. Na documentação salesiana, fica nítida a preocupação da congregação com a descaracterização das instituições e da possibilidade de inconsistência da pedagogia salesiana.

Nos estudos, folhetins, acampamentos e cartas, as inspetorias constantemente reforçavam o aperfeiçoamento dos dirigentes escolares e professores que atuavam na obra salesiana. Esses esforços procuraram consubstanciar uma unidade de práticas salesianas que viabilizasse uma distinção das instituições salesianas perante as demais instituições de ensino católicas.

2.3 OS SALESIANOS NO CAMPO ESCOLAR BRASILEIRO

O empenho na formação das elites chegou a mudar a vocação inicial de toda uma congregação religiosa, a dos salesianos. Eles tinham sido atraídos para o Brasil, ainda no período do Império, para instalar escolas para os filhos dos trabalhadores urbanos, conforme o modelo pedagógico do padre João Bosco, o fundador dessa congregação italiana. Mas, no período republicano, os colégios salesianos passaram a ministrar o ensino secundário, para o que contaram com pleno apoio oficial, inclusive a equiparação ao Ginásio Nacional. (CUNHA, 2017, p. 141).

Esse tópico tem por objetivo demarcar a trajetória e compreender as estratégias e direcionamentos empreendido pela Igreja Católica no campo educacional, com foco principal no ensino secundário, no período de 1930-1961. Evidentemente, a aproximação de alguns marcos da política educacional se mostra indispensável para compreender a intersecção entre campo político e educacional. Por se tratar de um período consideravelmente longo, o alcance do objetivo ora proposto não implica, necessariamente, o aprofundamento das questões relativas ao campo político e ao detalhamento das constantes reformulações governamentais decorrentes dos embates ocorridos no interior do campo político.

No século XIX, apesar do avanço do movimento republicano, as congregações europeias ultramontanas procuraram frear o avanço do liberalismo no campo educacional e, para isso, investiram em estabelecimentos de ensino secundário e procuraram consolidar um

[...] projeto educacional que objetivava a formação de cidadãos cristãos, disciplinados e virtuosos que, além de incorporarem as noções aprendidas no espaço escolar, fossem capazes de promover a reprodução desse modelo no espaço social. Para tanto, era necessário oferecer uma educação completa sedimentada na “obediência” e na “disciplina”, consideradas como meios eficazes para a formação da vontade. (BOSCHILIA, 2005, p. 96).

A Proclamação da República consolidou mudanças na estrutura social do país, as quais começaram a ser geradas décadas antes e somente se efetivaram completamente nas décadas seguintes. E, apenas alguns meses após a proclamação, a promulgação do Decreto n. 119-A, de

7 de janeiro de 1890, determinou o fim do padroado no Brasil, dando à República recém-criada um caráter laico.

Ao investigar a educação brasileira na Primeira República, Nagle (2001) afirma que a separação da Igreja do Estado não foi tão traumática como muitos anunciam, nem mesmo inesperada, já que o feito seguia uma tendência internacional. A ruptura foi considerada necessária para imposição do poder do Estado Republicano como gerenciador da realidade sociopolítica brasileira e para neutralizar possíveis conflitos de natureza ética e religiosa. Buscou-se, no entanto, assegurar uma postura diplomática com apoio da elite eclesiástica e da Santa Sé. (AQUINO, 2012).

De acordo com Miceli (2009), os católicos estabilizaram as fontes de receita, recuperaram o patrimônio imobiliário, reconstruíram e modernizaram as casas de formação e seminários, dinamizaram consideravelmente sua presença territorial e profissionalizaram os quadros profissionais. Esse conjunto de iniciativas possibilitou a ampliação das bases da Igreja Católica no Brasil durante a Primeira República, após o rompimento do padroado.

A Igreja continuou a atuar no campo educacional onde “[...] elementos religiosos estavam presentes em todos os aspectos sociais, e o poder da Igreja tinha grande força na imposição de comportamentos e regulamentações da sociedade.” (VALENTE, 2018, p. 109). Isso fez com que os ideais católicos permanecessem valorizados dentro do campo educacional, apesar do avanço dos ideais liberais.

Nesse período, a educação primária teve como principal objetivo a construção do sentimento republicano, a criação de um projeto de nação como projeto político e a formação cívico patriótica. Vislumbrando o progresso e a modernidade, o currículo da escola primária materializava as expectativas de mudança política, social e cultural a partir da

[...] difusão de elementos das ciências, das técnicas, das letras e das artes; de um lado, na constituição de culturas escolares distintas configuradas em diversos tipos de estabelecimentos de ensino e em modos diferenciados de distribuição e apropriação do conhecimento e de produção de disposições, de percepções de mundo e de pessoas. (SOUZA, 2008, p. 19).

Por outro lado, no ensino secundário a situação era diferente, pois sua principal função era o acesso aos cursos superiores. Destaca-se, nessa instância, a proliferação de colégios particulares, ensino enciclopédico predominantemente literário, matrículas avulsas, exames finais por disciplinas e a ausência de uma frequência mínima obrigatória. Nessa situação, o ensino secundário foi caracterizado por Souza (2008) como elitizado, e com uma precária tentativa de conciliação entre saberes literários e científicos.

Na primeira República, os poderes públicos procuraram promover reformas que dessem maior organicidade ao ensino secundário, tais como a Reforma Benjamin Constant (1880), a Reforma Rivadavia Corrêa (1911), a Reforma Carlos Maximiliano (1915) e a Reforma Rocha Vaz (1925). Essas reformas, no entanto, não foram capazes de romper com a descentralização do ensino, que havia sido regulamentada pelo ato adicional de 1834 da Constituição Imperial outorgada no ano de 1824.

O sentimento nacionalista, a necessidade de modernizar a sociedade e a afirmação de uma consciência nacional promoveu um novo despertar do liberalismo, sobretudo no campo educacional, a partir da década de 1920 e a educação foi tomada como algo decisivo para modernizar o país.

Agentes intelectuais especializados voltaram-se para o campo educacional com ideais inovadoras, projetos inspirados em modelos estrangeiros, experimentos empíricos para resolver os problemas educacionais que “impediam o avanço do país”. Essa situação foi denominada por Nagle (2001) como “otimismo pedagógico”, e a adesão coletiva a esse sentimento de poder transformador da educação e do conhecimento científico foi denominado “entusiasmo pela educação”.

O liberalismo educacional havia chegado à sociedade brasileira primeiramente encabeçando algumas reformas estaduais e, paulatinamente, se fortalecia no campo educacional. Esse avanço tirou as instituições católicas do conforto que elas desfrutaram nas primeiras décadas da República.

Os católicos, nesse momento, já desvinculados do Estado e do campo político, reorganizaram-se para promover a expansão do catolicismo a partir do campo religioso e educacional. De forma promissora, nas últimas décadas, haviam investido na recuperação do espaço perdido com estratégias para cristianizar a inteligência brasileira e formar de um grupo coeso de intelectuais.

A criação da Associação Brasileira de Educação, no ano de 1924, no Rio de Janeiro, configura-se como um importante marco para o campo educacional e para o fortalecimento das ideias liberais que avançavam a partir das reformas estaduais. A Associação funcionou como um meio de divulgação, debates, troca de ideias e agregava uma diversidade de agentes intelectuais, com diferentes posições políticas e pedagógicas referente às questões educacionais. Sobre a constituição dessa Associação, Veiga (2005, p. 254) esclarece:

Médicos, engenheiros, juristas, professores, escritores, jornalistas – diferentes intelectuais integraram o movimento de renovação educacional, alguns com passagem por Escolas Normais. Eles também se filiavam a distintos

movimentos políticos-ideológicos: havia liberais, democratas, católicos, esquerdistas.

Ocorre que a diversidade de profissionais e ideologias socializadas na ABE, que deveria beneficiar o campo educacional, acabou polarizando intelectuais com divergências de pensamentos. Diversos embates foram travados a respeito da estrutura curricular do ensino e das tendências pedagógicas, questionando o monopólio da Igreja no campo da educação. Dessa forma, a ABE configurou-se como um dos

[...] instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americanos um dos mais importantes, senão o maior, centros de coordenação e de debate para o estudo e soluções de problemas educacionais [...]. Em especial, as Conferências Nacionais, promovidas pela associação, aproximando educadores de todos os Estados e congregando-os em diferentes centros do país. (CARVALHO 1998, p. 31).

Assim, o liberalismo educacional – também conhecido como *escolanovismo* – conquistou o poder simbólico necessário para pressionar a política educacional em nível nacional. A partir de então, no período delimitado pela pesquisa, de 1930 a 1961, as reformas educacionais de ensino secundário passam a ser analisadas, principalmente como embates pela disputa e monopólio do campo educacional, conforme quadro 10.

Quadro 10 - Reformas do ensino secundário ocorridas no período (1930-1961)

1931 – Reforma Francisco Campos Decreto n.19.890, de 1931 Divisão em dois ciclos: Elementar e complementar	Normatizou a admissão no ensino secundário com as condições necessárias para o ingresso, tais como: idade máxima e mínima; período de inscrição; apresentação de atestado de vacina e sanidade mental; e realização de um exame que comprovasse uma satisfatória educação primária.
1942 – Reforma Gustavo Capanema Compreende um conjunto de 3 leis orgânicas em 1942, 1943, 1946. Divisão em dois ciclos: Ginásial e Colegial (clássico ou científico)	Colocou entre as finalidades do ensino secundário a de formar a personalidade integral do adolescente e de acentuar, na formação espiritual do educando, a consciência patriótica e humanística. Oficializou o método direto e introduziu artefatos didáticos modernos, como também reforçou o dualismo existente entre ensino primário e secundário.
1961 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n. 4024/61) Ensino médio dividido em dois ciclos: Ginásial e Colegial	Estabeleceu a equivalência entre cursos propedêuticos e profissionalizantes. Formação moral e cívica para o ensino secundário; observa-se no currículo uma redução das disciplinas humanísticas e maior ênfase nas disciplinas científicas. Ocorreu a regulamentação dos Conselhos Estaduais de Educação e a ampliação de oferta de vagas e o estabelecimento de ensino secundário público e privado.

Fontes: Brasil (1931; 1942; 1961).

Organização: Andrade, 2021.

As principais mudanças trazidas por essas reformas estiveram relacionadas à normatização do ensino, equiparação de estabelecimentos e diminuição ou acréscimo da distância entre ensino primário e secundário. Enfim, avanços e permanências permearam os debates engajados pelos agentes intelectuais no campo da educação.

Em 1931, Francisco Campos, o primeiro Ministro da Educação e Saúde, foi responsável por uma nova reforma realizada nesse nível de ensino, que se destacou porque “[...] deu organicidade à cultura escolar do ensino secundário.” (DALLABRIDA, 2009, p. 187). Apesar do avanço na organização do ensino, a reforma não apresentou significativas alterações nas concepções de ensino-aprendizagem.

Embora houvesse uma tentativa de apresentar inovações advindas do pensamento escolanovista, não conseguiu romper princípios pedagógicos educacionais tradicionalistas ou com uma estrutura altamente elitista do ensino. Por esse fator, desagradou os agentes intelectuais ligados a ABE, por tentar articular ideais liberais e tradicionais aos objetivos do governo, que se caracterizavam pela tentativa de industrialização e autoritarismo estatal.

A reforma promoveu a oficialização da disciplina de ensino religioso no currículo da escola secundária, mesmo sob forte pressão do movimento escolanovista, que se fundamentava na defesa de uma escola única, laica, gratuita e para todos. Apesar da oficialização do ensino religioso, a ala conservadora da ABE ligada à Igreja Católica mostrou-se contrariada pela defesa de alguns princípios renovadores, que feriam as ideias das instituições católicas.

Para os escolanovistas, a reforma esteve associada à manutenção de um sistema de ensino conservador e baseada em uma concepção ideológica autoritária, pois buscava “[...] produzir estudantes secundaristas autorregulados e produtivos, em sintonia com a sociedade disciplinar e capitalista que se consolidava, no Brasil, nos anos de 1930.” (DALLABRIDA, 2009, p. 187). Os embates ocorridos no período tiveram como principal consequência a organização dos renovadores em torno do movimento conhecido como “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” em 1932.

O Manifesto foi direcionado à população e ao governo, por meio de um documento com o qual se procurava consolidar “[...] a imagem de um grupo coeso, unido sob um código comum, inscrito na perspectiva escolanovista e informado por um mesmo ideal, qual seja o empenho na construção de uma nação democrática.” (XAVIER, 2012, p. 910). O documento foi escrito a partir da contextualização e da crítica em relação à dinâmica social do período, partindo-se do

diagnóstico não somente de uma educação inorganizada, mas também de uma sociedade desorganizada, dispersa, por apresentar diferentes níveis de cultura. (MANIFESTO..., 1932).

Para o grupo de agentes intelectuais católicos, o movimento de renovação pedagógica foi interpretado como um risco para a posição que havia sido conquistada pela Igreja Católica e poderia evoluir para uma descristianização da sociedade e para a ascensão de um domínio comunista.

Dessa forma, os intelectuais católicos se retiraram da ABE, para criar sua própria associação, a Confederação Católica Brasileira de Educação (CCBE), a fim de unificar e direcionar suas ações em defesa do ensino católico. Buscou promover unidade entre as associações escolares, filiando, em todo o país, os estabelecimentos de ensino leigos e religiosos que tinham orientação católica, e reunindo iniciativas menores chamadas de Associação de Professores Católicos (APC), já em funcionamento em diversos estados.

A criação da CCBE poder ser entendida como uma estratégia essencial para “[...] criar e perpetuar sua unidade, sua existência enquanto grupo, o que é quase sempre, [...] a condição da perpetuação da sua posição no espaço social” (BOURDIEU, 2004, p. 94).” Essa é uma forma eficiente de continuar orquestrando um *habitus* religioso necessário para garantir a preservação do grupo, mantendo os professores católicos adeptos aos princípios cristãos e os protegendo de possíveis influências liberais.

O ataque ao movimento renovador teve como uma de suas maiores expressões o periódico católico **A Ordem**³⁴, que, de acordo com Cury (1986, p. 23), percebeu no texto do Manifesto “[...] frestas que deixavam entrever as oposições internas, passam ao ataque direto, acusando-o de documento socialista e comunizante.”

Outra estratégia da Igreja Católica Brasileira para a manutenção de sua posição no campo social e educacional foi a chamada **Ação Católica Brasileira**, fundada no ano de 1935, por iniciativa de Sebastião Leme, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, integrando todos os estados, dioceses e paróquias católicas do território brasileiro. A iniciativa foi uma resposta a solicitações do Papa Pio XI para que fossem fundadas associações leigas católicas. O

³⁴ Revista católica de periodicidade mensal, fundada no Rio de Janeiro, em 1921, sob a direção de Jackson de Figueiredo e extinta em 1990. [...] **A Ordem** tinha como objetivo divulgar as concepções doutrinárias, políticas e filosóficas católicas e combater a indiferença e a oposição à Igreja. Também buscava aumentar a influência dessa instituição na sociedade, angariando o apoio de intelectuais para um projeto conservador de salvação nacional, baseado na defesa da moral e da ordem. Entre seus colaboradores, destacaram-se intelectuais como Jonatas Serrano, Osvaldo Aranha, Carlos de Laet, Bandeira de Melo, Leonardo Van Acker, Alceu Amoroso Lima, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Cornélio Pena, entre outros.

Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ORDEM,%20A.pdf> Acesso em: 15 de abril de 2020.

movimento se intitulava como “milícia de Jesus” e tinha como objetivo conquistar leigos católicos para o apoio dos projetos nos diversos campos da sociedade civil, a fim de combater o liberalismo e o comunismo.

Até o ano de 1950, a ACB atuou em uma frente única com a Ação Católica Geral. Posteriormente, de 1950 a 1960, adquiriu um caráter especializado, com a organização em grupos menores, que funcionavam como “[...] ‘divisões de um exército’ para impedir um recuo maior da Igreja e preparar a reconquista do terreno perdido.” (SOUZA, 2006, p. 42). Esses grupos foram assim denominados:

- Juventude Católica Brasileira (JCB)
- Juventude Feminina Católica (JFC)
- Juventude Estudantil Católica (JEC)
- Juventude Universitária Católica (JUC)
- Juventude Operária Católica (JOC)
- Homens da Ação Católica (HAC)
- Liga Feminina de Ação Católica (LFAC)

A ACB considerava-se um grupo ativista de militância católica, com a finalidade de integrar todas as classes sociais em um projeto social de luta contra a profanidade e a regeneração da sociedade nos princípios cristãos.

Os salesianos mostram-se atuantes no campo jornalístico com diversos periódicos inseridos na lógica ultramontanista de cristianização da sociedade brasileira, mas também de divulgação da obra salesiana. No campo escolar, esses periódicos foram importantes para tornar conhecida e reconhecida a obra salesiana. A seguir, são elencadas algumas dessas iniciativas de maior representatividade:

- **Revista Santa Cruz** – Fundada em 1900, na cidade de São Paulo. Revista mensal que contemplava assuntos pedagógicos além de geografia, religião e noticiário. Era utilizada também para divulgar os produtos fabricados nas oficinas profissionalizantes do Colégio Liceu Coração de Jesus.

- **Revista Luz de Maria** – Fundada em 1919, na cidade de Niterói, destinada ao público feminino com a publicação de contos, artigos apologéticos e poesias.

- **Revista Matto Grosso** – Fundada em 1904, na cidade de Cuiabá. Revista mensal de ciências, religião, literatura e variedades com publicações destinadas à defesa de seus interesses políticos e divulgação do Liceu São Gonçalo.

Figura 8 – Revista Salesiana “Santa Cruz”



Fonte: Acervo CSPD.

Figura 9 – Revista Salesiana “Matto-Grosso”



Fonte: Acervo CSPD.

Além dos periódicos, os salesianos prosseguiram com as orientações de Dom Bosco, exercendo o seu próprio enfrentamento às ideias liberais, que cresciam no início do século XX, utilizando as **Leituras Católicas** como meio de divulgação e proteção da fé, tanto na Europa quanto no Brasil.

No Brasil, as Leituras Católicas tiveram início já no ano de 1890, em Niterói, por iniciativa do Diretor da primeira instituição salesiana, o Colégio Santa Rosa, que utilizou o equipamento editorial da instituição presente nas escolas profissionais e inseriu sua publicação nas práticas educativas da instituição.

De acordo com Azzi (1983), apesar de numerosas, tais publicações continham muitas limitações e pouco contribuíam para o ganho de novos fiéis ou apoiadores, pois atingiam somente agentes já imersos no campo religioso católico. As edições tratavam de textos traduzidos do italiano em estilo europeu, pouco ou nada contextualizados à realidade brasileira.

De uma maneira geral, é possível afirmar que, nesse momento de tentativa dos católicos ultramontanistas para conter os avanços da modernidade dos discursos laicistas, que ganhavam força no campo político e educacional, a imprensa e os intelectuais católicos se viram sobre a necessidade de tomar de empréstimo discursos escolanovistas e os adequar e traduzi-los para uma visão de mundo que julgavam adequada e compatível aos princípios religiosos.

O grupo católico viu a necessidade de modernizar o discurso educacional empreendido no campo e transformar suas concepções educacionais tradicionais para assegurar a adesão do corpo docente. Os professores precisavam continuar a se identificar com a pedagogia católica e acreditar nela e, para isso, viabilizaram alguns pontos de aproximação do discurso escolanovista.

Os salesianos se ampararam na militância do grupo católico sem a necessidade de protagonizar embates voltados para a política educacional. Nesse sentido, o protagonismo salesiano voltou-se, principalmente, para o campo jornalístico, com ações que convergiam para os interesses do grupo e, além disso, acompanharam de perto o trabalho realizado pela Ação Católica no cenário nacional. No sul do antigo Mato Grosso, os salesianos se envolveram ativamente com campanhas e projetos, bem como se mobilizaram e engajaram suas instituições escolares para o fortalecimento da fé católica e para a manutenção das instituições católicas em posição de destaque dentro do campo educacional.

CAPÍTULO III

TRADIÇÃO E RELIGIÃO: OS SALESIANOS NO CAMPO EDUCACIONAL NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO

Tudo ainda por fazer! Sem indústria, sem comércio, sem estradas, sem população, a província, conseqüentemente não tinha instrução, apesar dos regulamentos e da boa vontade de meia dúzia de governantes e mestres. (LEITE, 1940, p. 86).

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o contexto da chegada dos salesianos no antigo Mato Grosso, além de identificar marcos políticos e econômicos da época, que oportunizaram a implantação de instituições educativas no sul do estado.

De acordo com Gervásio Leite (1940), em Mato Grosso, tanto o Império quanto a República tiveram que lutar contra a “fatalidade geográfica”, ou seja: grandes distâncias, baixa densidade demográfica e dispersão de cidades, que dificultavam o acesso à educação. “A república trouxe a preocupação da escola sem Deus e o formalismo do ensino obrigatório. Mas a obrigatoriedade decorria das possibilidades orçamentárias [...]” (LEITE, 1940, p. 92). Com um corpo docente pouco instruído e mal remunerado, a obrigatoriedade estava sendo unilateral, gerando um mito sobre a obrigatoriedade do ensino que não supria as demandas da população infantil.

É nesse cenário que os empreendimentos relativos à consubstanciação do ensino e à necessidade de modernização do estado se iniciam nas últimas décadas do século XIX e durante toda a primeira metade do século XX. Processo esse que acompanha o desenvolvimento e avanço do modo de produção capitalista em todo o mundo.

No sul do antigo Mato Grosso, a pecuária, a charqueada, o couro e a “[...] criação extensiva de gado foi responsável pela ocupação de grande parte do território do sul de Mato Grosso, especialmente pela formação dos núcleos populacionais [...]” (TOLENTINO, 1986, p. 161). Essa base econômica configurou uma população rural, os grandes latifúndios, a dispersão de cidades e a baixa densidade populacional. No setor terciário, destacaram-se a presença de imigrantes paraguaios, italianos, sírio-libaneses e japoneses, que estiveram à frente de casas de comércio, fazendo o intermédio de compra e venda e abastecendo a população local com produtos adquiridos em outros estados.

Dada as especificidades regionais, as “elites” consituíram-se não necessariamente como uma elite política e intelectualizada, mas sim como uma elite latifundiária. Nesse sentido, além dos agentes vinculados à agropequária, a classe dominante abarcaria também o setor do funcionalismo público, os profissionais liberais e os comerciantes.

Esse grupo dominante tornou-se uma das principais bases de apoio à obra salesiana, principalmente no campo educacional. Estiveram diretamente ligados à doação de terrenos e verbas para a manutenção das instituições e à realização de eventos escolares de grande porte. Tal fato viria a contribuir, mais tarde, para a construção de uma elite política intelectualizada no sul do estado. Dessa forma, a atuação salesiana no campo educacional adentra ao processo de modernização da região.

Além disso, o Porto de Corumbá, juntamente com a estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB), atuaram como duas molas propulsoras de desenvolvimento da região. (QUEIROZ, 2011). O porto, favorecido por sua localização fronteiriça, colocou o sul do antigo Mato Grosso no cenário nacional e internacional capitalista. De acordo com Alves (2003), a reabertura do porto possibilitou a ancoragem de navios de grande e médio porte provenientes de outros países sul-americanos, abasteceu as casas comerciais do sul e do norte do estado e contribuiu para o processo de modernização da produção agrícola com a vinda de novos maquinários.

Corumbá cresceu beneficiada por sua localização geográfica e pela reabertura do Rio Paraguai, o qual oferecia condições de navegação razoável, levando o município “[...] a arrebatá de Cuiabá a posição de principal polo comercial da província. A porção mato-grossense situada no vale do rio Paraguai passou, de certa forma, [...] a fazer parte do espaço econômico platino.” (QUEIROZ, 2011, p. 123).

A chegada do telégrafo e da eletricidade, juntamente com a construção da NOB, fomentaram o processo de ocupação do estado no percurso da ferrovia a partir da migração de trabalhadores envolvidos em sua construção. Nesse sentido, a construção da ferrovia marcou uma onda de migração para a região, em 1914, principalmente para a cidade de Campo Grande, proporcionando um arranjo urbano comercial em uma localidade que até então se mostrava pouco expressiva no contexto da região sul.

De acordo com Oliveira Neto (2003), os trilhos da ferrovia colocaram a cidade de Campo Grande na rota comercial, fazendo com que desempenhasse um papel estratégico no processo de integração nacional, uma vez que o município se tornou uma alternativa viável de ligação rápida e direta com centros comerciais brasileiros do sudeste brasileiro (Rio de Janeiro e São Paulo).

Destaca-se, ainda, o importante papel da ferrovia e do porto de Corumbá para o abastecimento de profissionais que viriam atuar no campo educacional. Assim como o porto facilitou a chegada da Congregação Salesiana e das Filha de Maria Auxiliadora, a ferrovia também contribuiu para a vinda de normalistas cuiabanas e paulistas em busca de oportunidades de trabalho no campo escolar do sul do antigo Mato Grosso.

3.1 CHEGADA DA CONGREGAÇÃO NO SUL DO ANTIGO MATO GROSSO: IMPLANTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA MISSÃO SALESIANA

[...] o maior apoio recebido pelos padres-educadores é a liberdade de ação e o reconhecimento da obra salesiana por parte da elite dirigente. Em sintonia com o episcopado nacional, buscam “reconquistar” a influência católica em duas frentes: junto às massas – pelo trabalho nas paróquias e ensino profissional – e junto às elites dirigentes – na educação dos filhos destas mesmas elites que, no caso de Mato Grosso, não tinham muitas opções quanto a possibilidades de estudo. (FRANCISCO, 2013, p. 3).

Esse tópico tem como objetivo abordar a aproximação do processo de implantação das instituições educacionais salesianas no sul do antigo Mato Grosso, considerando que é num cenário de expansão e proteção da fé católica no bojo do movimento ultramontanista que os salesianos iniciam suas obras no estado.

As contribuições de Francisco (2010) asseveram que a chegada dos salesianos foi fruto da solicitação do episcopado mato-grossense e do governo do estado para prestar serviços à Diocese de Cuiabá, além de empreender trabalho missionário e civilizatório com o grande contingente de indígenas da região.

De acordo com Manfroi (1997), a escolha pela fronteira oeste brasileira para a instalação de obras salesianas se relaciona com a posição estratégica do ponto de ancoragem entre a capital brasileira e os demais trabalhos desenvolvidos pelos salesianos no Paraguai, Uruguai e na Argentina. Além desse fato estratégico, é possível identificar ainda um fator religioso. Na base da filosofia partilhada pelos salesianos, estão os sonhos³⁵ de Dom Bosco, para os quais foram

³⁵ A literatura religiosa até o momento registra 48 sonhos de Dom Bosco. Apesar de esse número não ser consensual, sabe-se que Dom Bosco guiava sua congregação tendo como direcionamento a interpretação que fazia desses sonhos, os quais ele considerava como a voz de Deus. Os principais exemplos estão nos sonhos que inspiraram o trabalho de Dom Bosco com a juventude e os meninos de rua, e os que impulsionaram a expansão da obra salesiana para a América do Sul. Um dos sonhos foi interpretado como a construção da capital brasileira, Brasília, fazendo com que, anos depois, com a cidade erguida, ele fosse escolhido padroeiro da cidade. Os sonhos foram organizados em ordem cronológica e estão disponíveis para acesso em: http://jovensdacruz.com.br/wp-content/uploads/2018/03/Sonhos_de_Dom_Bosco.pdf. Acesso em: 15 de julho de 2020.

atribuídos significados de valor sobrenatural. Tal fator, valorizado na ótica do campo religioso, legitimou Dom Bosco com portador de uma mensagem divina.

A experiência com o sobrenatural pode ser entendida na dinâmica do campo religioso a partir da subjetividade da experiência religiosa que se objetiva socialmente por meio das práticas e dos discursos, sendo capaz de dar sentido à existência dos que integram o grupo. Isso porque a religião é um sistema simbólico de comunicação e pensamento e age como uma força estruturante da sociedade, formando uma totalidade coerente ao assumir a produção de sentido e a construção de experiências. (BOURDIEU, 2005).

Nesse sentido, o poder simbólico que rege o campo religioso aponta para a força da crença coletiva como responsável pela consagração, definindo, inclusive, “As categorias de sagrado e profano, material e espiritual, eterno e temporal, o que é do céu e o que da terra, funcionam como alicerces sobre os quais se constrói a experiência vivida.” (OLIVEIRA, 2003, p. 179).

Foi a partir de um sonho que Dom Bosco iniciou o trabalho com a juventude menos favorecida na Itália. E foi um sonho de Dom Bosco que confluiu, dentre outros fatores, para a expansão da obra salesiana na planície central brasileira. No referido sonho, Dom Bosco,

[...] percorreu a América do Sul, em viagem de trem, indo dos Andes à Patagonia. “Via minas numerosas de metais preciosos, jazidas inexauríveis de carvão fóssil depósitos abundantes de petróleo. Mas isso não era tudo. Entre os paralelos 15 e 20, havia um vale muito largo e longo. Então uma voz me dizia repetidamente: quando forem escavadas as jazidas do meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida manando leite e mel. Será uma riqueza inconfundível [...] isso acontecerá antes que passe a segunda geração”. (BÁEZ, 1988, p. 19).

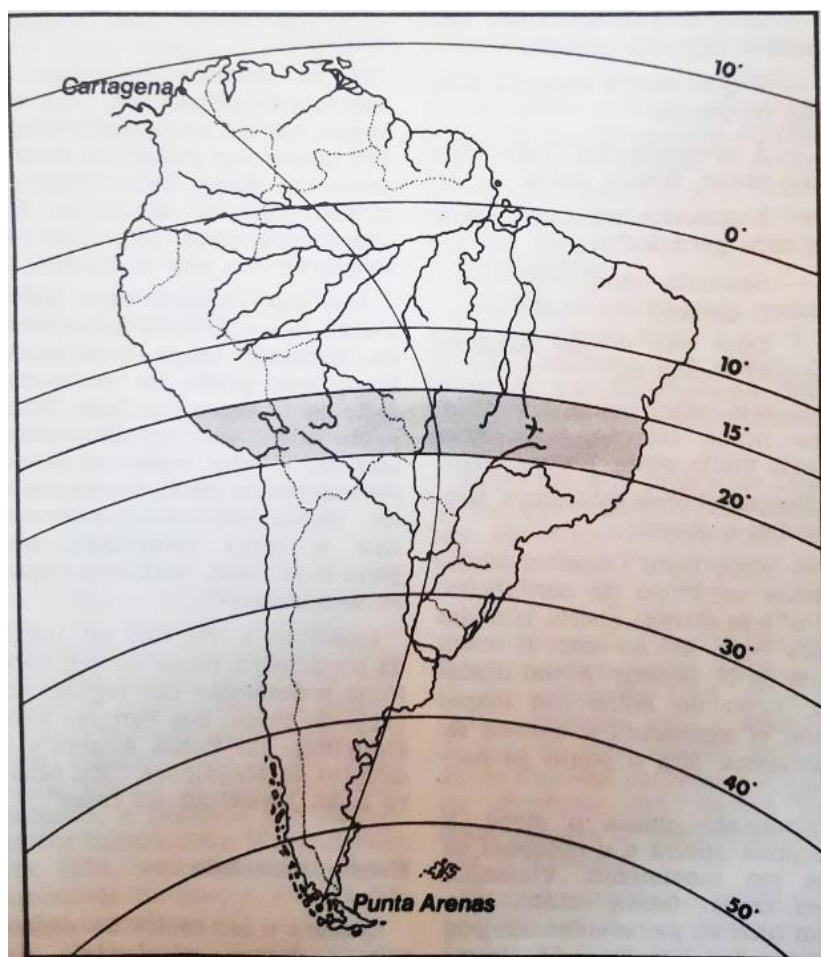
Para a congregação, o sucesso da obra salesiana nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás³⁶ e Minas Gerais é a legitimação dos sonhos de Dom Bosco, para os quais a riqueza e a abundância são interpretadas como a quantidade de almas para Cristo.

A figura 10 apresenta o esboço simplificado de um mapa da América Latina juntamente com os paralelos imaginários que cortam o território. Em destaque, com a cor cinza, está o registro da área mencionada no sonho de Dom Bosco. A figura foi extraída do livro “O profeta do Pantanal³⁷”, de Renato Báez (1988).

³⁶ Há de ressaltar ainda que a literatura e a congregação salesiana consideram que a profecia de Dom Bosco conduziu o destino de Brasília, com a transferência em construção da capital federal.

³⁷ A referida obra da literatura regional compreende uma importante fonte que auxilia a compreensão da trajetória empreendida pelos salesianos no sul do antigo Mato Grosso, mas principalmente na cidade Corumbá. O livro foi escrito por Renato Báez em colaboração com os membros da atuante associação dos ex-alunos de Dom Bosco.

Figura 10 – Mapa da América latina e coordenadas do sonho de Dom Bosco



Fonte: BÁEZ (1988)

A literatura regional registra que, tendo recebido Dom Lasagna a incumbência de abrir missões entre os índios do Brasil, vindo do Uruguai, visitou Mato Grosso e encontrou um ponto de partida para a obra indígena salesiana, com apoio do episcopado e do governo. (MARCIGAGLIA, 1945; BÁEZ, 1988).

O censo demográfico do estado de Mato Grosso contribui para a compreensão da composição do campo religioso no período, bem como para a distribuição dos agentes sociais no interior do campo, conforme dados disponíveis nas Tabela 1.

Tabela 1 - Dados sobre religião no estado de Mato Grosso

Ano	Religiões		
	Católicos Romanos	Protestantes	Espíritas
1900	111. 842	142	--
1920	406. 146	7.264	5.899
1950	483.590	10.215	12.594
1960	827.186	33.650	15.427

Fonte: Censo Demográfico e Econômico (IBGE), 1956.

Organização: Andrade, 2020.

A Tabela 1 demonstra as três principais religiões e a quantidade de adeptos em cada uma delas, entre os anos de 1900 e 1960, em todo o estado do Mato Grosso. É possível observar a disparidade numérica entre as três principais religiões. Esse censo levou em consideração, ainda, religiões como o budismo, o islamismo, o catolicismo ortodoxo e o judaísmo, que, apesar de estarem presentes, apresentaram números com porcentagens muito pequenas.

Favorecidos pela composição do próprio campo religioso, os salesianos estimulados pela hierarquia eclesiástica brasileira, vieram a se instalar em Mato Grosso, a fim de dar assistência religiosa e desenvolver a catequese missionária junto aos povos indígenas da região.

Aqui, os documentos localizados no Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSDP) constituem-se como a principal fonte de pesquisa para a compreensão desse processo, no qual destacam-se diários de viagem das “Missões Salesianas em Mato Grosso (1894-1908)”. Esse diários relatam a trajetória dos primeiros missionários e registram o motivo de expansão do trabalho para o estado de Mato Grosso.

Fundarão-se os importantes collegios de Niteroy, S. Paulo, Recife, Bahia, Minas e vinte outros que cooperão eficazmente para o futuro de nossa pátria. Em Matto Grosso as necessidades não erão inferiores ás dos outros Estados; era notória a deficiência de ministros de Christo e a juventude desvalidada reclamava a educação e a luz da sciencia. Já em 1882, S. Ex^a Revma o Snr. Bispo de Cuyabá, solicitára para a sua diocese missionários de D. Bosco e em 1893, o Exmo snr. D. Manuel José Murtinho, presidente do Estado, escrevia a Dom Lasagna pedindo Padres Salesianos especialmente para fundação em Cuyabá de um estabelecimento de educação; para o que oferecia S. Ex^a. Omais decidido apoio moral e concurso material. Em 24 de Maio de 1894 partia do Rio da Prata uma expedição de missionários regidos por D. Luiz Lasagna, de santa memoria. Em 18 de junho forão solememente recebidos em Cuyabá, onde S. Ex^a o Snr. Bispo diocesano entregou-lhes a direção da Igreja prochial de São Gonçalo e o edifficio annexo. (OLIVEIRA, 1908, p. 12).

O registro dos primeiros trabalhos salesianos desenvolvidos no estado evidência, entre outras coisas, a incorporação de um discurso nacionalista e patriótico, encampando pelo movimento republicano e um apelo à ciência, agora usada para alavancar a obra das congregações católicas. Além disso, as memórias escritas nos diários reiteram a solicitação feita pelo episcopado mato-grossense para a vinda da congregação, que reconheceu a necessidade de implantação da obra no estado pela “deficiência de Ministros de Cristo”, ou seja, clérigos atuantes no campo religioso para trabalhar na região.

Seguindo orientações da congregação, os salesianos não se lançaram imediatamente no trabalho indígena, todavia se estabeleceram primeiramente junto à população urbana, a fim de tomar conhecimento da cultura da região, da língua, dos costumes e desenvolver trabalho com a juventude para que assim pudessem estabelecer relações sociais. (CASTRO, 2014).

Antes mesmo do trabalho com a população indígena, os salesianos começaram a competir no campo educacional com o ensino leigo representado pelo Liceu Cuiabano (1880), única instituição de ensino secundário do estado. Os padres salesianos instalaram-se inicialmente em Cuiabá, tendo como sua primeira casa o Liceu São Gonçalo, em 1884, onde começaram, já no primeiro ano, a desenvolver, no campo educacional, o ensino profissional, a atividade nos oratórios e o ensino complementar (ginasial). De acordo com os registros, o crescimento da instituição parece ter acontecido rapidamente, pois

As pequenas salas do edificio da matriz de São Gonçalo haviam-se tornado já angustas para o numero sempre maior de alunos que diária se matriculavão. Com o auxilio do Governo fizeram os Salesianos aquisição de uma chácara de grandes terrenos, em posição assás conveniente para alunos internos e externos. (OLIVEIRA, 1908, p. 13).

O apoio governamental, descrito nas memórias de implantação do Liceu São Gonçalo, voltaria a se repetir com a instalação das demais instituições salesianas implantadas no estado. Vale ressaltar que, de acordo com o Gervásio Leite (1940), naquele momento, a principal preocupação do governo em relação à educação era a de solidificar e dar substância ao ensino primário, portanto o investimento no ensino secundário ainda era um assunto que ficava em segundo plano.

Em vez de realizar investimentos para a criação de novas instituições, o governo passou a investir nas subvenções de instituições privadas, que viriam a atender, principalmente, as elites regionais. Portanto, as iniciativas confessionais que se voltavam aos demais ramos do ensino e à ampliação do campo escolar eram bem-vindas.

Nesse mesmo período, em 1894, as Filhas de Maria Auxiliadora chegam ao estado para apoiar a obra missionária, que havia sido iniciada com o povo Bororo pelos salesianos de Dom Bosco na Colônia Teresa Cristiana. Nesse ínterim, as irmãs viram a necessidade de se firmarem também na capital do estado fundando uma casa de apoio às missionárias em trânsito. Nessa ocasião, foram convidadas a assumir a direção o Asilo Santa Rita, em Cuiabá. A partir do aceite e do fim de sua primeira experiência no campo educacional do estado, as salesianas iniciam o processo de expansão com atuação própria.

Paralelo ao trabalho com indígenas, as FMA e os SDB expandiram suas atividades. No campo educacional, no ensino primário, secundário e superior, e também em diversas modalidades, com escolas profissionais comerciais e agrícolas. No campo da saúde e assistência social, assumiram hospitais, orfanatos e trabalharam em oratórios. No campo religioso, atuaram em seminários, na formação do clero e assumiram paróquias. Os quadros 13 e 14 relacionam as casas salesianas fundadas em Mato Grosso, a partir da chegada dos salesianos até o ano de 1961, considerado marco final da presente investigação.

Quadro 11 - Fundação das casas salesianas da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório em Mato Grosso até 1961

ANO	OBRA/LOCAL	ATIVIDADE
1894	Liceu salesiano São Gonçalo / Cuiabá-MT	Ensino fundamental e Oratório
1895-1898	Colônia Teresa Cristina / Teresa Cristina- MT	Atendimento ao povo Bororo e Escola de ensino fundamental
1897	Patronato Santo Antônio / Coxipó da Ponte-MT	Noviciado e Oratório Festivo
1898-1901	Coxipó da Ponte-MT	Igreja, Oratório Festivo, Capelania
1899	Colégio Salesiano Santa Teresa Corumbá-MS	Ensino fundamental e Oratório
1901	Colônia do Sagrado Coração de Jesus / Barreiro-MT	Atendimento ao povo Bororo
1902-1911	Oratório São Miguel / Ladário-MS	Oratório Festivo
1905-1923	Colônia Imaculada Conceição / Rio das Garças-MT	Atendimento ao povo Bororo
1906	Colônia de São José Sangradouro – MT	Atendimento ao povo Bororo
1907-1920	Colônia Agrícola Industrial / Palmeiras-MT	Ensino fundamental, agrícola e profissionalizante
1916-1974	Residência Salesiana / Araguaia-MT	Atividades paroquiais
1920-1929	Paróquia da Imaculada Conceição / Aquidauana-MS	Paróquia e Oratório Festivo
1921	Residência Salesiana / Alto Araguaia-MT	Paróquia
1921-1935	Paróquia N.S Auxiliadora / S. Rita do Araguaia-GO	Paróquia e Oratório Festivo
1924	Paróquia de Santo Antônio / Três Lagoas-MS	Paróquia
1924	Inspetoria Salesiana / Campo Grande-MS	Paróquia
1930	Colégio Dom Bosco / Campo Grande-MS	Ensino fundamental e Oratório
1930-1942	Paróquia São José / Ponta Porã-MS	Paróquia
1932-1963	Seminário Imaculada Conceição / Cuiabá-MT	Seminário diocesano
1934	Colônia Indígena Sagrado Coração / Meruri-MT	Atendimento ao povo Bororo da obra de Barreiro
1934	Comunidade Dom José Selva / Guiratinga-MT	Escola de ensino fundamental, Paróquia e Oratório Festivo
1934	Patronato São João Batista Poxoréo-MT	Ensino fundamental e Oratório Festivo
1939	Paróquia do SS.Redentor / Alto Araguaia-MT	Paróquia, Oratório, ensino fundamental

1940-1942	Obra Sant'Ana - Anápolis- GO	Paróquia, Oratório, ensino fundamental
1942	Complexo Salesiano - Lins- SP	Ensino fundamental, comercial, Paróquia e Oratório
1944	Instituto Pedagógico S. Vicente / Campo Grande- MS	Escola de ensino fundamental agrícola
1944-1974	Ginásio Municipal / Tupã- SP	Aspirantado, ensino fundamental e Oratório
1949	Colégio Salesiano D. Luiz Lasagna/ Araçatuba- SP	Paróquia, Escola de ensino fundamental e Oratório Festivo
1949-1970	Seminário Diocesano do Coração Eucarístico - Campo Grande- MS	Seminário diocesano
1950-1984	Ginásio Salesiano S. Domingos Sávio/ Lucélia- SP	Escola de ensino fundamental e Oratório Festivo
1950-1961	Missão Salesiana - Xavantina- MT	Atendimento ao povo Xavante
1954-1961	Missão Salesiana - Santa Teresinha- MT	Atendimento ao povo Xavante
1956	Instituto Dom Bosco / Indápolis,Dourados - MS	Aspirantado, Escola de ensino fundamental e agrícola
1956	Comunidade Salesiana / Barra dos Garças- MT	Paróquia e Capelania
1958	Colônia Indígena São Marcos / Barra dos Garças- MT	Atendimento ao povo Xavante
1958-1991	Colônia Indígena Xavante / São Marcos- MT	Atendimento ao povo Xavante
1961	Cidade Dom Bosco / Corumbá- MS	Obras sociais, Ensino fundamental e profissionalizante
1961-1978	Patronato Dom Aquino Maracajú – MT	Paróquia

Fonte: Centro Salesiano de Educação e Pesquisa.

Organização: Andrade, 2021.

Vale ressaltar que o Quadro 11 traz apenas iniciativas relacionadas à ala masculina da Congregação Salesiana, isso porque as Filhas de Maria Auxiliadora dispõem de uma outra organização inspetorial autônoma e de diferente configuração.

Quadro 12- Casas salesianas fundadas pelas filhas de Maria Auxiliadora em Mato Grosso

ANO	OBRA/ LOCAL
1895-1903 / 1922-1972	Asilo Santa Rita / Cuiabá-MT
1895-1898	Colônia Tereza Cristina / Coroados-MT (atendimento aos Bororos)
1898	Casa Maria Auxiliadora / Caxipó da Ponte-MT
1902	Colônia S. C. de Jesus /Meruri-MT
1903-1903	Asilo Imaculada Conceição / Cuiabá-MT
1904-1984	Ginásio Imaculada Conceição / Corumbá-MS
1905-1922	Colégio Santa Catarina / Cuiabá-MT
1905-1922	Colônia Indígena Imaculada Conceição / Cuiabá-MT
1908-1912	Colégio Maria Auxiliadora / Ladário-MS
1911	Colônia São José / Sangradouro-MT (atendimento aos Bororo e Xavante)
1913	Hospital de Corumbá / Corumbá-MS
1914-1920	Casa de Palmeiras / Palmeiras-MT
1917	Colégio Maria Auxiliadora / Araguaia-MT
1919-1989	Santa Casa de Misericórdia / Cuiabá-MT
1926	Colégio e Escola Normal N. Senhora Auxiliadora / Campo Grande-MS
1927-1935 /1939	Instituto Maria Auxiliadora / Alto Araguaia-MT

1928-1981	Hospital Beneficente / Campo Grande-MS
1929	Hospital Nossa Senhora Auxiliadora /Três Lagoas-MS
1931	Instituto Santa Terezinha

Fonte: Crônicas das Casas das Filhas de Maria Auxiliadora de Mato Grosso estão no Arquivo da Inspetoria Imaculada Auxiliadora, em Campo Grande (AIIA), e no Arquivo da Inspetoria Nossa Senhora da Paz, em Cuiabá (AINSP)

Organização: LOPES, 2006.

A primeira coluna dos Quadros 11 e 12 apresentam o ano da implantação da casa e o ano do encerramento das atividades. Nos casos em que há apenas uma data, as atividades ainda continuam ativas. O destaque nos quadros refere-se às instituições de ensino secundário que funcionaram durante a pesquisa – sete instituições masculinas e 3 femininas.

Os quadros foram organizados de acordo com a atual documentação arquivada nas inspetorias e, por isso, fez-se a distinção entre estabelecimentos do estado de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo, além de atualizar as nomenclaturas referentes ao campo educacional como, por exemplo, a expressão ensino fundamental.

O trabalho com os povos indígenas contempla o maior volume de obras salesianas implantadas no estado. Foram instaladas um total de 145 bases missionárias em Mato Grosso, com o apoio material e político do governo estadual. Foram constituídas, também cinco colônias missionárias: Tereza Cristina, Sagrado Coração de Jesus, Imaculada Conceição, São José e Gratidão Nacional, todas voltadas ao trabalho com os índios Bororo. (WIRTH, 1971).

Em um primeiro momento, os salesianos tiveram como objetivo o alcance dos Bororo, mas, posteriormente, sob a direção de Padre Antônio Malan, o trabalho foi expandido a fim de alcançar os Xavante. Os diários da missão salesiana registravam o início desse trabalho da seguinte maneira,

Padre Malan, verdadeiro temperamento de missionário, ainda há pouco, batizou grande numero de crianças e fez o casamento religioso de alguns índios bororos e dos seus caciques Joaquim e Major, aos quaes doou casas, terrenos cultiváveis, criações e ferramentas de trabalho. Na colônia do Sagrado Coração, uma das mais properas, se constitui uma banda de música, em que só figuram 21 meninos bororos. Esta banda, única em seu gênero em todo o Brazil, virá ao Rio de Janeiro, por ocasião da exposição nacional ali projectada; e estamos certos de que será uma das notas mais vivas e sugestivas naquele certâmen industrial, e mais um testemunho de quanto se esforçam os denodados salesianos do longuo Estado no empenho de attrahir á civilização tantos milhares de índios, que por lá vagueiam por inhospedas paragens. (OLIVEIRA, 1908, p. 169)

Para os salesianos, o trabalho com os povos indígenas era um meio para salvação das almas e civilização indígena, como também de desenvolvimento cultural para a região. Assim,

como os quadros de implantação das casas salesianas, os diários possibilitam a compreensão da integração das duas alas salesianas para trabalhar em conjunto em uma mesma região. E, por isso, embora o diário de missões salesianas seja escrito por integrantes da ala masculina da congregação, não é deixado de ressaltar o papel das Filhas de Maria Auxiliadora, envolvidas nesse projeto civilizatório e educacional com os indígenas do estado.

É da maior justiça archivar nestas páginas benemérita Congregação de Irmãs Filhas de N. S. Auxiliadora que, na educação das índias e das crianças em geral, têm se revelado verdadeiras heroínas da fé, no espírito de abnegação e de trabalho, com que tão admiravelmente secundam o zelo apostólico dos Missionários. (OLIVEIRA, 1908, p. 17).

O trabalho das Filhas de Maria Auxiliadora chamou a atenção no campo religioso devido ao crescimento rápido do trabalho dessas salesianas, principalmente por mandar missionárias para o exterior dois anos após a criação da congregação feminina.

Devido às atividades desenvolvidas com a juventude no Liceu São Gonçalo e com os indígenas Bororo, os salesianos ganharam admiração e espaço na sociedade mato-grossense como um todo, além do apoio das autoridades. Esse apoio, viria a se tornar essencial para a ampliação da presença salesiana no campo educacional nas décadas seguintes, tanto em relação aos filhos das elites locais nas instituições de ensino secundário quanto com a juventude menos favorecida nas escolas profissionais.

3.2 A IMPLANTAÇÃO DO CURSO SECUNDÁRIO NAS INSTITUIÇÕES CONFESSIONAIS SALESIANAS

Para uma ideia mais precisa sobre a educação da época, basta lembrar que até 1914 só havia um ginásio em Mato Grosso: O Liceu Cuiabano. Era altamente seletivo o sistema de ensino então. O ginásio era um grau de escolaridade onde poucos chegavam. (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 1999, p. 172).

Após a compreensão do contexto de chegada da Congregação Salesiana, o presente tópico tem como objetivo identificar e apresentar as principais instituições implantadas pelos salesianos durante o período selecionado pela pesquisa (1917-1961) no sul do antigo Mato Grosso, a fim de identificar as especificidades do processo de implantação de cada uma delas e mapear a dinâmica interna do campo educacional no sul do estado.

Apesar das valiosas contribuições de Francisco (2010) e Castro (2014) para a compreensão da chegada dos salesianos em Mato Grosso e de sua inserção no campo educacional, ainda não foi possível localizar pesquisas que contemplassem a trajetória dos salesianos especificamente no campo educacional no sul do antigo Mato Grosso. Para as

pesquisas que se dispõem a investigar esse objeto, observa-se ainda uma tendência investigativa de trabalhar separadamente, ou seja, ou com Salesianos de Dom Bosco, ou com as Filhas de Maria Auxiliadora.

Considera-se, no entanto, que essas duas congregações, apesar de autônomas e com suas particularidades, reúnem importantes pontos de convergências situados principalmente no campo educacional. A adoção de um mesmo princípio pedagógico proporcionou um mesmo modelo pedagógico e deu a essas duas congregações interesses e objetivos comuns dentro do campo. Esse apoio mútuo entre as duas congregações pode ter sido um dos principais fatores para o crescimento e para a representação social adquirida por suas instituições.

Para que fosse possível fazer o mapeamento da implantação de cada uma das instituições, observa-se que foi necessário a investigação a partir de documentos escolares, obras memorialísticas e jornais

Para tanto, este tópico foi organizado em subtópicos específicos para discutir as particularidades do processo de implantação de cada uma das instituições investigadas. A apresentação de cada uma delas obedece à ordem de fundação:

- Ginásio Santa Teresa (Corumbá) – 1889
- Ginásio Imaculada Conceição (Corumbá) – 1904
- Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (Campo Grande) – 1926
- Colégio Dom Bosco (Campo Grande) – 1930

Sobre a dinâmica de expansão do investimento salesiano no campo educacional, indentificam-se dois tipos de movimentos: a concorrência com estabelecimentos leigos e o pioneirismo no ramo do ensino secundário.

Nos locais onde já havia escolas bem estruturadas e organizadas, é possível observar um exemplo desse primeiro tipo de empreendimento. A implantação das instituições salesianas configuraram-se, sobretudo, como uma tentativa de concorrer com os demais estabelecimentos por uma posição de prestígio no campo educacional. Foi o que aconteceu com o Liceu São Gonçalo, que passou a concorrer diretamente com os alunos do Liceu Cuiabano; e, posteriormente, com a Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora, que passou a concorrer com a Escola Normal Joaquim Murtinho.

Em Corumbá, a reabertura do porto havia proporcionado a ampliação das atividades comerciais, atraindo investimentos relativos à modernização da cidade. O campo social em pleno desenvolvimento oportunizou aos agentes sociais uma série de “pioneirismos”. Dentre

eles, destaca-se a implantação de dois grandes colégios salesianos, os primeiros a oferecerem o ensino secundário na cidade.

O Liceu Cuiabano, localizado na capital Cuiabá, ao norte do estado, foi a primeira instituição a oferecer o ensino secundário em Mato Grosso. Tornou-se uma instituição educativa que colocava Cuiabá como partícipe de “[...] um plano hegemônico para a formação da nação brasileira.” (RENZO, 2005, p. 70).

Como tentativa de adequação do ensino aos moldes do Rio de Janeiro, o Liceu Cuiabano foi inaugurado no ano de 1850, no entanto, a oficialização de seu funcionamento deu-se somente no ano de 1880, na ocasião da elaboração de seu primeiro regulamento. A principal finalidade do ensino ali oferecido era o preparo dos estudantes para o ingresso no curso superior, ou seja, um curso de caráter propedêutico. (OLIVEIRA, 2014).

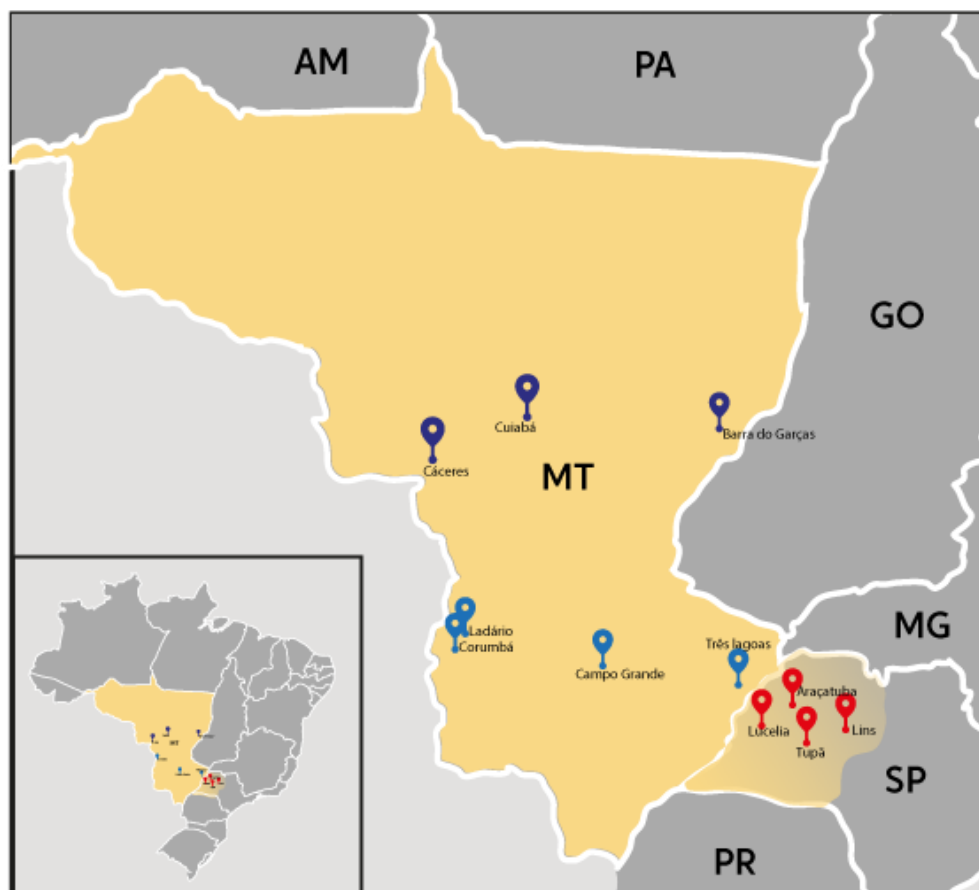
Em contrapartida, no sul do antigo Mato Grosso, as instituições de ensino secundário provenientes do investimento público foram instaladas somente em 1918, em Corumbá, com o Ginásio Corumbaense e, posteriormente, em 1928, com o Colégio Municipal Maria Leite. E, em 1938, em Campo Grande, com o Liceu Campograndense. A escassez de estabelecimentos no sul do estado e as deficiências do campo educacional foram vistas como uma oportunidade para a inserção dos salesianos na sociedade em busca do pioneirismo.

O cenário educacional foi assim descrito por Alves (1997):

[...] não havia fiscalização nem orientação aos professores. Pelos relatórios consta-se que a maioria das escolas não possuía prédio próprio, funcionavam em casas alugadas, sem condições higiênicas e pedagógicas e muito afastadas umas das outras devido à baixa densidade demográfica. Além disso, o Estado possuía poucos professores habilitados, sendo que a maioria sabia apenas ler e escrever e enfrentava uma série de obstáculos. (ALVES, 1997, p. 17).

Diante do cenário apresentado, os salesianos trabalharam para construir uma imagem de excelência escolar perante a sociedade nas principais cidades da região. A Figura 11 apresenta um mapa com todos os cursos secundários salesianos sob responsabilidade da inspetoria salesiana Santo Afonso Maria de Ligório e da inspetoria Imaculada Auxiliadora. Vale observar que o mapa é meramente ilustrativo, podendo ou não apresentar deformações decorrentes da falta de uma escala numérica.

Figura 11 – Mapa geral de implantação de Colégios Salesianos até 1961



- Cuiabá: Colégio Salesiano São Gonçalo (1894)
- Barra do Garças: Instituto Madre Marta Cerutti (1961)
- Cáceres: Colégio Salesiano Santa Maria (1958)
- Cuiabá: Colégio Coração de Jesus (FMA) - (1945)
- Cuiabá: Salesiano Santo Antônio
- Cuiabá: Colégio Santa Catarina (FMA) - (1905 - 1922)
- Corumbá: Colégio Salesiano Santa Teresa (1917)
- Ladário: Colégio Maria Auxiliadora (1908 - 1912)
- Campo Grande: Colégio Dom Bosco (1930)
- Campo Grande: Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (FMA) - (1934)
- Corumbá: Colégio Imaculada Conceição (FMA) - (1932)
- Três Lagoas: Ginásio Bom Jesus (1959)
- Lins: Complexo Salesiano (1942)
- Tupã: Ginásio Municipal (1944)
- Araçatuba: Colégio Salesiano D. Luiz Lasagna (1949)
- Lucélia: Ginásio Salesiano São Domingos Sávio (1950)

Fonte: Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa.
Organização: Andrade, 2020.

As instituições escolares foram implantadas pela inspetoria em três regiões distintas. Os ícones roxos representam cidades com presenças salesianas na região norte do estado de Mato

Grosso. Dentre tais cidades, somente a capital do estado, Cuiabá, foi contemplada logo de início com o curso ginásial salesiano oferecido no Liceu São Gonçalo e no Colégio Santa Catarina.

O sul do antigo Mato Grosso, *locus* da presente investigação, tem suas cidades representadas pelos ícones azuis e conta com a mesma quantidade de estabelecimentos escolares de ensino secundário quando comparados à região norte do estado. A literatura regional assevera que a expansão para essa região ocorreu de forma estratégica, à medida que as cidades firmavam sua posição na região com o crescimento populacional e comercial. (BAÉZ, 1988).

No Sul, foram instalados cinco estabelecimentos de ensino secundário em três cidades da região: Corumbá, Campo Grande e Três Lagoas. Apesar de o Colégio Salesiano Dom Bosco de Três Lagoas não ser mencionado nas fontes documentais coletadas e não constar no acervo educacional ou regional do Centro de Documentação e Pesquisa, ele aparece na relação de estabelecimentos vinculados à Rede Salesiana de Escolas Brasileiras (RSEB).

De acordo com o site da RSEB, a escola de Três Lagoas foi fundada no ano de 1894, o que indicaria uma importância de cunho histórico para a compreensão da atuação dos salesianos no campo escolar. A informação, no entanto, entra em contradição quando confrontada com o registro organizado pelo Elenco Salesiano³⁸, que aponta a presença de estabelecimento de ensino na cidade somente no ano de 1942. Não há indícios historiográficos de que essa obra tenha prosperado, pois não há documentação ou memórias que permitam a aproximação de mais detalhes a respeito dessa iniciativa.

As instituições de ensino secundário de Campo Grande e Corumbá atendiam grande parte do corpo estudantil de Mato Grosso. A quebra desse núcleo, com a implantação de instituições públicas nas pequenas cidades do Sul, ocorreu somente no ano de 1945, com a fundação do Ginásio 2 de Julho, na cidade de Três Lagoas, no leste do estado, onde a missão salesiana havia recém-implantado uma nova instituição. Nesse caso, levanta-se a suposição de que a tentativa de implantação de novas instituições salesianas em outras cidades indiretamente exercia pressão sob o poder público, a fim de realizar investimentos em novos ginásios públicos.

Não estão relacionados no mapa o Ginásio Bom Jesus³⁹ (1959), que parece ter sido a segunda tentativa de consolidação de um curso secundário na cidade de Três Lagoas, também

³⁸ Documentação utilizada pela Congregação Salesiana para registrar a situação de suas presenças e casas junto à Santa Sé, identificando localização e função de todos os membros pertencentes ao corpo de agentes eclesiais salesianos.

³⁹ O Patronato Bom Jesus, Sociedade de Assistência e Educação Domingos Sávio, ofereceu o curso primário na cidade de Três Lagoas desde o ano de 1957. Em 1959, foi autorizado o funcionamento do curso secundário. Em 1960, a instituição passou para a direção da Congregação Missionárias de Jesus Crucificado, que realizou um

sem vida longa, nem o Ginásio Industrial Domingos Sávio (1961), implantado na cidade de Corumbá.

Por fim, a Figura 11 ainda aponta a presença salesiana no noroeste de São Paulo, em cidades representadas pelos ícones vermelhos, sob a responsabilidade da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório, nas décadas de 1940 e 1950, indicando quatro estabelecimentos de ensino secundário instalados em quatro diferentes cidades.

O mapa possibilita a compreensão da organização e disposição das instituições salesianas no território sob responsabilidade da inspeção. Ao comparar o estado de Mato Grosso com o estado de São Paulo, é possível visualizar a baixa densidade populacional do primeiro, sinalizando que os estabelecimentos de ensino secundário precisavam ser “espalhados” pelo estado mato-grossense.

As primeiras instituições ensino, tanto masculina quanto feminina, foram instaladas inicialmente na cidade de Corumbá e, em um primeiro momento, apenas com a oferta do curso primário. Posteriormente, o trabalho foi estendido à cidade de Campo Grande. A consolidação do curso secundário das instituições salesianas ocorreu apenas no final de década de 1930, quando as quatro instituições passaram a funcionar concomitantemente.

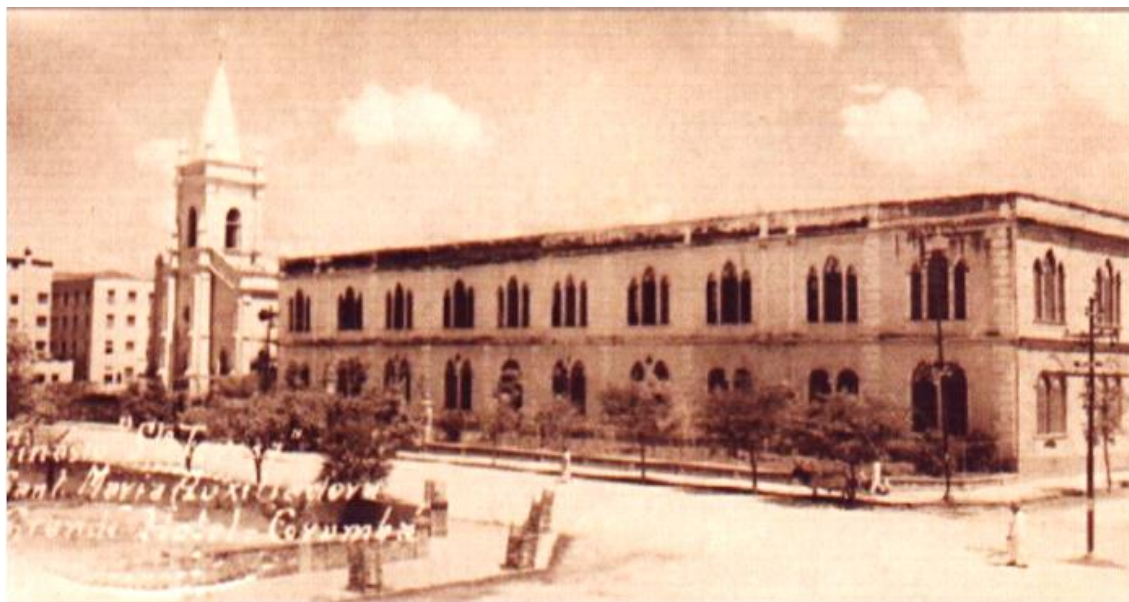
As instituições instaladas nesses dois polos do sul do antigo Mato Grosso representam aqui o *lócus* de pesquisa e as investigações sobre as práticas escolares, religiosas, culturais e sociais das instituições salesianas.

3.2.1 Ginásio Santa Teresa: educação masculina em Corumbá

Em 1899, Pe. Mallan estende a ação salesiana para o sul, abrindo em Corumbá uma escola. Foi aos 15 de março que um grupo de cinco salesianos desembarcaram na Cidade Branca, para dar início no dia 4 de abril, em casa alugada, a um pequeno colégio que no segundo mês já contava com 112 alunos. [...] Transcorridos os primeiros anos e superadas várias dificuldades, a obra salesiana na Cidade Branca foi se firmando [...] (BÁEZ, 1998, p. 53).

convênio com a Prefeitura Municipal de Três Lagoas para a manutenção do ginásio no ano de 1962, quando passou a se chamar “Ginásio Municipal Bom Jesus”.

Fotografia 8 – Ginásio Santa Teresa na década de 1930



Fonte: Silva (2009).

A primeira iniciativa no campo educacional empreendida pela Missão Salesiana no sul do antigo Mato Grosso ocorreu ainda no século XIX, na cidade de Corumbá, no ano de 1899, com a implantação do Ginásio Santa Teresa juntamente com o Oratório Festivo. As crônicas do colégio relatam que, antes mesmo da abertura do colégio,

O Pe. Ângelo Cavatarta [enviou], com ofício datado dêste dia [28 de março de 1899], comunicava à Câmara Municipal e a Inspeção do Arsenal da Marinha do estado de Mato Grosso que ‘ao 4 do fluente, estava aberto ao público Collégio Santa Thereza dirigido pelos PP. Salesianos ... no intuito de preencher esta sensível lacuna, na educação intelectual e religiosa das crianças corumbaenses’. As adesões foram alentadoras e numerosas e tôdas inspiradas aos sentimentos da carta [...] (CRÔNICAS DE FUNDAÇÃO, 1899).

A carta, repleta de apelos religiosos, colocava a obra salesiana como fruto de inspiração do Espírito Santo, clamava ao progresso da região e se dirigia a cidades no entorno de Corumbá, além de apresentar o corpo docente e religioso do colégio.

As crônicas relatam, ainda, conflitos gerados pela paróquia da cidade no processo de implantação. Não sem resistência de agentes do campo religioso corumbaense, o colégio abriu primeiramente com o curso primário, inicialmente em regime de externato e, logo em seguida, com um pequeno internato.

Marcigaglia (1945) registra o apoio recebido em Corumbá pela prefeitura e pela sociedade civil, que auxiliou na implantação da instituição. Na ocasião, a Câmara doou à

Congregação o terreno para a construção da nova sede do Colégio Santa Teresa e, com a ajuda de colaboradores da obra, em 1905, o estabelecimento já comemorava a inauguração do prédio.

A Congregação Salesiana contou com o apoio de diversos setores da sociedade civil, com destaque para as elites latifundiárias, fazendeiros abastados e grandes comerciantes, além do apoio financeiro

[...] da aristocracia agrária que estava desejosa de oferecer a seus filhos uma instrução e educação ministrada por religiosos europeus, da Câmara Municipal da cidade que doou terrenos para a edificação do Colégio, e do Bispo de Cuiabá que além do apoio formal, contribuiu com verbas à Congregação para a construção do Colégio e da igreja (SILVA, 2009, p. 43).

Apesar do apoio e do prestígio na região, diversas tentativas de implantação do curso ginásial mostraram-se mal sucedidas. O investimento da instituição em equipar o estabelecimento com recursos humanos e materiais era insuficiente, sendo necessário conquistar a confiança das famílias das elites regionais que tinham como tradição cursar o pós-primário nos ginásios dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte.

Para estabelecer-se no campo educacional, foi necessário que a instituição construísse uma relação com a sociedade, a fim de conquistar o apoio dos grupos locais de elites agropecuárias e dos representantes do campo político. Para tanto, necessitaram criar estratégias que dessem visibilidade às práticas escolares e um imaginário de excelência escolar

No ano de 1916, o colégio deu início ao curso secundário com a primeira série ginásial em suas instalações. A partir de então, a dificuldade de consolidação do curso se deu no sentido de manter ativo o corpo discente para que as demais séries pudessem funcionar com uma quantidade mínima de alunos – uma instabilidade que perdurou até a década de 1930 (OLIVEIRA, 2014).

Tabela 2 – Número de matrículas por ano no Ginásio Santa Teresa (1899-1953)

ANO	Nº	ANO	Nº	ANO	Nº
1899	192	1918	200	1937	279
1900	129	1919	221	1938	275
1901	79	1920	21	1939	279
1902	100	1921	126	1940	280
1903	116	1922	174	1941	333
1904	120	1923	185	1942	273
1905	173	1924	221	1943	246
1906	127	1925	237	1944	228
1907	124	1926	292	1945	288
1908	71	1927	251	1946	246
1909	76	1928	324	1947	305
1910	148	1929	187	1948	291
1911	162	1930	132	1949	272
1912	-	1931	150	1950	281
1913	156	1932	176	1951	264
1914	179	1933	197	1952	304
1915	129	1934	243	1953	349
1916	178	1935	256	-	-
1917	189	1936	243	-	-

Fonte: Manfroí, (1997).

Na Tabela 2, é possível visualizar ano a ano a quantidade de matrículas no Ginásio Santa Teresa. Observam-se os declínios e avanços de matrículas até atingir uma estabilidade quase na metade da década de 1930. As quedas anuais dos anos posteriores são menos significativas e podem estar atreladas à abertura do Colégio Dom Bosco, em 1930, na cidade de Campo Grande.

Apesar das dificuldades enfrentadas na consolidação do curso secundário, os salesianos continuaram o processo de construção de um imaginário de excelência escolar com o curso primário e o curso comercial. O comercial tornou-se uma opção viável para a sociedade corumbaense no que se refere à inserção dos jovens no mercado de trabalho.

Isso porque, ao optar pelo curso secundário, os jovens não teriam na região um estabelecimento de ensino superior para dar prosseguimento aos estudos. O curso comercial tinha duração de cinco anos, três propedêuticos e dois técnicos. A parte técnica do curso incluía contabilidade mercantil, matemática comercial, legislação fiscal, noções de direito comercial, estenografia, mecanografia. Tal curso conquistou, em um primeiro momento, a preferência pós-primária da população.

Desde a sua fundação no ano de 1899, o colégio atendeu os meninos da alta sociedade corumbaense em regime de internato, semi-internato ou externato, com o objetivo de proporcionar uma “[...] educação religiosa, intelectual, moral e cívica à juventude, dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pelas autoridades federais, estaduais e municipais.” (REGIMENTO..., 1971, apud SILVA, 2013, p. 3).

A excelência educacional foi construída tendo como enfoque a educação religiosa valorizada e a divulgação da utilização do Sistema Preventivo, que era “vendido” como um método de ensino moderno e inovador. Silva (2009) reforça que, apesar de oferecer bolsas de estudos e realizar um serviço de assistência social à juventude pobre de Corumbá, o curso secundário do Ginásio Santa Teresa se constituiu como estabelecimento destinado aos “eleitos”, que, naquele momento, a autora considerou como jovens pertencentes às “camadas médias e superiores da sociedade”, pois

[...] alunos oriundos desses setores sociais tinham como opção o ensino secundário e ao concluí-lo seguiam para outros estados, a fim de ingressar no ensino superior, retornando, posteriormente, a Corumbá para assumir cargos de destaque na sociedade. (SILVA, 2009, p. 57).

Vale ressaltar, no entanto, que essa excelência escolar não estava somente condicionada à matrícula desses jovens “eleitos”, mas também relacionada a uma estrutura escolar adequada e moderna. A tentativa de enaltecimento do estabelecimento pode ser identificada a partir do fragmento extraído do Regulamento Interno do Ginásio Santa Teresa,

O edifício em que se acha instalado é imponente, sólido e dotado de todos os melhoramentos exigidos pelos systemas mordernos. Espaçosas salas de aula – com carteiras de ultima invenção, água nos pateos; banheiros e gabinetes hygienicos bem regados. Por tudo isso o Collegio pode ser aclamado um dos melhores estabelecimentos de educação e instrução do Estado. (REGULAMENTO... 1934).

Junto com um discurso elogioso a respeito da estrutura do prédio escolar, observar-se um apelo a uma outra dimensão do ideal de modernidade. O estabelecimento escolar, em conformidade com a legislação educacional, deveria também estar adequado às normas de higiene e saúde. O campo político seguia uma tendência de modernização da sociedade, no qual as políticas sanitizantes (higiene e saúde) estavam diretamente vinculadas ao avanço da ciência.

Tais características também fizeram parte do ensino para moças no estabelecimento dirigido pelas Filhas de Maria Auxiliadora, no Ginásio Imaculada Conceição. Os dois estabelecimentos trabalharam em esforço conjunto para construir na cidade a imagem de excelência escolar.

3.2.2 Ginásio Imaculada Conceição: educação feminina em Corumbá

[...] no dizer de um Inspetor de Ensino secundário que o visitou em 1959, é “um patrimônio desta cidade; sua tradição e prestígio local se assentam no bom serviço prestado à juventude feminina de Corumbá” [...] “Há espírito de amor à juventude; tudo flui para o fim de sua instrução, formação moral, social, compondo uma personalidade rica e equilibrada, nos mínimos atos desta casa de ensino”. (BÁEZ, 1965, p. 13).

Fotografia 9 – Ginásio Imaculada Conceição



Fonte: Memórias de Corumbá, 2019.⁴⁰

Em 1904 foi a vez de as salesianas Filhas de Maria Auxiliadora expandirem para o sul do estado o trabalho desenvolvido na região. A ala feminina da missão salesiana desembarcou no porto de Corumbá, oeste de Mato Grosso. A crônica salesiana registra a chegada de quatro irmãs destinadas à abertura das casas: Ir. Natividade Rodrigues, Ir. Anita Gudehus, Ir. Júlia Massolo, Ir. Luiza Marques. (CRÔNICAS... 1904-1914).

Inicialmente, a instituição funcionou em casas alugadas, onde desenvolveram trabalho com o jardim de infância, com o ensino primeiro e o orfanato. Já no ano de 1908, as irmãs se mudaram para o prédio adaptado para a instituição, que havia sido “[...] comprado com a colaboração de distintas famílias amigas que generosamente continuaram a auxiliar a obra de Dom Bosco.” (BÁEZ, 1988, p. 69).

⁴⁰ Fotografia extraída do grupo do Facebook “Memórias de Corumbá (MS)”, postada em 16 de junho de 2019 por Israel Pedraça Filho.

A construção do novo prédio constituiu-se como elemento indispensável para a consolidação do internato feminino e deveria, portanto, oferecer condições suficientes para a moradia estudantil. O Histórico da instituição Imaculada Conceição aponta que o colégio,

[...] foi fundado em 1904 pelas irmãs salesianas de S. João Bosco funcionando primitivamente em casa pequena e actualmente em prédio próprio, recentemente construído, com todos os cômodos e confortos desejados pela mais escrupulosas hygiene, assegurando a conveniente educação physica das alumnas. (GENIC HISTÓRICO, s.d.)

Assim como no Ginásio Santa Teresa, no Imaculada Conceição a mudança de prédio tornou-se um fator crucial para a imagem de modernidade que os salesianos desejavam construir no campo educacional. As irmãs viram a necessidade de adequar seus edifícios escolares, espaços, materiais e equipamentos, pois o espaço escolar deveria “[...] representar a modernidade pedagógica, tão marcada pela higiene e pela noção de civilização, ambas fundamentadas em um legado cientificista.” (OLIVEIRA; CHAVES JÚNIOR, 2009, p. 41).

Em 1925, a instituição passou por uma nova mudança e a aquisição do novo prédio escolar foi realizada. “Com a compra de terrenos adjacentes conseguiu-se no correr dos anos ampliar o ambiente escolar, instalar salas especiais, dormitórios para internato, pátios de jogos, piscina.” (BÁEZ, 1988, p. 69). Tal situação mostrou-se um padrão da ação salesiana no sul do antigo Mato Grosso e, ao longo do tempo, os estabelecimentos foram ampliados por meio de investimentos do setor privado, de doações e de subvenções municipais, estaduais e federais, fazendo com que os colégios tomassem quadras inteiras, constituindo grandiosos edifícios escolares.

Em 1932, com uma posição melhor consolidada na sociedade corumbaense, a instituição passou a oferecer o curso comercial e o curso de perito contador. Em 1937, além desses dois cursos, a oferta se ampliou também para o curso ginásial, como mais uma opção de ensino pós-primário para as moças da região. O curso funcionou sobre o regime de inspeção preliminar a partir de sua criação, e de inspeção permanente a partir de 1944, no mesmo ano em que foi aberto o curso normal na instituição. (GENIC HISTÓRICO, s.d.)

Sobre a finalidade educativa da instituição, a documentação escolar pontua: “As alumnas recebem também lições graduadas de religião, instrucção moral e cívica, educação domestica, canto, trabalhos manuaes, costura e tudo quanto possa concorrer para completar a educação de uma jovem.” (REGIMENTO....., 1949). Essas atividades compuseram o modelo de educação feminina oferecida pelas Filhas de Maria Auxiliadora. As lições de religião, canto, educação doméstica e trabalhos manuais era consideradas necessárias para a formação de uma

jovem mulher que viria a ser responsável por conduzir a família nos caminhos da fé cristã. Ou seja, trava-se de uma educação que objetivava a formação de uma boa mãe e esposa.

O Ginásio Imaculada Conceição configurou-se principalmente como “[...] um estabelecimento educacional privado destinado à educação de meninas provenientes das famílias dos grandes comerciantes, dos pecuaristas e profissionais liberais de Corumbá.” (MORAES; KASSAR, 2012, p. 110). As autoras ressaltam, no entanto, que a instituição abrigava também meninas das classes menos favorecidas, geralmente órfãs, que desenvolviam no colégio serviços gerais em troca de bolsas de instrução primária e secundária.

Moraes (2011), em investigação ao trabalho realizado pelas salesianas com a juventude pobre em Corumbá, identificou substanciais diferenças no trabalho da instituição com diferentes classes sociais. De acordo com as entrevistas realizadas para sua pesquisa de mestrado, o trabalho salesiano desenvolvido com as meninas pobres ou órfãs era direcionado para aprendizado de um ofício para que, saindo dali, as meninas pudessem se manter, geralmente em trabalhos de limpeza e cozinha.

Esses serviços realizados pelas moças eram obrigatórios para que elas pudessem pagar por moradia, estudo e alimentação. As meninas pobres deveriam assistir às aulas e sentar-se ao fundo da sala, para que o serviço na cozinha e na limpeza não fosse considerado pelas autoridades um serviço de escravidão. Além disso, a instituição contava com uniformes, espaços e horários diferentes. Era preciso diferenciar os dois grupos de meninas, pois não era permitido que as meninas pobres tivessem contato com as alunas pagantes. As crônicas do colégio distinguiam esses dois grupos como *meninas acolhidas* e *filhas da casa*.

As relações permeadas pela necessidade de segregação dentro da instituição podem ser compreendidas como uma espécie de violência simbólica. Contudo, ela era amenizada e justificada pela oportunidade de ampliação de capitais proporcionada pelo estudo na referenciada instituição, bem como pela possibilidade de reconversão da trajetória de vida, a partir do retorno simbólico proporcionado pela educação.

Paralelamente às atividades escolares, a instituição desempenhava o papel ultramontanista de fortalecimento da fé católica na cidade. Durante todo o período analisado, foi possível encontrar no impresso corumbaense *Tribuna* a convocação de mulheres da cidade para participarem da Liga das Senhoras Católicas de Corumbá:

LIGA DAS SENHORAS CATHOLICAS. CONVITE. A presidente da Liga das Senhoras Catholicas de Corumbá convida todas as Senhoras Catholicas e as Filhas de Maria para receberem domingo, 23 do corrente, pelo <Feruandes Vieira>, o novo bispo desta Diocese, D. Antonio Lustoza. O ponto de reunião

será o Collegio Immaculada Conceição e a aproximação do vapor será anunciada por meio de rojões. (TRIBUNA, n. 6530, 26 de abril de 1929, p. 1).

Apesar de promover suas reuniões no estabelecimento de ensino, as atividades da Liga Católica inseriam-se majoritariamente na dinâmica de funcionamento do campo religioso, cumprindo uma função de suporte à Igreja e fortalecimento de suas obras. As atividades da associação apontam também para uma educação não formal, envolvia-se em estudo do catolicismo e realização de obras sociais, mas seu objetivo principal era a reafirmação do papel feminino na composição da família católica.

A Liga das Senhoras Católicas de Corumbá, juntamente com a educação oferecida para a juventude feminina disciplinavam as mulheres para serem submissas e subservientes, estruturando disposições importantes para solidificação de um *habitus* de gênero. Trata-se da construção de uma visão de mundo baseada principalmente nos papéis sociais e práticas femininas, que eram orquestradas pela Igreja, escola e família, instituições responsáveis pela reprodução de estereótipos femininos e de uma visão acerca dos espaços que podem ser ocupados pelas mulheres na sociedade. (BOURDIEU, 2014).

Nas livro “Crônicas da Casa” (s.d), disponível no acervo documental da instituição, organizou-se uma seção de recortes de jornais das décadas de 1920 e 1930, com menções às atividades da instituição. Nessa seção, chama a atenção as manchetes que as salesianas escolheram para eternizar, dentre as quais estão: a) “Uma noite de Arte” (1933); b) “Um certamen, exposições de trabalhos manuais do Colégio Imaculada Conceição (1933)”; c) “Festival Pró-Matriz” (1930). Observa-se nesses três recortes de jornais as principais atividades da instituição, aqui traduzidas como: a) educação cultural e intelectual; b) educação feminina para o lar; c) educação católica.

Esses valores atribuídos pelas próprias salesianas no tocante a suas finalidades educativas não ficaram represados na cidade de Corumbá, pois as Filhas de Maria Auxiliadora expandiram-se para Campo Grande, para replicar o modelo de educação feminina com a implantação do que viria a ser o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

3.2.3 Colégio Nossa Senhora Auxiliadora: educação feminina em Campo Grande

Consciente ou inconscientemente, as religiosas prepararam outras mulheres para contestar o lugar que lhes era atribuído na sociedade, embora continuassem a veicular em seu discurso religioso uma visão tradicional do papel social da mulher. (LOPES, 2006, p. 170).

Fotografia 10 – Colégio e Escola Normal Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: Penteado (1996).

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora possuiu muitas semelhanças com o Ginásio Imaculada Conceição, localizado em Corumbá. As memórias reunidas por Yara Penteado (1996) no livro “Auxiliadora 70 anos” constituem-se como uma das principais fontes que auxiliam a compreensão da expansão do trabalho feminino das irmãs salesianas na cidade de Campo Grande.

De acordo com Penteado (1996), no ano de 1925, o Padre Renauld, ao visitar o trabalho da missão salesiana no Mato Grosso, solicitou à inspetoria a implantação de um colégio feminino no sul do estado. Com o apoio de senhoras da alta sociedade, colaboradoras do colégio em Corumbá, foi realizada uma comissão para organizar a nova instituição.

A comissão foi presidida por Dona Glorinha Figueiredo, esposa do então prefeito de Campo Grande, Arnaldo Estevão de Figueiredo. Esse grupo de senhoras juntaram-se às irmãs italianas, que viriam do Uruguai e desembarcariam em Campo Grande para trabalhar no novo colégio. Elas chegaram em Campo Grande no ano de 1926, e se instalaram em um prédio alugado na Rua Rui Barbosa até o ano de 1931, quando o estabelecimento foi transferido para a Rua Pedro Celestino. (Fotografia 10)

Para essa instalação do novo prédio, as irmãs contaram com investimento do poder estadual, que auxiliou o processo de implantação, expansão e consolidação do estabelecimento, conforme relacionado nas subvenções⁴¹:

- **Lei 956/1926** - Concede à congregação das irmãs salesianas um auxílio de 10:000\$ para a construção de um prédio em Campo Grande. (MATTO GROSSO, 1926a).
- **Lei 1058/1930** - Concede à congregação das irmãs salesianas “Filhas de Maria Auxiliadora”, deste estado, um auxílio de vinte contos de reis para a construção do prédio destinado ao collegio de meninas, na cidade de Campo Grande e dá outras providências. (MATTO GROSSO, 1930).

O apoio e a articulação política realizados em trânsito no campo político foi uma das estratégias essenciais empreendidas pelas salesianas para a consolidação de uma posição de prestígio no campo educacional. Na pasta de telegramas arquivados na instituição, importantes tratativas, pedido de apoio e pedido de subvenção foram localizados. Nessas interlocuções destacam-se os seguintes agentes: Filinto Muller, Wilson Fadul, Deputado Federal José Fragelli, Deputado Federal Saldanha Derzi, Deusdedit de Carvalho.

Outras comunicações das salesianas caracterizavam-se apenas como simples gestos de gentileza e cortesia. Elas contemplavam a tentativa de manter uma boa relação com outros agentes sociais, futuramente importantes, tais como telegramas enviados ao Diretor da Estrada de Ferro, o Delegado de Polícia, e um convite feito ao governador Fernando Correia da Costa para paraninfar uma das turmas concluintes. Após as melhorias financiadas pelo poder público, as salesianas investiram em propagandear o estabelecimento campo-grandense nos jornais locais:

Depois de passar por melhoramentos radicaes, este collegio dirigido pelas irmãs N.S. Auxiliadora, já abriu matrículas para o presente anno. Aceitam-se alumnas internas e externas. Os srs. paes poderão visitar o collegio para verificar as optimas instalações do mesmo e acientificar-se do seu metrhodo de ensino que é o mais rigoroso e productivo. (JORNAL DO COMMERCIO, anno 7, n. 440, 3 de fevereiro de 1928, p. 4).

Assim como as instalações, os métodos modernos, a moral religiosa, a idoneidade e a qualificação do corpo docente eram argumentos utilizados para a ampliação do corpo discente. Outras estratégias utilizadas para isso eram os cursos gratuitos para o exame de admissão oferecidos pela instituição. A diretoria do Colégio N.S. Auxiliadora informa que, de 1º a 28 de

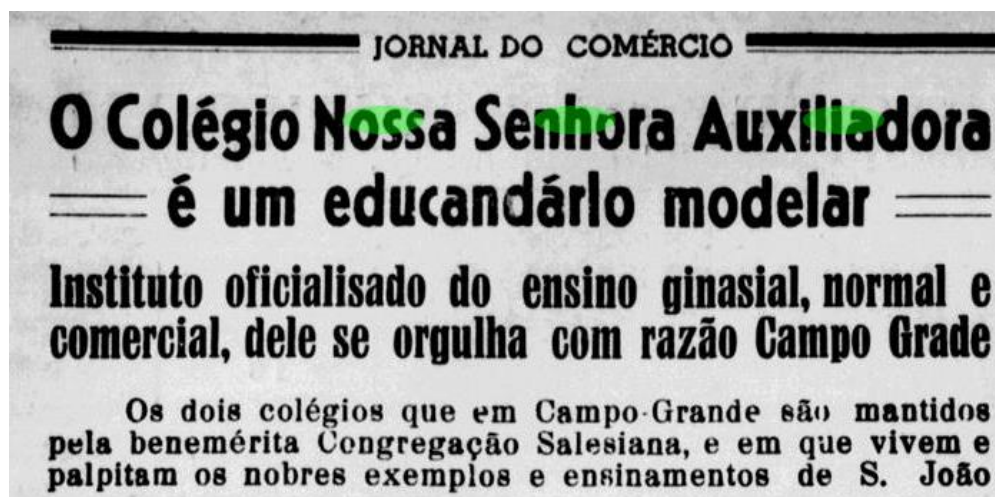
⁴¹ Fonte: Instituto Memória Assembleia Legislativa do estado de Mato Grosso.

fevereiro, achar-se-á em funcionamento um curso gratuito para preparação para os exames de admissão ao ginásio, com aulas diárias das 7:30 às 10 horas. (RELATÓRIO, 1936).

Considera-se aqui que a autorização de funcionamento no curso ginasial no ano de 1946 tenha se constituído como um importante marco de consolidação das instituições salesianas no campo educacional. A fiscalização necessária para essas autorizações, dotada de poder simbólico, por vezes acarretava um engessamento das instituições. Em outras situações, atendiam aos interesses das instituições, legitimando a qualidade e excelência de alguns estabelecimentos.

No ano de 1934, por exemplo, o Colégio Dom Bosco e o Colégio N. S. Auxiliadora funcionavam sob regime de inspeção permanente e foram classificados como **bom**. O principal concorrente de ambas as instituições, o Colégio Osvaldo Cruz, no período sob inspeção preliminar foi classificado como **sofrível**. Dessa maneira, um resultado bom poderia elevar o prestígio da instituição, assim como um resultado ruim poderia descredibilizar seu funcionamento.

Figura 12 – “Jornal do Comércio” – Colégios Salesianos de Campo Grande (1940).



Fonte: Jornal do Comércio, ano 19, n. 2644, 1940, p. 2

No texto da matéria, as instituições salesianas campo-grandenses são parabenizadas pelo alto padrão, fato que possibilitou o avanço da cidade de Campo Grande e a dispensa da necessidade de envio dos filhos para estabelecimentos em outros centros urbanos. A articulação do Colégio N. S. Auxiliadora com o Colégio Dom Bosco proporcionou a esses estabelecimentos maior visibilidade e a criação de uma tradição familiar instruída pela filosofia salesiana, enquanto os filhos estivessem sob a responsabilidade dos padres. De igual forma, as meninas poderiam estar recebendo educação pautada nos mesmos princípios filosóficos e educacionais.

Essas estratégias, lograram êxito, uma vez que os empreendidos estratégicos e a política da boa vizinhança durante o período implantação do curso secundário possibilitaram a ocupação de uma posição de destaque no campo educacional, ampliando significativamente o número do corpo docente. (Tabela 3).

Tabela 3 – Quadro geral de matrículas do curso secundário (1947-1950)

		1 ^a	2 ^a	3 ^o	4 ^a	Total
1947	Ginasial	98	47	45	32	222
	Colegial	12	14	-	-	26
1948	Ginasial	51	40	55	51	224
	Colegial	-	-	-	-	-
1950	Ginasial	99	73	48	30	250
	Colegial	10	-	7	-	17

Fonte: Relatório... (1947); Relatório... (1948); Relatório... (1950).

Na Tabela 3 foi organizado por coluna o quantitativo de meninas matriculadas em cada série do curso. Não foram contabilizadas matrículas do curso primário, normal e comercial. Nesse momento, apesar de um curso ginasial mais robusto, o estabelecimento tentava estabilizar a matrícula do curso colegial.

3.2.4 Colégio Dom Bosco: educação masculina em Campo Grande

[...] inegavelmente, o Colégio Dom Bosco é uma cidade de ensino e, essa evolução, acompanhou par e passo todas as necessidades das conjunturas impostas pela atual era, sobressaindo cada vez mais, para melhor atender, e assim fazendo encontrou a referida ressonância na correspondência de todos, passando de pais para filhos na mesma cadeia sequencial imposta naturalmente pelo tempo. (ADRI, 2006, p. 17).

Fotografia 11 – Ginásio Municipal Dom Bosco



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1936.

Por fim, o Colégio Dom Bosco configura-se como o quarto estabelecimento escolar salesiano a oferecer o curso de ensino secundário no sul do estado. Apesar de ter sido inaugurado no ano de 1930, tornou-se um dos maiores sucessos dos Congregação na região. A história da instituição, no entanto, tem uma gênese diferenciada no que tange aos demais estabelecimentos. Isso porque remonta a história do Instituto Pestalozzi.

O Instituto Pestalozzi foi fundado por Arlindo de Andrade Lima, no ano de 1915, na cidade de Aquidauana. No ano de 1917, o estabelecimento foi transferido para a cidade de Campo Grande, atendendo à solicitação da prefeitura. O professor Luiz Alexandre elucida esse movimento nas memórias registradas no livro de Rosa (1990, p. 31),

Em 1917, no início do ano, a convite da Prefeitura, ele transferiu o Instituto Pestalozzi para Campo Grande. Além das vantagens que a Prefeitura lhe concedia, como homem arguto, compreendeu que Campo Grande era um campo bem mais promissor, para qualquer iniciativa no terreno escolar. Aqui alugou uma casa recém-construída no local, onde fica hoje o Colégio Dom Bosco e depois o prédio anexo, que foi erguido, de acordo com as instruções dele, para servir de internato para meninas e meninos.

Pode-se considerar, portanto, que a transferência do referido estabelecimento se configurou como uma estratégia para impulsionar o processo de crescimento da cidade de Campo Grande, que necessitava de jovens bem instruídos para trabalhar em diversos setores da sociedade. Os documentos aqui relacionados auxiliam a compreensão dessa dinâmica de negociações estabelecidas entre a prefeitura de Campo Grande e o Instituto Pestalozzi.

- **Resolução n. 116, de 05 de julho de 1917** – Determina a subvenção anual ao Instituto Pestalozzi e fixa as diretrizes para o seu funcionamento. (CAMPO GRANDE, 1917);
- **Resolução n. 953, de 03 de junho de 1926** – Concede isenção do imposto de transmissão ao Gymnasio Pestalozzi. (MATTO GROSSO, 1926b);
- **Lei n. 950 de 30 de junho de 1926** – Autoriza o Poder Executivo a auxiliar a construção do prédio destinado ao Instituto Pestalozzi, de Campo Grande. (MATTO GROSSO, 1926c);

A partir dessas negociações com o poder municipal, o colégio adquiriu isenção de imposto e subsídios para a construção de um novo prédio, possibilitando que o colégio ampliasse suas instalações. Em contrapartida do recebimento de tais benefícios, como forma de pagamento o colégio deveria receber alunos que não tinham condições de pagar, com isenção de matrículas e mensalidades em todos os cursos do estabelecimento.

Nessa relação de interesses mútuos, o poder municipal garantiu uma forma indireta de oferecimento de ensino, indispensável para o projeto de desenvolvimento da cidade. O proprietário, por sua vez, teria maior visibilidade para sua instituição, a qual seria reconhecida como a primeira e única a oferecer ensino secundário na cidade.

O professor Luiz Alexandre de Oliveira participou desse momento histórico da instituição como aluno beneficiado por essa isenção e, posteriormente, também como professor: “Foi o Instituto Pestalozzi a semente do Colégio Dom Bosco e das instituições de ensino secundário, que em Campo Grande, se seguiram a ele” (OLIVEIRA *apud* ROSA, 1990, p. 31).

No ano de 1926, o Colégio realizou sua primeira banca de exame de admissão ao ensino secundário. No mesmo período a instituição passou por inspeção prévia, proporcionando ao curso e à instituição uma maior credibilidade e confiabilidade. Essa imagem de excelência escolar ampliou-se ainda mais quando a instituição passou aos cuidados da Congregação Salesiana.

No ano de 1929, por interesses do bispo de Corumbá, Dom Antônio de Almeida Lustosa, os salesianos adquiriram o Ginásio Pestalozzi do Dr. João Tessitori, transformando-o no Ginásio Municipal Dom Bosco e, depois, simplesmente no Ginásio Dom Bosco. Somente com o Decreto n. 11.456, de 03 de fevereiro de 1943, a instituição passou a funcionar como colégio.

A adoção do já conhecido e reverenciado método educativo de Dom Bosco, nos moldes religiosos, contribuiu para a consolidação da instituição no campo educacional, a qual se tonou um dos principais estabelecimentos educacionais de todo o Mato Grosso, com internato e externato, expandindo posteriormente para o segundo ciclo do ensino secundário e ensino comercial.

O jornal católico, “A cruz”, de Cuiabá, órgão da Liga Católica da Arquidiocese, noticiou a compra do Colégio Dom Bosco e parabenizou a cidade por confiar aos salesianos o único estabelecimento de ensino secundário da cidade.

Campo Grande está de parabéns porque o seu principal instituto de ensino secundário passou para a direção dos provedores educadores que são os filhos dos Veneravel Dom Bosco, com a aquisição que a Missão Salesiana vem de fazer do Gymnasio Municipal, até pouco proficientemente dirigido pelo professor João Tessitore Junior. (A CRUZ, 25 de maio de 1930 ano XXI, n. 925, p. 3).

Assim, o Colégio Dom Bosco adentrou o campo educacional, já com um ensino secundário bem consolidado, como resultado do trabalho desenvolvido pelo Instituto Pestalozzi desde o ano de 1917. Por tal motivo, a instituição apresentou crescimento rápido, em comparação aos demais estabelecimentos salesianos. Já no ano de 1933, o estabelecimento atuava sob regime de internato, semi-internato e externato, e com o oferecimento do ensino primário, ginásial e comercial com inspeção permanente. (OLIVEIRA, 2014).

Para entender esse processo de crescimento, utilizou-se a análise das atas de exame de admissão realizadas pela instituição entre os anos de 1930 a 1943. Nesses 13 primeiros anos, a instituição apresentou significativa ampliação do corpo discente, conforme observado na Tabela 4.

Tabela 4 – Exames de admissão ao curso secundário do Ginásio Dom Bosco

Ano	Nº candidatos	Nº Reprovados	Nº Admitidos
1930	10	2	30
1931	24	2	
1932	21	6	32
1933	17	0	
1933	25	8	36
1934	32	13	
1934	31	5	52
1935	28	2	
1935	44	0	96
1936	59	7	
1936	44	3	77
1937	43	7	
1937	45	5	75
1938	51	16	
1938	37	2	84
1939	56	7	
1939	57	7	85
1940	40	5	
1940	43	2	88
1941	54	7	
1941	44	1	96
1942	64	11	
1942	41	0	89
1943	48	0	

Fonte: ACTA..., 1926/1947.
Organização: Andrade, 2020.

Sobre a admissão, no curso secundário destaca-se a dinâmica de seleção na instituição. É possível observar que os candidatos dispunham de duas oportunidades para ingressar no curso, já que o exame era realizado em primeira e segunda época, ao término do ano letivo, no mês de novembro, como também no início do ano seguinte, no mês de março.

O número de candidatos reprovados na tabela 4 permite, ainda, uma aproximação da seletividade do curso secundário a partir do exame de admissão. Apesar dos cursos preparatórios para admissão e das grandes listas de estudo para o exame, em alguns anos o colégio chegou a reprovar 20 candidatos ao curso.

De acordo com o Relatório de Inspeção (1932), a referida instituição inicialmente funcionava com um internato, que tinha capacidade para atender até 50 alunos. Fazia parte desse corpo estudantil no internato⁴² jovens pertencentes às famílias constituídas no interior do estado, relacionadas principalmente ao setor agropecuário.

⁴² O regime de internato funcionou no Colégio Dom Bosco até a década de 1970. Foi fechado devido a mudanças na legislação educacional.

No ano de 1936, o colégio mudou para o edifício escolar que havia sido projetado pelo próprio diretor, Padre João Pian. O colégio passou por duas outras expansões prediais, uma no ano de 1951 e outra no ano de 1962. Na ocasião dessa última expansão, foi instalada a Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras, o primeiro passo dos salesianos rumo ao ensino superior.

No ano de 1952, os salesianos de Dom Bosco, com uma imagem no campo escolar melhor consolidada, realizaram outro investimento educacional, que viria a reforçar a imagem do estabelecimento perante a sociedade. Os salesianos inauguraram, anexo ao colégio, o Museu Dom Bosco, com um acervo composto principalmente por objetos da etnia Bororo. (FERREIRA, 2010).

Inicialmente, o museu funcionava em uma das salas do colégio e era utilizado somente para fins pedagógicos. A criação do museu auxiliou a forjar uma imagem cientificista para o estabelecimento, inserido ainda dentro do contexto escolanovista, que valorizava os museus e as salas temáticas. A partir do ano 1957, o museu foi contemplado com subvenção anual de 24.000,00 cruzeiros, conforme estabelecido pela Assembleia Legislativa de Mato Grosso, mediante a Lei n. 902, de 31 de outubro de 1956. (MATO-GROSSO, 1956).

O crescimento e o reconhecimento da iniciativa trouxeram visibilidade para o trabalho salesiano desenvolvido com os indígenas da região. O Museu Dom Bosco foi aberto ao público e tornou-se parte da história de Campo Grande e do estado que viria a ser criado, ou seja, Mato Grosso do Sul. O museu passou a ser conhecido popularmente como “Museu do Índio”, tendo permanecido em funcionamento anexo ao Colégio Dom Bosco até o ano de 1975, quando foi transferido para o prédio da Missão Salesiana.

Apesar de existirem algumas lacunas a respeito da implantação de cada um dos colégios, foi possível reunir até aqui elementos que auxiliassem a compreensão de como os salesianos se inseriram no campo educacional e social. É possível observar que, à medida que a congregação foi tornando-se mais conhecida e reconhecida no estado, empreendia estratégias cada vez mais pioneiras.

As instituições salesianas, apesar de seguirem uma mesma diretriz educacional e religiosa, apresentam processos de implantação e consolidação singulares que suscitam diferentes indagações sobre educação sul-mato-grossense. Nas escolas de Corumbá, por exemplo, tiveram que “desbravar” o território e cativar a população para dar continuidade dos aos cursos. Na cidade de Campo Grande, embora a congregação não tenha sido pioneira na implantação do curso secundário, ela disputou o monopólio do campo educacional. Iniciou competindo primeiramente com os cursos normais; fez uma jogada acertada na aquisição do estabelecimento de ensino secundário já equipado; pressionou e articulou com o campo político,

e expandiu a obra salesianas com investimentos educacionais que extrapolaram o curso primário e secundário.

3.3 TRADIÇÃO E EXCELÊNCIA ESCOLAR: ESTRATÉGIAS DAS INSTITUIÇÕES SALESIANAS PARA LEGITIMAÇÃO NO CAMPO ESCOLAR

O tradicionalismo começa quando a tradição deixa de ser óbvia: tão logo se diz que é preciso que haja tradição ou que é preciso respeitar a tradição, é porque a tradição deixa de ser óbvia. (BOURDIEU, 1990, p. 462).

Este tópico tem como objetivo identificar ações empreendidas pelos colégios salesianos para conquistar e manter uma posição no campo educacional. Os salesianos precisaram competir com o ensino leigo e construir uma representação salesiana de excelência escolar perante a sociedade sul-mato-grossense.

A maioria dessas ações foram perpassadas pelos valores estabelecidos para dar visibilidade a pedagogia salesiana. Estão evidenciadas, nessa questão, a necessidade de tornar conhecido e valorizado um ensino moderno que, por meio da caridade e da religião católica, aliava disciplina, refinamento cultural, civilidade, moralidade e intelectualidade.

Esse conjunto de princípios e valores compuseram o conjunto de argumentos para a afirmação da distinção da educação salesiana, utilizada pelos agentes que estiveram à frente das quatro instituições investigadas. Nessa perspectiva, é possível, elencar ações como:

- Parceria com o poder público e com agentes do campo jornalístico;
- Momentos de integração da comunidade escolar com a alta sociedade;
- Participação de concursos e prêmios exteriores ao campo educacional;
- Ações de caridade e obras sociais e alinhamento com o catolicismo ultramontano;

Na história dessas instituições, essas ações não ocorreram isoladamente, mas sim em uma combinação dessas ações e, por isso, foram compreendidas como estratégias, ou seja, uma invenção ou uma improvisação para se adaptar às situações sociais que têm como objetivo a conservação ou reprodução social. (BOURDIEU, 2004). Para os salesianos, essa estratégia esteve representada por uma complexa rede de relações sociais, por meio da qual foi possível obter apoio, subvenções e visibilidade.

A Congregação Salesiana desempenhou um papel de amparo espiritual e formação de agentes ao colaborar para a manutenção da ordem e desenvolvimento do Estado brasileiro e, com isso, conquistou o apoio de educadores leigos, bem como das famílias das classes

economicamente favorecidas e tradicionalmente católicas e uma parte do poder público, admirador das ações destinadas à juventude pobre e abandonada, que era acolhida pela proposta salesiana de ensino profissionalizante. A parceria com agentes do **campo político** configura-se, talvez, como uma das principais articulações necessárias aos salesianos. Não somente para a distinção educacional, mas, principalmente, para a sobrevivência no campo educacional.

Apesar de os salesianos adotarem um discurso de neutralidade política e aparentarem apatia e ausência de posicionamento no interior do campo político, a presente pesquisa identificou o trânsito dos salesianos no campo político como uma das principais estratégias mobilizadas pelos agentes na direção dos estabelecimentos escolares. Isso, porque, até mesmo a neutralidade política pode ser considerada uma ação política e, portanto, não precisa estar necessariamente vinculada à defesa de uma causa, um posicionamento, um embate ou uma campanha política.

Os salesianos mostraram-se exímios negociadores e articuladores dentro do campo político. A polarização da política sul-mato-grossense, disposta entre UDN e PSD, principalmente no período de 1946 a 1964, ficou conhecida como “política do sobe e desce” e gerou instabilidade no campo escolar com reflexo na assunção de cargos políticos, desmandes e abandonos de projetos (BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 1999).

A Irmã Bartira lembrou em suas memórias: “Nunca torci para por nenhum governo ou partido. Tenho amigos em todos os partidos: Dr. Wilson Martins, Levy Dias, Mendes Canale, Plínio Barbosa, cada um com sua ideologia e eu com a minha”. (BARTIRA *apud* BITTAR; FERREIRA JÚNIOR, 1999, p. 181).

Nesse cenário, a “neutralidade” salesiana proporcionou a manutenção do financiamento educacional para o desenvolvimento, expansão, aprimoramento e propaganda de suas atividades; e, ainda, a matrícula dos filhos das elites políticas nos colégios. Apesar das trocas políticas, os salesianos tiveram o poder público como seu maior aliado.

O *corpus* documental analisado evidencia uma diversidade na natureza de investimentos públicos recebidos: subvenções municipais, estaduais e federais; ordinárias e contínuas, ou extraordinárias; subvenções anuais e até mesmo doações de terreno, possibilitando a construção de um “império” salesiano no sul do antigo Mato Grosso.

Na tentativa de ampliar o acesso ao ensino primário, o poder público investiu fortemente nos estabelecimentos privados de ensino secundário – uma ação incompatível com as reivindicações do movimento escolanovista por uma educação pública, gratuita e laica. O fato é que, pelo menos em um primeiro momento, o poder público esbarrou na questão da qualificação docente. Instituições católicas, como no caso das escolas salesianas, detinham

junto à Congregação agentes com o capital cultural institucionalizado necessário para atuação no ensino secundário. Assim, o financiamento público dos estabelecimentos privados salesianos configurou-se como um subterfúgio para ampliar o número de estabelecimentos de ensino secundário e modernizar a região.

Uma mesma instituição poderia ganhar subvenções para o curso ginásial, para o curso colegial, para o oratório, para a assistência social e até mesmo para o restaurante estudantil. Os adendos da Lei-orçamentária são os documentos mais completos para a análise do financiamento público das instituições privadas. Neles, é possível visualizar subvenções concedidas por diversos ministérios e secretarias diferentes. Ocorre que tal documentação só está disponível digitalmente a partir da década de 1960.

Nesse sentido, foi necessário realizar uma busca manual a partir da combinação de palavras-chave junto aos *sites* da Câmara dos Deputados e Assembleia Legislativa, em que foram localizados leis e decretos que concediam subvenções às instituições salesianas no período compreendido pela pesquisa. Sabe-se, no entanto, que elas podem não compreender a totalidade das subvenções recebidas pelas instituições.

As subvenções relacionadas no Quadro 13 correspondem ao valor recebido para financiamento específico do ensino secundário. Outras subvenções recebidas pelas instituições não estão contabilizadas. Para o Ginásio Santa Teresa e o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, foram localizadas subvenções específicas para o curso comercial, os quais não foram contabilizados.

Quadro 13 - Registro de subvenções pelo Ministério da Educação e Saúde aos cursos de ensino secundário das instituições salesianas (1934-1940)

ANO	PUBLICAÇÃO OFICIAL	LEGISLAÇÃO	DESCRIÇÃO	INSTITUIÇÃO – BENEFÍCIO (Réis)
1934	Diário Oficial da União - Seção 1 - 13/10/1934	Decreto n. 84, de 8/10/1934	Concede auxílios no primeiro semestre de 1934 a instituições.	Collegio Santa Thereza 7:500\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 29/12/1934	Decreto n. 172, de 24/12/1934	Concede auxílios no 2º semestre de 1934 a instituições.	Collegio Santa Thereza 7:500\$000
1935	Diário Oficial da União - Seção 1 - 21/8/1935	Decreto n. 289, de 12/08/1935	Concede auxílios relativos ao exercício de 1935 a várias instituições.	Collegio Salesiano Santa Thereza - 20:000\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 4/1/1936	Decreto n. 554, de 30/12/1935	Concede auxílios relativos aos 1º e 2º semestres de 1935 a várias instituições.	Collegio N. S. Auxiliadora - 60:000\$000
1936	Diário Oficial da União - Seção 1. 30/05/1936	Decreto n. 848, de 25/05/1936	Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a várias instituições.	Collegio Salesiano Santa Thereza - 20:000\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 15/7/1936	Decreto nº 954, de 7 de julho de 1936	Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a várias instituições.	Collegio Imaculada Conceição -15:000\$000

	Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/11/1936	Decreto n. 944, de 06/07/1936	Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a instituições beneficentes.	Collegio Salesiano Santa Thereza - 10:000\$000 Colégio N. S. Auxiliadora - 15:000\$000
1937	Diário Oficial da União - Seção 1 - 31/5/1937	Decreto n. 1.665, de 24/05/ 1937	Concede auxílios relativos ao exercício de 1937 a várias instituições.	Colégio N. S. Auxiliadora - 30:000\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 11/6/1937	Decreto n. 1.686, de 31/05/1937	Concede auxílios relativos ao exercício de 1937 a diversas instituições.	Colégio Salesiano Santa Teresa - 20:000\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 27/12/1937	Decreto n. 2.186, de 20/12/1937	Concede auxílios relativos ao exercício de 1937 a diversas instituições.	Ginásio Imaculada Conceição - 14:000\$000
1938	Diário Oficial da União - Seção 1 - 6/10/1938	Decreto n. 3.123, de 04/10/1938	Concede auxílios a instituições nos estados [...] no corrente ano.	Colégio Salesiano Santa Teresa - 20:000\$000
1939	Diário Oficial da União - Seção 1 - 29/6/1939	Decreto-Lei n. 527, de 1 de julho de 1938	Regula a cooperação financeira da união com as entidades privadas.	Ginásio Imaculada Conceição - 15:000\$000
		Decreto n. 4.307, de 27/06/1939	Concede auxílios a instituições as instituições de caráter privado.	Colégio N. S. Auxiliadora - 30:000\$000
	Diário Oficial da União - Seção 1 - 9/11/1939	Decreto n. 4.850, de 07/11/1939	Concede auxílios a instituições nos estados [...] no corrente ano.	Ginásio Imaculada Conceição - 15:000\$000 Colégio N. S. Auxiliadora - 30:000\$000
1940	Diário Oficial da União - Seção 1 - 31/12/1940	Decreto-lei n. 2.334, de 22 de junho de 1940	Abre, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de 18.258:000\$0 para pagamento de subvenções de 1940.	Ginásio Imaculada Conceição - 15:000\$000 Colégio N. S. Auxiliadora - 30:000\$000

Fonte: Câmara de Deputados; Senado Federal, Diário Oficial da União.
Organização: Andrade, 2021.

Esses benefícios recebidos pelos cursos salesianos comumente estiveram alocados ao Ministério da Educação e Saúde, junto às subvenções do Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS). Para isso, tais concessões justificavam-se a partir do serviço beneficente e de assistência cultural oferecido pelos salesianos.

Além das subvenções do Ministério da Educação, o governo do estado de Mato Grosso também contribuiu para a manutenção dessas instituições, principalmente a partir da década de 1950. Nesse caso, os estabelecimentos mais beneficiados foram os femininos, que possivelmente encontram como justificativa a necessidade de formar um corpo docente apropriado no oferecimento do curso normal para atender as demandas do estado.

As subvenções dos estabelecimentos femininos foram direcionadas conjuntamente para o “Colégio e Escola Normal”, não havendo, portanto, a diferenciação na atividade educacional,

assim como fora observado na Escola de Comércio. O oferecimento do curso normal foi o que proporcionou uma maior quantidade de subvenções para os estabelecimentos femininos, devido à necessidade de formação do corpo docente do estado para ampliação do curso primário.

O Ginásio e Escola Normal Imaculada Conceição foi contemplado com uma subvenção anual de 36.000,00 cruzeiros, a partir do ano de 1951. Essa subvenção tornou-se uma moeda de troca, pois, a partir do recebimento do investimento, as instituições deveriam, em contrapartida, ser “[...] **obrigadas** a admitir pelo menos 5 alunos internos, gratuitamente, sendo obrigatório aos diretores apresentarem, ao departamento de educação e cultura, atestados do país dos alunos beneficiados ou pessoas responsáveis” (MATO GROSSO, 1951, grifo nosso).

Para uma melhor compreensão da importância dessas subvenções para as instituições salesianas, buscou-se estabelecer um comparativo referente ao consumo e aos valores da época. Foi usado como parâmetro os dados referentes ao salário-mínimo⁴³ e o valor dos automóveis da época, a partir de dados disponíveis na internet. Por esse motivo, serão comparados o valor médio recebido pelas instituições ao longo de um ano, a partir da década de 1940.

Os valores apresentados na coluna “Valor Médio de uma subvenção” levam em consideração o valor total de todas as subvenções recebidas pelas 4 instituições, dividida pelo número total de subvenções daquele ano. Por isso, é possível trabalhar com a possibilidade de um valor acumulado bem maior, principalmente porque cada uma dessas instituições poderia receber mais de um recurso.

Quadro 14 – Registro de subvenções pelo Ministério da Educação e Saúde aos cursos de ensino secundário às instituições salesianas (1944-1956)

ANO	VALOR MÉDIO DA SUBVENÇÃO ANUAL RECEBIDA	
	Cruzeiro (Cr\$)	Real (R\$)*
1944	Cr\$ 12.500	R\$ 45.589,84
1954	Cr\$ 36.000	R\$ 36.873,84
1956	Cr\$ 144.000	R\$ 105.842,28

* Valores apresentados foram convertidos e corrigidos a partir do uso da “Calculadora Cidadã”, do Banco Central. Para a correção foi utilizado o IGP-DI/FGV (Índice Geral de Preços). Disponível em: <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO/jsp/index.jsp>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

⁴³ O salário mínimo foi instituído durante o governo do Presidente Getúlio Vargas pelo Decreto-Lei nº 2.162 de 01 de maio de 1940. Inicialmente esse salário foi calculado de acordo com o preço da cesta básica, e por esse motivo havia variação no valor em diferentes municípios. O salário mínimo foi unificado apenas no ano de 1984.

A conversão e a correção dos valores foram realizadas para facilitar a compreensão do valor atual dessas subvenções. Além disso, realizou-se uma busca nos jornais e classificados da época a fim de tecer uma comparação do poder de compra. No jornal “O Estado de Mato Grosso” foram localizados os seguintes valores:

- **1946** – Cr\$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros): Imóvel situado na capital do Estado (Cuiabá), Rua Barão de Melgaço. Casa térrea com duas salas, varanda, quatro quartos, cozinha, dois quintais sobrevaranda. (O ESTADO DE MATO GROSSO, ano VII, n. 1470, 1946, p.4)
- **1955** - Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros): Prédio localizado na capital do Estado (Cuiabá), Rua Joaquim Murtinho. (O ESTADO DE MATO GROSSO, ano XVII, n. 2699, 1955, p.1)
- **1956** - Cr\$ 8.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros): Lote de frente para Rua São Miguel, na capital do estado (Cuiabá): 15 metros de frente, por 76 metros de fundo. (O ESTADO DE MATO GROSSO, ano XVII, n. 2852, 1956, p.4)
- **1958** - Cr\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil cruzeiros): Um ônibus aviação de cor verde, marca Ford, motor número DI-466, modelo 1946. (O ESTADO DE MATO GROSSO, ano XIX, n. 03190, 1958, p. 3).

Grande parte dessas subvenções tiveram como justificativa a realização das atividades socioculturais, que possibilitavam o acesso dos alunos gratuitos. Observa-se, no entanto, que as instituições salesianas eram muito bem pagas para desenvolver esse trabalho de caridade.

Os salesianos desenvolveram uma “[...] ação política racionalmente orientada a favor da defesa das condições sociais.” (BOURDIEU, 2011b, p. 214), tendo como principal argumento o trabalho de assistência social junto às classes economicamente menos favorecidas. As vagas gratuitas eram utilizadas nos discursos como uma forma de sinalização de virtude da instituição perante o campo social. Esses discursos passaram a apostar no benefício da instituição salesiana para o desenvolvimento da cidade.

Ocorre que, além das subvenções, chama atenção ainda outras concessões oferecidas a essas instituições veiculadas em notícias de jornais. Como exemplo, cita-se a publicação do expediente da Câmara Municipal de Campo Grande, “[...] **concedendo terrenos gratuitamente** para o Colégio da Missão Salesiana Maria Auxiliadora e isenção de laudêmio de terrenos que forem adquiridos por corporações que visem a educação e instrução da mocidade. (JORNAL DO COMÉRCIO, ano 7, n. 280, 1927, p. 1, grifo nosso).

Na cidade de Corumbá, essas articulações com o campo político, mostraram-se igualmente importantes, já que, no ano de 1942, o Conselho de Imigração e Colonização aprovou o projeto do Decreto-Lei da Prefeitura Municipal de Corumbá “[...] isentando o Collegio Imaculada Conceição do pagamento do laudêmio de 2,5% correspondente a compra de quatro prédios edificadas no lote de terreno urbano número 65, Rua 13 de junho”. (O ESTADO DE MATO GROSSO, n. 722, 1942, p. 1).

O auxílio e as isenções de impostos dados às instituições salesianas não ocorriam somente no período de implantação, mas continuavam nos anos posteriores, conforme as instituições se ampliavam ou investiam na ampliação de seus patrimônios materiais.

No sul do antigo Mato Grosso, o financiamento público da educação privada golpeava os discursos escolanovistas, que depositavam na educação, sobretudo no ensino secundário, um meio para uma melhor distribuição de riqueza. O investimento público em estabelecimentos de ensino elitizados, juntamente com a falta de investimento em escolas públicas, fazia com que a educação secundária continuasse a se constituir como um privilégio e não como um direito social e, portanto, contribuía para a legitimação e consolidação das frações da classe dominante, o principal público alvo desses estabelecimentos.

No campo jornalístico, apesar de disporem da “Revista Mato Grosso”, do “Eco Diocesano” e do jornal “A cruz” para divulgação de seus feitos, os salesianos precisaram realizar uma articulação com o campo jornalístico “leigo” a fim de promover o conhecimento do trabalho salesiano. A Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e o Arquivo Histórico de Campo Grande (ARCA) reúne uma grande quantidade de material impresso, jornais e periódicos, por meio dos quais foi possível localizar matérias rotineiras a respeito das atividades dos colégios em todo o estado.

Na cidade de Campo Grande, o “Jornal do Comércio” mostrou-se um importante parceiro da obra salesiana e, em Corumbá, os salesianos conquistaram o apoio do “Tribuna” no campo jornalístico. Essas publicações garantiram maior eficácia e legitimidade às instituições, trazendo visibilidade para elas.

Renato Báez possibilita a aproximação dessa articulação com o campo jornalístico em Corumbá:

[...] em 1912 foi fundado pelo brilhante jornalista Pedro Magalhães o primeiro jornal diário com o nome de TRIBUNA, jornal esse que, em seus quase 50 anos, deu generosamente boa acolhida aos noticiários sociais, festas e programas outros para conhecimento dos pais dos alunos do emérito Estabelecimento Escolar. (BÁEZ, 1998, p. 59).

O “Jornal do Comércio”, por sua vez, foi fundado por José Jayme Ferreira de Vasconcelos⁴⁴ no ano de 1921, na cidade de Campo Grande, e circulou na região sul do estado. Inicialmente contava com publicações semanais. As fontes ou a historiografia não trazem relatos a respeito do relacionamento existente entre o jornal e a Congregação Salesiana. O fato é que, desde o início das atividades das instituições, o periódico também reservou um lugar para relatar as festividades e acontecimentos das instituições escolares salesianas. No ano de 1961, a propriedade da empresa passou para as mãos da Missão Salesiana.

Evidencia-se, no entanto, o cuidado com tais fontes, que não estão relacionadas apenas a um ato de transmissão de informações. Essas fontes estão revestidas de significações sociais e interesses ideológicos específicos, portanto, por meio de suas representações, exercem poder sobre os seus leitores.

O “Jornal do Comércio”, no ano de 1944, noticiou um evento realizado no Colégio Dom Bosco, com a manchete: “O Colégio Dom Bosco ofereceu um almoço aos seus alunos, à imprensa e pessoas amigas”.

Encerradas brilhantemente as festas em honra ao glorioso São João Bosco. Realizou-se as 11 ½ horas de domingo último num dos amplos e belos salões do Colégio Municipal Dom Bosco, o conceituado estabelecimento de ensino que é dirigido pelo ilustre Padre Dr. José Luiz Valentim, um almoço íntimo, como encerramento das festividades ao glorioso São João Bosco, que tiveram lugar no referido educandário. Na mesa formada em U tomaram assento, além do diretor, professores e alunos do Colégio, os convidados especiais entre os quais se achavam os srs. Dr. Paulo Porto, diretor do “O Progressista”, e Rogério Gomes Santiago, representante do Jornal do Comércio por essa ocasião, usaram da palavra os srs. Padre Valentim, Dr Paulo Porto e Dr. Ostácio José Ruiz, todos enaltecendo a obra sublime realizada por Dom Bosco. Houve também cantos religiosos e recitativos, executados muito bem pelos alunos. O Sr. Bispo Diocesano de Corumbá, D. Vicente Priante fez-se representar, no almoço pelo virtuoso e querido sacerdote, Padre José Inácio. (JORNAL DO COMÉRCIO, Ano 23, n, 3994, 23 de agosto de 1944, p. 3).

Na notícia é possível observar os adjetivos utilizados para fazer referência ao Colégio Dom Bosco e seus profissionais: “amplos e belos salões”, “conceituado estabelecimento”, “ilustre padre”, “glorioso São João Bosco”, “virtuoso e querido sacerdote”. A parceria com esses jornais proporcionava a ampliação de capital simbólico das instituições e dos educadores

⁴⁴ O diretor e proprietário do “Jornal do Comércio” era conhecido na sociedade campo-grandense como um intelectual nos anos 1930 e 1940. Participou do quadro de sócios efetivos do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras. Com o crescimento do jornal, outros intelectuais compuseram a redação, como Oliveira Viana e Azevedo Amaral, ideólogos do Estado Novo. (CALONGA, 2014). O jornal esteve diretamente envolvido na campanha de Getúlio Vargas no sul do estado, bem como no movimento constitucionalista de 1932 e, principalmente, com a política do estado e, consequentemente, com a Marcha para o Oeste. (ANDRADE, 2011).

salesianos. Isso porque esse capital relaciona-se principalmente como os agentes passam a ser conhecidos e reconhecidos dentro de determinado campo, ou mesmo perante a sociedade.

O capital simbólico potencializa o valor de outros capitais que determinado agente social possa possuir e, por isso, possibilita a ascensão e reconhecimento dentro do campo. No entanto, é um capital adquirido somente por meio das relações sociais. Corresponde a um poder atribuído à posse de um bem pessoal – um capital – seja ele institucionalizado ou não. Esse poder advém do reconhecimento que os outros atribuem a esse capital, pelo valor social que ele tem. Relaciona-se, portanto, com o reconhecimento e a legitimação da posição de determinado agente dentro do campo (BOURDIEU, 2012).

No caso dos salesianos, o reconhecimento de outros agentes sociais e os adjetivos utilizados por eles para enaltecer as instituições foi um dos fatores que possibilitaram aos salesianos serem reconhecidos no campo escolar e religioso e adquirirem capital social e simbólico. Observa-se que, para o almoço em comemoração a Dom Bosco, foram convidadas pessoas ilustres da sociedade, apesar de se tratar de um evento pequeno e íntimo. Dentre as solenidades ilustres estavam, inclusive, os representantes do campo jornalístico. Um meio para promoção de vínculos sociais com pessoas ilustres da sociedade campo-grandense.

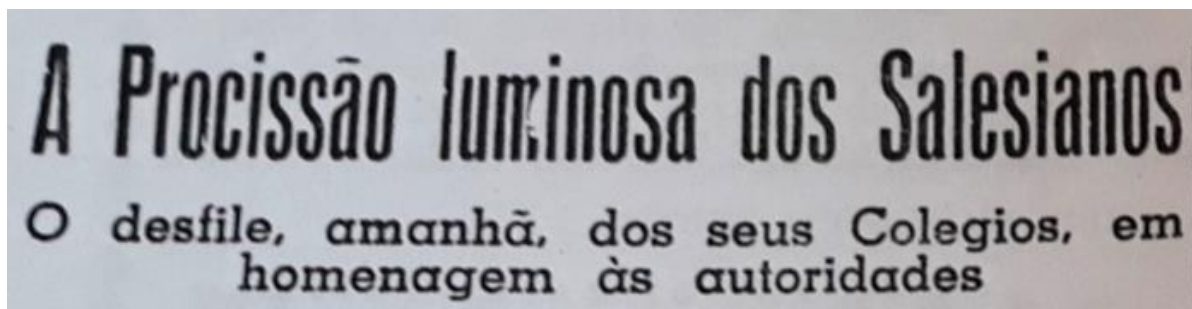
O capital social, também conhecido como relacional, corresponde a posse de um “uma rede durável de relações, mais ou menos institucionalizadas, de interconhecimento e de reconhecimento” (BOURDIEU, 1980). Essa rede de relações e apoio é o que permite a mobilização de recursos no campo social. Para a congregação salesiana, a aproximação e o estreitamento de relações sociais com pessoas bem posicionadas na sociedade, com cargos, poder e influência tornava-se importante para o apoio da obra salesiana e também para trazer para o colégio uma distinção referente ao “nível” e ao “tipo” de pessoas que costumavam frequentar os estabelecimentos escolares.

Os eventos e as festividades nos colégios são exemplos de ações que possibilitavam tanto a ampliação de capital cultural quanto de capital social. Nessas ocasiões, as instituições cumpriam sua função religiosa com as comemorações solenes aos seus santos de devoção, ao mesmo tempo em que utilizavam as apresentações de cantos e poesias para dar às famílias e à comunidade escolar uma mostra do êxito da educação salesiana promovida por meio da socialização de atividades desenvolvidas pelos alunos na instituição.

Na ocasião da comemoração dos cinquenta anos da presença salesiana no Brasil, em outubro de 1944, o jornal noticiou a realização de uma procissão dos alunos do Colégio Dom Bosco, com cobertura completa do evento, com direito ao antes, o durante e o depois. Nesse

evento, novamente destacam-se as adjetivações, que buscavam caracterizar a grandeza da obra salesiana: “procissão luminosa”, “notável no setor educacional”.

Figura 13 – Notícia sobre comemoração dos 50 anos dos salesianos no Brasil



Fonte: Jornal do Comércio, Ano 26, n. 3791, 25 de setembro de 1944, p. 2.

Na notícia do referido desfile, é possível observar a organização dos estudantes, o respeito e a valorização dada às autoridades locais e a visita à redação, buscando reforçar a parceria entre os colégios salesianos e o jornal. A utilização dos desfiles, festas escolares e procissões religiosas grandiosas, como estratégia para apresentar os estudantes à sociedade e legitimar os salesianos no campo escolar, pode ser compreendida a partir das contribuições de Azzi (2008, p. 92).

As festas de conclusão do ano escolar, realizadas com toda a solenidade, com a presença das famílias das alunas e das autoridades locais, constituíam uma verdadeira vitrine onde se demonstravam os bons resultados obtidos através da atuação educativa das religiosas. Com frequência a imprensa registrava a presença de personalidades conceituadas nessas celebrações escolares.

Os alunos escolhidos para discursar eram escolhidos a dedo, deveriam ter desenvoltura, domínio da norma culta, eloquência e capacidade de improvisação. Bourdieu (2014) contribui para a identificação de elementos que caracterizam esse tipo de estudante: “[...] desenvoltura irônica, a elegância preciosa ou a segurança estatuária que permite a naturalidade ou a atribuição da naturalidade são quase sempre próprias aos estudantes oriundos das classes altas, nas quais essas maneiras exercem o papel e o sinal de pertencimento à elite.” (BOURIDÉU, 2015, p. 37). Nesse sentido, tais práticas serviam para legitimar a posição social de estudantes já pertencentes às classes dominantes, atribuindo-lhes capital simbólico e visibilidade perante a sociedade escolar.

Esse apoio adquirido na sociedade pode ser exemplificado pelo registro do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em que se observa que a instituição recebeu uma quadra de tênis como doação de uma família, no ano de 1931:

Aproveitou-se a festa de Dom Bosco para efetuar-se a inauguração da nova quadra esportiva de tênis, doada por uma distinta família, cuja filha estava no colégio. À cerimônia estiveram presentes algumas personalidades de destaque. As alunas cantaram hinos patrióticos, depois foram pronunciados alguns discursos e, finalmente, houve partidas de tênis e ginástica. À noite, no salão de festa, houve filme para as alunas. (CNSA HISTÓRICO, s.d).

As instituições salesianas receberam o apoio de famílias renomadas da sociedade em diversas ocasiões. Esse apoio possibilitou a luta pela manutenção de uma posição de prestígio, que sobreviveu à implantação de novas instituições. Essas doações proporcionavam à instituição realizar investimentos na estrutura do colégio, bem como a aquisição de novos materiais que eram necessários para corroborar o discurso de educação moderna.

O investimento e as doações recebidas pelas instituições foram possíveis a partir do convencimento das autoridades, das classes médias e das elites regionais a respeito da “inovação” do modelo de ensino salesiano. O discurso pronunciado pelo desembargador José Mesquita, do estado do Mato Grosso, publicado pelo jornal “A cruz”, expõe o convencimento em relação à idealização salesiana, demonstrando o alcance do sistema preventivo:

A sua obra, entretanto, é de um senso prático, de uma realizabilidade tal que dir-se-ia que, em todos os seusprehendimentos a ação acompanha a ideia e uma e outra se integram e completam admiravelmente. Haja vista o seu admirável systema pedagógico, obra prima de psicologia, de analyse interior, que até a escriptores acatholicos e neutros tem provocado laudes comovidas e entusiasticas. Que obra surpreendente de equilibrio e de bom senso, de natureza tal a marcar-lhe o título de “precursor da pedagogia contemporânea” inaugurada por Cecil Reddie⁴⁵, com quem o tem sagrado os especialistas no assumpto. O método preventivo, que hoje até em penalogia se vê triumphante em toda linha; a therapeutica do carinho, a prophylaxxia moral, preservando as almas ainda verdes do contagio tabifero dos maus elementos, o valor do “controle” proclamado, como indiscutível, a obediencia, como consecretário do amor, e não jugo imperioso, fazendo da disciplina a melhor forma de applicação da liberdade; tudo isso que constitui as vigas mestras do admirável construção que é a educação nos moldes de D. Bosco, o que mais há mister para ilustrar a clarividência e a sensatez desse grande organizador que é o chefe da congregação salesiana.⁴⁶ (JORNAL A CRUZ, ano XXI, n. 934, 1930, p. 4).

A centralidade no aluno, o desenvolvimento de potencialidades individuais, a educação cidadã e a instituição escolar pensada como um lugar divertido e atrativo foi o que possibilitou

⁴⁵ Cecil Reddie (1858-1932) foi um intelectual inglês que fundou a primeira instituição com o nome de “Escola Nova”. É considerado um escolanovista esquecido pelo tempo ele criou uma escola que funcionava como um internato que dava ênfase à observação, aos trabalhos manuais, às atividades esportivas e aos trabalhos artísticos e jornalísticos.

⁴⁶ Dom Bosco: O conquistador de Almas - (Discurso pronunciado no “Salão Pio XI” do Asylo S. Rita, na noite de 6 de julho pelo Desembargador José de Mesquita).

aos salesianos, apesar de um ensino tradicional e católico, tirarem proveito do sucesso do discurso escolanovista. Fator que levou algumas pesquisas a chamá-los de católicos precursores da Escola Nova.

O apoio e a participação da comunidade fica visível também nas Crônicas escolares que registram, em agosto, a Festa da Diretora. Ocasão onde foram convidadas

[...] ex-alunas, pessoas amigas. Às 7 horas, Missa com cantos bem executados. Comunhão Geral. Após, um saboroso chocolate. Às 9 horas parte esportiva no pátio central, com exercícios de ginástica pelas alunas. Seguem para o campo de basquete acompanhadas pelas autoridades, pela elite da sociedade e pelos padrinhos dos respectivos jogos entre internas e externas. Realizou-se com as pequenas – “jogos dos pássaros. Vencem as internas, que são premiadas pelo padrinho Sr. Padre Antônio Campos. (CRÔNICAS..., 1926-1959).

As instituições não desperdiçavam oportunidades para integrar o colégio com colaboradores e autoridades. Nessas ocasiões, sempre eram realizados atos religiosos, atos de demonstração da excelência escolar com atividades das alunas ou atos cívicos, esportivos ou culturais.

As atividades esportivas foram utilizadas para fomentar o discurso de cuidar do intelecto, do corpo e da alma, e ainda como meio de atrair a juventude. Além disso, eram usadas no sentido de recreação dentro dos oratórios ou até mesmo em grandes eventos esportivos que poderiam proporcionar a integração com a comunidade. Nesse sentido, a prática mais recorrente foram os jogos de futebol entre os meninos. De acordo com as memórias de Pierre Adri (2006, p. 45):

O Colégio Dom Bosco sempre foi tradicional com o futebol, no decorrer do ano letivo havia disputas dos campeonatos envolvendo as séries ginásial, científico e contador, cujos jogos se estendiam por diversas semanas disputados pelos alunos do curso diurno e noturno, tudo na mais ampla organização, destacando-se sempre a rivalidade nas disputas como o ponto alto nas competições para a felicidade dos assistentes, principalmente dos que se aglomeravam em volta dos campos. [...] Era a festa esportiva sempre ao lado do devido aprimoramento intelectual.

Apesar da popularidade do futebol, a prática esportiva não ficava restrita a ele, já que se observa também nas fontes a prática do tênis e a prática do vôlei. Assim, o esporte extrapolava o conteúdo programático das aulas de educação física, para divertir e integrar a comunidade.

Fotografia 12 - Jogo de voleibol no Ginásio Santa Teresa



Fonte: Báez (1988).

A fotografia 12 retrata um campeonato de vôlei no ano de 1959, em um desses momentos que também envolviam a comunidade nos espaços escolares, promovendo práticas esportivas e ampliação do círculo social das famílias e outros apoiadores da obra salesiana.

Uma outra maneira de as instituições desenvolverem essa integração com a comunidade foi a participação ativa nas atividades ultramontanistas viabilizadas pela **Ação Católica** no sul de Mato Grosso, as quais se iniciaram no ano de 1949. Essas informações foram levantadas no “Eco Diocesano”, periódico vinculado à Diocese de Corumbá. O Ginásio Santa Teresa tornou-se sede da Ação Católica no sul do antigo Mato Grosso, e os padres do colégio, Miguel Alagna e José Corazza, atuaram na linha de frente da organização.

A análise do periódico contribuiu ainda para a aproximação das atividades desempenhadas pela Ação Católica em apoio às estratégias do catolicismo ultramontano, como, por exemplo, a rádio do Papa:

No dia 12 de fevereiro 1931, Pio XI inaugurava a Rádio Vaticana. Em sua primeira mensagem radiofônica, enfatizou o alcance universal da Rádio, cuja finalidade é anunciar com liberdade, fidelidade e eficácia a mensagem cristã, unir o centro da catolicidade e o Papa com os diversos países do mundo, difundindo a palavra da evangelização e superando as barreiras dos povos. (SOUZA, 2006, p. 43).

A Figura 14 apresenta os recursos financeiros doados por instituições católicas do sul do antigo Mato Grosso e a relação das instituições de diversas congregações que apoiavam a ação com “ofertas” para a manutenção da rádio. Dentre as instituições relacionadas, observa-se a união de diferentes congregações católicas em prol do pedido do Papa para a difusão da mensagem cristã.

Figura 14 - Oferta das instituições e famílias salesianas para a emissora católica

Ofertas para a nova rádio emissora do Papa	
CORUMBÁ — Hospital de Caridade (F. de M. Aux.) — Oferta dos médicos, empregados e doentes — Cr\$ 1.000,00; Ginásio Imaculada Conceição (F. M. Aux.) — Cr\$ 900,00; Ginásio Santa Teresa (Salesianos) pais e alunos — Cr\$ 820,00; Catedral (Salesianos) — Cr. 700,00; Capela e Escola de N. S. do Caacupé (Irmãs de Jesus Adolescente) — Cr\$ 310,00; Capela e Escola do S. C. de Jesus (Irmãs de Jesus Adolescentes) Cr\$ 200,00; Menino José Maria Perdigão — Cr\$ 5,00;	
Total em Corumbá	Cr\$ 3.935,00.
CAMPO GRANDE — Colégio de N. S. Auxiliadora (F. M. Aux.) — Cr\$ 853,20; Paróquia de Sto. Antônio (Redentoristas) — Cr\$ 293,00; Paróquia de N. S. do Perpétuo Socorro (Red.) — Cr\$ 217,00;	
Total em Campo Grande	Cr\$ 1.363,20.

Fonte: Eco Diocesano, ano 2, n. 12-13, junho e junho de 1949, p.11

Embora os salesianos não estivessem à frente dos empreendimentos ultramontanistas para a retomada dessa posição num contexto nacional, eles não lançaram mão de protagonizar embates em defesa do catolicismo no contexto regional, investindo em estratégias que possibilitassem alcançar uma posição confortável tanto no campo religioso quanto no campo escolar.

Ao tentar compreender essa relação do campo religioso com os símbolos do poder sagrado, Bourdieu entende que, dentre os símbolos utilizados em outros campos, “[...] apenas o capital simbólico objetivado e a sua eficácia está sujeita às mesmas condições.” (BOURDIEU, 1998, p. 145). Os símbolos dentro do campo religioso adquirem caráter sagrado, sustentando a lógica de funcionamento e distribuição de poder do campo. Esse poder simbólico, agregado em torno da figura do Papa, é o que mobilizou o campo religioso a investir economicamente em prol do desejo da Santa Sé de criar e sustentar uma emissora de rádio.

Observa-se, nessa questão, a integração entre campo religioso e o campo escolar. Nessa iniciativa, houve doações não somente das instituições, mas também de pais, alunos e agentes de outros campos sociais. Dentre as instituições salesianas estão o Ginásio Imaculada

Conceição e o Ginásio Salesiano Santa Teresa, em Corumbá, e o Ginásio Nossa Senhora Auxiliadora, em Campo Grande.

Durante a “Cruzada das Vocações”, o Ginásio Imaculada Conceição realizou uma apresentação teatral com o drama “A choupana Bretã”, com discursos, poesias, música clássica de piano e violino. O ingresso para assistir à apresentação custava 2.000,00 cruzeiros e, na ocasião, realizou-se a rifa de um bolo no valor de 500,00 cruzeiros. Os ingressos, a rifa e outras ofertas, no período, foram usados pela instituição para a “Bolsa N. S. Auxiliadora”, a fim de financiar o estudo de uma vocacionada. (ECO DIOCESANO, 1949, p. 15).

Essas práticas educativas e culturais, atuavam em prol do funcionamento do campo religioso. As campanhas e eventos, traziam visibilidade às instituições, ampliavam o repertório cultural dos alunos, integrava ao colégio membros da sociedade em busca de lazer ao mesmo tempo que possibilitava o fortalecimento da congregação e meios para a formação religiosa de seus membros.

Dentre as estratégias que interseccionam práticas e agentes do campo religioso e escolar, destaca-se uma campanha surpreendentemente atraente registrada no periódico, na qual se apresentava a oportunidade de concorrer em uma maratona de catecismo – promovida pelo Departamento Nacional de Ensino de Religião, vinculado à Ação católica – e ganhar como prêmio uma viagem ao Rio de Janeiro, capital federal do Brasil, ou até mesmo a Roma.

O Bispo Diocesano estaria responsável por formar uma Comissão de Maratona Catequética e dar instruções para preparar os candidatos e escolher os representantes de cada Diocese. A comissão deveria realizar a seleção de apenas um aluno de cada nível de ensino (primário, ginásial e colegial) para representar a Diocese na Maratona. (Figura 15).

Figura 15 - Lançamento da Maratona Catequética

JUNHO E JULHO DE 1949 ECO DIOCESANO 5

Quem quer vir de graça ao Rio?
Quem quer ir de graça a Roma?

ATÉ PARECE SONHO

Mas não é. E' verdade. O Departamento Nacional de Ensino de Religião, da Ação Católica Brasileira, no propósito de incentivar a catequese em todo o Brasil:

- oferece a cada Arquidiocese, Diocese, Prelazia ou Prefeitura Apostólica quatro passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro (para o 1.º aluno de catecismo no curso primário, 1.º no curso ginásial, o 1.º no curso colegial e um acompanhante designado pela Autoridade Eclesiástica);
- aos quatro assegura hospedagem gratuita durante o tempo da Maratona;
- oferece ida a Roma, durante o Ano Santo de 1950, aos três primeiros alunos de Religião do Brasil (do curso primário, do ginásial e do colegial).

QUER PORMENORES?

Interessou-se pelo assunto? Quer informações, muitas informações sobre o caso? Vá perguntando e sua Revista responderá:

QUEM PODE ENTRAR NA MARATONA?

A) no curso primário — Todo os alunos e alunas de escolas primárias oficiais ou particulares. Todos os alunos de catecismo paroquial, de nível primário (tratando-se de crianças que tenham abandonado o curso primário, sem seguirem o curso secundário, exige-se que não tenham mais de 12 anos).

B) no curso ginásial — Todos os alunos e alunas de ginásio ou cursos equivalentes.

C) no curso colegial — Todos os alunos e alunas de colégio (2.º ciclo secundário) ou equivalentes, como curso pedagógico das Escolas Normais.

Fonte: Eco Diocesano, ano 2, n. 12-13, junho e junho de 1949, p. 5.

Identifica-se, assim, uma relação entre o processo de inserção e consolidação do lugar ocupado pelos salesianos no campo educacional brasileiro e as estratégias empreendidas pelo catolicismo ultramontano para a retomada do poder da própria Igreja Católica.

Por fim, destacam-se as associações de ex-alunos das instituições. Essas associações não foram uma estratégia originalmente salesiana, mas uma prática recorrente nas instituições católicas que adentram na competição com o ensino leigo pelo monopólio do ensino secundário.

Dallabrida (2012) destaca essas associações como um dos principais instrumentos para **criar uma tradição**, as quais funcionavam principalmente como uma “comprovação” do sucesso do ensino oferecido naquelas instituições. Isso ocorria principalmente por causa do perfil de seus participantes, que, em vias de regra, tratavam-se de agentes “bem sucedidos”, “bem relacionados”, cultos e principalmente saudosistas da época de colégio.

Os ex-alunos salesianos⁴⁷ participavam de atividades festivas, auxiliavam o oratório e quaisquer outras obras de assistência social desenvolvida pelo colégio. E, por isso, as instituições recebiam apoio e incentivo do governo para suas atividades, conforme observado na legislação estadual⁴⁸:

- **Lei n. 1254, de 9 de setembro de 1959** – declara utilidade pública estadual, à “União de Ex-alunas Madre Linda Lucotti” do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da cidade de Campo Grande. (MATO GROSSO, 1959);
- **Lei n. 2488, de 20 de setembro de 1965** – concede subvenção anual de Cr\$ 300.000 à Inspetoria de Ex-alunas Filhas de Maria Auxiliadora, em Campo Grande. (MATO GROSSO, 1965).

A declaração de utilidade pública era designada a instituições prestadoras de serviços sociais sem fins lucrativos e tornava-se importante na medida em que se constituía como um pré-requisito para a inscrição em editais públicos e pedido de recursos para a instituição.

Assim, como as Filhas de Maria Auxiliadora em Corumbá, os ex-alunos do Ginásio Santa Teresa formaram uma associação bastante ativa. Renato Báez, memorialista, advogado, jornalista e deputado e um membro ativo dessa associação, contribuiu com suas memórias

⁴⁷Associações como a UEDB e União de Ex-alunas Madre Linda Lucotti fazem parte da chamada Família Salesiana, assim como as Voluntárias de Dom Bosco, os Cooperadores, as Irmãs de Jesus Adolescente, Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora, entre outros.

⁴⁸ Fonte: Instituto Memória da Assembleia Legislativa de Mato Grosso.

escritas a respeito da Congregação Salesiana no estado. A sociedade dos Ex-alunos de Dom Bosco de Corumbá (UEDB) foi fundada oficialmente no ano de 1950.

Inicialmente, a UEDB teve sua sede no próprio colégio e, com seu crescimento, conseguiu se instalar em local próprio. Em suas memórias, o professor e padre Ernesto Sakissida relembra o trabalho realizado em conjunto com os ex-alunos. “Em 1951, formamos aqui a União dos ex-alunos salesianos que se constituiu numa frente de atividades culturais da cidade, voltada ao esporte, ao teatro, à música. Nessa altura, comecei a trabalhar com menores, com jovens estudantes, com a colaboração dos ex-alunos.” (SAKISSIDA *apud* ROSA, 1990, p. 132).

Báez (1988), que esteve diretamente envolvido com a UEDB, lembra que o retorno do padre Ernesto Sakissida à cidade de Corumbá animou os ex-alunos, que queriam voltar a reviver os momentos experimentados no Ginásio Santa Teresa. A UEDB contava com uma taxa de mensalidade para a participação, um distintivo oficial, reuniões em horários fixos e generosos donativos em dinheiro ou em recursos de ex-alunos e apoiadores da iniciativa. A associação organizava almoços, campeonatos de festival, bailes, e também pleiteava apoio e recurso de autoridades políticas e da sociedade corumbaense para o oferecimento de bolsas de estudos para o curso ginásial.

No ano de 1957, a associação iniciou um dos maiores empreendimentos dos salesianos no campo da assistência social: uma instituição escolar na periferia de Corumbá. Inicialmente a escola foi chamada de Escola Profissional Alexandre de Castro e, no ano de 1965, passou a se chamar de Cidade Dom Bosco.

A instituição foi criada pelo Decreto n. 224, de 29 de dezembro de 1957, o primeiro nome foi usado para homenagear Alexandre de Castro, professor de Francês do Colégio Salesiano Santa Teresa. (PROENÇA, 2003). Esse professor ficou conhecido na cidade por ajudar os alunos com menores condições econômicas a dar continuidade aos estudos “[...] os rapazes, principalmente, concluindo o curso elementar, buscavam estudos e outras plagas. [...] Os menos favorecidos da sorte estudavam contabilidade com o professor Alexandre Aurélio de Castro, na intimidade Xandinho.” (BÁEZ, 1982, p. 65). O professor tornou-se conhecido na cidade em uma época em que as instituições corumbaenses ofereciam somente o primário.

Em 1961, a prefeitura de Corumbá, por meio da Lei Ordinária n. 321, de 28 de novembro, concedeu à iniciativa um auxílio no valor de 250.000,00 cruzeiros para a construção do prédio para a “Escola Profissional Alexandre de Castro”. (CORUMBÁ, 1961). O estabelecimento foi construído na região periférica da cidade e passou a ser utilizado inclusive como centro comunitário e espaço para outras iniciativas sociais. Essa iniciativa, demonstra que

os ensinamentos religiosos do tempo do colégio se solidificaram e continuaram produzindo ações práticas condizentes ao pensamento da obra salesiana.

A obra surgiu com a ajuda dos ex-alunos salesianos e destina-se à assistência integral ao menor pobre e necessitado dos bairros, levando até ele e a seu ambiente o calor do coração de Dom Bosco. A obra se expandiu rapidamente. Hoje 2.300 alunos possuem escola, onde podem fazer todas as 8 séries do 1.º grau. O movimento religioso é intenso nas 3 paróquias confiadas aos Salesianos. A última, anexa à “Cidade Dom Bosco”, foi erigida canonicamente a 4 de junho de 1978. A presença de Dom Bosco na “Capital do Pantanal” é notável. Não era, pois, de estranhar que houvesse um grande interesse, por parte dos professores, em aprofundar os conhecimentos sobre a pedagogia do Grande Educador, que continua agindo, com seu espírito através das Obras Salesianas. (BÁEZ, 1979, p. 117).

De acordo com e-mail⁴⁹ impresso e arquivado no CSDP, com o histórico da cidade Dom Bosco, trata-se de “[...] uma obra bem quista pela cidade e pelas autoridades do Estado, que são generosas em auxílios.”. (MARTINUZ, 2003). A cidade Dom Bosco se tornou um importante elemento para reforçar o apoio da sociedade e do poder público à obra salesiana.

Em síntese, as instituições escolares salesianas investiram pesadamente em eventos que pudessem proporcionar a ampliação da visibilidade da congregação no estado, os quais contavam com a presença de autoridades. Além disso, é possível observar estratégias de distinção que proporcionassem ampliação dos espaços de atuação e que possibilitassem a competição com o ensino leigo em seus espaços de atuação. Os investimentos realizados conferiram aos educadores católicos uma visibilidade que possibilitou a ampliação das ações educacionais para o ensino superior.

Apesar das lutas concorrenciais cada vez mais acirradas dentro do campo educacional, principalmente após a década de 1950, com a ampliação de ginásios criados pelo poder público em todo o sul do estado, a tradição das instituições salesianas construída por meio da educação cultural, moral e religiosa constituiu-se como um legado simbólico que fez com que famílias continuassem, ainda no século XXI, a optar pela educação tradicional dos colégios salesianos.

⁴⁹O documento em questão trata-se de uma resposta de uma conversa entre membros da inspetoria a respeito do levantamento das obras sociais realizadas pelos ex-alunos salesianos. O e-mail, apesar de se tratar de uma mensagem informal e pouco recomendada para uso em pesquisas científicas, é utilizado na presente pesquisa em virtude da escassez de fontes sobre o assunto. Os tratamentos para essa fonte são os mesmos das crônicas, diários e obras memorialistas.

PARTE II

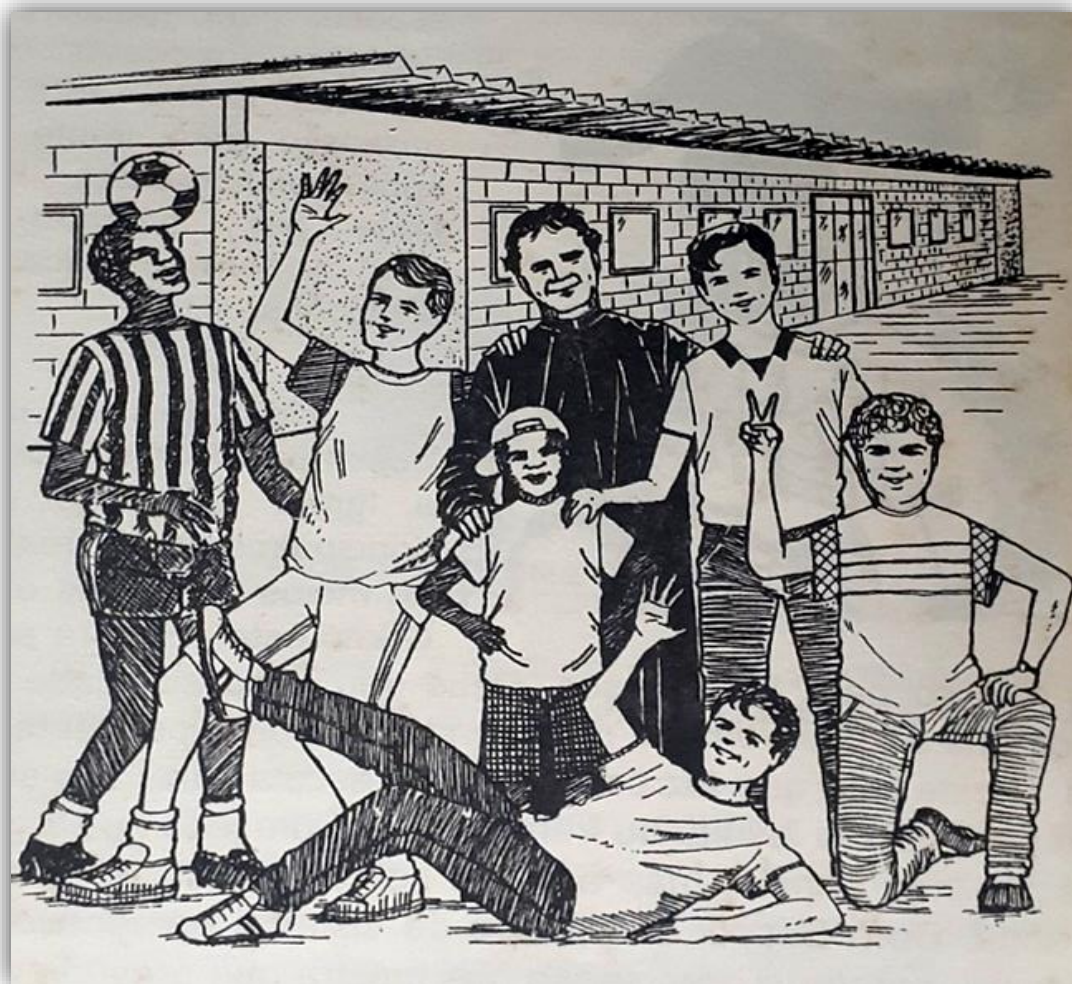


Figura 16 - O jeito Salesiano de Educar

Fonte: COGO, sd.

CAPÍTULO IV

O ENSINO SECUNDÁRIO CONFESSIONAL SALESIANO: DISPOSIÇÕES, ESTRUTURAS E PRÁTICAS ESCOLARES E RELIGIOSAS

Mais do que a participação à mesma cultura, no sentido tradicional do termo, isto é, um conjunto de saberes e habilidades legítimas, são, aqui como em qualquer parte, os imponderáveis contidos nas maneiras e no porte, as expressões típicas da gíria escolar, que são um condensado de valores cristalizados, as maneiras de contar piadas, as formas de mover o corpo ou de soltar a voz, de rir, de entrar em relação com as outras pessoas e, em particular, com seus pares [...]. (BOURDIEU, 1989, p. 110-111).

Esta parte, composta unicamente pelo capítulo IV, tem como objetivo a investigação e a imersão na cultura escolar dos estabelecimentos de ensino ora investigados. A mobilização do conceito de cultura escolar possibilita a aproximação daquilo que é singular na cultura produzida nas instituições, que, por sua vez, também são expressão do universal. E, por esse motivo, o exercício ora empreendido desloca a atenção da investigação dos processos externos da realidade escolar para os processos internos, contudo sem desconsiderar o que é macro social.

A operacionalização desse tipo de pesquisa, com o enfoque na cultura escolar, é viabilizada pelas inovações da Nova História Cultural, que direcionou a visão da academia para processos históricos no interior do campo escolar, no qual emergiram novos objetos e novas investigações a respeito do funcionamento escolar. (CHARTIER, 1990, p. 14).

Esse direcionamento das pesquisas para o interior da escola possibilita a ampliação do conjunto de objetos utilizados no campo da História da Educação, bem como questionamentos a respeito dos métodos, fontes e conceitos. Nesse sentido, extrapola uma visão dicotômica pautada somente nas dimensões macro da economia e da sociedade, atentando para aquilo que reflete todo um modo de ser no interior da escola. Desse modo, o interior das instituições é marcado por um momento histórico que evidência uma determinada expectativa em torno da escola, dos saberes e dos agentes produzidos pela instituição.

O Ministério da Educação e Saúde Pública (MESP), criado pelo Decreto n. 19.444, de 01 de dezembro de 1930, foi imprescindível para estabelecer e centralizar as bases de uma cultura escolar secundária. (BRASIL, 1930). Principalmente durante as décadas de 1930 e 1940, o ministério agiu de forma extremamente burocrática, atuando na conformação e fiscalização dos estabelecimentos de ensino, a fim de que estes atendessem às necessidades do governo federal.

A burocracia governamental foi a responsável pela produção da “papelada escolar” utilizada para fiscalização das instituições públicas e instituições particulares que desejassem o reconhecimento para fins de oficialização do ensino. Essa documentação escolar, composta por leis, decretos, relatórios de inspeção, ofícios, circulares e até telegramas, compõe parte do *corpus* empírico dessa segunda parte da tese. Embora se reconheça que essa documentação esteja desorganizada, descontinuada e deteriorada pela ação do tempo, ela ainda fomenta a discussão sobre as práticas e normas produzidas no interior das instituições salesianas.

Além daquilo que vulgarmente se denomina “papelada escolar”, foram utilizadas fontes memorialísticas que proporcionam a aproximação de práticas escolares, as quais dificilmente poderiam ser feitas somente com a análise documental. Essa memorialística é entendida como uma produção do campo literário, cuja escrita objetiva o registro de lugares, pessoas que marcaram época, acontecimentos e momentos coletados ou vivenciados pelo autor. Portanto, esses escritos podem ter como referência a memória e a lembrança do autor, ou narrativas e opiniões comuns entre os demais agentes sociais.

Essas obras configuram-se bens de produção simbólica, carregam uma dimensão ideológica e podem ser utilizadas como instrumento de legitimação social dos autores, considerando-se, entretanto, que a memória é seletiva. Dessa forma, quando importadas para o campo científico, devem ser cuidadosamente cruzadas e interpretadas à luz do referencial, com a finalidade de identificar pistas a respeito da composição, estrutura e lógica de funcionamento do campo investigado.

Foram selecionadas na memorialística sul-mato-grossense algumas obras que possibilitam a aproximação do campo educacional. Os autores dessas obras estiveram envolvidos em maior ou menor grau com a obra salesiana e, por esse motivo, possuem uma lente interpretativa construída a partir de um *habitus* estruturado, em maior ou menor grau, pelas práticas e ideologias salesianas.

Nesse *corpus* de análise, ressalta-se que alguns agentes sociais ganharam proeminência no estudo, sendo recorrentemente citados, mas isso não significa que tenham sido melhores ou mais importantes. Isso porque essas escritas memorialísticas, fruto da memória coletiva, ao

serem postas em um jogo de lutas e interesses sociais, podem ter colocado alguns agentes em um lugar de esquecimento. (LE GOFF, 2003).

As contribuições de E.P. Thompson auxiliam a compreensão de como as vivências relatadas por esses agentes e essa cultura escolar colaboram para a estruturação de um modo específico de pensar, de se portar e se viver.

Os valores não são ‘pensados’, nem ‘chamados’; são vividos, e surgem dentro do mesmo vínculo com a vida material e as relações materiais em que surgem as nossas ideias. São as normas, as regras, expectativas etc. necessárias e aprendidas (e ‘aprendidas’ no sentimento) no ‘habitus’ de viver; e aprendidas, em primeiro lugar, no trabalho e na comunidade imediata. Sem esse aprendizado a vida social não poderia ser mantida e toda produção cessaria. (THOMPSON, 1981, p. 194).

Segundo esse ponto de vista, pode-se compreender que as ações, os comportamentos, as escolhas ou as aspirações individuais não são meramente produtos de uma subjetividade, mas são produtos das relações que os agentes estabelecem com as instâncias socializadoras, como a família, a escola e a religião, e com os campos sociais nos quais ele circula.

A opção pela mobilização da noção de cultura escolar implica, sobretudo, investigação dos tempos, espaços, sujeitos, conhecimentos escolares, utilizados aqui como chaves interpretativas para compreensão das normas e práticas escolares⁵⁰. Esses elementos constituíram-se como a base de estruturação desse capítulo e serão investigados a partir da análise do cruzamento de documentos escolares citados e obras memorialísticas selecionadas.

4.1 SABERES E CONHECIMENTOS ESCOLARES

[...] o estudo da religião faz parte de todos os cursos. As aulas de educação física, exercício de declamações dramáticas ou líricas no teatrinho do colégio, execução de música vocal e instrumental, conferências morais e religiosas, trabalhos manuais, comemoração das grandes datas nacionais, conferências com projeções luminosas completam o programa de ensino no estabelecimento. (REGIMENTO..., 1940).

⁵⁰ O interesse pela investigação da cultura escolar já se fazia presente na ocasião da pesquisa de mestrado intitulada “Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso: 1931-1961” (ANDRADE, 2017). Naquele momento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com escritores regionais de obras memorialísticas, para que fosse possível a aproximação das particularidades do cotidiano escolar. Dentre esses agentes, estão os escritores Abílio Leite de Barros, Pierre Adri e José Barbosa. Essas memórias, oral e escrita, continuam a contribuir com o campo da historiografia da educação na presente pesquisa.

O presente tópico tem como objetivo compreender como os saberes e conhecimentos socializados pelo curso secundário das escolas salesianas se inserem no contexto mais amplo da cultura escolar dessas instituições de ensino secundário.

Para isso, buscou-se, no mapeamento da estrutura e da organização curricular, a identificação dos saberes valorizados pela instituição, bem como a distribuição desses saberes ao longo do curso secundário. Nessa investigação, é adotada uma perspectiva de enfoque intermediário entre as estruturas disciplinares e o grupo de indivíduos que as integram.

Não se trata aqui de fazer uma história das disciplinas escolares, com o detalhamento e discussão dos saberes que compõem especificamente cada uma delas, uma vez que para isso existe um campo de investigação específico. No entanto, algumas questões suscitadas por esses estudos contribuem para a compreensão do contexto escolar salesiano, a saber: A que propósito serviam a seleção desses conhecimentos nos currículos das escolas salesianas? Que tipo de agente se pretendia formar a partir da socialização desses saberes?

Apesar da política educacional centralizadora, responsável pela seleção dos conhecimentos ao direcionar o olhar para o interior dessas instituições, é possível identificar as prioridades e enfoques dados pela educação salesiana na distribuição e organização dos saberes que se julgavam necessários para a formação da juventude nos estabelecimentos.

Considera-se, então, o currículo prescrito como produto social gestado no interior do campo educacional e como expressão de sua lógica de funcionamento. Além disso, é entendido a partir do conflito e das negociações, lutas e imposições dos diversos grupos que compõem o campo, no qual a seleção dos conhecimentos evidencia as intenções do grupo que melhor “jogou o jogo social”.

Durante o período investigado na tese (1930-1961), observa-se que o ensino secundário passou por um processo de modernização, objetivando o desenvolvimento tecnológico da sociedade. Nesse contexto, o movimento escolanovista inquiriu a respeito da concessão de um sentido prático para os estudos, com a finalidade de formar agentes capacitados para ocupação de novos cargos de trabalho necessários para a movimentação e crescimento econômico do país. Dessa forma, essa perspectiva constituiu-se como o contraponto do caráter propedêutico e elitista do ensino secundário, que, em sua seleção de saberes e conhecimentos, privilegiava uma cultura clássica e erudita – uma herança dos colégios europeus.

Ressalta-se que o período de 1930 a 1961 foi marcado por três grandes reformas. As duas primeiras, realizadas durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), foram concebidas pelo poder executivo – uma, em 1931, e outra, em 1942, – e tiveram caráter impositivo e vertical, em que não se encontravam muitos espaços para construção conjunta de diversos setores e

agentes sociais. Nesse período, foram implementadas duas reformas de ensino responsáveis pela “[...] modernização autoritária da sociedade brasileira”. (MESURAN; VIEIRA; DALLABRIDA, 2013, p. 02).

Em 1930, o presidente criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, Francisco Campos⁵¹, foi o primeiro ministro da pasta e incumbido de realizar uma reforma educacional que privilegiasse uma política nacional de educação, que fosse capaz de subordinar estados e municípios a fim de alcançar o país como um todo. Portanto, uma reforma de caráter autoritário e centralizador. A política educacional foi tida como uma arena de negociações de interesses contraditórios que, em prol da centralização do ensino, lidava com questões antagônicas, tais como a diminuição das humanidades e a volta do ensino religioso no currículo secundário.

Em 1942, uma nova reforma promovida por Gustavo Capanema focalizou, principalmente, a busca de uma identidade nacional. A educação foi utilizada como uma das principais promotoras de um sentimento nacionalista e, por isso, passou por transformações voltadas principalmente para o currículo e para a fiscalização do ensino. Observou-se uma tendência de manutenção da Igreja Católica na base de apoio do governo em seu projeto nacionalista: centralizador e conservador. A reforma de caráter dualista, reimprimia no ensino secundário o caráter elitista, baseado na cultura humanística, de espírito religioso e patriota, reafirmando o ensino secundário como uma etapa privilegiada de ensino, que cumpriria um papel desligado da formação profissional, visando à formação do espírito e do preparo ao trabalho intelectual baseado na arte de bem falar e bem escrever.

A partir de 1946, com o fim do governo ditatorial, observa-se o fortalecimento do movimento escolanovista e uma maior pluralidade ideológica no campo político. No ano de 1948, inicia-se o processo de tramitação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que durou 13 anos. Dessa forma, foi possível uma gradual descentralização do ensino e a descaracterização do caráter elitista do ensino secundário.

No longo projeto de tramitação, foi possível conciliar melhor os diferentes interesses postos em jogo pelos grupos de intelectuais católicos e escolanovistas dentro do campo educacional. A partir de sua promulgação, no ano de 1961, a reforma deu início a um processo de declínio da pedagogia escolanovista e o surgimento de uma pedagogia tecnicista.

⁵¹ Francisco Campos (1891-1968), descendente de famílias tradicionais de Minas Gerais, ainda muito jovem iniciou sua vida política e ocupou cargos como: Deputado Estadual em 1917; Deputado Federal em 1921; Secretário da Educação de Minas Gerais, em 1927; Secretário do Interior de Minas Gerais, em 1930; Ministro da Educação e da Saúde, em 1931; Consultor-Geral da República; Ministro Interino da Justiça, em 1932; Secretário de Educação da Prefeitura do então Distrito Federal, em 1936. (BORGES, 2002, p. 1).

O currículo escolar das escolas salesianas, no período investigado, foi regulamentado sobretudo pelas duas primeiras reformas aqui apresentadas. As principais mudanças curriculares implementadas por elas estão sintetizadas no quadro 15. Nele é possível observar mudanças significativas, principalmente no que se refere ao segundo ciclo do curso.

Quadro 15 – Estrutura curricular do ensino secundário na legislação educacional de 1931 e 1942

REFORMA FRANCISCO CAMPOS (1931)	
Curso fundamental: 5 anos	Curso elementar: 2 anos
1º serie: Portuguez – Francez – Historia da civilização – Geographia – Mathematica – Sciencias physicas e natuares – Desenho – Musica (canto orfeônico). 2º serie: Portuguez – Francez – Inglez – Historia da civilização – Geographia – Mathematica – Sciencias physicas e natuares – Desenho – Musica (canto orfeônico). 3º serie: Portuguez – Francez – Inglez – Historia da civilização – Geographia – Mathematica – Phyica – Chimica – Historia natural – Desenho – Musica (canto orfeônico). 4º serie: Portuguez – Francez – Latim – Allemão (facultativo) – Historia da civilização – Geographia – Mathematica – Physica – Chimica – Historia natural – Desenho. 5º serie: Portuguez – Latim – Allemão (facultativo) – Historia da civilização – Geographia – Mathematica – Physica – Chimica – Historia natural – Desenho.	Tratava se de cursos pré-universitários com três opções de escolha, que direcionavam os alunos para a área que desejassem. 1) Curso jurídico 2) Curso de medicina farmácia e odontologia. 3) Curso de engenharia e arquitetura.
REFORMA GUSTAVO CAPANEMA (1942)	
Curso ginásial: 4 anos	Curso colegial científico ⁵² : 3 anos
1º serie: Português – Latim – Francês – Matemática – História geral – Geografia geral – Trabalhos manuais – Desenho – Canto orfeônico. 2º serie: Português – Latim – Francês – Inglês – Matemática – História geral – Geografia geral – Trabalhos manuais – Desenho – Canto orfeônico. 3º serie: Português – Latim – Francês – Inglês – Matemática – Ciências naturais – História do Brasil – Geografia do Brasil – Desenho – Canto orfeônico. 4º serie: Português – Latim – Francês – Inglês – Matemática – Ciências naturais – História do Brasil – Geografia do Brasil – Desenho – Canto orfeônico.	1º serie: Português – Francês – Inglês – Espanhol – Matemática – Física – Química – História geral – Geografia geral. 2º serie: Português – Francês – Inglês – Matemática – Física – Química – Biologia – História geral – Geografia geral – Desenho. 3º serie: Português. 2) Matemática. 3) Física. 4) Química. 5) Biologia. 6) História do Brasil. 7) Geografia do Brasil. 8) Filosofia. 9) Desenho.

Fonte: Brasil (1931); (1942).

Organização: Andrade, 2021.

Ao observar as duas estruturas curriculares do curso secundário, no quadro 15, identifica-se no ano de 1931 que, apesar de amenizar a discrepância entre disciplinas humanísticas e científicas, o currículo escolar continuava a privilegiar o ensino das

⁵² A Reforma Gustavo Capanema previa no segundo ciclo, o colegial, a possibilidade de escolher entre o curso clássico e científico. No entanto, nas instituições salesianas do sul do antigo Mato Grosso, não houve demanda suficiente de alunos interessados no curso clássico para formar turmas.

humanidades. A reforma de 1942, proporcionou uma melhor distribuição dos conhecimentos escolares entre os dois ciclos e um novo fortalecimento das disciplinas humanísticas. Havia nessas reformas a adoção de um discurso escolanovista, gerando uma contradição, em virtude da manutenção de alguns aspectos que caracterizavam a pedagogia tradicional católica.

Em todo o período, é identificada a obrigatoriedade do exame de admissão⁵³, previsto na legislação educacional. Tratava-se de um exame que tinha como objetivo avaliar e selecionar os candidatos mais aptos ao curso. Nele, estava previsto: ditado, redação, cálculo, problemas práticos para solução, vocabulário e análise léxica, além de rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais (BRASIL, 1931).

Para Abílio Leite de Barros⁵⁴, essa seleção é representada como um exame temido.

Preparamo-nos com afritiva aplicação decorando datas, números e conceitos. A banca era composta de quatro professores e um inspetor do Ministério da Educação. Exame oral, público. Nós já sabíamos que Cristóvão Colombo era um almirante genovês que partiu do porto de Palos em 1492. Que o gordo D. João VI mudou-se para o Brasil com medo de Napoleão. Que os verbos tinham pessoa, passado, presente, futuro, que eram transitivos, intransitivos, e outras variáveis, todas dentro do imperativo categórico da concordância. Sabíamos descrever a vida social dos índios e a soma dos ângulos internos de um triângulo. Tudo na ponta da língua. Assim era. (BARROS, 2004, p. 70).

A partir do excerto, observa-se que se tratava de um processo classificatório que valorizava a habilidade de memorização, além de ser conteudista e pouco utilitário. Apesar de algumas pesquisas caracterizarem o exame de admissão como um processo de seleção concorrido, no sul do antigo Mato Grosso esse não era o caso, pois sobravam vagas. Principalmente na década de 1930, as instituições sofreram para consolidar o curso secundário devido à baixa densidade populacional e à evasão escolar, também ligada à reprovação.

O Ginásio Santa Teresa foi o que mais sofreu com essa dificuldade, uma vez que passou quase 20 anos tentando firmar as bases do curso. Nesse processo de contínuo esvaziamento das

⁵³ Os exames de admissão foram introduzidos no cenário educacional no ano de 1870, como forma de ingresso ao Colégio Pedro II. Foi estabelecido por meio do Decreto n. 981, de 8 de novembro de 1890. Em 1931, com a Reforma Francisco Campos, o exame se tornou obrigatório para ingresso no ensino secundário em todo o país. Esse processo de seleção perdurou oficialmente até o ano de 1971, quando foi promulgada a Lei n. 5691/1971.

⁵⁴ Abílio Leite de Barros (1929-2019) foi autor das obras: *Gente Pantaneira* (1998); *Uma Vila Centenária* (1999); *Opinião* (2004); *História de Muito Antes* (2004); *Pantanal – Pioneiros* (2008); *Crônicas de uma nota só: a Era Lula* (2011); *Recoluta* (2013); *A Crônica dos Quatro* (2014). O agente em questão era filho caçula de uma família de cinco filhos, dentre eles o poeta Manoel de Barros. Vindos de Cuiabá-MT, fixaram residência em uma fazenda na Nhecolândia, no Pantanal Mato-Grossense. Abílio cursou o ensino primário e o secundário ginasial no Ginásio Santa Teresa e tornou-se advogado e bacharel em Filosofia após ter concluído seus estudos no estado de São Paulo. O autor atuou, ainda, como advogado, professor universitário e pecuarista. Foi professor na Faculdade Dom Aquino de Ciências e Letras (FUCMAT) e atuou como Secretário de Educação do Município de Campo Grande, durante a administração do Prefeito Plínio Barbosa Martins (1967-1970).

salas de aula, a necessidade de fechamento de algumas séries dificultava o oferecimento de um ciclo de estudos completo.

Após a consolidação do ensino secundário, a questão da evasão continuou presente nas instituições. Para garantir a sobrevivência no curso, era necessário que o 1º ano ginásial fosse robusto. Em 1950, durante o período em que o médico José Barbosa foi o aluno do curso no Colégio Dom Bosco, a situação permanecia semelhante:

No primeiro ano do ginásial, nós éramos 3 turmas de 80 alunos. Nós éramos 240 alunos só de primeiro ano. [...] [no segundo ano] Diminuiu, a outra metade formou duas turmas só. Aí passou as duas turmas pro segundo ano. [...] Aí continuou a mesma coisa. No segundo, ginásio, terceiro, ginásio, quarto ginásio. No terceiro ano... No segundo ano a mesma coisa, a metade não passou. (JOSÉ BARBOSA, 2016, p. 255).⁵⁵

Ainda que não fosse concorrido, o exame de admissão realizava uma dupla seleção: 1) alunos com capital econômico suficiente para investimento em capital cultural e escolar; 2) alunos disciplinados e capazes de se adequarem a um programa de ensino humanístico, rígido e tradicional.

Em outro excerto da memorialística de Abílio Leite de Barros sobre o exame de admissão, ele narra a parte oral da seleção. Sua análise evidencia a compreensão da importância e valorização de um capital linguístico e cultural.

O temido professor Xandinho escolheu testar-me com pronomes indefinidos. Declinei-os todos, na ordem decorada, sem omissões, terminando com o “quejando”, um preciosismo que até hoje nunca vi usado. Os professores se entreolharam sacudindo a cabeça com aprovação. Senti a importância do quejando. (BARROS, 2004, p.70).

O capital linguístico pode ser considerado uma das dimensões que compõe o capital cultural e um importante demarcador de classe social. Relaciona-se com a facilidade verbal, desenvoltura elegante, domínio da linguagem esportiva (BOURDIEU, 2012). Durante os exames orais de admissão, todas essas características eram consideradas para a aprovação.

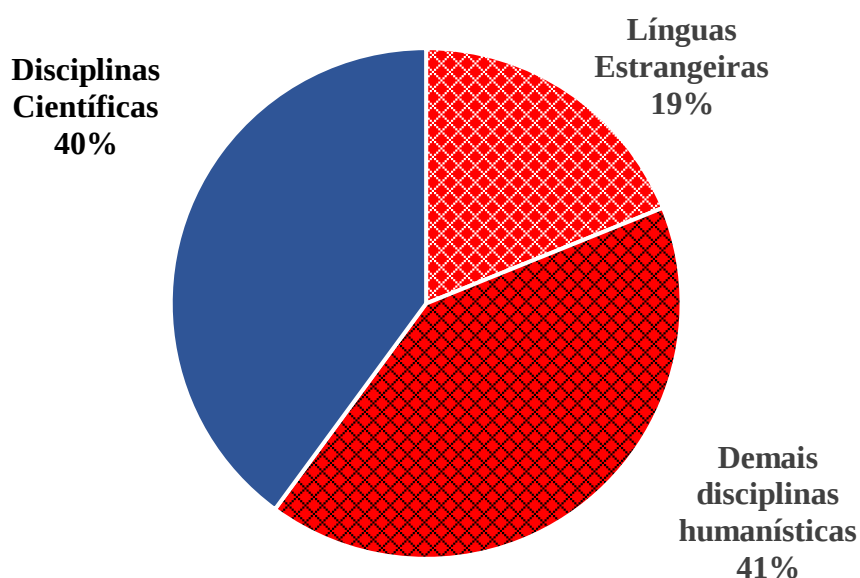
Essa preocupação com o capital linguístico não ficava restrita apenas ao domínio da Língua Portuguesa, também se estendia para as disciplinas de língua estrangeira – clássicas e modernas – conforme previsto na legislação.

⁵⁵ Entrevista realizada em 04/12/2016 aprovada e protocolada pelo Comitê de Ética, pelo Parecer 1.514.622, por ocasião da pesquisa de mestrado intitulada “Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961)”.

Para compreender essa organização de saberes escolares, é necessário ressaltar que os colégios não dispunham de um currículo único ou uma organização padronizada. Para melhor visualização dessa distribuição, optou-se por utilizar a documentação do Ginásio Imaculada Conceição do ano de 1941, para confecção de um gráfico.

Na figura 17 é possível observar as disciplinas científicas compondo a parte azul do gráfico e as disciplinas humanísticas compondo a parte vermelha. Um estudante que houvesse cursado o primeiro ciclo completo nesse estabelecimento, teria em sua formação cerca de 60% de conhecimentos humanísticos e cerca de 40% de conhecimentos científicos. Essa disparidade na distribuição das áreas do conhecimento esteve relacionada, principalmente, com a quantidade de carga-horária reservada às disciplinas de línguas estrangeiras, o que correspondia a 19% do total do curso.

Figura 17 - Gráfico de distribuição dos saberes escolares no primeiro ciclo do curso secundário no Ginásio Imaculada Conceição de 1941



Fonte: Relatório..., (1941).
Organização: Andrade, 2021.

A cultura humanística socializada pela escola secundária como patrimônio cultural gerava uma distinção social para os agentes formados por ela. Essa distinção era responsável por proporcionar o afastamento do trabalho mecânico e braçal. Essa perspectiva ia na contramão dos ideais escolanovistas, que viam o Francês e o Latim e algumas outras disciplinas humanísticas como uma “inutilidade curricular” e, portanto, desnecessárias para a democratização e expansão do ensino secundário (SOUZA, 2008). Nesse primeiro ciclo do

curso secundário, a legislação nacional previa que fossem ministradas as disciplinas de Francês, Latim e Inglês, além de facultar o estudo do Alemão⁵⁶.

Apesar de estabelecer os conhecimentos básicos de cada disciplina, a legislação não indicava uma carga horária específica para a distribuição desses conhecimentos. Por isso, julgou-se necessário analisar como essas instituições distribuíram essas disciplinas no decorrer do curso. A análise dessa organização curricular possibilita a compreensão dos saberes valorizados pela educação salesiana. Os Quadros 16 e 17 trazem as especificações curriculares referentes à carga horária do primeiro ciclo do curso secundário do Ginásio Imaculada Conceição.

Quadro 16 – Currículo Curso Ginásial Ginásio Imaculada Conceição 1938 – com carga horária mensal de cada disciplina

Disciplinas Humanísticas	1^a Série	2^a Série	3^a Série
Português	10	10	10
Francês	10	10	10
Inglês	-	10	10
Geografia	10	10	10
Música	7	3	7
História da Civilização	10	10	10
Trabalho	3	-	7
Total de horas	50	53	63
Disciplinas Científicas	1^a Série	2^a Série	3^a Série
Matemática	10	10	10
Desenho	10	7	10
Ciências	10	10	-
História natural	-	-	3
Química	-	-	7
Física	-	-	7
Total de horas	30	27	37

Fonte: Relatório..., (1938).
Organização: Andrade, 2021.

No Quadro 16 e 17, as disciplinas foram organizadas em duas seções: Humanísticas e Científicas. Em 1938, a referida instituição tinha apenas três séries em funcionamento; já no ano de 1941, oferecia o curso completo, com todas as cinco séries em funcionamento. Neles, alguns pontos podem ser observados.

⁵⁶ Não foi identificado em nenhuma das quatro instituições vestígios que indicassem a presença do ensino de Alemão nas instituições salesianas do sul do antigo Mato Grosso. Em 1942, o Alemão foi retirado do currículo, foi oferecida a possibilidade do estudo da Língua Grega para os alunos que optassem pelo curso clássico.

A análise dos currículos evidencia a disparidade entre as duas áreas do conhecimento, principalmente nas primeiras séries com as disciplinas científicas utilizando praticamente a metade do tempo ocupado pelas disciplinas humanísticas.

Quadro 17 – Currículo do Curso Ginásial do Ginásio Imaculada Conceição em 1941 – com carga horária mensal de cada disciplina

Disciplinas Humanísticas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série	5ª Série
Português	13	10	10	10	10
Francês	10	10	7	3	0
Inglês	-	10	10	7	0
Latim	-	-	-	7	10
Geografia	10	10	10	7	7
Música	7	3	-	-	-
História	10		-	-	-
História da Civilização	-	10	7	7	7
História do Brasil	-	-	-	7	7
Total de horas	50	53	43	47	40
Disciplinas Científicas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série	5ª Série
Matemática	13	10	10	10	10
Desenho	7	7	7	3	7
Ciências	10	10	-	-	-
História natural	-	-	7	7	10
Química	-	-	7	7	7
Física	-	-	7	7	7
Total de horas	30	27	37	33	40

Fonte: Relatório..., (1941).

Organização: Andrade, 2021.

No ano de 1941, com o oferecimento do curso completo, é possível observar que, em cada série do curso, as humanidades decresciam, enquanto avançavam as científicas, até que na última série do curso elas se equilibravam. Embora atingissem um equilíbrio ao final do curso, isso não era suficiente para compensar a disparidade entre as duas áreas no início do primeiro ciclo.

Além disso, observa-se nos dois anos (1938 e 1941) uma especialização na organização do conhecimento, uma característica em que o conhecimento partia dos elementos amplos e generalistas e gradativamente avançava até os conhecimentos mais específicos com disciplinas mais especializadas.

Esse era o caso da disciplina de Ciências, que era oferecida na 1ª e 2ª série e, a partir da 3ª, dava lugar às disciplinas mais específicas como História Natural, Química e Física. O mesmo ocorreu com a disciplina de História no ano de 1941, uma vez que ela compunha o

currículo inicial e, posteriormente, era substituída pelas disciplinas de História de Civilização e História do Brasil.

Dessa maneira, a primeira série comportava um total de 8 disciplinas generalistas, com carga horária maior, enquanto na quarta série o currículo comportava 12 disciplinas, que, embora fossem mais especializadas, possuíam carga horária menor.

A presença da disciplina de Trabalhos é outra diferença localizada entre a estrutura curricular que aparece no ano de 1938, mas não em 1941. Não foi possível localizar informações a respeito dos conhecimentos socializados a partir dessa cadeira. Admite-se a possibilidade de que fosse algo equivalente à disciplina de Trabalhos Manuais, que foi implementada pela Constituição de 1937⁵⁷, no artigo 131, que determinou a obrigatoriedade do ensino de Educação Física, Ensino Cívico e Trabalhos Manuais em todas as escolas, sendo elas primárias, normais ou secundárias, tanto públicas quanto privadas, e que desejassem a concessão do reconhecimento oficial de funcionamento do curso.

Já a cadeira de música aparece na legislação nas duas reformas, como sinônimo da disciplina de Canto Orfeônico. Ela foi caracterizada como um projeto de disseminação da cultura musical e elevação do espírito. Esse conhecimento teve como um de seus principais defensores Heitor Villa-Lobos⁵⁸, que via a disciplina como importante contribuição para a sensibilização estética das manifestações artísticas.

Villa-Lobos argumentava que, apesar da disciplina ser de herança francesa, não deveria ser confundida com o Canto de Coral Erudito. Tratava-se, na realidade, de um método musical que agregava de forma harmônica um conjunto de vozes heterogêneas, sem a necessidade de excelência vocal ou conhecimento musical. Na base do Canto Orfeônico estavam os “folclores nacionais”, a valorização da cultura, da arte e da música brasileira, um aspecto do conhecimento que contribuía para o cenário político.

⁵⁷ A Constituição de 1937, escrita por Francisco Campos, foi o retrato do nacionalismo de Getúlio Vargas. O documento ficou conhecido e criticado por ser uma constituição orientada sobre bases fascistas. A constituição não teve longa duração, pois, em 1937, outro documento foi redigido concentrando o poder nas mãos do presidente, que passou a governar praticamente sozinho. O Senado foi extinto, já que, no art. n. 73 da Constituição de 1937 o presidente foi colocado como autoridade suprema do Estado, com funções de dirigir a política interna e externa, e promover e orientar a política legislativa de acordo com o interesse nacional. Vinculou a educação a valores cívicos e econômicos, facultada à livre iniciativa. Colocou a responsabilidade da educação, sobretudo, nas mãos da família, com ação complementar do Estado, a fim de suprir as lacunas da educação particular. Instituiu a obrigatoriedade e gratuidade apenas para o ensino primário e a condicionou apenas aos menos favorecidos. (BRASIL, 1937).

⁵⁸ Heitor Villa-Lobos (1887-1959) é considerado uma das maiores personalidades da História da Música no Brasil. Participou da Semana de Arte Moderna em 1922, com uma posição de alinhamento às temáticas nacionalistas e modernistas. O compositor, já reconhecido por sua obra no Brasil após estudar na França de 1923 a 1927, alcançou prestígio internacional. De volta ao Brasil, em posse desse capital simbólico, foi convidado por Anísio Teixeira a introduzir o ensino de música. Durante o período de governo ditatorial de Getúlio Vargas (1937-1945), assumiu uma posição de apoio, com peças voltadas para propaganda do regime.

A cadeira de Canto Orfeônico atendia à finalidade de promoção da excelência do orgulho nacional e formação patriótica (VEIGA, 2005). Apesar de dispor de poucas horas no currículo, contribuía principalmente para a dimensão educativa relacionada ao sentimento de civismo, patriotismo e moralidade. A organização de atividades musicais em datas cívicas e a associação entre música, disciplina e civismo evidenciava sua função educativa.

Na obra “Canto Orfeônico: marchas, canções e cantos marciais para educação consciente da ‘Unidade de Movimento’”, de Heitor Villa-Lobos (1951), é possível observar a defesa desse conhecimento como instrumento indispensável para a formação de uma juventude organizada e patriótica. O livro continha uma série de canções e marchas escolares para serem usadas na organização do cotidiano escolar e outras para serem utilizadas em desfiles e rituais cívicos entre 1887 e 1959. Dentre estes, destacam-se:

- **Canções escolares:** “Meus brinquedos”; “Vamos companheiros”; “Soldadinhos”.
- **Marchas escolares:** “Meu sapinho”; “Volta do recreio”; “Ida ao recreio”; “Passeio”.
- **Marchas cívicas e patrióticas:** “Desfile dos Heróis do Brasil”; “Meu paiz”; “Tiradentes”; “Verde Pátria”.

O patriotismo encampado pelo governo de Getúlio Vargas encontrava na cadeira de Música e Canto Orfeônico apenas mais um dentre tantos outros pretextos para inculcar o civismo e a moralidade do projeto nacionalista. Esses saberes escolares tiveram outros condutores: os desfiles e comemorações cívicas e o apoio ao governo evidenciado, em grande parte, nos volumes dos periódicos estudantis.

Embora a legislação e o Conservatório não considerassem a cadeira como uma portadora de conhecimentos eruditos ou sofisticados, os pontos de provas das instituições investigadas deixam entrever a exigência de um conhecimento técnico e pouco utilitário. Além da leitura rítmica, do solfejo entoado e das músicas do programa disciplinar, a Teoria Musical continha conhecimentos sobre: acústica, elementos de notação musical e análise e crítica musical. (PONTOS DE PROVA, 1947).

No ano de 1949, o Diretor do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico enviou a Portaria n. 594⁵⁹, de 16 de novembro de 1948, com informações a respeito da avaliação da disciplina para o diretor do Ensino Secundário, e este, por sua vez, a repassou aos estabelecimentos e inspetores. O documento indicava que as provas parciais seriam escritas, deveriam ser realizadas ao mesmo tempo, com toda a turma e “[...] por meio de um ditado

⁵⁹ Portaria disponível no **anexo A**.

cantado ou manassolfa⁶⁰” e a prova oral deveria ser realizada em grupos de quatro alunos com elementos da Teoria Musical Aplicada (OFÍCIO N. 209, 1949).

Os estabelecimentos salesianos aproveitavam-se dessa legitimação de saberes desinteressados para o enobrecimento cultural de seus alunos, organizando eventos, concertos e desenvolvendo potenciais afinidades musicais. Nesse sentido, o Padre José Valentim e o Padre Ernesto Sakissida tornaram-se importantes personalidades para os Colégios Salesianos no sul do antigo Mato Grosso.

O periódico do Colégio Dom Bosco, “O ginásio”, era abarrotado com notícias e convites para solenidades e eventos em que a música do maestro Padre José Valentim abrilhantava as comemorações: “A parte musical entregue à proficiência artística do Pe. Valentim compositor de real valia, trouxe a grande concorrência presa das melhores emoções” (O GINÁSIO, n. 20, nov-dez., 1939). Essas solenidades ocorriam em datas comemorativas da Congregação e outras no final do ano letivo, nas ocasiões em que os colégios faziam suas festas de formatura com premiações.

Além disso, o Padre José Valetim⁶¹ foi poeta e compositor, sendo o responsável pela criação do Hino do Colégio Dom Bosco e do Hino da Aula de Catecismo⁶². Em Corumbá, o Padre Ernesto Sakissida foi outro expoente entre os salesianos ligados à música e às atividades culturais. Em suas memórias, ele relembrou sua atuação e contribuição para o estado e conta que, apesar de ter lecionado Latim, História, Geografia e Matemática que era mais ligado à Física e ao Canto, com grande dedicação aos desfiles, às festas, ao teatro:

Comigo ficava a parte musical, pois desde menino componho, toco piano, órgão. Por onde passei, deixei um hino, que a comunidade canta. Sou autor do hino do Santa Tereza, do Ginásio Imaculada Conceição, dirigido pelas irmãs salesianas e de todos os hinos e canções da Cidade Dom Bosco. (ROSA, 1990, p. 131-132).

A utilização desses hinos no cotidiano escolar era uma prática realizada por todos os colégios investigados. Aparentemente eles estiveram relacionados à tradição cristã, mas

⁶⁰ Exercício que consiste na gesticulação com as mãos para a indicação de funções melódicas. Esse exercício é utilizado para a afinação do coro e, a partir dele, é possível comunicar a altura dos sons sem a necessidade do uso de material escrito.

⁶¹ José Luis Valentim (1890-1953), padre salesiano paulista com bacharelado em Ciências e Letras. Formado em Filosofia e Teologia, atuou nos colégios salesianos em Bagé (Rio Grande do Sul), Campo Grande (Mato Grosso), Anchieta (Goiás). Além do trabalho com a música, foi escritor de material didático da Congregação Salesiana e diretor do Colégio Dom Bosco de 1943 a 1945.

⁶² Hino do Colégio Dom Bosco e da Aula de Catecismo estão disponíveis no **anexo B**.

também à necessidade de constituir momentos com reverência e respeito, equiparados ao canto do Hino Nacional.

Ao se comparar a distribuição de saberes escolares no colégio feminino (no quadro 16 e 17) com a do colégio masculino (no quadro 18), outras evidências importantes são localizadas. A organização dos dados e tabulação de informações foram feitas a partir de uma mesma lógica, já que o Ginásio Santa Teresa, durante o ano de 1938, tinha em funcionamento somente as quatro primeiras séries do curso, além disso os sábados também eram letivos.

A mesma distribuição do conhecimento evidenciada no colégio feminino pode ser vista no masculino: um caráter humanístico acentuado no início com um decréscimo ao longo do curso; enquanto as científicas, apesar de se iniciarem com uma carga horária minguada, ampliavam o caráter científico nas séries seguintes. No que tange às disciplinas humanísticas, outro ponto interessante é observado: apesar de conterem uma organização diferente, as duas instituições femininas possuíam exatamente o mesmo número de horas/aulas de 1ª a 4ª série.

Quadro 18 – Currículo do Curso Ginásial do Ginásio Santa Teresa em 1938 – com carga horária mensal de cada disciplina

Disciplinas Humanísticas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Português	10	10	10	10
Francês	10	10	7	7
Inglês	-	10	10	7
Latim	-	-	-	7
Geografia	10	7	7	7
Música	3	-	-	-
História	10	10	--	-
História da Civilização	-	-	7	7
História do Brasil	-	-	-	-
Religião	7	7	3	3
Total de horas	50	53	43	47
Disciplinas Científicas	1ª Série	2ª Série	3ª Série	4ª Série
Matemática	10	10	10	10
Desenho	10	7	7	3
Ciências	10	10	0	0
História natural	-	-	7	7
Química	-	-	7	7
Física	-	-	7	7
Total de horas	30	27	37	33

Fonte: Relatório..., 1938.

Organização: Andrade, 2021.

Mesmo que o curso não tenha oferecido a quarta e quinta série no ano de 1938, é possível conjecturar, com base na pesquisa realizada por Oliveira (2014), que caso tivesse sido oferecida, seguiria a tendência de acentuação de disciplinas científicas no final do curso. A pesquisadora supramencionada investigou a implantação e a organização dos cursos ginasiais do sul do antigo Mato Grosso, dentre eles os quatro cursos aqui investigados. Durante a pesquisa, foi possível observar que os cursos secundários masculinos da congregação salesiana possuíam uma carga horária de disciplinas científicas maior quando comparados aos cursos secundários femininos.

Outro ponto a ser destacado é a disciplina Religião, que, assim como a Música, era considerada outra “inutilidade curricular”, ou seja, um preciosismo da educação salesiana. Observa-se o cuidado especial e maior atenção dedicada para socialização desses conhecimentos.

Religião, apesar de não aparecer no quadro de disciplinas escolares do Ginásio Imaculada Conceição e do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, foi localizada em todas as séries do curso secundário do Ginásio Santa Teresa (Quadro 18). Já no Colégio Dom Bosco, aparecia com o nome de Apologética. (OLIVEIRA, 2014). Nos documentos religiosos da inspetoria salesiana, o espaço utilizado para a socialização desses conhecimentos é denominado simplesmente de aula de Catecismo.

A disciplina Religião, que havia sido colocada como optativa pelo Decreto n. 119-A, de 1890, com a reforma de 1931, havia voltado a tornar-se obrigatória nas instituições e facultativa aos alunos. No governo estadual, ela foi regulamentada a partir do Decreto n. 25, de 05 de junho de 1937, reafirmando os termos da legislação federal.

Com isso, a presença de práticas religiosas já consolidadas no interior das instituições salesianas foram oficializadas. No Ginásio Santa Teresa, a disciplina Religião era ministrada duas vezes por semana, durante a 1ª e 2ª séries; e uma vez por semana nas 3ª e 4ª séries. Ocorre que, nas instituições salesianas, a cultura religiosa não precisava da força da lei e nem de uma disciplina para que os saberes religiosos fossem socializados no cotidiano escolar. A educação moral-religiosa era um fundamento que permeava todo o aparelhamento educativo das instituições, ou seja, constituía uma mola propulsora que impulsionava o funcionamento de todas as finalidades educativas.

No Regimento Interno do ano de 1940 do Ginásio Imaculada Conceição, Religião foi colocada com um conhecimento complementar, que perpassaria todos os cursos da instituição:

[...] o estudo da religião faz parte de todos os cursos. As aulas de educação física, exercício de declamações dramáticas ou líricas no teatrinho do colégio, execução de música vocal e instrumental, conferências morais e religiosas,

trabalhos manuais, comemoração das grandes datas nacionais, conferências com projeções luminosas completam o programa de ensino no estabelecimento. (RELATÓRIO..., 1940).

Além de inculcar um *habitus* religioso, o estudo da religião contribuía para o apregoado enobrecimento cultural. A religião, juntamente com a música e as artes dramáticas, produziam práticas escolares que sedimentavam lenta e continuamente um modo de ser e estar nessas instituições.

No ano de 1940, uma circular da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório foi destinada às instituições escolares para os colégios de Mato Grosso e de Goiás⁶³. A carta indicava a existência de uma aula de catecismo, que funcionava em todas as instituições sob sua jurisdição, ou seja, os colégios masculinos. Essas aulas aconteciam em todas as turmas duas vezes por semana. (INSPETORIA..., 1940). Na mesma ocasião, a inspeção ressaltava não ser possível realizar um certame catequístico inspetorial devido à pequena quantidade de colégios envolvidos.

Os Certames de Catecismo e as Maratonas Catequéticas eram uma tradição da Congregação. Esses eventos eram de responsabilidade das inspeções salesianas e contavam com a participação de todos os estabelecimentos de ensino sob suas jurisdições e, por esse motivo, não incluíam os colégios femininos que se envolviam em outros eventos com objetivos similares e iniciativas diferentes.

A preparação dos alunos para as competições acontecia principalmente no horário regular da aula de Catecismo. A realização das competições e a organização desse tipo de evento acompanhavam o crescimento da inspeção salesiana no campo educacional. A ampliação da obra educacional da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório para o noroeste de São Paulo fez com que o evento fosse ganhando cada vez mais visibilidade.

Com essa iniciativa, os salesianos tinham a pretensão de promover uma “competição sadia” e proveitosa, que integrava alunos de diversos estabelecimentos e, acima de tudo, possibilitava que a juventude salesiana ampliasse seu capital cultural e religioso.

Em outra circular da Inspeção do ano de 1941, observa-se que o inspetor exortava os colégios e atentava para a necessidade de estratégias de uma formação religiosa mais intensa, no recreio, no teatro e nas companhias e, principalmente, nas aulas de Catecismo. Essas estratégias conformavam-se, principalmente, com o oferecimento de algumas brincadeiras culturais, o que Francisco (2010) chamou de metodologia lúdico-catequética.

⁶³O Ginásio Anchieta e o Ginásio Auxilium, em Goiás, inicialmente estiveram sob jurisdição da Inspeção Santo Afonso Maria de Ligório. Pouco tempo depois foram transferidos para a Inspeção São João Bosco (BBH).

No ano 1949, foi enfim enviada aos colégios outra circular a respeito da realização do Certame Intercolegial de Catecismo, que ocorreria no Colégio Dom Bosco, na Festa do Cristo Rei⁶⁴. Os alunos poderiam competir em uma das quatro categorias: 1) Curso de Admissão; 2) Ginásio Inferior; 3) Ginásio Superior; e 4) Curso Colegial. As etapas eliminatórias e o processo de preparação dos candidatos ficavam a cargo de cada uma das escolas. A competição consistia em provas escritas e orais, com a banca composta por seis clérigos escolhidos pelo Inspetor. As classificações do primeiro ao terceiro colocado recebiam o prêmio de Príncipe, Primeiro Ministro e Segundo Ministro. Todos os participantes da competição ganhavam nota 10 em Religião e seriam dispensados dos exames finais. (INSPETORIA..., 1949).

As competições envolvendo os colégios femininos eram realizadas em outro formato, integrando as meninas de colégios pertencentes a outras congregações religiosas de educadoras, e até mesmo colégios leigos, como o Ginásio Estadual Campograndense. No ano de 1949, por exemplo, o evento foi organizado pela Diocese de Corumbá, conforme pode ser observado na figura 18.

A partir dos documentos arquivados no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, foi possível o acesso à classificação final das candidatas. Novamente, as competições separaram as candidatas de acordo com o curso a que pertenciam: primário, ginásial e colegial. As alunas finalistas na competição recebiam os títulos de “Imperatrizes, Princesas e Damas”, que indicam a visão romântica da organização

Os saberes específicos da educação feminina é outro ponto que merece destaque, porque ganhou atenção especial, principalmente no contexto da reforma de 1942, com regulamentações específicas, que subtendiam uma distinção de gênero na função social do curso secundário.

⁶⁴A Festa de Cristo Rei é uma Solenidade católica criada no ano 1925, pelo Papa Pio XI, para celebrar o fim do Ano Litúrgico, que acontece na 34ª semana do Tempo Comum, geralmente no mês de outubro. Ao celebrar Cristo Rei, fiéis também são chamados a fazer uma revisão de vida.

Figura 18 - Resultado final da Maratona Catequética Feminina em 1950

N. S. AUXILIADORA
CAMPO GRANDE
MATO GROSSO

RESULTADO FINAL DA MARATONA

IMPERATRIZES : Do
2º Ciclo - Colégio N.S.Auxiliadora de Campo Grande:
CECY VASQUES
1º Ciclo - Do Colégio Imaculada Conceição de Corumbá:
JULY BATISTA
PRIMÁRIO - Da Escola N.Sra. do Perpétuo Socorro de
Campo Grande:
ELISA GOMES

PRINCESAS :
~~XXXXXXXX~~ - Do Colégio N.S.Auxiliadora de Campo Grande
2º Ciclo - AIDA MOREIRA
ADA MARIA DE CARVALHO CRUZ
1º Ciclo - EDA BRUM JAKES
Primário - Diocleciana Lima

D A M A S :
Do Colégio N.S.Auxiliadora de Campo Grande
2º Ciclo - Miyó Higa
1º Ciclo - Alice Kaneshiro
2- Matsucó Hiane
3- Mair Bicudo de Almeida
4- Amélia Miyahiro
5- Elcia Bongiovani
6- Feliciano Barbosa
7- Vilma Rocha
8- M. Carlote Giordano
9- Arlene Brandão
10- Rosa Bernardo
11- Lourdes de Oliveira
12- Labibe Esgeib
13- Maria Olga Solari
Do Colégio Imaculada Conceição - Corumbá
" Zuleida Melo
Nizete Gomes Arruda
Helenar Coelho
Da Escola N.Sra. do Perpétuo Socorro de
Campo Grande
PRIMÁRIO - Honorata Arguelhos

Campo Grande, 29 de Outubro de 1950

Fonte: Relatório... 1949.

A classificação final, na Figura 18, possibilita observar um resultado satisfatório dos colégios salesianos. Apesar de a Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ter conseguido conquistar somente uma premiação de Imperatriz e uma de Dama, é necessário ressaltar que a instituição só oferecia o curso primário e, portanto, não possuía competidoras para todos os níveis da maratona.

4.1.1 Educação salesiana para moças

O Colégio na época era onde estudavam as pessoas remediadas e como era de **instrução religiosa**, os pais confiavam no regimento **conservador** das Irmãs. Muitos moravam em fazendas no interior e esperava que ali suas filhas estivessem protegidas. (PENTEADO, 1996, p. 51, grifo nosso).

Na investigação do cotidiano e das práticas escolares, as concepções a respeito da educação feminina ficam mais evidentes. Essa educação foi conformada por uma confluência de interesses entre Igreja, Estado e sociedade. Nessa perspectiva, vale pontuar algumas prescrições dadas pela legislação educacional que reforçaram o ideal de mulher utilizado na cultura religiosa.

A partir da Reforma de 1942, identifica-se um alinhamento maior da política educacional com a cultura religiosa. Esse engajamento legitimou o trabalho realizado em colégios femininos salesianos e tutelados pela Igreja Católica ao promover uma diferenciação entre educação secundária e educação secundária feminina.

Nisso, destaca-se uma preocupação em definir funções claras e objetivas principalmente no que diz respeito à educação feminina. O fim da coeducação é uma das medidas que viabilizaram a distinção de gênero para a educação secundária. O ensino deveria ser separado por gêneros, com a existência de colégios femininos e colégios masculinos; no caso das escolas mistas, com a separação das turmas em femininas e masculinas. Essa separação de gênero deveria ecoar também no corpo docente, visto que os professores deveriam dar aula nos colégios ou classes masculinas, e as professoras nos colégios ou classes femininas.

A justificativa para essa separação foi pautada em uma “diferença natural” da personalidade feminina e da “missão” da mulher dentro do lar. (BRASIL, 1942). Para isso, o fazer doméstico foi transformado em disciplina escolar denominada Economia Doméstica. Nessa disciplina, deveriam ser socializados os conhecimentos específicos da educação feminina como lavar, cozinhar, passar e limpar, com diferentes técnicas e instrumentos – o que Louro (1997) chama de “domesticação do lar”.

Dessa forma, o campo religioso em contato com o campo escolar atuava de forma a produzir e reproduzir “[...] agentes dotados do sistema de disposições capazes de engendrar práticas adaptadas às estruturas, contribuindo, por essa via, para reproduzir tais estruturas”. (BOURDIEU, 2005, p. 296). Dentre as estruturas reproduzidas pela educação religiosa, aqui é observada a reprodução sistemática de um sistema patriarcal.

As fontes de pesquisa analisadas possibilitam identificar nas práticas escolares duas dimensões dessa educação feminina: 1) Preparo para a vida adulta: o casamento cristão, a

maternidade e o cuidado do lar. 2) Preparo para a vida social e enobrecimento cultural – no imaginário social e no constructo da educação feminina, essas duas dimensões eram indissociáveis, pois os fazeres domésticos funcionavam como instrumento moralizador e disciplinador do corpo e da mente, e também como um atestado de virtude e aceitação das moças na sociedade. (RIZZINI, 2008).

Dentro das instituições, as diferenças de classes sociais⁶⁵ também proporcionavam uma distinção de finalidade educativa. Os saberes domésticos eram para todas as meninas, mas os “cursos práticos” eram realizados preferencialmente pelas alunas acolhidas, pois na visão das salesianas “[...] o trabalho braçal era para as crianças acolhidas o mais adequado tipo de formação educativa que deviam receber.” (MORAES, 2011, p. 115). Esse conhecimento era necessário para que, além de cuidado com o lar, as meninas acolhidas tivessem um trabalho digno e respeitoso – uma finalidade educativa que contribuía tão somente para a manutenção social.

Para as meninas, filhas das elites locais e das camadas médias, a educação oferecida pelas salesianas tinha como objetivo a formação de “damas da sociedade”, deveria então oferecer refinamento cultural. A educação recebida por essas estudantes privilegiava práticas que “[...] desempenhavam um papel importante na preservação da alta cultura.” (SOUZA, 2009, p. 75).

A exemplo disso, o próprio professor do colégio, Paulo Coelho Machado, casou-se com uma interna do colégio, Zilá, por causa do piano. Apesar de não contar em mais detalhes, Zilá deixou de estudar após o casamento. (PENTEADO, 1996). Ou seja, não era necessário continuar a estudar, uma vez que o objetivo do curso tinha sido atingido.

Esse contato com a alta cultura ficava a cargo das disciplinas humanísticas juntamente com “[...] lições graduadas de religião, instrução moral e cívica, educação domestica, canto, trabalhos manuaes, costura e tudo quanto possa concorrer para completar a educação de uma jovem.” (REGIMENTO..., 1942). Além disso, eram oferecidos cursos extracurriculares que não estavam inclusos nas mensalidades regulares das alunas, portanto a possibilidade de frequentá-los passava pela necessidade de realizar uma matrícula específica em cada um deles.

Para as famílias que dispunham de recursos, havia a possibilidade de investirem no aprimoramento feminino com aulas de “[...] piano, violino, bandolin, pintura, flores artificiais,

⁶⁵ A análise dessa diferença de classe social considera somente a finalidade educativa. No cotidiano escolar, principalmente para as meninas internas, é possível observar outras implicações dessas diferenças. Questões mais específicas sobre as distinções de classes sociais são discutidas e apresentadas nas dissertações de Moraes (2011) e Ortiz (2014).

datilografia, bordado, corte e costura.” (REGIMENTO..., 1940). Esses saberes iam ao encontro de um padrão de comportamentos legitimados socialmente e valorizados pelas elites. A elegância, o recato, a religião e a erudição da cultura europeia poderiam contribuir para o empreendimento de uma estratégia matrimonial e proporcionar um “bom casamento”.

Sobre esse assunto, a Irmã Bartira relembrou que: “Não se falava em sexo, porque era assunto fora dos padrões da época, mas orientavam-se a as meninas para o casamento.” (GARDES *apud* ROSA, 1990, p. 181). Bittar (2010) concorda que, apesar do preparo para o casamento, havia uma ausência de uma educação voltada para informações sobre corpo e sexualidade, com temas que envolvessem, por exemplo, os assuntos sobre menstruação ou gravidez.

Isso porque as maiores preocupações das salesianas era de formar jovens cidadãs nos princípios morais e religiosos, atendendo aos anseios de uma sociedade patriarcal. As meninas recebiam aula de etiqueta para saber servir e se comportar, bem como ensinamentos para serem delicadas e elegantes. Além disso, deveriam ter “autodomínio” ensinado por Dom Bosco e estarem sempre alegres; não poderiam ser vaidosas, e deveriam ser “[...] reservadas nas conversas, atitudes e toques.” (PENTEADO, 1996, p. 51).

Essas eram as características femininas valorizadas pelas salesianas e eram representadas por duas personalidades da congregação: Madre Mazzarello e Laura de Vicuña⁶⁶, a qual era considerada: “[...] um modelo perfeito para a educação salesiana” (ECOS JUVENIS, jan./jul, 1947, p. 25). A revista “Ecos Juvenis”, do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, é repleta de escritos que enfatizam as virtudes femininas dessas duas personalidades, as quais deveriam ser tomadas de modelo. Dentre as virtudes destacam-se: humildade, dizer sempre “sim”, trabalhar com alegria, piedade, obediência e amor aos estudos.

Para alcançar esse modelo, as salesianas estruturaram uma organização dos internatos que privilegiava essa educação moral e religiosa. No quadro 19, estão reunidas algumas normas previstas em regulamento do Ginásio Imaculada Conceição de 1940 e 1946.

⁶⁶ Laura de Vicuña (1891-1904) é beata da Congregação Salesiana. Nascida no Chile, foi aluna da Congregação Salesiana no Colégio em Junín de los Andes (Argentina), onde manifestou sua vocação de amor a Deus. Ofereceu sua própria vida a Deus para que sua mãe se convertesse e, assim, faleceu aos 13 anos. O processo de beatificação de Laura de Vicuña aconteceu somente entre os anos de 1981 e 1988.

Quadro 19 – Normas para o corpo discente dos estabelecimentos femininos

Requisito para matrícula	Certidão de batismo e atestado de vacinação
Vestimenta	O uniforme deveria ser confeccionado dentro do estabelecimento. As alunas não poderiam usar vestidos curtos, decotados ou uniformes customizados.
Objetos proibidos	Dinheiro e objetos valiosos como: anéis, relógios, pulseiras e correntes. Revistas, jornais e livros não contemplados nos programas de estudos.
Pontualidade	As alunas não poderiam assistir às aulas do dia caso não tivessem comparecido ou chegado atrasadas na oração matinal. Também não poderiam assistir às aulas se não tivessem com o material escolar completo. Havia um prêmio de pontualidade para emular as alunas. Aquelas que não fossem pontuais não poderiam receber nenhuma premiação ao final do ano letivo.
Comportamento	Conversas e maneiras pouco decorosas ou desonestas, insubordinação e falta de respeito eram motivo para a expulsão do estabelecimento. O comportamento exemplar deveria ser exibido também fora do colégio. Era proibido conversas entre as alunas internas e externas.

Fonte: Regimento... (1940); Regimento... (1949).

Organização: Andrade, 2021.

Algumas dessas normas, na verdade, não eram específicas da educação feminina. Pontualidade e comportamento, por exemplo, eram pontos comuns que se desejava inculcar em toda a juventude salesiana. Outras normas eram iguais, mas justificadas por razões diferentes.

A proibição do uso de adornos era para evitar a vaidade entre as meninas. O “combate à vaidade” também era intenso e rigoroso: “[...] não podia usar batom, ericar os cabelos, nem esmalte”. (PENTEADO, 1996, p. 66). Para os meninos, entre os objetos proibidos estavam inclusos armas, cigarros e canivetes. De igual forma, a exigência em relação à vestimenta para as meninas tratava-se de uma norma voltada para o recato e a moralidade; para os meninos intencionava-se inculcar organização e responsabilidade.

Sobre a proibição do contato entre as meninas do internato e externato, as amizades deviam ser feitas às escondidas. Uma ex-aluna relembra: “[...] as internas eram consideradas santas e nós, as pecadoras.” (PENTEADO, 1996, p. 59). Na visão das educadoras, a proibição de contato era “[...] para evitar que levassem bilhetes para os namorados, ou trouxessem para o ambiente do colégio assuntos inconvenientes”. (GARDES *apud* ROSA, 1990, p. 90). Fica evidente que uma das maiores preocupações das educadoras era com a moralidade, a pureza e a castidade. Conversas e vestimentas impróprias, ser acompanhada por algum menino na saída do colégio, bilhetes amorosos, tudo isso eram consideradas faltas graves e passíveis de expulsão.

As memórias da Irmã Bartira, juntamente com os relatos escritos no livro de Yara Penteado (1996), auxiliam a compreensão de algumas normativas do regimento. A leitura, por exemplo, ficava restrita apenas aos livros religiosos ou históricos porque, na visão salesiana, os romances poderiam prejudicar a formação do caráter das meninas.

As freiras levavam as meninas até a escadinha do teatro para medir o comprimento das saias, para que elas não as subissem. Algumas alunas recordam dessa preocupação com a moralidade até no momento do banho coletivo, quando as meninas tomavam banho com uma camisola xadrez. Nas memórias de uma ex-aluna, o fato foi descrito como uma “[...] hipocrisia, falsa modéstia [...], absurdo.” (PENTEADO, 1996, p. 39).

A maioria das normas previstas evidenciam um cuidado com a vida religiosa das meninas, principalmente aquelas que estavam em regime de internato. As normas e regras do cotidiano escolar parecem demonstrar que essas instituições procuraram utilizar os estudantes internos como uma vitrine da educação salesiana e, para isso, agenciavam um grupo de estudantes-modelo: disciplinados e devotos da fé cristã. Dessa forma, intentou-se o resguardo dos internos para que estes se tornassem “incorrupíveis”.

O Regimento indica que o comportamento dos estudantes perante a sociedade era visto com algo primordial e assevera que: “A diretoria [...] zelando pelo bom nome do estabelecimento, poderá eliminar aquela que seja de desdouro por causa do seu procedimento censurável”. (REGIMENTO..., 1943). Nesse trecho, a palavra **desdouro** pode ser compreendida como ausência de consideração, crédito e honra.

Havia, portanto, uma preocupação dos educadores salesianos em formar jovens com algumas características desejáveis à moral cristã e à filosofia salesiana. Para que isso acontecesse era necessário que, fora do campo escolar, os agentes continuassem a ser orientados por esquemas de percepção e de ação dos salesianos.

Em síntese, ao colocar o ensino secundário feminino como instância de formação da mulher para o lar, em alguns campos sociais a participação feminina foi inviabilizada, principalmente após a Reforma Capanema. As salesianas estiveram em conformidade com as políticas públicas e educacionais do Estado Novo e alinhadas aos projetos do governo de nacionalização do ensino e proteção da família.

4.2 ORGANIZAÇÃO DO TEMPO E DO ESPAÇO ESCOLAR

A escola moderna cria, em alguma medida, seu ritual de organização; trabalhando simultaneamente saberes e valores, estabelecendo rotinas e disciplina, hábitos de civilidade e de racionalização. São tempos e espaços que se organizam de um modo todo próprio. Ao pretender romper com o tradicional, também as novas pedagogias criam suas específicas tradições. (BOTO, 2003, p. 388).

O presente tópico tem como objetivo identificar normas e práticas escolares próprias do tempo e de espaço produzido pela cultura escolar católica no interior dos estabelecimentos de ensino investigados. Na análise dos tempos e espaços escolares “[...] qualquer mudança em sua disposição, como lugar ou território modifica sua natureza cultural e educativa.” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 1998, p. 69). Apesar de um cotidiano conformado pelas determinações legais, as instituições católicas em estudo tinham na organização das rotinas e ritos um conjunto de especificidades que se constituíam a partir das trocas culturais.

O tempo escolar, nesse sentido, corresponde a um símbolo social, fruto da construção das relações cotidianas e da fragmentação do calendário escolar. Contempla, de uma maneira mais ampla, as datas festivas e comemorativas, avaliativas e a rotina institucional, horários de aula e deveres, de recreio e recreação, de oração e alimentação, entre outros. Observa-se que os rituais de gerenciamento do tempo e espaço dos salesianos esbarrava-se no tradicionalismo, ainda que o discurso fosse de criar novos métodos educativos e oferecer uma educação moderna e atrativa para a juventude.

Em relação à organização do tempo, a investigação dessas instituições indica um calendário institucional permeado por três dimensões: escolar, cívica e religiosa. Essas três dimensões, portanto, não possuíam barreiras bem delimitadas, pois uma comemoração religiosa poderia utilizar-se de princípios cívicos; assim como uma comemoração escolar poderia ter forte caráter religioso. Por isso, é importante a compreensão de como essas instituições orquestravam essas três dimensões no decorrer do ano letivo.

No que tange à dimensão escolar, que postulava sobre data de matrícula, período de exames oficiais, início das aulas, provas parciais e finais, observa-se o seguimento das orientações que foram regulamentadas pelo MESP:

Art. 24 A matrícula no curso secundário será processada de 1 a 14 de março.
Art. 26. É permitida a transferência de alunos de uns para outros estabelecimentos de ensino secundário, oficiais ou sob regime de inspeção permanente ou preliminar. § 1º Só se efetuará transferência de alunos no período de férias. Art. 29. O ano letivo começará em 15 de março e terminará em 30 de novembro, **não podendo haver modificação dessas datas senão**

por motivo de força maior, mediante autorização do Ministro da Educação e Saúde Pública. Art. 30. Além dos meses de janeiro e fevereiro será considerada de férias escolares a segunda quinzena do mês de junho. (BRASIL, 1931, grifo nosso).

As instituições funcionaram de acordo com a legislação e acompanhadas por seus respectivos fiscais escolares. Além das datas de matrícula, provas e férias, a direção do estabelecimento organizava “[...] anualmente o calendário escolar, programando não só os dias letivos como também [...] os feriados, festas religiosas específicas do estabelecimento, comemorações internas e data do encerramento do ano letivo.” (REGIMENTO..., 1938).

Em relação à dimensão religiosa, os calendários escolares eram organizados tendo como base o Ano Litúrgico⁶⁷, com comemorações abalizadas nos Santos da Congregação, com festividades, cerimônias, cantos e rezas e práticas de devoção. Essa era a tradição pedagógica católica: colocar em realce as festividades religiosas diretamente atreladas ao calendário escolar, regendo o tempo e o espaço da escola. Esse modelo de organização escolar é fruto do investimento catequético idealizado pelo Concílio de Trento, que orientou o clero para a organização e a realização de festas escolares religiosas. (BERGAMASCO, 2009).

Já a dimensão cívica foi regulamentada pelo projeto nacionalista, que colocava em destaque grandes personalidades e momentos históricos selecionados como importantes para o desenvolvimento da nação. Observa-se que algumas dessas datas eram fixadas por meio de decretos e regulamentos.

Para melhor visualização dessas três dimensões presentes na estrutura do calendário escolar, o Quadro 20 foi organizado com as principais datas fixas dos calendários das instituições salesianas. Vale ressaltar, no entanto, que as datas em destaque como Dia de Maria Auxiliadora, Dia de Santa Teresa e Dia de Imaculada Conceição eram principalmente comemorados pelos estabelecimentos de mesmo nome.

⁶⁷ O Calendário religioso é baseado no ano Litúrgico. Através dele o povo católico revive anualmente o Mistério da Salvação centrada na trajetória de Jesus. O Ano Litúrgico contém as datas dos acontecimentos da chamada “História da Salvação”. Por tal motivo, o calendário não coincide com o ano civil.

Quadro 20 – Calendário escolar salesiano

CALENDÁRIO ESCOLAR	CALENDÁRIO RELIGIOSO	CALENDÁRIO CÍVICO
Março: Matrículas ginásial e colegial Início das aulas. Festa do Regulamento Junho: Provas parciais 30/06 Retirada dos alunos Julho: Férias Agosto: Retorno das aulas - 1º de agosto Novembro: Provas Finais	Março: Feriado de Páscoa – Semana Santa e Dia de Maria Auxiliadora* Abril: Festa de Dom Bosco Maio: Mês de Maria 15/05 – Dia da Educação Católica/ São João Batista de La Salle 24/05 – Dia de Santa Teresa Junho: <i>Corpus Domini</i> ou <i>Corpus Christi</i> Novembro: Festa de Cristo Rei. Festa de Imaculada Conceição**	14/04 - Dia das Américas 19/04 – Aniversário do Presidente 21/04 – Tiradentes 13/05 - Abolição da escravidão. 13/06 - Retomada de Corumbá*** 26/08 – Aniversário de Campo Grande 07/09 - Independência do Brasil 16/10 - Dia do professor 24/10 - Comemoração Dia das Nações Unidas 10/11 – Dia do Estado Novo 15/11 – Proclamação da República 19/11 - Dia da Bandeira
Dezembro: Festividades, entrega de prêmios e certificados às alunas. Janeiro e fevereiro: Férias Escolares - Curso de admissão e aulas especiais para exames de 2ª época. Exames de admissão e exames de 2ª época.		

Fonte: Acervo documental do Colégio Salesiano Santa Teresa, Ginásio Imaculada Conceição e Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Organização: Andrade, 2021.

O ano escolar iniciava em março, com o calendário montado e descrito em regimento escolar. O início das aulas era marcado pelo estudo das normas escolares, bem como dos deveres e direitos dos diferentes agentes que compunham o espaço escolar. Para os alunos novos, era um momento de aproximação da instituição escolar; para os alunos antigos, era um momento para matar a saudade do colégio e relembrar as normas organizacionais.

Nos colégios masculinos, esse momento era chamado de “Tríduo de Abertura”. A inspetoria salesiana recomendava que, além do regulamento, fosse lido também o decreto da congregação. (CADERNO MEMORIAL..., 1943). Em alguns documentos, esse momento era chamado de “Festa do Regulamento”. Junto a essa festa de regulamento, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, especificamente, aproveitava para comemorar o dia da padroeira do

colégio, Dia de Nossa Senhora Auxiliadora (comemorado dia 24 de fevereiro, período de férias escolares).

O registro de acontecimentos do Colégio Nossa Senhora, no mês de março, para o início do ano letivo, apresentava a tradição do pão doce⁶⁸, a bênção da eucarística e festinhas no salão. Havia ainda um discurso de abertura, no qual “A diretora fala aos alunos, o argumento é o seguinte: elevem o estudo ao que merece, transformem o saber em amor', amem a religião, sem a qual nenhuma ciência penetra.” (CNSA HISTÓRICO, s.d). Nesse discurso, é possível identificar o espaço ocupado pela cultura religiosa, com um discurso que estabelecia uma relação direta entre religião e êxito escolar.

A fala não tratava de uma ameaça consciente. O que subjaz nessa abertura, é a crença e o entendimento de que, para ser bem sucedido no colégio, era preciso estar em sintonia e em comunhão com Deus, para que ele abençoasse o intelecto, o aprendizado e para que as meninas conseguissem ir bem nas provas. Para Bourdieu (2005), na medida em que a religião impõe um sistema de práticas e representações estruturadas pelo sobrenatural, contribui para a imposição de uma estruturação específica de visão de mundo social.

A principal consequência dessa imposição dissimulada pela presença da cultura religiosa no ambiente escolar estava na característica naturalizante e meritocrática dos discursos, que tinham como objetivo utilizar a vontade divina e a culpabilização individual para explicar o desempenho escolar dos estudantes. Trata-se, portanto, de uma forma de coerção, travestida de temor e devoção religiosa. O capital cultural religioso, combinado com o *ethos* (moral), concorria, então, para definir concomitantemente as condutas religiosas e escolares dos agentes e, conseqüentemente, definir seu êxito escolar.

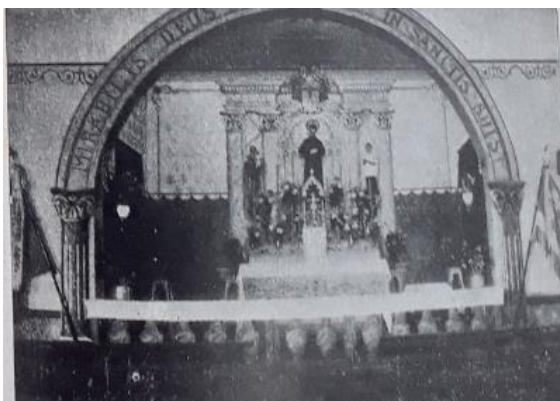
Sem dúvidas, o mês de maio era o mês das maiores festividades, com práticas religiosas, culturais e escolares que movimentavam todas as escolas por meio de trabalhos escolares, missas, cantos, procissões, apresentações teatrais e momentos com participação da comunidade.

As ex-alunas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora relembram que, durante o mês de maio, “[...] as missas começavam as seis horas da manhã, num clima gelado.” (PENTEADO, 1996, p. 55). O mês de Maria era repleto de rituais realizados em espaços específicos e a missa matinal acontecia na capela do colégio. A capela era considerada pelas alunas como um lugar sagrado e, por isso, era necessário reverência, Ela havia sido pintada por um artista vindo da

⁶⁸ O pão doce é símbolo das comemorações do Dia de Reis na Igreja Católica, geralmente uma comemoração realizada no início do mês de janeiro. Possivelmente, tal comemoração tenha sido transferida para o início do ano letivo para que todas as alunas pudessem participar da cerimônia.

Itália e, por esse motivo, era considerada sofisticada. A igreja e capela eram os espaços onde se realizavam os rituais religiosos.

Fotografia 13 – Capela do Colégio Dom Bosco (1936)



Fonte: O GINÁSIO, n. 26, nov-dez 1940, sp.

Fotografia 14 – Capela do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1943)



Fonte: Acervo Fotográfico CNSA.

Em determinado momento das festividades, as alunas levavam “[...] um ramalhete de flores para depositar nos pés de Nossa Senhora. A igreja estava lotada. Entrávamos cantando, eu gostava muito. [...] Cantar todo o mês de Maria, dedicado à mãe de Jesus. A gente sentia feliz em estar rezando”. (CNSA HISTÓRICO, s.d). Além disso, em maio as imagens de Maria ganhavam uma coroa com a qual elas permaneciam até o mês de dezembro. No mês de janeiro, a coroa era retirada, até que o próximo mês de maio chegasse e desse início a uma nova cerimônia repleta de simbolismos religiosos, organização e devoção.

A afinidade do *habitus* religioso era necessária para que essas festividades fizessem sentido, portanto mobilizava-se ao encontro da compreensão de uma forma específica de se relacionar com o sobrenatural. O *habitus* religioso constituía uma matriz de percepção que dava sentido e significado para os rituais realizados, já que ele fazia com que as meninas se sentissem privilegiadas e entusiasmadas com a cerimônia. Essas estratégias eram tão dotadas de sentido para essas meninas, que na vida adulta as agentes sentem saudades, conforme anteriormente exposto.

Apesar de serem religiosas, essas festas se constituíam como ritos e rituais escolares, produzindo pontos de referência para lembranças ou para esquecimentos. Não significavam simplesmente momentos de lazer e descontração, tendiam para uma normatividade, por meio da ação, da interação e do produto. (MAGALHÃES, 2007a).

Assim como essas festas, outras comemorações eram previstas em calendário de forma fixa. Outras eram comemoradas apenas em determinados anos, como no caso das visitas do Reitor da Congregação Salesiana ou da Madre Superiora das Filhas de Maria Auxiliadora, bem

como as visitas de personalidades políticas, bodas e também os centenários. Dentre essas, destaca-se, por exemplo, a comemoração do centenário do abolicionista Joaquim Nabuco, realizada no ano 1949, dentre outros.

O pedido de comemoração do centenário de Joaquim Nabuco foi enviado pelo DNE por meio de um telegrama solicitando que fosse incluída no calendário escolar na ocasião da data comemorativa. Posteriormente, outro telegrama foi enviado solicitando um relatório das atividades comemorativas que foram promovidas no colégio sobre Joaquim Nabuco. Os louvores aos “[...] ‘heróis’ brasileiros eram relacionados com o sentimento pátrio e de vivência cívica.” (FIGUEIREDO; GRIMALDI, 2014, p. 6).

É necessário ressaltar que existiam comemorações grandiosas, realizadas com grande pompa, e outras comemorações mais modestas, sem o envolvimento da comunidade externa, que eram incorporadas às práticas escolares, tais como uma produção escrita, um sarau, um coro e uma oração.

Dentre as comemorações cívicas, destaca-se para os campo-grandenses o aniversário da cidade, no dia 26 de agosto; para os corumbaenses, a Retoma da cidade de Corumbá, no dia 13 de junho. No entanto, o evento cívico mais importante do ano letivo nas instituições escolares eram as comemorações do dia da Independência, em 7 de setembro.

As crônicas do Ginásio Santa Teresa registram a data da Independência como o “Tríduo Cívico”, ou seja, eram três dias de atividades, que começavam no dia 5, com uma Missa Campal promovida pelo Padre Diretor e, no período da noite, eram realizadas “Tertúlias Cívicas” no Salão de Atos do colégio. (CRÔNICAS...,1943).

O Salão de Atos era o local onde se realizavam as maiores solenidades escolares, os teatros, as premiações, as festas de fim de ano e palestras cívicas. É lembrado pelos ex-alunos como um importante espaço cultural. De acordo com as memórias de Báez (1988, p. 59), foi inaugurado em 1920:

Um belíssimo teatro, o maior da época, em Corumbá. O pano de boca – trabalho de um pintor português – mostrava Colombo abrindo uma cortina para o mar e sonhando... Nesse Teatro, os salesianos e seus alunos apresentavam dramas, comédias, melodramas e corais de encantar a gente... Tudo com o fim de educar, ensinando a dicção perfeita das palavras e maneira correta de se apresentar em público, exercitando assim a memória de seus alunos. As representações eram muito frequentes e concorridíssimas. De tudo isso ficou tão-somente a saudade bolindo nos cabelos brancos dos gurus de ontem. (BAÉZ, 1988, p. 59).

A participação nesses eventos era obrigatória e considerada um privilégio dado aos alunos com melhor desempenho escolar, desenvoltura e oratória. Tratava-se de um espaço

escolar de onde emanavam erudição, patriotismo e religiosidade. Mas, o ponto alto do Tríduo Cívico era na verdade os desfiles. Momento para o qual os estabelecimentos empenhavam-se para apresentar à cidade o desempenho de uma educação excelente.

As memórias sobre a festividade evidenciam uma ação conjunta para trazer visibilidade ao colégio. Tudo deveria estar impecável, organizado, sincronizado e limpo. Tanto em Campo Grande como em Corumbá o desfile era encarado com acirrada disputa ou como uma competição “bélica”, já que o objetivo era “vencer os colégios leigos”. Esse sentimento era dado pela disputa existente no campo educacional entre os salesianos e os colégios leigos, e essa rixa era incorporada pelos alunos.

Em Corumbá, o objetivo era garantir o espaço privilegiado no campo educacional, destacando-se em relação ao Ginásio Maria Leite. E, em Campo Grande, a disputa era com o Colégio Estadual, principalmente a partir da década de 1950, quando o “Estadual” começou a despontar na sociedade campo-grandense. José Barbosa (2016, p. 265) contou que:

Existia uma competição entre o Dom Bosco e o Estadual. Mas o Dom Bosco era sempre o mais aplaudido. [...] No fundo, no fundo os colégios se competiam. Porque os padres queriam provar que o estudo do Dom Bosco era melhor do que o do Estadual.

O desfile era, então, um importante momento devido à oportunidade de reconhecimento da instituição pela sociedade, que poderia comparar e avaliar o desempenho das instituições. Os ex-alunos do Colégio Dom Bosco, Pierre Adri (2006) e José Barbosa (2016), relembram a solenidade. A banda abria o desfile: “A gente tinha que se preparar, limpar e brilhar os instrumentos, a bicicleta tinha que equipar com bandeirinhas verde e amarelas”. (JOSÉ BARBOSA, 2016, p. 265). Pierre Adri (2006) conta que, na década de 1950, a banda contava com cerca de 200 alunos e, de acordo com suas memórias:

Era composta por caixas, surdos, bumbos, cornetas, pratos e clarins. Os pelotões em marcha sempre em ordem unida acertavam os passos no desfile, arrancando do público demorados aplausos quando adentravam as principais ruas do desfile [...] Padre Heitor Castoldi trouxe diretamente da Itália gravações das mais famosas fanfarras existentes na Europa. (ADRI, 2006, p. 68-69).

É interessante analisar que, apesar de ser uma comemoração nacional, de cunho nacionalista, ainda assim as fanfarras europeias eram utilizadas como estratégia de distinção social. Isso porque havia uma necessidade de proporcionar àqueles jovens maior afinidade entre os hábitos culturais e saberes valorizados pela sociedade, cuja conquista simboliza ascensão à elite. (BOURDIEU; PASSERON, 2015).

Ainda sobre os desfiles, o ex-aluno Pierre Adri (2006) apontou a existência de “jipes motorizados” e carros alegóricos feitos para o desfile como forma de demonstração da grandiosidade do colégio. Em verdade, esses veículos procuravam demonstrar não somente a grandiosidade, mas a modernidade do colégio.

Nos desfiles, tanto os meninos quanto as meninas usavam o uniforme de gala. Uma das ex-alunas relembra: “Nossos uniformes de gala eram lindíssimos: saia azul marinho pregueada, boina com friso branco.” (PENTEADO, 1996, p. 45).

Fotografia 15 – Desfile do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (07/09/1954)



Fonte: Acervo Fotográfico CNSA

No Ginásio Santa Teresa, havia um batalhão militar comandado pelo Padre Audísio, educador salesiano lembrado pelo rigor, organização e disciplina. Ele ensaiava a banda, ensinava a marchar e exigia que os alunos cantassem com vigor a “Canção do Soldado”. O traje de gala do batalhão, assim como os dos colégios militares, era composto por uma farda inteiramente branca, polainas caqui, quepe preto, fuzis de madeira. Havia também alguns “alunos oficiais” montados a cavalos - cedidos pelo Batalhão de Caçadores - e uma banda de música. “O fato é que o batalhão do colégio saía as ruas da cidade todo de branco, numa ordem e harmonia notáveis”. (SCHNEIDER, 1977, p. 16).

Fotografia 16 – Desfile do Ginásio Santa Teresa



Fonte: SCHENEIDER, (1977).

Em resumo, o evento, ao incluir os alunos em atos cívicos, atuava como instrumento disciplinador destes, e também como uma ferramenta de ampliação de capital cultural e legitimação cultural, que proporcionava distinção não somente aos alunos, mas também ao estabelecimento de ensino. As comemorações cívicas eram úteis para o jogo político, isso tornava viável a afirmação da identidade nacional, a legitimação de hierarquias sociais e a construção de uma história da nação.

4.2.1 Horários e Espaços escolares do ensino secundário

Antes do início das aulas, até a batida do sino, para a entrar, a formação em fila para as orações do dia, assim como entoação dos cânticos fazia parte do cotidiano, num ritual seguido a risca, em todo o decorrer do ano letivo. Logo após as orações e os conselhos de praxe, eram iniciadas as aulas que se estendiam até às 16h20min, com intervalo observado para o recreio com início às 2h30min e término às 15 horas. (ADRI, 2006, p. 32-33).

Se por um lado o calendário e as festas cívico-religiosas deixavam entrever a “perfeição” e a organização da educação salesiana, nas rotinas escolares é possível observar os esforços e o sacrifício necessários para levar os estudantes ao padrão demonstrado nas solenidades. Era no cotidiano escolar que ocorria a gestão dessa perfeição, realizada na intensa e maçante convivência entre os educadores religiosos com os jovens estudantes.

Para o ensino regular, o dia iniciava com a oração e a aula. O ensino secundário era oferecido em todas as instituições salesianas investigadas no período matutino. A legislação

nacional havia fixado em “[...] 50 minutos a duração de cada aula, com intervalo obrigatório de 10 minutos, no mínimo, entre uma e outra [...] cada turma não terá menos de 20 nem mais de 28 horas de aula por semana, excluídos desse tempo os exercícios de educação física e as aulas de música”. (BRASIL, 1931). Apesar da orientação, a documentação escolar tinha registro de diferentes horários escolares com intervalos também diferentes entre cada uma das instituições.

No que tange ao horário, é importante observar que os colégios salesianos adquiriram o reconhecimento oficial do ensino secundário em diferentes momentos, ao longo dos 30 anos de periodização deste estudo. Caso o colégio não fosse equiparado, poderia organizar o estudo da maneira mais conveniente para o funcionamento da instituição.

Observa-se, a partir do Quadro 21, que as instituições possuíam certa autonomia para organização do horário escolar e gerenciamento do recreio/intervalo. Nesse sentido, de acordo com os registros, o Colégio Dom Bosco parece ter sido o único a seguir de fato as normativas legais do MESP, isso pode ter ocorrido por ter sido o primeiro estabelecimento a conseguir o reconhecimento.

Quadro 21 – Horário de Aula nos Colégios Salesianos

Instituições	Ano	Horários
Ginásio Municipal Dom Bosco	1932	Horário: 7h30 às 11h20 – 5 aulas de 50 minutos Intervalo: 10 minutos entre uma aula e outra
Ginásio Santa Teresa	1936	Horário: 7h30 às 11h05 – 4 aulas de 50 minutos Intervalo: 5 minutos entre a 2ª e 3ª aula
	1938	Horário: 7h30 às 11h10 – 45 minutos por aula Intervalo: 15 minutos entre a 2ª e 3ª aula Aula de Ginástica de 6h às 7h25 todos os dias 1ª e 2ª série: 6 aulas por dia – 1ª a 5ª série: 5 aulas por dia
Ginásio Imaculada Conceição	1938	Horário: 7h30 às 11h20 – 5 aulas de 45 minutos + Aula de Ginástica de 6h às 7h15 todos os dias Intervalo: 15 minutos entre a 2ª e 3ª aula
	1939 1940	Horário: 7h30 às 11h30 – 4 aulas de 50 minutos + Educação Física e Canto Coral alternadamente no 3º tempo (30 minutos) Intervalo: 10 minutos entre as aulas
	1941	Horário: 7h30 às 11horas – 5 aulas de 45 minutos + Educação Física e Canto Coral alternadamente no 3º tempo (30 minutos) Intervalo: Sem intervalos

Fonte: Oliveira, 2014; Relatório..., 1937-1940; Relatório..., 1938.
Organização: Andrade, 2021.

Apesar de os salesianos não manterem uma uniformidade para o funcionamento das aulas, mantinham todos o rigor com a pontualidade, sem a qual os alunos estariam sujeitos às sanções dos estatutos. O período do recreio correspondia a um tempo escolar promotor de muitas lembranças colegiais. Era o momento no qual os estudantes detinham mais liberdade para conversar com seus pares, estreitar relações ou simplesmente brincar.

Para as meninas do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, também esse momento de recreação era realizado separadamente. Zita (*apud* GUINDO, 2018) relembra que existia dois espaços diferentes para o momento do recreio, a fim de que novamente as internas não se comunicassem com as externas: um pátio no andar de cima para as internas e um pátio térreo próximo à saída do colégio para o recreio das externas. Já no Ginásio Imaculada Conceição, o que chama atenção é que, durante alguns anos, a instituição tentou substituir o recreio pela própria aula de Educação Física, com um caráter de recreação organizada.

Para os meninos, o recreio era mais agitado, com mais correria e ainda com a necessidade de mais supervisão. O periódico estudantil do Colégio Dom Bosco, em uma de suas publicações, tentou expressar esse momento por meio de fotos. Observa-se, na Fotografia 17, a tentativa de demonstrar para a sociedade um colégio tal qual idealizava Dom Bosco: o ambiente educativo alegre, com “[...] ampla liberdade de correr, pular e gritar, à vontade”. (BAÉZ, 1988, p. 47).

Dentre as brincadeiras registradas nas fotografias do periódico, estão: corrida do saco, bolita, pau de sebo, ping-pong, basquete, os alegres, guerra mundial de judas, ou seja, brincadeiras tradicionais e folclóricas. Destacam-se também brincadeiras curiosas que podem ter sido inventadas pelos alunos ou pelos padres conselheiros, as quais tinham a função de cuidar do recreio. Guerra mundial de judas, por exemplo, parece ser algo inventado com a finalidade de aliar religião e a contextualização de um momento político impactante e delicado, como a Guerra Mundial.

Fotografia 17 – Brincadeiras realizadas durante o recreio do Colégio Dom Bosco (1932)



Fonte: O Ginásio, nº 12, maio-jun., 1938, s.p.

Os relatórios de inspeção ainda permitem identificar a leitura dos inspetores acerca dos Colégios. O inspetor do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, no ano 1946, registrou:

O edifício construído de acordo com os requisitos pedagógicos, conta de salas de aula, salas especiais e demais instalações, confirmando o que deixo consignado em seu termo de visita, o Se. Ignácio D. de Camargo, enquanto intendente Municipal de Campo Grande: “Para Mato Grosso, este colégio representa uma etapa luminosa, na sua evolução”. (RELATÓRIO..., 1943).

Dessa forma, o edifício escolar representava um signo de progresso e modernidade para a cidade. As instalações, as salas de aula e o laboratório deveriam representar o aspecto inovador da educação salesiana. Os jornais estudantis constituíam-se como um dos grandes promotores responsáveis por essa representatividade. Essa era uma estratégia amplamente utilizada para promover o colégio e os estudantes perante a sociedade.

Os colégios utilizavam como instrumento avaliativo composições literárias, principalmente nas aulas de Português, Literatura e línguas estrangeiras. Os professores davam um tema e todos os alunos tinham que escrever sobre aquele assunto. (BARROS, 2016). Em uma dessas composições, uma aluna escreveu sobre sua sala de aula.

Tenho muito a dizer que ela é ampla e muito bonita. As suas paredes são de uma cor verde-clara e o teto é branco. Possui três janelas que dão para a rua, uma janela e uma porta que dão para o corredor. Há muitas carteiras à frente das quais está a mesa da professora. Sobre a parede acha-se o quadro-negro, que tem em sua frente ao alto um bonito quadro de Maria Auxiliadora. (ECOS JUVENIS, 1947, p. 20).

A sala deveria ser ampla e arejada, bem iluminada e adequada à legislação⁶⁹ sanitária, que fomentava a busca pela modernização da sociedade. A quantidade de lavatórios e bidês também estava atrelada à ideia de civilidade que o ensino secundário deveria proporcionar. Esses elementos deveriam constar nos relatórios de inspeção, demonstrando um edifício satisfatório para que os estabelecimentos pudessem manter ou alcançar o reconhecimento.

O aluno do Colégio Dom Bosco também escreveu sobre o edifício da instituição. E, nesse caso, o jovem parece ter incorporado o objetivo de promoção do Colégio ao associar a estrutura do edifício ao progresso de Campo Grande.

O refeitório dos alunos parece ter sido a parte mais caprichada, onde mais é requintado o conforto. Dormitórios, aposentos dos superiores, salas de aulas e de estudo, escritório, repartições da diretoria, o próprio pátio toda a composição do Ginásio Municipal Dom Bosco constitui a melhor propaganda

⁶⁹ Decreto n. 377, de 22 de junho de 1934, do governo do estado de Matto Grosso.

da vertigem de progresso campograndense. (O GINÁSIO, ano I, n. 6, 1937, s.p).

Ainda nessa investigação do espaço, é notada uma importante correlação de tempo e espaço protagonizado principalmente pelas salas especiais e laboratórios do ensino secundário. As salas especiais ou salas-ambiente compunham o ideário de modernidade escolar nos espaços de aprendizagem do ensino secundário.

Esse ideário havia sido introduzido no campo educacional brasileiro, a partir dos intelectuais escolanovistas, com o intuito de promover uma inovação pedagógica e superação do ensino tradicional. Isso porque os artefatos didáticos modernos poderiam proporcionar maior interação entre os conhecimentos escolares e a realidade social. O quadro 22 contém especificações do aparelhamento que compunha as salas especiais do Ginásio Imaculada Conceição.

Quadro 22 - Salas Especiais GENIC

Sala de datilografia: Possui três máquinas para uso das alunas do curso comercial.
Sala de desenho: Possui modelos sortidos, compassos, réguas, pranchetas, etc.
Sala de geografia: Possui um globo, 6 atlas de consulta, sendo 4 em português, um em francês e um em italiano; uma bússola, um termômetro e uma coleção de mapas para exercícios cartográficos; cartas murais do Brasil e das 5 partes do mundo; 2 planisférios; 2 mapas do estado e do município; amostras dos principais produtos nacionais agrícolas; coleções de vistas do Brasil e do estrangeiro em fotografias e cartões postais.
Biblioteca: Possui 2 armários automáticos, contendo cada um 400 volumes, várias coleções de revistas brasileiras e estrangeiras, além da coleção “THESOURO DA JUVENTUDE”.

Fonte: Relatório..., 1937-1939;

Organização: Andrade, 2020.

O alerta realizado por Rahe (2015) é o da possibilidade de que a construção de tais ambientes de aprendizagem tenha sido realizada somente em razão da necessidade de apresentá-los no momento da inspeção. Por esse motivo, a autora coloca em dúvida a real utilização desses artefatos durante as aulas, mas ressalta a necessidade de mantê-los conservados para o momento da inspeção.

Havia uma lista produzida pelo Departamento Nacional de Educação, contendo uma série de recomendações para a organização, a construção e a composição desses espaços. O inspetor ficava responsável por verificar se as escolas realmente tinham os recursos necessários para atingir o objetivo de utilização das salas, e também por acompanhar a frequência de

utilização delas. Todos esses aspectos deveriam constar no relatório de inspeção. Em 1932, o inspetor do Colégio Dom Bosco registrou:

Os gabinetes do Gymnasio Municipal de Campo Grande não são museus, onde os aparelhos servem apenas de propaganda perante os pais. De pouco, chegou agora a apresentar 90% do exigido, na longa lista apresentada pelo Departamento. É que os próprios alunos foram construindo os aparelhos que faltavam, e na construção foram aprendendo o que talvez não conseguissem em longos tratados. Os instrumentos modestos são os que mais servem para o ensino. No anexo nº 12 vai a lista pormenorizada do material do Gabinete, Museu e Laboratorio. (RELATORIO..., 1932 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 160).

O relatório de inspeção deveria evidenciar um local propício para a experimentação dos saberes científicos que propiciassem romper com o conhecimento teórico e conformava-se como mais um dos requisitos necessários para obtenção do reconhecimento. O relatório deveria ser enviado ao DNE juntamente com a lista de recursos disponíveis no colégio. Era enviada também uma relação de materiais adquiridos no último ano, com o propósito de demonstrar que, apesar de não haver todos os recursos recomendado pelo DNE, a instituição continuava investindo no aprimoramento desses espaços.

A manutenção de uma posição de prestígio dentro do campo educacional estava vinculada a um constante investimento no espaço escolar, a fim de associar seus edifícios escolares com espaços, materiais e equipamentos ao ideário do ensino secundário, ou seja, um ideário de formação da classe dirigente. Para isso, o espaço escolar deveria representar a modernidade pedagógica fundamentada no cientificismo.

No quadro 23 estão relacionados os investimentos realizados pelo Ginásio Imaculada Conceição entre os anos de 1937 e 1942, no qual constam investimentos no mobiliário escolar e no material didático para uso em laboratórios. Destacam-se as espécies zoológicas e botânicas e as pedras preciosas para a parte de mineralogia, além de ácidos para as aulas de Química e discos clássicos para a aula de Música e Coral.

Chamam a atenção também as informações repetidas no ano de 1940 e 1941 (em destaque no quadro 23), que podem indicar a dificuldade do estabelecimento em fazer novos investimentos nesses espaços, levando-os a uma tentativa de contornar a falta de material sem prejudicar a reputação do estabelecimento. No **Anexo C**, também é possível observar a lista completa dos materiais disponíveis nos laboratórios do GENIC, no ano de 1940. Nela fica visível o nível de investimento financeiro realizado em material didático para manter os estabelecimentos em funcionamento de acordo com as prerrogativas do DNE.

Quadro 23 – Relato dos materiais didáticos adquiridos e registrados no Relatório de Inspeção do GENIC

Informações da relação das aquisições de material didático	
1937	Foram adquiridas 50 carteiras individuais. O gabinete de física e química foi enriquecido de materiais e armários pela importância de 6:000\$000.
1938	O estabelecimento adquiriu uma cátedra completa para a secretaria, uma dúzia de cadeiras novas para a sala dos professores e 12 carteiras individuais. Além disso, o gabinete de H. Natural foi enriquecido de um armário de vidro e de várias espécies zoológicas, botânicas e minerais. O de química com ácidos e um aparelho para experiências de decomposição.
1940	O estabelecimento adquiriu 52 carteiras individuais, uma mesa-escrivãzinha para a sala de professores e duas dúzias de cadeiras para o gabinete de física, sendo este enriquecido com 30 novos aparelhos de acordo com o programa da 4ª série. O laboratório de química recebeu também 15 ácidos diferentes, vários aparelhos como eudiômetro e outros ingredientes necessários às experiências da 3ª e 4ª séries. O ramo de mineralógica adquiriu inúmeros tipos de pedras e rochas preciosíssimas, vindas de Minas Gerais, São Paulo e Bahia, bem como os tipos do lugar encontrados nas margens do Araguaia, Garças e Rio das Cascas (Mato Grosso). As próprias alunas mimosearam o gabinete de História Natural com ótimos quadros murais desenhados por elas mesmas e referentes as espécies zoológicas, botânicas, minerais e patogênicas. Além disso, o estabelecimento adquiriu um ótimo rádio da marca ZENITO e uma Vitrola rádio de 2ª mão, porém em bom estado.
1941	O estabelecimento adquiriu 52 carteiras individuais, e 250 cadeiras para o Salão Nobre do Colégio. O laboratório de Química recebeu 10 ácidos diferentes e outros ingredientes necessários para experiências da 3ª, 4ª e 5ª séries. O ramo da mineralogia adquiriu inúmeros tipos de pedras e rochas preciosíssimas, vinda de Minas Gerais, São Paulo e Bahia, bem como os tipos do lugar encontrados nas margens do Araguaia, Garças e Rio das Cascas (Mato Grosso). As próprias alunas mimosearam o gabinete de História Natural com ótimos quadros murais desenhados por elas mesmas e referentes às espécies zoológicas, botânicas, minerais e patogênicas. Além disso o estabelecimento adquiriu para a Vitrola Radio um ótimo “Picup” para levantar o som da mesma, afim de se obter melhor resultado na audição dos discos orfeônicos marca “Victop”, “Columbia” e “Odeon”, adquiridos especialmente para as aulas de Música e de Canto Coral.
1942	Apesar da grande dificuldade financeira, o estabelecimento vem todos os anos melhorando o seu material didático. No ano findo adquiriu o estabelecimento uma coleção linda de “borboletas” para o Museu de História Natural e vários outros exemplares para o mesmo. O laboratório de química tem sido melhorado bem, assim como o de física. O gabinete médico biométrico aumentou sobremaneira, pois foi provida de quase a totalidade de aparelhos exigidos pelo Departamento de Educação Física. Foram adquiridos mais oito discos clássicos marca “Victop”.

Fonte: Relatório... 1937-1939; Relatório... 1940; Relatório... 1941; Relatório... 1942.

Organização: Andrade, 2020.

Esses espaços, principalmente os laboratórios, começavam a ser frequentados nos últimos dois anos do ginásio, quando a disciplina de Ciências dava lugar às aulas de Química, Física e História Natural, cada qual com os seus respectivos laboratórios. Por isso, esses eram considerados espaços de acesso privilegiado “dos mais velhos” e havia uma expectativa em torno do momento de sua utilização. Com isso, a instituição escolar produzia junto aos estudantes um imaginário que aliava a ideia de crescimento, amadurecimento e responsabilidade à possibilidade de acesso aos conhecimentos produzidos pela ciência moderna.

Fotografia 18 - Laboratório de Física – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



(1932)

Fonte: Acervo Fotográfico CNSA

Em algumas memórias, é possível observar essa expectativa:

Um dos meus maiores desejos é poder, quando estiver na quarta série, entrar e estudar na sala onde se acham os aparelhos de Física e Química. Ao passar diante dela, logo que vejo esses inúmeros objetos relembro os nomes ilustres de Pierre Curie, Joseph Louis Proust, Antonine Laurent Lavosiere o pai da Química Osvaldo Cruz e muitos outros que fizeram bem a humanidade. (ECOS JUVENIS, ANO 1947, p. 20).

O excerto acima, no entanto, deve ser analisado a partir de seu contexto de produção. Foi feito por uma estudante da terceira série do curso ginásial do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e trata-se de uma redação escolar realizada em sala de aula e, por isso, produzida com uma intencionalidade específica, que pode ou não indicar uma real expectativa dessas

alunas em participar das aulas nos laboratórios. A redação foi escolhida para ser publicada na Revista “Ecos Juvenis”, do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cujo tema era “Meu Colégio”.

Fotografia 19 – Laboratório de Química e História Natural – Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1932)



Fonte: Acervo Fotográfico CNSA

É evidente que, caso a redação tivesse descrito um espaço escolar cujos laboratórios fossem inacessíveis, mal estruturados ou carentes de material didático, não teria sido escolhida para ser publicada no periódico estudantil. Ao que tudo indica, esse exercício de produzir uma redação escolar sobre o colégio era algo comum. Não é raro encontrar, nos periódicos de diferentes anos, produções escritas por estudantes que se dedicavam a descrever a beleza, a estrutura e a organização dos cômodos.

4.2.2 Horários e espaços dos internatos salesianos

[...] no internato era uma lavagem cerebral. Primeiro que você tinha que assistir missa todo dia. Levantava cinco horas, e cinco e meia tinha que estar na igreja para assistir à missa. Seis horas, ia pro refeitório tomava café da manhã e ia pro estudo. Ficava no estudo até a hora de começar as aulas. Saía do estudo e ia para a sala de aula. Saía da sala de aula e 11 horas era chamado pro refeitório, pro almoço. Rezava toda hora. Ia pra sala de estudos, rezava. Saía da sala de estudos, rezava. Pra sala de aula não rezava. Mas no refeitório rezava pra comer e rezava quando acabava. (BARBOSA, 2016, p. 263).

A cultura escolar católica caracterizava-se pela disciplina do corpo e dos instintos e pela importância ao detalhe, à organização, à pontualidade, à discrição e à neutralidade. Isso porque a cultura escolar católica se aproxima sobremaneira da cultura burguesa, haja vista que se baseia no controle da dimensão interior, na ritualização do cotidiano e na interiorização de saberes sofisticados. Esse tipo de cultura escolar tem como objetivo principal garantir que esses saberes sejam apropriados pelos alunos até que pareçam naturais. (BRITO, 2005; DALLABRIDA, 2012). Todas essas características estiveram presentes na socialização desses estudantes salesianos e revelam a intencionalidade formativa da educação salesiana.

Devido a essa necessidade de controle e disciplina, o internato funcionava não somente como espaço de aprendizagem de saberes, mas também como “[...] lugar de inculcação de comportamento e de *habitus*” (JULIA, 2001, p. 22), atuando de forma incisiva na formação do caráter e na padronização de um comportamento desejável. E nisso, as instituições logram êxito em muitos casos.

O internato era profícuo para a formação desse *habitus*, pois o contato intenso com os educadores salesianos e com a cultura religiosa desempenhava um papel semelhante ao da socialização primária. No espaço dos colégios, estavam reunidas todas as agências socializadoras, “família, escola e religião”, assim destacadas por Setton (2008, p. 16): “[...] capazes de forjar, em tensas e intensas relações, um *habitus*, um *modus operandi* de pensamento, bem como um sistema de disposições orientador de condutas”. As ações práticas e as experiências cotidianas estruturavam, com o passar do tempo, esquemas de apreciação e percepção a respeito de uma linguagem correta, uma visão acerca do contato com o divino e um modo de pensar e de agir em conformidade com o estabelecimento escolar.

Oficialmente, havia férias escolares no mês de julho, mas na maioria das vezes ela não significava a ida para casa. No Ginásio Santa Teresa, isso ficava claro no Regimento Interno. “Existe um único período de férias, e é o que decorre após terminado os exames finais à reabertura do anno lectivo. Durante o período lectivo não se concedem férias nas saídas no decurso do Carnaval, Semana Santa e durante o mez de Junho”. (REGULAMENTO..., 1932).

No Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, era prevista a existência de 15 dias de férias escolares, no quais era possível a volta para casa. As memórias das ex-alunas, no entanto, mostram que, apesar dessa possibilidade de ida para casa, esta não era viável devido às grandes distâncias que separavam a cidade de Campo Grande da casa das alunas, que muitas vezes ficava nas fazendas do interior do estado. Por esse motivo, durante as férias os estudantes permaneciam sob responsabilidade da instituição, que continuava oferecendo uma diversidade de práticas culturais, esportivas, religiosas e até mesmo educativas.

Em todos os estabelecimentos de ensino verificou-se a utilização do domingo como dia de receber visitas dos pais e responsáveis, das 11 às 15 horas, e um momento de passeio para os estudantes que não houvessem cometido nenhuma falta disciplinar.

Moraes (2018) relembra sua trajetória no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e menciona que a visita ficava prejudicada pelas grandes distâncias. Sua família morava em Pedro Gomes⁷⁰ e a vinda para Campo Grande era feita em um dia e meio de viagem. Para isso, precisava ser feita com um jipe grande, para que o carro não atolasse. Ela conta que os pais a deixavam junto com suas irmãs no colégio no início do ano, e as retiravam somente no período de férias escolares. As visitas eram muito esporádicas. Quando algum conhecido ia para Campo Grande, a família pedia que fosse levado ao colégio um agrado: doces, farofa ou alguma outra comida de que gostassem.

Essas visitas esporádicas eram realizadas em uma salinha no fundo da igreja e, ainda que houvesse acompanhamento dos pais, as meninas não poderiam sair do colégio para passear. (PENTEADO, 1996). Esse longo tempo dentro das instituições proporcionava a criação de vínculos afetivos e sentimentos fraternais com os demais agentes, com outros estudantes e educadores. Muitos dos ex-alunos recordam de forma saudosista que a o colégio era, na verdade, a casa e a família desses agentes.

A ex-aluna do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora relembra: “O colégio era rigoroso, só permitia três saídas por ano, mas era muito bom, eu não sentia vontade de sair.” (PENTEADO, 1996, p. 39). A nostalgia demonstrada entre aqueles que tiveram boas experiência não impediu que se identificassem o rigor e a ênfase na disciplina que a instituição exigia.

Características como rigor, controle e disciplina eram viabilizados e registrados nos Regimentos/Regulamentos Internos, em um capítulo denominado “vida escolar”, numa seção específica de deveres do corpo discente. Nele, ficava nítida a necessidade de a instituição controlar rigidamente a vida dos estudantes.

Ao longo do período estudado, esses documentos sofreram modificações e pequenas adaptações, mas mantiveram um padrão característico da educação salesiana. Comportamento, aplicação nos estudos, pontualidade eram reiterados nos regimentos escolares e considerados como características indispensáveis para que fossem mantidos os privilégios dentro da instituição, tais como: premiações, visitas e passeios.

⁷⁰ A cidade de Pedro Gomes fica localizada a 306 km ao norte de Campo Grande.

Esses privilégios eram uma forma de manter a juventude passiva, dócil e cumpridora de regras, ou seja, uma forma de emular alguns comportamentos, estruturando cotidianamente esquemas classificatórios. Ao serem sedimentados, tais esquemas se desdobravam e passavam a atuar como disposições duráveis, bem como estruturadores de novas práticas, que, por sua vez, harmonizavam-se com os princípios e o modo de ser de seus educadores.

Para isso, as instituições realizavam premiações, tais como prêmio de pontualidade e prêmios de aplicação, além daqueles dados na ocasião de maratonas, gincanas e concursos. No que se refere aos passeios, existiam passeios mais longos realizados nos feriados, excursões escolares, aulas passeio e também uma espécie de passeio rápido, que é lembrado por Moraes (2018, p. 149-150),

[...] as freiras tinham um passeio conosco, que era a paixão de todo mundo. Elas punham a gente de uniforme em fila, e saía ali na rua Pedro Celestino e ia até a Avenida Afonso Pena, voltando no sentido contrário da calçada. Passeando, só para ver a cidade, e a freira junto, em fila. Acho que ia uma ou duas freiras juntas. Ela ia passeando com a gente e voltava. Uma vez por semana, geralmente, era no domingo que ela fazia este passeio conosco. E quem estava deficiente, não ia neste passeio. E este passeio era a paixão de todo mundo porque saía do colégio.

Nos domingos, havia esse passeio rápido que geralmente era realizado com os alunos do internato no entorno dos colégios. Essa prática fazia parte do que os salesianos chamavam de “higiene mental”⁷¹ – um tempo para que os alunos que apresentavam bom desempenho escolar pudessem esporear fora do colégio.

Os passeios do Ginásio Imaculada Conceição também foram registrados: havia passeios em fazendas no final do semestre, com alunas internas e externas, separadas cada grupo com uma irmã diferente. (CRÔNICAS, 1940).

No Ginásio Santa Teresa, o passeio tradicional era a ida a Urucum. As crônicas registradas no caderno memorial do Diretor, de 1938 a 1941, apontam que esse passeio acontecia pelo menos três vezes ao ano, principalmente nos meses de maior calor. Era necessária “[...] a promoção periódica de agradáveis passeios gerais ao Urucum, Porto Aurora e Rabicho”⁷² lugares próprios para pescarias, onde os meninos regalavam, divertindo-se para valer!”. (SCHNEIDER, 1977, p. 23).

⁷¹ Outras práticas escolares também faziam parte dessa higiene mental, como, por exemplo, as atividades culturais, musicais, literárias e dramáticas.

⁷² A Serra do Rabicho está situada a uma distância de 39km do Ginásio Santa Teresa, em Corumbá.

O Urucum é um maciço situado na zona rural de Corumbá, na entrada do Pantanal, de onde é extraído ferro e manganês. Ao pé do morro, havia uma fazenda de uma família importante da sociedade corumbaense, com vários chalés, um hotel e piscina. No século XXI, a fazenda foi desativada, mas a região apresenta-se como um local que movimenta o turismo ecológico da cidade de Corumbá. Urucum está situada a uma distância de 20 quilômetros do Ginásio Santa Teresa. Em maio de 1938, as crônicas registram que o deslocamento deveria ter sido feito de caminhão e, como o caminhão chegou atrasado, os alunos tiveram de percorrer a pé três quartos do caminho. (CRÔNICAS, 1938).

O passeio às chácaras também era algo comum para os alunos de Campo Grande, conforme lembrado por José Barbosa, estudante da década de 1950.

A gente saía ia até ali na Lagoa da Cruz, pra cá da UCDB. Além da UCDB tinha o cemitério ali depois. Ia a pé. Andava pra danado, mas a gente gostava. Ia lá chupar fruta. Tinha ali naquele córrego ali do... Como chama aquele bairro ali? Indo lá pro Palácio, indo pra Assembleia, descendo a Mato Grosso onde tem aqueles prédios. A gente ia lá. Naquele tempo era chácara, tudo chácara de japoneses. Tinha muita cana, muita laranja, e ali a gente saía. Nós éramos mais ou menos, mais de cem internos, e então nós saíamos a pé e caminhava até a Mato Grosso. Ia a pé. Andava pra danado, mas a gente ia acompanhado. Passar a tarde chupando cana, laranja e andando lá. (JOSÉ BARBOSA, 2016, p. 265).

Outra estratégia de controle de comportamento, disciplina e organização dos alunos eram as cadernetas escolares. No Ginásio Santa Teresa, esse instrumento era descrito como:

Com a finalidade de proporcionar aos pais ou responsável, um completo e perfeito entrosamento, será entregue a cada aluno, uma **caderneta que nela será registrada as presenças e faltas** e todo e qualquer observação, será dada ao aluno juntamente com a caderneta, um boletim que servirá para lançamento de notas mensais e exames finais. (REGIMENTO... 1938).

A caderneta em questão é lembrada também por Abílio Leite de Barros: “Missa aos domingos era obrigatórias com carimbo na caderneta.” (BARROS, 2004, p. 71). Compreende-se, então, que não só as aulas eram controladas pelo carimbo na caderneta, mas também as atividades religiosas, como missa e confissão, passavam por essa prática de controle.

No Ginásio Imaculada Conceição, o Regimento interno do ano de 1949 relata a existência de uma caderneta. Nesse caso, tratava-se também de uma estratégia específica para manter os pais informados sobre as atividades realizadas pelas alunas. “As alunas externas são obrigadas a apresentar diariamente a caderneta que é destinada a registrar as presenças e ausências, o aproveitamento das aulas, comportamentos, penas disciplinares e pagamento das contribuições”. (REGIMENTO... 1949).

Essa vigilância dos alunos era orientada pelo Sistema Preventivo, apesar de conter em seu discurso docilidade, carinho e companheirismo. A matriz cristã e a filosofia que regiam os princípios e a organização do espaço escolar salesiano permitiam que esse controle fosse feito de uma maneira menos discreta.

Questiona-se se de fato era possível construir essa relação de companheirismo. É necessário a compreensão de como essa “vigilância” era sentida pelos estudantes. Pierre Adri, estudante do Colégio Dom Bosco de Campo Grande, ao longo de sua memorialística, relembra o dia a dia na instituição:

No recreio sempre havia as brincadeiras de praxe como citadas anteriormente pegador, bola, queimada, bolitas, peões, finca-finca. [...] Era, na realidade, muito bonito de se deleitar com a visão panorâmica da hora do recreio [...] quase 300 crianças correndo, pulando, brincando e gritando sob os olhares sempre atento do Padre Conselheiro. (ADRI, 2007, p. 33).

Já Abílio Leite de Barros relatou a experiência como algo que causava sensação de desconforto. A experiência causou-lhe uma reação diferente, impulsionando-o, na ocasião da lembrança, a tecer uma crítica à mentalidade salesiana:

Eles eram muito rigorosos. Muito mesmo. Era proibido andar com a mão no bolso, porque podia estar tocando no sexo. O pecado sexual você sabe que no passado era um negócio muito forte. [...] Uma proibição desse tipo é uma estupidez. [...] Para você ter uma ideia do que era a mentalidade salesiana. (BARROS, 2016, p. 203).

A matriz de percepção de cada um dos agentes implica experiências e reações diferentes à cultura católica no ambiente escolar. Se para um a cultura católica tornou um colégio uma instituição de prestígio, com um ensino modelar e referencial, para o outro “[...] a doutrina da fé ficou-nos a imagem de um deus rancoroso e vingativo, implacável espião de nossos íntimos desejos e inevitáveis faltas cotidianas. Uma religião triste e opressiva.” (BARROS, 2004, p. 71).

A escola salesiana trabalhava com seus saberes e valores de forma explícita, registrado e institucionalizado valores que iam além de uma doutrinação religiosa, pois estruturava também um modo de vida. Assim, as instituições salesianas criavam o seu ritual de organização, que se configurava como uma forma de regulação da vida social. (THOMPSON, 1984).

Depois das aulas, as crianças se dirigiam ao almoço e, depois dele, para o recreio ou jogo de futebol, no caso dos meninos. Durante a tarde, no contraturno das aulas, os estudantes do internato eram organizados em três grupos etários: os menores, submédios e maiores. (MORAES, 2018).

Já no período em que Yara Penteado estudou no colégio, ela se recorda de que eram quatro grupos, “[...] cada um com seus recreios, suas tarefas.” (PENTEADO, 1996, p. 43). Cada grupo era comandado por uma irmã e não se comunicavam, portanto as amizades eram feitas às escondidas. Durante à tarde, havia um revezamento entre as atividades nas salas de estudos, biblioteca, no banho, nos cursos extracurriculares e, às vezes, até nas atividades de lazer.

Em todos os espaços e tempos escolares privilegiava-se a ordem, a limpeza, a disciplina e a vigilância. Nesse sentido, José Barbosa (2016, p. 261) compara a educação salesiana a uma educação militar, já que havia horário para tudo: “[...] dentro do dormitório era proibido falar, não era permitido você falar com o outro colega dentro do dormitório, ou na cama, no banheiro, no corredor, enquanto tivesse tomando banho.”

Os dormitórios também são descritos como um local de **extrema limpeza** por Penteado (1996, p. 46): “[...] uma cama, um criado, tudo novo, imaculadamente limpo. Nos quatro cantos do dormitório tinha uma cama de freira cercada por cortinas.” (PENTEADO, 1996, p. 46).

Conforme as crônicas do Ginásio Imaculada Conceição, todos os dias no internato havia o temido “boa noite da diretora”, com a oração e a leitura do regulamento do colégio. (CRÔNICAS, 1940). Provavelmente esse era o momento em que era feito um balanço das

Fotografia 20 – Dormitório do Colégio Dom Bosco (1936)



Fonte: O ginásio n. 4, abril, 1938, sp.

Fotografia 21 – Dormitório do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1943)



Fonte: Acervo Fotográfico CNSA

atividades do dia juntamente com uma palavra de exortação.

A moradia nos internatos demandava ainda espaços como lavandeira, gabinete médico e dentário, além de enfermaria, à qual as meninas recorriam quando estavam em período menstrual. (PENTEADO, 1996). Os internatos masculinos também dispunham de um salão de barbearia (O GINÁSIO, ano 6, n.32, nov-dez, 1941). Isso porque o internato deveria ser um

local confortável e seguro, de modo que pudesse atender as necessidades morais e biológicas dos jovens. Durante os banhos, havia outro ritual, o qual incluía um costume: o ‘Nome do Pai’ antes do banho.” (CNSA HISTÓRICO, s.d).

Moraes (2018, p. 148) relembra os detalhes da sistemática:

Era em um corredor grande, assim, que tinha banheiro de um lado e do outro. Aqui, a gente tinha as cancelas, onde tinha o nome de cada uma, com suas roupinhas íntimas, era calcinha e tal, pois o uniforme era colocado na cama no dia que trocava. Aí, a gente já deixava naquele saquinho lá o usado, sabe. Mas as roupas íntimas nossas eram ali naquelas, onde elas chamavam de cancelas. Eram as prateleirinhas de cada uma com o nome. A gente pegava ali a toalha de banho da gente, que o enxoval era todinho marcado pelo nome e o número no internato. Desde a roupa de cama, de banho, as calcinhas... depois a maior, os sutiãs, tudo era marcado. Já tinha que ir com o enxoval marcado. (MORAES, 2018, p. 148).

O enxoval completo e demarcado com o número da matrícula estava prescrito no regulamento interno. Apesar de não ter especificada a lista de itens no documento, foi possível localizar essa informação no periódico “O Ginásio”. No Colégio Dom Bosco, compunha o enxoval:

1 colchão; 1 travesseiro; 2 colchas brancas; 4 lencóes; 4 fronhas; 1 cobertor; 4 toalhas de rosto; 2 toalhas de banho; 2 sacos para roupa; 4 guardanapos; 2 pares de botinas; 1par de chinelos; 2 pijamas; 8 camisas; 8 coecas; 12 pares de meias; 12 lenços; 4 ternos de brin; 1 sobretudo; escova de sapato; escovinha de dente; tesourinha; copo de alumínio etc. (O GINÁSIO, n. 3, dez. 1936).

Além do enxoval completo, os responsáveis deveriam depositar uma quantia em dinheiro para gastos com livros, objetos escolares, concertos de calçados, selos, dentista, médico, remédio e outros gastos pessoais. Não era proibido portar dinheiro, mas a tesouraria repassava para os alunos o dinheiro em formato de vales para usar dentro da instituição. (REGIMENTO..., 1940).

O internato era permeado por regras e rituais importantes para a socialização da cultura religiosa e, por meio das práticas cotidianas, foi possibilitada a aquisição de alguns hábitos, um modo de pensar e de viver. Em alguns casos, as práticas geraram estruturas com disposições a se “perpetuarem”, como no caso da ex-aluna que lembra com saudades do internato, principalmente por causa das músicas religiosas e do costume de rezar antes do banho, um costume que ela levou para a vida. (CNSA HISTÓRICO, s.d). Esse relato mostra que, para alguns estudantes, as práticas e rituais da escola salesiana foram sedimentadas e incorporadas, tornando-se parte do *habitus*.

Em suma, a saudade e o saudosismo dos colégios, expressos nas vivências religiosas, bem como os relatos de agentes mantiveram, em sua trajetória de vida, costumes apreendidos no interior da instituição. Esses fatores constituem evidências de que a educação salesiana, em muitos casos, foi eficiente na estruturação de esquemas duráveis.

4.3 AGENTES SALESIANOS EM TRÂNSITO NO CAMPO ESCOLAR

Cada homem tem sua época, cada época tem seu homem. Os homens são para a história o que os objetos são para as modas. São providenciais para um período definido, intransferível em suas realizações. [...] Sem eles parece que a história não se transformaria. (SCHNEIDER, 1977, p. 32).

A imersão na cultura escolar católica e/ou salesiana tem como ponto de partida a aproximação dos agentes escolares, particularmente aqueles que vivenciaram, experimentaram e operacionalizaram a inserção desses estabelecimentos no campo escolar sul-mato-grossense. Entre os agentes investigados, destacam-se os professores, os salesianos leigos, os inspetores ou fiscais e os estudantes.

Utiliza-se a noção de experiência de Thompson (1981) como arcabouço teórico para pensar a relação entre estrutura e história. Nesse sentido, a ação e a prática dos sujeitos/agentes reflexivos movimentam continuamente a história. A partir dessa concepção, não há ação humana determinada, mas condicionadas porque estas não ocorrem em um vazio, mas num movimento dialético. Dessa maneira, a experiência é entendida como a articulação entre a cultura e a estrutura, na qual as culturas escolares são entendidas como o processo e o resultado das experiências compartilhadas pelos agentes. Isso porque, embora a escola seja uma instituição jurídica, ela não pode ser representada de forma estática e acabada, mas viva e dinâmica e, portanto, em constante processo de transformações.

Essa dinamicidade também pode ser compreendida a partir das contribuições de pesquisadores como Hilsdorf (2001), o qual, na investigação da cultura escolar, evidencia que, para além de tempo e do espaço escolares, os sujeitos sociais – ou agentes sociais – mobilizam conhecimentos e experiências estruturantes das instituições escolares.

Os pesquisadores que apontam para a aproximação dos agentes que compõem e produzem a cultura escolar utilizam-se de diversas categorias de análises para a compreensão das ações e lugares ocupados por esses agentes nessa produção cultural. Essas categorias de análise são estabelecidas principalmente pelo instrumental teórico-metodológico operado e pelos questionamentos imputados aos objetos investigados.

4.3.1 Professores

[...] esses destemidos padres desbravaram os rincões do Brasil, instalando-se em ramificação no centro-oeste brasileiro atingindo uma região no passado desfalida das mínimas condições de sobrevivência, mas com a voluntariedade e o trabalho, principalmente de catequese, conseguiram fazer dessa terra grande centro de formação religiosa e educacional amparando, através do ensino, jovens ansiosos por galgarem um melhor aprimoramento intelectual. (ADRI, 2006, p. 17).

O primeiro destaque aqui realizado refere-se ao corpo docente e inspetores escolares, os adultos das instituições. A análise do *corpus* documental nas instituições, juntamente com a legislação educacional, evidenciam importantes questões para a compreensão da dinâmica do campo educacional e da cultura escolar católica presente nas instituições salesianas.

Desde a Reforma Francisco Campos (1931), o ensino secundário funcionava sob um rigoroso regime de inspeção. Os inspetores eram agentes sociais que tinham em sua responsabilidade a fiscalização dos estabelecimentos, as questões relativas à administração escolar, as questões metodológicas, as medidas de aprendizagem, estrutura e aparelhamento escolar e a fiscalização do corpo docente. De acordo com a legislação,

Art. 55º O inspetor remeterá mensalmente ao Departamento Nacional do Ensino, em duas vias datilografadas, um relatório minucioso e de caráter confidencial, a respeito dos trabalhos de cada século e cada disciplina da sua secção nos estabelecimentos do distrito. §1º Duas vezes por ano deverá constar do relatório uma apreciação sucinta sobre a qualidade do ensino ministrado, por disciplina em cada série, métodos adotados, assiduidade de professores e alunos, bem como sugestões sobre providências que devam ser tomadas, caso se torne necessária a intervenção do Departamento Nacional do Ensino. (BRASIL, 1931).

Os relatórios de inspeção produzidos por esses agentes e arquivados nas instituições é umas das principais fontes para aproximação dos professores ao contexto escolar. Com o propósito de controlar as atividades desenvolvidas pelo corpo docente, o Decreto-lei n. 9.890/1931 determinou a exigência de que os professores de ensino secundário de instituições oficiais, equiparadas e reconhecidas, fossem registrados no Departamento Nacional de Ensino, passível de inspeção.

Para efetivação do registro no DNE, os professores deveriam ter:

Diploma de licenciado para lecionar a disciplina requerida, expedido por Faculdade de Filosofia; Ou prova de habilitação na(s) disciplina(s) em que se desejasse registro, obtida em concurso para professor catedrático, adjunto ou livre docente de estabelecimento de Ensino Superior ou professor catedrático de estabelecimento de Ensino Secundário, mantido pela União, pelos Estados

ou pelo Distrito Federal; Ou prova de exercício de magistério em Faculdade de Filosofia; Declarações de: identidade; de idade mínima de 21 anos; de idoneidade moral; de quitação com o serviço militar, para candidato brasileiro do sexo masculino; de antecedentes criminais; Atestado de sanidade física e mental, expedido por serviço médico oficial. (BRASIL, 1946).

Ocorre que, devido à escassez de profissionais e de cursos superiores, principalmente no interior do país, as instituições de ensino secundário encontraram dificuldades para compor o corpo docente com agentes que tivessem o perfil que havia sido regulamentado pelo MESP. Como forma de solucionar esse problema, o Ministério instituiu, por meio do Decreto-Lei n. 8.77, de 22 de janeiro de 1946, o exame de suficiência para professores do ensino secundário como uma outra forma de recrutar e inspecionar o corpo docente.

Para realizar o exame de suficiência, o professor deveria se inscrever mediante o pagamento de uma taxa de CR\$ 100,00 (cem cruzeiros). Para cada disciplina ministrada, os professores deveriam entrar com um processo diferente junto ao DNE. Devido a essas exigências do Ministério da Educação e Saúde, foi possível localizar alguns documentos que viabilizaram a identificação do perfil desses agentes que lecionaram nas instituições salesianas em estudo.

O exame de suficiência desses professores deveria ser realizado em uma Faculdade de Filosofia ou Ginásios/Colégios estaduais. Conforme publicado no “Jornal do Comercio”, no ano de 1948, ainda era necessário que os professores do sul do estado se deslocassem até a capital do estado para realizar os exames, porém as despesas com transporte ficavam a cargo do próprio corpo docente. A partir da data de publicação da referida notícia, devido à articulação política do professor e deputado Luiz Alexandre de Oliveira junto à Assembleia Estadual, aos professores do sul foi dado o direito de fazê-lo no Ginásio Estadual de Campo Grande. (JORNAL DO COMÉRCIO, ano 28, n. 5319, 1949, p. 2).

Sobre o corpo docente, a inspetora do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora evidenciou outro fator importante para a compreensão da seleção de professores e para a distribuição das disciplinas escolares. De acordo com a inspetora Maria Aparecida de Oliveira Barros, “[...] o corpo docente do estabelecimento é constituído a altura e de idoneidade moral devidamente registrados no departamento nacional de educação. Que são brasileiras as professoras de língua nacional, geografia e história do brasil.” (RELATÓRIO DE INSPEÇÃO..., 1949).

O excerto extraído do relatório de inspeção do colégio pode indicar que existia uma regulamentação específica a estadual para que, nas disciplinas de Português, História e Geografia, os professores necessariamente fossem brasileiros. Embora não tenha sido

localizada a regulamentação desse ato, caso tenha existido, limitaria sobremaneira a ocupação dos professores (as) salesianos de origem italiana nessa cadeira.

Essa medida iria ao encontro de outras regulamentações de cunho nacionalista implementadas durante o Estado Novo. O Decreto-Lei n. 406, de 4 de maio de 1938, por exemplo, implementou uma série de disposições com a finalidade de proteger esse projeto de nação. (BRASIL, 1938). Dentre essas disposições, algumas afetaram diretamente o campo escolar e, dentre elas, a mais conhecida refere-se à proibição das chamadas “escolas étnicas”. Relacionam-se também medidas como a proibição de livros estrangeiros dentro de sala de aula, o ensino de línguas estrangeiras para menores de 14 anos, a regulamentação de feriados nacionais e a obrigatoriedade do ensino de história e geografia do Brasil nos cursos primários e secundários.

O DNE, juntamente com a Campanha de Aperfeiçoamento de Ensino Secundário (CADES) criado em 1953, constituíram-se como importantes órgãos regulamentadores do processo de expansão do ensino secundário, principalmente a partir das décadas de 1940 e 1950. Esses órgãos estiveram diretamente ligados à fiscalização do ensino secundário, à organização do ensino secundário e também da composição do corpo docente.

A documentação produzida a partir das exigências desses dois órgãos possibilitou uma aproximação do corpo docente dos estabelecimentos salesianos sul-mato-grossenses. O primeiro ponto de destaque para esse grupo de agentes diz respeito a sua composição, que dispunha de professores leigos⁷³ e professores salesianos, diretamente vinculados à congregação.

O grupo de professores leigos era constituído principalmente por profissionais liberais, sem vínculo direto com o campo religioso. Esses agentes eram personalidades que desempenhavam atividades que conferiam a esses agentes visibilidade e prestígio social em outros campos, como no caso de alguns engenheiros, médicos, militares, advogados, entre outros.

O outro grupo, composto pelos professores salesianos, recebia formação em estabelecimentos de ensino secundário, geralmente em escolas normais salesianas no Brasil e/ou no exterior. E, além disso, possuíam a formação exigida pelo campo religioso católico, que incluía uma formação em nível superior geralmente no curso de Filosofia.

De acordo com levantamento realizado na documentação escolar, nos anos em que foi possível localizar a informação completa a respeito do corpo docente, a média de professores

⁷³ O termo leigo aqui se refere a professores sem vínculo com o campo religioso.

salesianos em cada instituição era de 65%, enquanto a de professores leigos era de 35%. As memórias de alguns desses agentes auxiliaram na compreensão dessa dinâmica dos professores secundaristas no campo educacional sul-mato-grossense.

Luiz Alexandre de Oliveira, por exemplo, foi ex-aluno do Instituto Pestalozzi, diretor e professor do Colégio Osvaldo Cruz, mas também lecionou no Colégio Dom Bosco, em Campo Grande. Em suas memórias, o professor criticou o empenho dos salesianos na tentativa de construir um monopólio no campo educacional.

Cheguei até mesmo a dizer a eles: Desistam da ideia de acabar com os outros colégios para ficarem sozinhos, porque outros educadores fatalmente virão, mesmo quando não existirem os ossos do Luís Alexandre. Apesar dessas divergências, reconheço a contribuição deles. (OLIVEIRA *apud* ROSA, 1990, p. 36).

A indignação do professor Luís Alexandre vinculava-se à posição que ele ocupava dentro do campo escolar sul-mato-grossense. Apesar de dar aulas em várias instituições, interessava-se especificamente pela dinâmica de contratação de professores, por ser diretor e proprietário do Colégio Osvaldo Cruz, o único estabelecimento leigo do período e pertencente à iniciativa privada. Luís Alexandre estava inserido, portanto, em uma disputa por visibilidade, recursos financeiros, apoio e distinção.

A tentativa de monopolizar os melhores professores e torná-los exclusividade das instituições salesianas é considerada uma estratégia válida para o “jogo”, no qual se conquista um poder simbólico em um campo que também é simbólico. A qualidade do corpo docente era indispensável para a manutenção da posição desses estabelecimentos dentro do campo e fazia parte da disputa. Essa era uma das lutas entre os estabelecimentos escolares, onde os interesses estavam implícitos.

Múcio Teixeira Júnior também contribui para a compreensão das instituições estabelecerem, junto aos professores leigos, uma relação de exclusividade com os salesianos. Ele conta que:

[...] a convite de Jaime Vasconcelos passei a lecionar Desenho, Geografia e Matemática na referida escola. Mais tarde, criou-se o Colégio Osvaldo Cruz. Foi então que o Padre Diretor do Colégio Dom Bosco me chamou e me ofereceu as cadeiras, que quisesse, contanto que não lecionasse no Osvaldo Cruz, que não era colégio católico. (TEIXEIRA JÚNIOR *apud* ROSA, 1990, p. 47)

Apesar da tentativa de manter os professores somente entre as instituições salesianas, o jogo no campo educacional mostra-se mais complexo, pois observa-se, por exemplo, no quadro

24, a quantidade de professores reconhecidos como importantes personalidades do campo educacional que atuaram em estabelecimentos concorrentes.

Quadro 24 – Professores leigos que atuaram nos colégios salesianos

Professor	Colégios Salesianos	Outros estabelecimentos
Múcio Teixeira Júnior	Colégio Salesiano Dom Bosco	Liceu Campograndense; Osvaldo Cruz; Escola Normal Joaquim Mutinho.
Luiz Alexandre de Oliveira	Colégio Salesiano Dom Bosco	Osvaldo Cruz
Tertuliano Meireles	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Ginásio Estadual
José Barbosa Rodrigues	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Escola Normal Joaquim Murtinho
Luís Cavalon	Colégio Salesiano Dom Bosco	Liceu Campograndense
Paulo Coelho Machado	Colégio Nossa Senhora Auxiliadora	Osvaldo Cruz
Alexandre de Castro	Ginásio Santa Teresa	Maria Leite

Organização: Andrade, 2021.

Essa diversidade de agentes teve implicações, principalmente, nas distribuições de cargos e funções ocupadas pelos professores dentro das instituições. Os professores leigos tiveram suas práticas mais restritas às práticas curriculares e à sala de aula, enquanto o acompanhamento cotidiano dos alunos e a administração das instituições era sempre feita por um grupo de professores salesianos. Isso é observado, por exemplo, no Regimento Interno do Ginásio Santa Teresa, que registrou a composição da diretoria do colégio e as atribuições de cada um dos cargos.

O quadro com os membros da diretoria aponta para a existência de cargos administrativos como diretor e vice-diretor e cargos pedagógicos, que visavam ao acompanhamento não somente da vida escolar, mas também da vida religiosa dos estudantes, como o de conselheiro escolar e de catequista. Esses últimos constituíam uma equipe gestora composta exclusivamente por agentes com formação clerical, o que não desabona ou descredibiliza a ação dos membros da diretoria, mas evidencia a necessidade de formar um

grupo gestor que tivesse condições de garantir a unidade da filosofia salesiana e a valorização da cultura religiosa no ambiente escolar.

Quadro 25 – Atribuições dos membros da diretoria do Ginásio Santa Teresa

Diretor	A administração geral do estabelecimento estará a cargo do diretor, que presidirá todas as atividades escolares, os trabalhos dos professores e dos alunos, a orientação educacional e demais relações da comunidade escolar com a vida exterior. O cargo de diretor deveria ser exercido por pessoa idônea e capacitada, nomeada pelo superior religioso. Funções: Fazer cumprir as leis do ensino; representar o estabelecimento oficialmente; organizar horários de provas e bancas examinadoras; corresponder-se com autoridades superiores; aplicar penalidades a alunos e professores; assistir aulas, atos e exercícios escolares aprovar os estatutos dos grêmios
Vice-diretor	Substituí o diretor e tudo ou em parte, quando ele estivesse impedido ou ausente, e era encarregado da contabilidade do estabelecimento. Além disso, ficava encarregado da conservação e manutenção do material e mobiliário; Deveria também entrar em contato com pais ou responsável, quando necessário, e aplicar as penas disciplinares de acordo com o diretor.
Conselheiro escolar (diretor dos estudos)	Fiscalizava o andamento das aulas; organizava o grêmio estudantil, teatros escolares, bibliotecas e excursões e era responsável pela disciplina dos alunos.
Catequista (diretor espiritual)	Velava pelo procedimento religioso e moral dos alunos. Zelava pelos procedimentos religiosos, como associações religiosas, maratonas e festas religiosas do estabelecimento.
Secretário	Funções: realizar serviços de escrituração, organização dos arquivos e preservação dos documentos; cumprir e fazer cumprir despachos e determinações do Diretor; distribuir o serviço da secretaria entre seus auxiliares, fazer matrículas, redigir correspondências oficiais; elaborar editais de exames; calcular a média dos alunos e elaborar relatórios oficiais; lavrar atas de exames, provas e resultados de trabalhos escolares.
Auxiliares	Funções: Cumprir determinações dos diretores e auxiliares; prestar assistência de enfermagem aos alunos; zelar pela ordem do estabelecimento; não permitir a saída de alunos; auxiliar nas festas escolares, solenidades e exames.

Fonte: Regulamento..., 1932.

Organização: Andrade, 2020.

Esse vínculo institucionalizado com o campo religioso e com a congregação salesiana tornou possível a estruturação de um *habitus*, que se relacionava com o modo desses professores de “ser e estar” nessas instituições. O *habitus* é principal diferença entre os profissionais que tinham vínculo de fé com a congregação e vínculo profissional com a instituição escolar. Isso porque o campo social a que um agente se vinculava propiciava a estruturação de um *habitus*, e uma prática.

Esse *habitus*, estruturado pela cultura religiosa e pela filosofia salesiana, seria responsável por orientar as matrizes de percepção do cotidiano escolar e da prática docente, ou

seja, uma prática estruturada pela incorporação do Sistema Preventivo. Isso implica um modo específico e único de socializar e educar os estudantes na cultura católica, o qual os salesianos denominaram de “jeito salesiano” de educar.

Deus deu esse jeito a Dom Bosco para que ele enriquecesse a Igreja educando os jovens. [...] Esse jeito que faz com que uma escola salesiana seja diferente de uma escola jesuíta ou franciscana. É um jeito que a gente não vê escrito nos papéis, mas a gente sente quando tenta colocá-lo em prática. (COGO, [s,d], p. 3).

O *habitus* é a estrutura responsável pela diferenciação e o sentimento de pertencimento de um agente a um determinado grupo. Os salesianos procuraram criar, por meio da prática docente, uma distinção entre as instituições salesianas e as demais instituições, fossem elas religiosas ou não.

Esse sentimento de pertencimento e incorporação dos princípios religiosos que compõem o sistema preventivo pode ser observado no depoimento de alguns profissionais. A Irmã Bartira, por exemplo, apesar de estar com idade avançada na época de seu depoimento, relembra sua prática:

Graças à habilidade de frutificar os dons que Deus nos deu, obtive excelentes resultados: nesse trabalho com a mente, a alma das meninas, que é a educação. Minha autoridade de disciplinar emanava da bondade, do carinho que dedicava a todas elas o que criava entre nós laços de amizade que persistem até hoje. (GARDES *apud* ROSA, 1990, p. 89).

É possível observar tanto nas práticas quanto nos discursos a utilização da subjetividade da experiência religiosa e o apelo à crença e a outros elementos do campo religioso. Dado o vínculo com o campo religioso, o trabalho desenvolvido no campo escolar passava a ser encarado como uma “missão” dada por Deus e, por isso, o recebimento de habilidades divinas. Assim, apesar de estarem no interior do campo escolar, as práticas desenvolvidas ali eram consideradas como uma extensão do campo religioso.

As orientações do sistema preventivo não somente moldaram a prática docente, mas ela tornou-se um importante elemento a ser considerado na organização desses agentes dentro do campo. O Regimento Interno do Ginásio Imaculada Conceição cita a existência de uma profissional chamada de “Assistente”. Essa profissional “encarregada da vigilância das alunas, é **sempre uma religiosa.**” (REGIMENTO..., 1949, grifo nosso).

Essa função, baseada no Sistema Preventivo, consistia em acompanhar os alunos e estabelecer uma relação de amizade, confiança e parceria entre educador e educando, a fim de que este último não se sentisse vigiado ou fiscalizado. Para isso, havia uma necessidade de que

o educador participasse ativamente dos momentos de diversão e lazer, como se fosse um aluno mais velho no meio dos demais.

O “jeito salesiano” de educar não era somente uma característica salesiana, mas também é encontrado nas memórias a respeito dos colégios masculinos. Pierre Adri relembra alguns nomes de docentes que compuseram sua trajetória escolar e auxilia na compreensão dessa dinâmica. De acordo com as memórias do ex-aluno, o Padre José Brisian lecionava a disciplina de Latim para os alunos do 4º ano ginásial, e já no final do ano letivo foi substituído professor Farias, porque grande parte dos alunos do 4º ano ginásial estavam com notas insuficientes para aprovação. Segundo Pierre Adri (2006, p. 76-77):

Professor Farias, verdadeiro *gentleman* e de saudosa memória, que com sua maneira amável de ensinar e cativar a todos, numa fraternal amizade, foi fundamental para que todos os alunos da 4ª série ginásial obtivessem notas maiores e conseguissem finalmente aprovação, meta maior de todos.

Pierre Adri finaliza sua lembrança com uma informação um tanto curiosa. Para ele, a maneira amável de ensinar repercutia no desempenho dos alunos. (ADRI, 2006). Essa afirmação deixa margem para a compreensão de que os alunos não tinham um bom desempenho com o Padre José Brisian, porque ele não tinha uma maneira amável de ensinar. O mais interessante é que Padre José Brian era salesiano, conhecedor dos princípios da congregação e do “jeito salesiano” de ensinar. E professor Farias, que era amável, era um professor leigo e, possivelmente tivesse menos intimidade com a filosofia salesiana.

A situação lembrada evidência uma cobrança por parte dos professores na obtenção de resultados e dá margem para a identificação de uma concepção de ensino e de aprendizagem. A cobrança dos professores se assenta numa ideia de uma sala de aula onde o professor é o único detentor do saber e que tinha em sua prática pedagógica a função de depositar ou transmitir aos alunos o conhecimento necessário. Nessa perspectiva, o ato de ensinar é concebido simplesmente como um ato mecânico. A partir dessa concepção, uma falha do aprendiz poderia ser interpretada como uma inabilidade do professor em transmitir o conhecimento. Nisso são desconsideradas as especificidades dos alunos, as curiosidades, as opiniões ou as experiências pessoais.

Indícios dessa concepção de ensino-aprendizagem tradicionalista também foram localizadas em outras memórias. Observa-se nelas a centralidade do processo de ensino e aprendizagem na figura do professor, a imposição de autoridade e a impossibilidade dos alunos de duvidar, questionar ou argumentar. José Barbosa, também ex-aluno do Colégio Dom Bosco, relembra seu primeiro contato com o professor de Matemática Luis Cavalon.

Esse professor era muito bravo, mas era um excelente professor. Ele era rigorosíssimo. E aí falaram pra ele “Rapaz você se prepara, porque o terceiro ano não é fácil. É um jogando papelzinho no outro, na mesa, no professor. Chacrinha no fundo da sala e tal, conversa, risada” Mas não teve dúvida, primeiro dia de aula, ele entrou na sala com o cabelo assim partido pro lado... Ele entrou, não olhou pra ninguém. Quando ele entrou a sala tava em ebulição. Não tinha professor ainda, tava todo mundo subindo na cadeira. Ele entrou, se colocou atrás da mesa de pé, desabotoou o cinto e shelépt [onomatopeia do vácuo causado pelo cinto no ar], puxou o cinto, dobrou o cinto e PÁÁ! O primeiro que abrir a boca eu vou dar de cinta (sic!). O ano inteiro, ele entra na sala e ninguém dava um pio. Interessante, né? Nunca bateu em ninguém. Mas ele entrava na sala era todo mundo quieto. (JOSÉ BARBOSA, 2016, p. 280).

O trecho acima possibilita a identificação de uma estratégia particular e avessa aos preceitos pedagógicos utilizada para disciplinar os alunos e impor autoridade. A estratégia do professor de Matemática diverge bastante da filosofia salesiana e da modernidade escolanovista, mas não é uma surpresa no contexto da escola tradicional de caráter humanístico, em que predominava uma relação vertical de poder.

Essa relação entre professor-aluno também fica evidente nos escritos do memorialista Landes Pereira, em sua obra “Relembrações do Cotidiano Político”. Apesar de não ser uma memorialística voltada para o campo escolar, dedicou um capítulo inteiro para lembrar do padre “alemão” Francisco Agreiter⁷⁴, de acordo com ele, “um padre diferente”. (PEREIRA, 2015).

Não gostava de repetir o que considerava óbvio [...] não gostava de mediocridade, e, para ele todos os que não tinham afinidade com as ciências exatas eram medíocres, exceto aqueles que demonstrassem domínio de outras áreas da ciência. [...] Certa ocasião, um aluno chegou atrasado a aula. Discretamente adentrou a sala e dirigiu-se para a última fileira de carteiras. Sentou-se e começou a fazer anotações procurando pegar o fio da meada, quando o padre fez-lhe uma pergunta objetiva a respeito da matéria que estava sendo exposta. O aluno iniciou uma evasiva resposta, fazendo ponderações e considerandos, quando ouviu uma pergunta seca: “Sabe ou não sabe?” Ele também foi incisivo: “Não sei!”. Agreiter, então ordenou-lhe: “Peça auxílio para seus colegas ali de trás”. O adolescente olhou para a parede e lá estava uma propaganda do sistema de cooperativismo em que dois burrinhos disputavam dois montes de feno. Foi uma gargalhada só e a aula continuou. (PEREIRA, 2015, p. 103-104).

Landes Pereira relembra uma série de situações especificamente voltadas para o ensino e a sala de aula. Em todas elas, há evidência de elementos como apreço pela disciplina, broncas, ironias desfechadas, impaciência e constrangimento de alunos – todas essas características são

⁷⁴ Francisco Agreiter foi professor dos Colégios Dom Bosco e Nossa Senhora Auxiliadora. Em 1940 entrou para o noviciado e cursou Filosofia. Lecionou nos colégios salesianos de Lins (SP), Poxoréo (MT) e chegou a Campo Grande no início da década de 1950.

justificadas pelo autor, pela formação e origem italiana e temperamento germânico do padre. (PEREIRA, 2015).

A exemplo dessas situações estapafúrdias supramencionadas, é possível questionar a efetividade e a real utilização da utilização do “jeito salesiano” de educar no cotidiano escolar. O sistema repressivo criticado por Dom Bosco estava na estrutura do ensino tradicional, na lógica de funcionamento do campo educacional. Havia, portanto, uma incoerência bastante expressiva nessa tentativa de romper com o sistema repressivo e, ao mesmo tempo, oferecer um ensino tradicional de caráter humanístico.

Outro aspecto a ser ressaltado é que, além dos professores leigos que ministravam disciplinas em diferentes estabelecimentos, havia, principalmente entre os professores salesianos, uma situação de polivalência na distribuição das disciplinas. Esse fato foi evidenciado na documentação de todas as quatro instituições.

A irmã Bartira, por exemplo, relembra que no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora “[...] lecionava no curso Comercial e no Ginásio (que foi criado em 1936) Português, Francês, Latim, História Geral e do Brasil, Psicologia, Sociologia, Filosofia, História da Educação, Biologia. A única matéria que nunca lecionei no ginásio foi Matemática.” (GARDES *apud* ROSA, 1990, p. 89).

Da mesma forma, o Padre Ernesto Sakissida conta que em 1940 e 1941, época em que lecionou no Colégio Dom Bosco, foi professor de “[...] Latim, Canto, História, Geografia e Física. Fui catalogado como professor de Matemática, mas eu era mesmo ligado à Física e ao Canto, com grande dedicação aos desfiles, às festas, ao teatro.” (SAKISSIDA *apud* ROSA, 1990, p. 131). Essa situação também foi evidenciada na documentação escolar do Ginásio Santa Teresa, conforme figura 19.

Figura 19 - Relação de Professores do Ginásio Santa Teresa no ano 1937

RELACÃO DOS PROFESSORES POR DISCIPLINA E SÉRIE.		
DISCIPLINAS	NOME DO PROFESSOR	SÉRIE
Português	Cid de Figueiredo	1a, 2a, 3a, 4a
Francês	Alexandre de Castro	1a, 2a, 3a, 4a
Inglês	João Tomes (já requereu o registro do prof)	2a, 3a, 4a
Latim	Francisco Czapla	4a
História	Miguel Fodera	1a, 2a, 3a, 4a
Geografia	Miguel Fodera	1a, 2a, 3a, 4a
Matemática	André Rocha	1a, 2a, 3a, 4a
Ciências	Francisco Czapla	1a, 2a
Física	Bruno Mariano	3a, 4a
Química	Bruno Mariano	3a, 4a
História Natural	Bruno Mariano	3a, 4a
Desenho	Bruno Mariano	1a, 2a, 3a, 4a
Música	Francisco Czapla	1a, 2a, 3a, 4a
Educação física	3º Sarg. Ataíde Soares de Oliveira	
	3º " Norberto Paulino de Sousa	

Fonte: Relatório... (1937).

A relação de professores do Ginásio Santa Teresa aponta para uma outra situação comum entre os Colégios: a militarização da Educação Física. O exército foi a instituição responsável pela introdução sistemática da disciplina Educação Física no ensino primário e secundário, bem como pela formação de professores dessa disciplina, pela criação de uma Divisão de Educação Física (DEF) subordinada ao DNE, e também pela escolha pelo Método Francês oficializado na legislação educacional⁷⁵.

⁷⁵ "No início de 1929, o ministro da Guerra, general Nestor Sezefredo Passos, publicou um anteprojeto de lei, elaborado por uma Comissão de Educação Física sob sua presidência, que tornava a educação física obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino, federais, municipais e particulares, a partir da idade de seis anos, para ambos os sexos." (CASTRO, 1997, p. 67). CASTRO, Celso. In corpore sano. **Os militares e a introdução da educação física no Brasil**. Antropolítica, Niterói, RJ, n. 2, p. 61-78, 1º sem. 1997.

Apesar das divergências entre o grupo católico e o grupo militar no campo educacional, principalmente no que diz respeito a método de ensino, ao que tudo indica os militares estiveram presentes em todos os colégios salesianos investigados. Isso aconteceu até mesmo nos estabelecimentos femininos, quando os únicos professores do gênero masculino eram os professores de Educação Física.

No ano de 1947, constava, no relatório de inspeção na seção de corpo docente em exercício, que não havia no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora professoras com curso especializado em Educação Física. Nesse ano, as aulas ficariam ao encargo da professora Constança Moraes Botelho, que possuía “[...] longos anos de prática nas sessões de recreações e jogos, como auxiliar nos cursos secundários e como responsável no primário. (RELATÓRIO..., 1947). O relatório ainda indicava que estava em andamento o registro do Sargento Erahay Martins Dand. No ano de 1950, localizou-se evidências da atuação do referido sargento no colégio, o qual era monitor de Educação Física diplomado pela Escola de Educação Física do Exército, ocupando a cadeira de Educação Física do estabelecimento. (OFÍCIOS N. 6, 1950).

O domínio do método de ensino, o sentimento nacionalista, o cuidado com o corpo e a prática de exercícios físicos fizeram com que os militares fossem os mais aptos para ministrar o programa escolar. Além disso, a postura militar de características disciplinadoras e hierarquizantes eram de suma importância no contexto do ensino secundário salesiano, já que essa matéria escolar era ministrada de forma conjunta com todas as turmas e no mesmo horário. A adequação dos estabelecimentos salesianos, a partir da inserção dos militares nos quadros docentes, em obediência às prerrogativas da política educacional são explicadas pela lógica do campo político, onde, por vezes, é vantajoso conciliar os contrários a fim de obter reconhecimento dos pares concorrentes. (BOURDIEU, 2005, p. 12).

A aproximação de parte do corpo docente aqui realizada evidencia o perfil dos agentes responsáveis por mobilizar os conceitos e princípios filosóficos, religiosos e educacionais que fizeram parte da educação dos jovens que estudaram nas instituições salesianas no sul do antigo Mato Grosso. Observa-se que, apesar de os educadores salesianos atuarem como peças fundamentais para a formação de uma juventude orientada por uma visão de mundo salesiana, foi necessário adequar-se à lógica do campo com a contratação de outros profissionais.

Esses estabelecimentos não poderiam alcançar a posição que alcançaram sem a contratação de professores leigos, inclusive militares. Nesse contexto, a divisão de tarefas e a hierarquização de leigos e salesianos no ambiente escolar era uma forma de proteção da filosofia salesiana e da religião católica.

4.3.2 Alunos

[...] passaram pelas escolas, tanto dos padres, como das freiras os dirigentes da cidade. Eles tiveram um papel muito grande e continuam tendo uma enorme responsabilidade. Eles são educadores, não são só professores, ou uma escola qualquer. Educam para a vida. Isso é o mais importante. A escola [...] **tem um tipo de clientela. Forma líderes. Forma futuros dirigentes.** Você pode constatar que todas as pessoas de estaque na sociedade estudaram no Santa Teresa. Não tinha outra alternativa. Saíam daqui muito bem preparados. Meus primos saíram daqui e fizeram medicina em São Paulo e Rio. Meus irmãos fizeram medicina em São Paulo e brilharam nestes dois lugares. (BARUK *apud* MANFROI, 1998, p. 154, grifo nosso).

Esse tópico tem como objetivo a identificação do perfil dos agentes que compunham o corpo discente do colégio. Nesse aspecto, privilegia-se principalmente uma análise a respeito de classes sociais desses agentes. A classe social torna-se um elemento importante, pois permite a identificação de um *habitus*, que é o princípio gerador das práticas sociais dos agentes, que agem “[...] não como um indivíduo qualquer, mas como um membro típico de um grupo ou classe social que ocupa uma posição determinada nas estruturas sociais.” (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2006, p. 29).

O *habitus* contém disposições e uma matriz de percepção que são responsáveis por estruturar ações diferenciadas frente às experiências dentro das instituições salesianas. Por exemplo, estudantes provenientes de famílias católicas, que possuíam disposições religiosas bem estruturadas, tinham uma melhor percepção da filosofia salesiana e menos dificuldade de adaptação e compreensão das práticas consideradas rigorosas.

A religião era, portanto, um dos elementos que ajudava a construir a representatividade das instituições salesianas e foi o que motivou e tranquilizou muitas das famílias dos colégios que mandavam seus filhos para o internato. Isso fica visível nas memórias de Abílio Leite de Barros, quando contou sobre o processo de escolha do estabelecimento de ensino:

Maria Leite, não agradava esse tipo de gente de minha mãe. Muito apegado à religião e à moral. O ginásio era um ginásio que tinha gente de todo tipo. No Maria Leite. E não tinha nenhuma religião. Ou tinha muito protestante. Então a minha mãe, na cabeça dela, era um colégio que não servia. Não servia aos filhos dela. Então eu estudei no Colégio salesiano. (BARROS, 2016, p. 204).

Existia, portanto, “um tipo de gente” e esse tipo de gente era definido não somente pela religião, mas também pelo capital econômico. Os colégios salesianos eram um lugar reservado aos “herdeiros” e aos “eleitos”. Essa preferência pelos “eleitos” ficava nítida na legislação e nos debates promovidos pelo campo educacional, que adotou um projeto de curso específico

para a formação das elites políticas e intelectuais que viriam a ocupar altos cargos da sociedade brasileira.

Ocorre que, no sul do antigo Mato Grosso, os “[...] “eleitos”, [eram] aqueles que pudessem pagá-lo, no caso, as camadas médias e superiores da sociedade”. (SILVA, 2009, p. 57). E os herdeiros, não eram necessariamente aqueles que dispunham da cultura legítima como herança, tal como identificada por Bourdieu (2015), mas sim os herdeiros da terra, que detinham o capital econômico necessário para manter os filhos em um internato salesiano.

As elites agrárias e políticas constituíram-se como os maiores apoiadores da obra salesiana na sociedade sul-mato-grossense para que houvesse, no sul do estado, a possibilidade de um colégio que fosse capaz de socializar seus filhos na cultura legítima. E, nisso, novamente a religião desempenhava o papel importante para forjar uma representação de um estabelecimento que tivesse propriedade para ampliação de capital cultural.

Os salesianos diferenciavam-se dos colégios leigos na visão dos educadores salesianos, pois, para eles, “[...] o Maria leite, uma ou outra escolinha particular não ofereciam grandes possibilidades de ampliação cultural a seus alunos.” (SAKISSIDA, 1990, p. 130). Os salesianos atuaram, então, atendendo as demandas e necessidades trazidas pela classe economicamente favorecida. Mas, quem compunha essa classe social?

As fichas de matrícula produzidas para registro e matrícula dos internatos poderiam trazer alguma luz sobre essa questão. No entanto, o *corpus* documental coletado contém fichas apenas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Infere-se que a composição do corpo discente tenha se estruturado de maneira semelhante nas demais instituições. Ao buscar por tais informações, objetiva-se traçar um retrato da origem social das alunas do colégio, a partir das ocupações profissionais de seus responsáveis. Essas informações foram organizadas no quadro 26.

As informações do quadro em questão são referentes às alunas do internato, no ano de 1947 e, apesar de ser uma amostra pequena, mostra-se profícua para a compreensão do perfil dessas alunas. No ano em questão, o internato contou com 188 meninas; dentre elas, 80 eram alunas do curso secundário. As demais alunas dividiam-se em ensino primário, curso de admissão, curso comercial e curso normal.

As informações a respeito da profissão dos responsáveis foram registradas com base na autodeclaração deles. Para essa análise, é necessário ressaltar que as alunas do internato residiam no interior do sul do antigo Mato Grosso, ou até mesmo em outros estados, como em São Paulo e no norte do antigo Mato Grosso. Pode ser esse o motivo da grande quantidade de

latifundiários. Apesar disso, foi possível identificar oito fazendeiros residentes na zona rural da cidade de Campo Grande.

Quadro 26 – Profissões dos responsáveis de acordo com o registro do internato do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1947)

Profissão do responsável	Nº de alunas	%
Latifundiários Fazendeiros (38); Criadores (2).	40	50%
Profissionais liberais Comerciantes (14); Dentistas (2); Farmacêuticos (2); Administrador (1); Engenheiro (1); Construtor (1).	21	26%
Funcionários Públicos Promotores de justiça (2), Militares (2), Deputado Estadual (1); Prefeito (1); Tabelião (1); Agentes da SPF* (2).	9	11%
Outros Domésticas (2); Falecidos (2); Industrial (1); Não declarado (1); Negociante (1); Pedreiro (1); Despachante (1); Chefe de Almoxarifado (1).	10	13%
TOTAL	80	100%

*Agente do Serviço Penitenciário Federal

Fonte: Livro de Matrículas..., 1947.

A partir das informações organizadas, observa-se também que as filhas de comerciantes compunham um número significativo dentro do colégio. Em uma visão panorâmica sobre os demais registros de matrícula do colégio no período de 1947 a 1954, foram localizados comerciantes de origem italiana, paraguaia, uruguaia, sírio-libanesa e japonesa – com destaque para essas duas últimas. A composição do Colégio é explicada pela própria conformação da cidade de Campo Grande, após a expansão da rede ferroviária, que transformou a cidade em um centro de transações comerciais no sul do antigo estado. A grande quantidade de fazendeiros e comerciantes na região desencadeou um “[...] processo de modernização e demanda de formação de profissionais” (RODRIGUEZ; OLIVEIRA, 2005, p. 346-347).

Sabe-se, no entanto, que a classe política, apesar de pouco expressiva no internato no ano de 1947, constituía-se como uma parte importante da clientela salesiana. A exemplo disso, cita-se Gilka Martins, filha do ex-prefeito Demosthenes Martins, que estudou no CNSA. A família Barbosa Martins é outro exemplo dessa clientela. No Colégio Dom Bosco estudaram, os irmãos Plínio e Wilson Barbosa Martins. Wilson casou-se com Nelly Martins, ex-aluna do

CNSA, onde também foram formadas as três filhas do casal. Portanto, concorda-se com Valmir Batista Correa de que a educação salesiana é “[...] uma tradição de pai pra filho.” (CORREA *apud* Manfoi, 1998, p. 176).

Existia ainda um “outro tipo” de estudantes dentro dos colégios: os (as) bolsistas e estudantes acolhidos(as). Um grupo pequeno constituído por agentes de frações de uma classe economicamente menos favorecida, os quais podem estar representados no quadro 26 pelos filhos de pais falecidos, domésticas e pedreiros. Esse fato Manfroí também aponta sobre a cidade de Corumbá, em que um número muito reduzido de pobres conseguia bolsa, meia bolsas ou um benfeitor que lhes permitissem estudar, mas, em regras gerais, os salesianos formaram “[...] por gerações e gerações, a elite, a classe dirigente de Corumbá – políticos, administradores, professores, bancários, comerciantes, profissionais liberais, empresários, etc”. (MANFROI, 1997, p. 134).

Diferentes iniciativas possibilitaram a existência de alunos bolsistas no interior dessas instituições. Apesar de poucas informações sobre elas, sabe-se que a maioria desses investimentos iniciaram a partir da década de 1950. Dentre essas iniciativas, relacionam-se:

- **Bolsas criadas pelos Ex-alunos de Dom Bosco**, na cidade de Corumbá, a partir do ano 1956. A associação arrecadava doações entre personalidades importantes na sociedade para ampliar o acesso dos meninos carentes ao ensino secundário. (BÁEZ, 1988). Não se sabe, no entanto, se essas bolsas continuaram a ser oferecidas após a criação da “Cidade Dom Bosco”, na periferia da cidade.
- **Bolsas de Compensação**: A partir do ano 1953, o Ginásio Imaculada Conceição, em Corumbá, foi contemplado com uma subvenção anual do governo do estado, que durou no mínimo até o ano de 1958. De acordo com os termos dessa subvenção, a contrapartida seria admitir pelo menos 3 alunas gratuitas para estudar na instituição.
- Projeto social “**Escola Doméstica**”: Tanto no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora quanto no Ginásio Imaculada Conceição⁷⁶ evidenciou-se a adesão das Filhas de Maria Auxiliadora ao projeto socioeducacional denominado “Escola Doméstica”. Inicialmente esse projeto proporcionava às alunas pobres cursar o ensino primário na instituição. Algumas fontes indicam a possibilidade de que, a partir de 1954, com a maturação desse

⁷⁶ Em Corumbá, as salesianas parecem ter aderido ao projeto no ano de 1956, de acordo com o registro da Escola Doméstica Imaculada Conceição no Conselho Nacional de Serviço Social (CNSS), sob n. 41.726. (GENIC HISTÓRICO, s.d.). O CNSS foi criado no ano de 1938, diretamente ligado ao Ministério da Educação e Saúde, tendo como finalidade regular as subvenções do Estado às instituições filantrópicas. (MESTRINER, 2012).

projeto dentro das instituições, ele tenha proporcionado o acesso dessas estudantes também ao ensino secundário no período noturno⁷⁷.

Pouco se sabe a respeito dessas três possibilidades de admissão de alunos gratuitos citadas, pois sobre elas há apenas algumas menções. A última delas – a Escola Doméstica – parece estar intrinsecamente relacionada ao registro localizado no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora a respeito do Fundo Nacional do Ensino Médio (FNEM).

Foi localizado um registro de alunas bolsistas do referido colégio, cuja entrada foi possibilitada pelo auxílio financeiro concedido pela Lei n. 2.342/1954⁷⁸. De acordo com Ortiz (2014), o ingresso da Ação da Educação Católica (AEC) na comissão nacional do FNEM possibilitou que o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora fosse contemplado com a subvenção que era específica para escolas particulares. Sabe-se, no entanto, que com essa mesma subvenção foram contempladas as demais instituições salesianas – Colégio Dom Bosco, Ginásio Santa Teresa e Ginásio Imaculada Conceição. O que pode indicar que tais colégios também tivessem oferecido bolsas para seus alunos.

De acordo com Lopes (2013), as instituições salesianas que aderiram ao projeto “Escola Doméstica” tinham como objetivo oferecer às meninas pobres e órfãs formação moral e religiosa juntamente com um “curso prático” de economia doméstica e trabalhos manuais, como corte e costura. O ofício enviado pela instituição para o INEP elucidava que objetivo do projeto era de que “[...] órfãs e meninas necessitadas, aprendam os trabalhos caseiros que lhes possibilite viver honestamente após o período de estudos elementares, como fazem com as demais”. (OFÍCIO N. 497, 1950).

As diferenças de tratamento para com as meninas acolhidas no cotidiano escolar evidenciam uma situação de violência simbólica. Sobre ela, ressalta-se o uso de uniformes diferentes, a demarcação de um espaço específico durante as aulas, ou seja, ao fundo da sala, e ainda a necessidade de “pagar” a moradia e a educação que recebiam com serviços domésticos prestados à instituição. Vários são os relatos de ex-alunas na memorialística de Penteado (1996)

⁷⁷ A partir do ano de 1954, o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora recebeu a permissão para o oferecimento de um curso ginasial noturno pelo Ofício n. 559/54, referente ao Processo 243/53 da Inspeção Geral. Nas memórias reunidas por Penteado (1996), algumas ex-alunas da Escola Doméstica lembram que estudavam à noite.

⁷⁸ Lei n. 2.342, de 25 de novembro de 1954: Dispõe sobre a cooperação financeira da União em favor do ensino de grau médio. “Art. 2º - O Fundo Nacional do Ensino Médio será aplicado em favor do ensino de grau médio através da concessão de: I - bolsas de estudo aos alunos mais capazes dentre os necessitados; II - contribuição, mediante convênio, a estabelecimentos de ensino de grau médio para sua manutenção, obras de ampliação e equipamentos; III - contribuição, mediante convênio, a entidades públicas ou de direito privado destinadas a promover o aperfeiçoamento e a difusão do ensino de grau médio”. (BRASIL, 1954). Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2342-25-novembro-1954-361710-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

que proporcionam o entendimento da natureza das atividades que eram realizadas, tais como: o trabalho na cozinha para preparar o café da manhã; o trabalho na lavandeira; o cuidado com a horta; a limpeza dos aposentos, salas de aula e escadarias. (PENTADO, 1996).

Fotografia 22 - Alunas da Escola Doméstica do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora



Fonte: Acervo Fotográfico CNSA

O uniforme escolar é utilizado para padronizar os estudantes e identificá-los como pertencente a determinada instituição ou nível de ensino. No caso das alunas acolhidas, o uniforme ainda representava distinção e pertencimento a um determinado grupo social. Contrapondo-se ao vestido branco e sem detalhes usado pelas meninas da escola doméstica na fotografia 22, as alunas pagantes utilizavam “[...] saia pregueada com alças largas, num tecido grosso (pied-de-poule), blusa branca com mangas compridas, punho e gola, meias finas cor da pele e sapatos pretos e fechados.”. (ORTIZ, 2014, p. 140-141).

A diferença de direitos/deveres e a questão de diferenciação do uniforme escolar eram demarcadores sociais utilizados para reafirmação do fato de que, apesar de estarem na mesma instituição, assistindo às mesmas aulas, havia uma distinção social entre elas. Assim como o “curso prático” de economia doméstica demonstrava o espaço que tais garotas poderiam ocupar dentro do campo escolar e, até mesmo, no espaço social.

Apesar da violência simbólica e arbitrário cultural vivenciado pelas alunas gratuitas, a entrada nessas instituições possibilitou a elas uma conversão de trajetória social. Em vias de regra, cada grupo social produz uma trajetória equivalente a seu *habitus* e capitais – uma

trajetória modal. Existe, no entanto, eventos (coletivos e individuais) que podem mudar o curso dessas trajetórias. (BOURDIEU, 2008).

Uma vida escolar não equivalente à classe de origem é um desses eventos que possibilita que um agente, em sua vida adulta, viva em um outro mundo social diferente daquele em que nasceu. Aos agentes que conseguem essa mobilidade social, Bourdieu (2008, 2011) chamou de *trânsfuga de classe*, ou seja, alguém que conseguiu escapar da sua classe social de origem. Essa mobilidade, no entanto, não era feita de forma fácil ou rápida. Por isso, não é possível afirmar que a bolsa de estudos fosse o suficiente para que essas meninas ascendessem socialmente. Implica dizer, somente, que essa bolsa permitia a elas vislumbrar uma ascensão social.

A análise do *corpus* documental da pesquisa, juntamente com as memórias de agentes em trânsito nesses estabelecimentos, evidencia, portanto, algumas das lutas concorrenciais dentro do campo. São estratégias mobilizadas pelos salesianos para assegurar uma posição dentro do campo educacional, no que se refere tanto ao corpo discente quanto ao corpo docente. Na identificação do perfil de agentes, nota-se maior ou menor contato com o *habitus* salesiano. A afinidade com esse *habitus* revelou-se também como um fator classificatório. Para o corpo docente, por exemplo, a atribuição de responsabilidades dentro das instituições estava diretamente relacionada à aquisição de um capital religioso institucionalizado, já que na, lógica salesiana, os professores vinculados à congregação estavam mais aptos a socializar os estudantes no modelo almejado.

4.4 Práticas extracurriculares e ampliação de capitais

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês, (ou *a fortiori*, camponês e operário) não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom-gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” (no sentido empregado pelos etnólogos) dessa classe. (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 41).

O presente tópico, último da segunda parte da tese, tem como objetivo a identificação das atividades extracurriculares oferecidas pelas instituições salesianas. Tais práticas, apesar de extrapolarem o rol de disciplinas curriculares, consubstanciaram o êxito da educação e da filosofia salesiana ao proporcionar à juventude escolar ampliação de capitais – religioso, cultural, social.

A identificação dessas práticas possibilita a compreensão do processo de legitimação social dos alunos e ex-alunos das instituições investigadas. Nisso, é necessária a compreensão

da lógica de ocupação dos agentes na estrutura social. De acordo com a teoria de Pierre Bourdieu (2007), a posição de um agente na estrutura social relaciona-se intrinsecamente à **estrutura patrimonial**, ou seja, capitais herdados pela família. Quanto maior o volume de capitais, mais confortavelmente um agente garante a sua posição no espaço social. Essa premissa extrapola a compreensão economicista da estrutura e a ideia de que o capital econômico é o único responsável pela classificação social ou pelo sucesso escolar.

Orientados pelo sistema de percepção do *habitus*, os agentes sociais lançam mão de diferentes estratégias para ampliação desses capitais. Dentre essas estratégias, as escolares são identificadas pela teoria bourdieusiana como uma forma de ampliação de capitais. Nesse movimento, o campo escolar possibilita a conversão do capital econômico investido em outros capitais – seja ele cultural, social, simbólico ou ainda religioso. Quanto maior e melhor o investimento, maior o retorno. (NOGUEIRA, 2012). Ao final da trajetória escolar, o agente poderia reinvestir os capitais adquiridos em outros campos sociais, de acordo com suas estratégias e aspirações.

O estabelecimento escolar seria, então, o responsável mais direto por essa ampliação de capitais. O sucesso dos salesianos nesse movimento de ampliação de capitais garantia que suas instituições escolares continuassem a ser um local de investimento rentável para as famílias detentoras de capital econômico. Para as famílias, um estabelecimento escolar de investimento rentável seria aquele que pudesse garantir “[...] a perpetuação dos seus privilégios.” (BOURDIEU; PASSERON, 2015, p. 43). Para isso, os salesianos investiram em diversidade, aliaram as atividades prescritas pelo currículo do ensino secundário às práticas extracurriculares ou, como os salesianos chamavam, atividades de higiene mental.

A educação salesiana se propunha a cuidar da formação do corpo e da mente e, para isso, utilizava-se de uma metodologia lúdico-catequética para manter a saúde mental dos alunos, conforme descrito no Regimento (1943) do Ginásio Imaculada Conceição.

Haverá passeios extraordinários em todos os dias feriados, e ordinários uma vez por semana; frequentes convescotes, festas esportivas e teatros, sessões literárias, recitais, enfim tudo o que pode contribuir para a maior higiene física mental, e para a conservação constante daquela alegria que s. João Bosco considerava um dos principais fatores para a formação de um caráter feliz e uma mentalidade culta e sadia.

Havia nessas instituições uma necessidade de organização do tempo que favorecesse a ocupação dos estudantes. O gerenciamento do tempo e a necessidade de manter os alunos ocupados com uma gama variada de atividades estavam relacionados a uma ideia de otimização do tempo, e produtividade, principalmente em relação aos alunos do internato.

Criou-se, então todo um aparato para que as jovens não ficassem ociosos. Eram organizações culturais, esportivas e religiosas, que funcionavam no interior dos colégios dentre as quais destacam-se as companhias religiosas, os grêmios esportivos, literários, culturais e até grupos de escoteiros. Com isso, os estudantes poderiam buscar identificações pessoais em diferentes tipos de atividades para desenvolver habilidades necessárias a um salesiano e para ampliação de diferentes capitais.

Cada uma dessas organizações se desdobrava em uma série de atividades extracurriculares. As companhias estiveram ligadas aos eventos religiosos, procissões, arrecadação de ofertas para as campanhas de missões indígenas, entre outros. O grêmio esportivo envolvia-se em jogos e representava o colégio em torneios intercolégiais. Os grêmios literários envolviam-se com a manutenção dos periódicos estudantis, e também com as apresentações teatrais e musicais. Caso desejasse, os alunos poderiam fazer parte até de mais de uma dessas organizações.

Observa-se que essas atividades não estavam contidas no programa curricular, mas constituíam-se como um dos principais meios de divulgação dos colégios. Tratava-se de estratégias com dupla finalidade, pois traziam visibilidade não só para os alunos, mas também para as instituições. Para isso, os colégios salesianos garantiam um grupo de alunos modelo para representar a educação salesiana em uma diversidade de eventos sociais e culturais, tais como concursos, competições, apresentações.

O Padre Conselheiro, nos colégios masculinos, ocupava a função de orientador educacional e organizava as atividades extracurriculares, a fim de guiar os jovens no caminho da fé cristã e garantir que os jovens se direcionassem a uma área ou uma atividade em que eles pudessem se desenvolver profissionalmente. Os educadores que ocupavam essa função com maior contato com o corpo discente e estiveram em lugar de destaque nas memórias dos ex-alunos são: Irmã Angela Vitalli, no CENIC; Irmã Bartira, no CNSA; José Alberto Veronessi e Pe. Ernesto Sakissida, no Colégio Dom Bosco e Pe. Audísio, no Ginásio Santa Teresa.

O Colégio Dom Bosco fundou o Grêmio Padre José de Anchieta, no qual funcionava o periódico “O Ginásio”. O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora fundou o “Auxilium”, em 1935, e este passou a se chamar Grêmio Dom Aquino Corrêa, no ano de 1938, que publicava o “Ecos Juvenis”. Foi possível localizar a existência até de um “Centro Cívico Getúlio Vargas”, fundado em 19 de abril de 1942 (data do aniversário do presidente), responsável especificamente pela organização de comemorações cívicas alinhadas à necessidade do governo de utilizar a escola como entidade capaz de consolidar a brasilidade. (DALLABRIDA, 2001).

Já o Ginásio Santa Teresa registrou a criação de seu Grêmio Dramático-Literário “Dom Bosco”, no ano de 1938, que foi responsável pela produção do periódico “O Secundarista”. Embora não tenha sido possível localizar informações sobre o Grêmio do Ginásio Imaculada Conceição, sabe-se que suas alunas estiveram envolvidas na publicação do periódico “O Imaculada”.

Tais atividades estiveram ancoradas no pensamento na proposta de ensino escolanovista e amparadas pela legislação, conforme o Artigo 46º do Decreto-lei n. 4.244/1942:

Os estabelecimentos de ensino secundário deverão promover, entre os alunos, a organização e o desenvolvimento de instituições escolares de caráter cultural e recreativo, criando, na vida delas, com um regime de autonomia, as condições favoráveis à formação do espírito econômico, dos bons sentimentos de camaradagem e sociabilidade, do gênio desportivo, do gosto artístico e literário. Merecerão especial atenção as instituições que tenham por objetivo despertar entre os escolares o interesse pelos problemas nacionais. (BRASIL, 1942, n.p.).

Nota-se, portanto, o empenho dos salesianos de estarem na vanguarda das inovações pedagógicas. Para isso, adequaram-se às tendências pedagógicas modernas antes de se tornarem uma obrigação. Proporcionaram aos alunos um espaço para desenvolverem a escrita e o espírito crítico com os periódicos estudantis, como também a oratória e a capacidade criativa com os teatros. As organizações foram pensadas para se constituírem como um espaço legítimo de reivindicação e exposição dos anseios dos alunos.

No CNSA, a ata de criação do grêmio tem registrada sua finalidade: “[...] desenvolver o gosto e apreciação das leituras morais e instrutivas, e ao mesmo tempo exercitar as alunas na arte da declamação.” (ATA..., 1935). O grêmio cultural continuou em funcionamento pelo menos até o ano de 1954, conforme registrado no livro de atas, que trazia ano a ano as renovações da diretoria. No excerto a seguir, traz-se o registro de atas do ano de 1947, em que se pode observar a renovação da diretoria do Grêmio Literário Dom Aquino,

Aos 24 dias do mês de março do ano de mil novecentos e quarenta e sete, as sete horas da manhã no Nossa Senhora Auxiliadora nesta cidade de Campo Grande, no edifício onde funciona o grêmio L. Dom Aquino Corrêa, cuja finalidade é incentivar nas alunas o amor pela literatura, aumentando assim o seu grau de cultura e desenvolvimento. (ATA ..., 1957).

O livro de ata registra decisões sobre festas e campanhas, além de fazer o registro da função de cada um dos membros da diretoria do grêmio, conforme o quadro 27.

Quadro 27 - Composição da diretoria do Grêmio Literário Dom Aquino

Presidente	Incumbe organizar o calendário cívico, promover as comemorações, selecionar e corrigir trabalho das sócias a serem lidos e publicados na revista: “Ecos Juvenis”.
Vice-presidente	Incumbe ensaiar as comemorações e auxiliar em tudo a presidente.
Secretária	Incumbe receber e lavrar as atas das reuniões e fazer a inscrição das sócias.
Tesoureira	Incumbe receber as mensalidades das sócias e anotar as entradas e saídas do caixa.
Cronista	Incumbe fornecer os livros solicitados pelas sócias, registrando a data da saída e entrada, zelando pela devolução e conservação das mesmas.
Conselheiras	Incumbe tomar parte ativa nas deliberações da diretoria e zelar pelo desenvolvimento do grêmio.
Oradora	Função não especificada

Fonte: ATA,... 1935.

Organização: Andrade, 2020.

As participações nas agremiações, embora não fossem obrigatórias, mobilizavam uma quantidade razoável de alunas, com incentivo à leitura e à escrita, e o desenvolvimento de habilidades que mais tarde poderiam ser investidas em diversos campos sociais, como, por exemplo, o campo jornalístico, político, administrativo, entre outros. A irmã Bartira relembra que o grêmio

[...] promovia festas, reuniões, musicais, em que os alunos declamavam, cantavam. Quando encenávamos nossas peças teatrais, o salão era pequeno para conter o público que acorria para assistir às alegorias dirigidas por Irmã Angela Vitale. Editávamos a revista “Ecos Juvenis” que estimulava as produções literárias de nossas alunas. Era com ansiedade que as meninas aguardavam sua publicação, para ver em letra de forma seus discursos, poemas, contos. (GARDES *apud* ROSA, 1990, p. 91).

O “Ecos Juvenis” era uma revista de variedades que circulou no estado de Mato Grosso, de 1934 a 1950. Apesar de se tratar de algo voltado à comunidade escolar, como professores, alunos e funcionários, com a expansão do periódico e a aquisição de patrocinadores, a iniciativa cresceu, chegando até mesmo a ser comercializado por meio de uma assinatura anual da revista, que, em 1940, custava cerca de 10\$000.⁷⁹ (BITTAR, 2010). Em uma análise realizada nos volumes de 1946 a 1950, alguns pontos podem ser destacados referentes à religião e à participação das alunas nas publicações.

⁷⁹ O valor convertido e corrigido para o ano de 2020 é de 40 reais.

O periódico era um espaço de veiculação dos trabalhos da Congregação Salesiana com notícias a respeito das Filhas de Maria Auxiliadora no Brasil, com destaque para as atividades realizadas pela Madre superiora da congregação e inspetores e bispos dos Salesianos do Dom Bosco. Sobre publicações com ênfase religiosa, evidenciam-se algumas composições relativas às missões salesianas no estado de Mato Grosso e no Brasil. Na época de campanhas missionárias, os colégios da inspetoria competiam entre si para uma maior arrecadação de recursos. Nesse sentido, os colégios trocavam correspondências como forma de estímulo para a competição que envolvia os colégios de Cuiabá, Corumbá, Lins e Tupã. E, nessa questão, identificou-se uma maior proximidade com os colégios situados no noroeste do estado de São Paulo e uma relativa apatia do estabelecimento corumbaense.

Outras publicações religiosas incluíam também publicações das alunas, dentre as quais destacam-se alguns títulos como: “Gratidão”; “Depois da tempestade a bonança”; “O ócio”; “O Entusiasmo Missionário do Colégio N. Senhora Auxiliadora”; “Ser salesiana”; “A verdade e a mentira”. Essas composições geralmente eram realizadas durante as aulas de catecismo ou religião e, posteriormente, selecionadas pelas educadoras para publicação no periódico.

Ainda havia também as publicações relacionadas à educação cívica com títulos sobre os mais diversos “heróis” e momentos da história brasileira, tais como: “Princesa Isabel”; “Castro Alves”; “A pátria”; “Campo Grande”; “7 de setembro”. Dentre essas composições, algumas eram realizadas em sala, mas outras se referem a atividades específicas do Grêmio Dom Aquino, que tinha um espaço no periódico para publicação de suas atas e palavras da presidente.

Textos sobre a vida escolar também eram publicados, a exemplo de: “Meu dever”; “Se meu livro falasse”; “Meu colégio”. Neles, estão evidenciadas características e comportamentos importantes para um bom aluno e uma boa trajetória escolar. Junto com esses títulos, adicionavam-se textos escritos por ex-alunas para reforçar o comportamento exemplar de uma aluna salesiana. A classificação de alunas ao final do periódico procurava enaltecer as alunas com bom desempenho escolar em cada turma.

Por fim, o periódico contava com uma seção de lazer com anedotas, charadas e cruzadinhas. Para charadas e cruzadinhas, utilizavam-se conhecimentos gerais e religiosos. Para as anedotas, eram utilizadas situações vivenciadas no cotidiano escolar, uma gafe em sala de aula ou um comportamento jocoso de algum estudante.

Os registros nas Crônicas do GENIC auxiliam a compreensão dessas atividades, mostrando um envolvimento entre os estabelecimentos de ensino secundário, dentre estes o Ginásio Santa Teresa, o CNSA e até atividades com as alunas da instituição leiga, o Maria Leite e o Osvaldo Cruz, da cidade Campo Grande. (CRÔNICAS..., 1941).

A Irmã Ângela Vitalli deu aulas nos dois estabelecimentos femininos, mas foi no GENIC a sua mais prolongada estada; sobre esse estabelecimento são a maior parte de suas memórias. Foi vice-diretora e diretora do estabelecimento e, na ocasião de seu depoimento, relembrou a necessidade de pegar emprestado o Salão de Atos do Ginásio Santa Teresa, até que tivessem no GENIC o próprio salão. Junto com as meninas, ela organizava bailados com peças clássicas como o Minueto de Padereski⁸⁰, por exemplo.

O salão ficava repleto. O teatro era a grande diversão do tempo. Eu encenava sempre duas peças: uma mais séria no tempo das missões, outra mais leve, mais fina, na festa de formatura, a que compareciam até pessoas dos outros Estados, como por exemplo o Príncipe de Orleans e Bragança, que veio paraninfar a turma. Isso foi mais ou menos em 1952. Na ocasião, apresentei uma alegoria sobre a Cultura Brasileira, que foi do agrado de todos.” (VITALLE *apud* ROSA, p. 126-127).

A partir do relato, torna-se nítido o investimento em ampliação de capital cultural realizado em tais instituições, com uma variedade de práticas culturais que demonstrassem elegância e requinte das instituições e de seus alunos. Esses eventos constituíam-se como oportunidades de ampliação de capital social e simbólico.

Há de se considerar, no entanto, que as obras consideradas distintivas são aquelas que dificilmente provocam entusiasmo coletivo, pois sua apreciação é acompanhada de uma sensibilidade estética. O gosto está ligado à classe social, pois cada uma delas tem valores estéticos que atuam como poderosos mecanismos de classificação. O **bom gosto** está ligado, portanto, àquilo que as frações de classe dominante determinam par si. (BOURDIEU, 2007).

A tentativa de ampliação de um volume específico de capital cultural e a aquisição de um gosto frequentemente associado à cultura legítima implica uma boa vontade cultural ligada à aceitação desse esquema classificatório, bem como à tentativa de reivindicação desse espaço na estrutura social.

Bourdieu e Passeron (2015) contribuem para o entendimento de que o grau de afinidade com os hábitos culturais de uma classe faz parte dos critérios decisivos para o sucesso escolar. “Uma maior ou menor afinidade entre os hábitos culturais de uma classe e as exigências do sistema de ensino ou os critérios que para ele definem o sucesso.” (BOURDIEU; PASSERON,

⁸⁰ Minueto é uma dança social de origem francesa. Essas peças dançantes, populares entre a aristocracia europeia até o final do século XVIII, são compostas por compassos ternários (como as valsas), caracterizadas pela elegância e delicadeza de movimentos. Ignacy Jan Paderewski (1860-1941) é considerado um clássico da cultura erudita, o Minueto mencionado trata-se de uma curta composição para piano solo, escrita em 1887, que se tornou mundialmente famosa.

2015, p. 39). Essa afinidade era estreitada nessas atividades culturais desenvolvidas nos grêmios.

Também nos colégios masculinos estavam presentes tais práticas culturais, envolvendo dramatizações e apresentações de teatro. No Ginásio Santa Teresa, o Pe. Audísio foi catequista, mestre de cena, diretor de esportes, comandante do batalhão, mestre escoteiro, maestro da banda de música e fotógrafo amador. (SCHENIDER, 1977):

As peças não apresentavam enredo amoroso, mas eram simples e educativas. Tinham o seu “suspense”, suas cenas violentas, suas brigas e suas lutas. Representações de grande valor moral onde o Bem sempre triunfava, e o bom, o justo, o trabalhador alcançavam o seu prêmio. E ai! do ator que não acertasse o seu papel. Ai! daquele que estragasse um ato. (SCHENIDER, 1977, p. 16-17).

Quando não eram clássicas, as peças possuíam um teor religioso que procurava passar uma mensagem sobre caráter, postura, cidadania, caridade e outros valores ligados à ética e à moral religiosa. Nesse sentido, destacam-se os dramas escrito pelo Pe. Raimundo Pombo, ex-aluno do Ginásio Santa Teresa e professor do Colégio São Gonçalo, em Cuiabá, que publicava seus textos pela editora da instituição e também nas Leituras Católicas. Nos dramas de Raimundo Pombo era possível visualizar, por exemplo, situações e contextos envolvendo personagens indígenas, como por exemplo, “A múmia de Tibiriçá”, uma adaptação de uma comédia italiana para a realidade brasileira, quiçá mato-grossense.

Além de colocar os alunos e a sociedade em contato com os temas provenientes das missões indígenas, chama a atenção, nos dramas de Raimundo Pombo, a existência de um elenco composto apenas por personagens masculinos. Desse modo, os alunos envolvidos no teatro não precisariam se caracterizar ou representar personagens que fossem femininos, pois essa era uma atitude reprovável pela educação salesiana.

Figura 20 - Personagens para o drama “A Múmia de Tibiriçá



Fonte: Revista Leituras Católicas, Ano LXVII, n. 808, nov. 1957

Em 1941, os alunos do Santa Tereza fizeram a apresentação teatral de “O Duque de Montgomery”, um drama espanhol do ano de 1912, publicado em Barcelona pela Librería Salesiana de Sarriá, em benefício de uma caravana para levar os meninos de Corumbá a uma visita ao Colégio Dom Bosco de Campo Grande. O valor arrecadado pelos ingressos foi convertido em recursos para o traslado dos meninos. Essa parceria entre o colégio e a ala salesiana masculina mostrou-se frequentes durante o período, consequentemente, as apresentações teatrais feitas pelos meninos também. As caravanas aconteciam em média a cada dois meses. (CRÔNICA, 1941).

Esse tipo de atividades proporcionadas pelos colégios contribuiu para que a sociedade ganhasse confiança na proposta educacional, pois elas proporcionavam tanto a aquisição de capital religioso, cultural, social e simbólico quanto um domínio erudito sistematizado por especialistas pertencentes a uma instituição incumbida de reproduzir o capital religioso através de ações pedagógicas. (BOURDIEU, 1974, p. 40).

No Colégio Dom Bosco, um dos nomes responsáveis por essa ampliação cultural dos alunos era o de José Alberto Veronesi, que se envolvia diretamente com as atividades culturais, inclusive representando papéis junto com seus alunos. O professor lecionou no Colégio Dom Bosco de 1937 a 1945, e conta que, nesse período, foi professor, carpinteiro, enfermeiro e, principalmente, diretor de teatro.

O teatro mantinha aceso o interesse dos alunos. Naquele tempo, quase não se ouvia rádio, televisão não existia, e raramente se viam filmes no colégio. Dava-se grande valor ao teatro. Comecei então a encenar comédias, porque o riso é a melhor coisa para se conquistar o público. Os atores eram os salesianos e mestres, meus colegas, e os alunos maiores. Uma das primeiras peças que apresentei foi “Os três valentões”. O primeiro chamava-se Racha Monte, o segundo Come Fogo e o terceiro Mata Onça, cujo papel reservei para mim. (VERONESE *apud* ROSA, 1990, p. 77).

Após o referido episódio, o professor ficou conhecido entre a comunidade escolar e na sociedade campo-grandense como “Mata Onça”. Além de auxiliar na compreensão de como as atividades teatrais se inseriam no cotidiano da instituição, o depoimento do professor reforça o entendimento de como essas atividades promoviam a integração, não só entre os colégios de cidades diferentes, mas também entre os colégios masculinos e femininos, posteriormente se abrindo também à comunidade.

Nesse caso, pode-se compreender, em primeiro lugar, que a ação proporcionava acúmulo de capital cultural pelos estudantes, por meio do acesso às peças de teatro clássicas e modernas e do desenvolvimento do gosto pela leitura e pelas artes. Em segundo lugar, proporcionava visibilidade para o colégio, que abria suas portas à comunidade. Entende-se que na condição de ex-alunos desses colégios, os jovens salesianos adquiririam de pronto um determinado volume de capital simbólico, que poderia ser combinado e reinvestido futuramente.

Propiciava, ainda, uma ampliação do capital social, uma vez que colocava em contato alunos de diferentes estabelecimentos. Nos cursos secundários, estavam em geral agentes possuidores de determinado capital econômico, em processo de uma formação intelectual voltada para a ocupação de futuros cargos políticos e empresariais. Futuros dirigentes da sociedade, como a legislação educacional convencionou chamar. Essas práticas, na verdade, se configuravam como uma estratégia para alicerçar as bases de futuras redes de relações potencialmente úteis, um investimento a longo prazo.

Figura 21 – Capa do periódico estudantil “O ginásio” (1941)



Fonte: “O Ginásio”, n. 27, ano 5, abr. 1941

“O Ginásio” era o responsável por promover socialmente as peças do Colégio Dom Bosco. As demais publicações compreendiam anúncios relativos ao colégio, poesias produzidas pelos estudantes, notícias esportivas, eventos cívicos escolares, notas políticas intelectuais e culturais. Não era produzido inteiramente pelos alunos, já que a edição ficava a cargo da diretoria do colégio, que zelava pelo bom nome do estabelecimento.

A análise dos volumes produzidos no período evidencia ainda publicações com teor nacionalista e/ou de apoio ao projeto de Getúlio Vargas. Esse apoio configurava-se,

principalmente, como uma expressão da dinâmica política do período. Não era espontâneo, nem tampouco desinteressado. A produção dos periódicos era uma “recomendação” da Diretoria Geral do Departamento Nacional de Educação.

De acordo com a Circular n. 1, de 1947, os estabelecimentos deveriam fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para alargar as potencialidades educativas dos periódicos estudantis, estimulando a participação e o envolvimento dos alunos nesse tipo de atividade. Dentre essas medidas de estímulo, o departamento sugeriu a utilização de prêmios anuais para impulsionar as publicações estudantis, bem como o auxílio e acompanhamento dessas produções com oferecimento de figuras e textos selecionados para o desenvolvimento dessas atividades extracurriculares. A circular solicitava ainda o envio de todos os volumes dos periódicos publicados no ano de 1946, e também os volumes que ainda viriam a ser publicados. Esse envio seria indispensável para o estudo de um concurso de publicações estudantis que se pretendia organizar. (CIRCULAR Nº1, 1947).

Embora não tivesse sido possível identificar na documentação mais detalhes a respeito desse curso, fica evidente a existente de um acompanhamento e de um interesse dos órgãos regulamentadores em relação ao tipo de informação veiculada pelos periódicos estudantis. Para os colégios, um bom desempenho nesse tipo de concurso poderia configurar-se como uma oportunidade de ter atestado seu ensino de excelência.

Alguns dispositivos culturais e disciplinas humanísticas reforçadas e instituídas durante o Estado Novo, embora estivessem munidas de uma intencionalidade específica, permaneceram como parte da cultura de ensino secundário após o fim do governo de Getúlio Vargas.

Aproximações finais da parte II

Para alinhar as discussões apresentadas a respeito da cultura escolar católica nos cursos secundários de instituições salesianas no sul do antigo Mato Grosso, organizaram-se alguns apontamentos que merecem destaque em meio à grande quantidade de atividades, estratégias e relações sociais estruturadas por essas instituições na formação de uma juventude genuinamente salesiana.

A cultura escolar católica investigada não pode ser lida sem a compreensão da influência da política educacional, que atuou diretamente na construção e na organização de normas e espaços, gerenciamento do tempo e seleção de sujeitos/agentes escolares. A política nacionalista, a partir da década de 1930, interessada na construção de bases sólidas para o ensino secundário, com interesses diversos, deu o tom dessa cultura escolar e os salesianos

souberam tirar proveito, no momento do acabamento, com a construção de uma tradição escolar católica. Os católicos estiveram na base de apoio do governo e o currículo predominantemente humanístico conferiu vantagem a congregações europeias, reafirmando os princípios e modelos educacionais confessionais católicos.

Apesar de manter um padrão educacional na organização escolar e ter se espalhado por todo o território nacional, as instituições salesianas não tiveram o mesmo destaque em todo o território nacional. A visibilidade que adquiriram no sul do antigo Mato Grosso é um ponto fora da curva. No Mato Grosso, eles investiram no momento e local exato para a construção do sucesso. Os salesianos não foram necessariamente os primeiros, mas foram pioneiros nos cursos secundários, nível de ensino em que a carência de estabelecimentos escolares era alarmante. Tornaram-se necessários e articularam-se politicamente no jogo social.

O período aqui estudado foi o apogeu da obra salesiana. Os estabelecimentos foram implantados em cidades estratégicas, em pleno processo de crescimento e urbanização, momento em que, nos mais diversos campos sociais, as lutas por classificação social estavam em pleno vigor. As frações da classe dominante estavam ainda em posição instável – e eram detentoras de um capital de muito volume e pouca estrutura.

Nesse momento, os salesianos mostraram-se como uma opção de investimento rentável. Ofereciam um ensino humanístico e tradicional que também se anunciava como moderno e preocupado com o desenvolvimento integral do aluno e de suas aptidões. O que estava implícito nesse contrato social era a ampliação de capitais, realizada a partir das mais diversas estratégias curriculares e extracurriculares que os distinguiam no campo escolar.

Nesse processo de ampliação de capitais dos alunos, a educação salesiana imprimiu marcas duráveis, com disposições necessárias para estruturar um modo de ser e estar na sociedade. A partir da década de 1950, as discussões no campo educacional possibilitaram a ampliação do número de estabelecimentos públicos e particulares na concorrência com os salesianos, principalmente em cidades adjacentes, com a tentativa de novos pioneirismos.

A “tradição salesiana”, construída ao longo de 1931 a 1960, proporcionou a manutenção da posição dominante que essas instituições ocuparam no campo educacional. Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases, o currículo do curso secundário, que havia sido indispensável para a conquista desse espaço, dá lugar a um modelo tecnicista de outras aspirações.

O avanço do tecnicismo, sem dúvidas, impôs desafios aos salesianos a partir da década de 1960, quando o ensino secundário teve seu caráter elitista amenizado pela necessidade de qualificação profissional da sociedade em grandes volumes. A educação voltada para

intelectualidade e a formação do espírito com o qual os salesianos tinham sido promovidos perderam as “últimas batalhas pelo humanismo”. (SOUZA, 2008; 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na etapa de finalização dessa pesquisa, intenciona-se reunir dos capítulos anteriores elementos que possibilitem a sistematização de um conhecimento historiográfico acerca da Congregação Salesiana no campo educacional sul-mato-grossense. Esse conhecimento contribui com a História da Educação regional, e também com os estudos sobre educação confessional com elementos para pensar a relação construída entre Igreja, Estado e Sociedade ao longo da História da Educação brasileira.

Infere-se sobre esse aspecto, em concordância com Thompson (1978), que todo conhecimento histórico é provisório, incompleto e seletivo. E, por isso, o conhecimento aqui produzido foi possibilitado e limitado pelas indagações lançadas ao objeto. Essas indagações direcionaram o olhar investigativo para os elementos aqui reunidos.

Dessa forma, buscaram-se aproximações às seguintes indagações, a saber: Qual o papel da cultura escolar católica na formação da juventude sul mato-grossense? Quais as estratégias utilizadas pelos salesianos no que tange à ampliação do capital cultural? Quais práticas escolares legitimavam a posição social e conferiam prestígio aos estudantes das instituições secundárias salesianas? Houve significativas disposições para a formação de um *habitus* estruturado na intersecção do campo escolar com o campo religioso?

Nessa perspectiva, respostas e perguntas fazem sentido tão somente se consideradas como um diálogo, e não como uma verdade absoluta e acabada. Esse diálogo lança luz sob a tese de que a cultura escolar católica, socializada no interior dos cursos secundários salesianos, atuou como potencializadora da estruturação e internalização de um *habitus* salesiano.

A teoria sociológica bourdieusiana, utilizada como arcabouço teórico que dá sustentação a essa tese, parte do princípio de que toda a sociologia é histórica e toda história é sociológica. E, portanto, é dever da pesquisa sociológica desnaturalizar e historizar as práticas sociais na produção do conhecimento, o que Bourdieu chama de sociologia genética.

A partir dessa interpretação do conhecimento histórico e científico, buscou-se a mobilização de algumas noções caras à teoria, que demandam um pensamento relacional, tal como campo, *habitus*, práticas e capitais. A educação secundária salesiana no sul do antigo Mato Grosso só existe dentro de uma rede de relações (visíveis ou invisíveis) que a definiram em uma posição social.

Por isso, antes de investigar as práticas escolares, sociais e culturais das instituições salesianas, fez-se necessário uma aproximação da estrutura e da lógica de funcionamento dos campos religioso e escolar. Isso foi realizado para compreender a rede de relações de poder, as lutas dentro dos dois campos, a motivação dos salesianos no interior de cada um deles e os capitais colocados em jogo.

O objeto de investigação dessa pesquisa esteve situado na intersecção dos dois campos. Considera-se que o campo religioso, como campo de origem, tenha desempenhado uma maior influência no direcionamento das ações salesianas. Nele, foram gestadas as disposições, as estratégias e as motivações da congregação e dos educadores salesianos. Inclusive a entrada no campo educacional, nesse modelo ora investigado, decorreu de uma estratégia do campo religioso.

Após uma significativa perda de poder político da Igreja Católica, os institutos religiosos foram criados como estratégia para seu reposicionamento no campo social, uma peça essencial para o movimento ultramontanista. Os institutos foram uma jogada acertada, porque não se restringiam à atividade paroquial e, por meio dele, as congregações católicas conseguiram adentrar em espaços onde a Igreja havia perdido sua influência. Esse foi um fator essencial para o fortalecimento da fé cristã no Brasil e em toda a América Latina.

A Congregação Salesiana é um desses institutos religiosos que estiveram inseridos no projeto de fortalecimento de expansão do catolicismo. Dom Bosco dedicou-se à educação de crianças pobres, órfãs e marginalizadas. Uma atividade útil para a sociedade europeia que vivia um processo de urbanização e industrialização. Para isso, Dom Bosco se propôs a inovar com uma filosofia educacional que fizesse sentido para o catolicismo e que pudesse se adequar às demandas do campo escolar.

No campo educacional brasileiro, os salesianos mostraram-se conservadores e não se envolveram diretamente em confrontos travados pelos intelectuais ligados à pedagogia católica e à pedagogia escolanovista. Em sua prática educacional, os educadores optaram simplesmente por uma pedagogia salesiana, a qual havia sido sintetizada por Dom Bosco por meio do Sistema Preventivo, no qual estavam articulados os aspectos necessários para a defesa do ensino tradicional católico e para a inovação requerida pela escola nova.

A serviço da fé cristã e de seu reposicionamento no campo social, os salesianos de Dom Bosco se instalaram em Mato Grosso, envolvendo-se com as missões indígenas e estabelecimentos escolares. Nesse campo educacional, os salesianos investiram nas ausências do poder público, com a finalidade de, progressivamente, mostrarem-se necessários e indispensáveis para o processo de modernização da sociedade mato-grossense.

Para isso, -, no sul do antigo Mato Grosso, eles perseguiram o “progresso”. Investiram em Corumbá nos primeiros 30 anos, o principal entreposto comercial do sul do estado. E, a partir da década de 1920, vendo o desenvolvimento da cidade de Campo Grande após a chegada da estrada de ferro, deslocaram seus investimentos para garantir que fossem os primeiros educadores da iniciativa privada a desbravar o campo educacional.

Em cada localidade alcançada, a congregação montou o seu aparato instrumental: uma igreja, uma escola primária e/ou profissional e um oratório. O ensino secundário era uma necessidade específica das classes médias altas da sociedade, que não se inseriam no projeto original de Dom Bosco, voltado à caridade e à instrução de classes menos favorecidas.

Os salesianos, no entanto, viram no curso secundário uma oportunidade para a legitimação da congregação no sul do estado. Nas localidades em que havia uma maior concentração de agentes das classes médias e altas, buscaram oferecer cursos secundários adequados ao mais alto padrão previsto pela legislação no que se refere ao corpo docente, aos edifícios/espacos escolares e aos materiais didáticos modernos.

A origem europeia da Congregação Salesiana conferiu aos educadores uma legitimação social e uma autoridade para o oferecimento de uma formação escolar humanística que a cultura europeia tinha valorizado como cultura legítima.

Os salesianos souberam “jogar o jogo” do campo escolar, já que alinharam-se com o projeto nacionalista de Getúlio Vargas durante o Estado Novo, incorporando à formação escolar salesianas princípios governistas, que demandavam também saberes e práticas patrióticas, cívicas e nacionalistas. Buscaram apoio no campo político local e no campo jornalístico.

As estratégias de legitimação da educação salesiana empreendidas pela Congregação proporcionaram a visibilidade das instituições e a construção de uma rede de relações socialmente úteis para os seus interesses, dentre as quais destacam-se: 1) subvenções financeiras e isenções aos estabelecimentos; 2) apoio e doações da alta sociedade para as atividades missionárias e educativas; e, o principal dentre elas 3) a formação de um grupo de jovens católicos socializados por uma cultura escolar e um “jeito salesiano” de ser e estar na sociedade.

É nesse terceiro ponto que se concentraram os maiores esforços de investigativos empreendidos por esta pesquisa. A educação salesiana atendeu às necessidades dos grupos dominantes, dentre os quais destacaram-se os fazendeiros e comerciantes, ou seja, os que tinham sua posição social definida principalmente pela posse de capital econômico. O acesso a um ramo de ensino definido pela própria legislação educacional como local de formação das

classes dirigentes da sociedade poderia conferir a esses grupos uma posição mais estável e duradoura na sociedade sul-mato-grossense, ainda em fase de desenvolvimento.

Esse “jeito salesiano” foi definido aqui como *habitus*, que é uma maneira de ser e estar na sociedade. As práticas são o motor formativo e constitutivo da estruturação do *habitus* de cada agente e, a partir delas, estrutura-se a visão de mundo com seus respectivos esquemas de apreciação e percepção, que influenciam os gostos, o senso de justiça, as posturas e os valores, além dos hábitos alimentares, das preferências de estilo musical e estratégias de investimento dos capitais e até mesmo a percepção relativa à religião e ao sobrenatural. É uma estrutura interna e subjetiva estruturada por elementos sociais que geram o reconhecimento e o interconhecimento de um agente ou grupo de agentes no interior de um campo.

Essas disposições são lentamente sedimentadas, duráveis e pouco flexíveis e, por isso, o âmbito familiar tende a ser o espaço mais eficaz na estruturação de um *habitus*. Outras instâncias socializadoras, no entanto, podem contribuir para a estruturação de um *habitus*, como a escola e a religião. No caso das instituições salesianas, estavam agregadas a dimensão escolar e religiosa em um só espaço. Para os alunos em regime de internato, agregava-se ainda a dimensão familiar viabilizada pelo longo período de convivência.

No decorrer da pesquisa, uma das primeiras evidências da possibilidade da existência de um “jeito salesiano” foi localizada nos próprios documentos orientativos da congregação para seus educadores. Posteriormente, outras evidências foram localizadas nas práticas escolares, corroboradas pela cultura escolar católica.

Esses documentos orientativos traziam a idealização de algumas virtudes necessárias à utilização do Sistema Preventivo, tais como: alegria/bondade/caridade, razão e religião. O que subjazem nesses documentos, além da percepção e da apreciação da religião e do mundo sobrenatural, são os elementos utilizados na apropriação de uma postura tipicamente salesiana como: limpeza, disciplina, pontualidade, autorregulação, discricção e neutralidade.

Observa-se que essas características não se ancoraram somente em uma cultura religiosa, elas foram potencializadas pela cultura escolar, a qual se baseava no controle da dimensão interior, na ritualização do cotidiano e na interiorização de saberes sofisticados. A cultura religiosa, agenciada pela cultura escolar e suas práticas, a longo prazo possibilitavam que o jeito salesiano fosse incorporado pelos alunos até que se parecessem naturais.

A utilização de algumas chaves de interpretação da cultura escolar, tais como saberes escolares valorizados pelas instituições, distribuição e organização dos tempos e espaços escolares e agentes sociais que transitaram por essas instituições possibilitaram a identificação

de diferentes tipos de práticas geradas na confluência dessas duas culturas. Essas práticas atuaram como catalizadores da incorporação desses *habitus*.

Desse modo, foi realizado um exercício de identificação de possibilidades de aquisição e ampliação de capitais e interiorização de disposições para a estruturação do *habitus* salesiano nesses diferentes tipos de práticas vivenciadas no interior das instituições salesianas. Nesse exercício, destacaram-se as práticas educativas, religiosas, culturais em ações sociais.

As **práticas educativas** socializavam um conhecimento humanístico marcado pela legitimidade da cultura europeia. Um saber culto e desinteressado, baseado na arte de bem falar e bem escrever e, por isso, com ênfase no estudo de diferentes línguas. Nisso, potencializava-se o gosto pela leitura, pela escrita e pela história. O gosto pela história e pela participação política esteve relacionado com a formação cívica imposta pelo Estado Novo, que foi responsável por uma postura de enaltecimento dos momentos e “heróis” que marcaram a nação. Socializavam também um saber religioso, que lhes direcionava saberes específicos interessados no papel social de gênero sexual, estabelecendo um ideal de homem e mulher de acordo com princípios cristãos. Ainda se destacavam a imposição dos comportamentos e das posturas a serem adotadas em sala de aula. Essas práticas foram os incentivos comuns recebidos por internos e externos, independente da participação ou não nas atividades extraescolares oferecidas pela instituição.

As **práticas religiosas** viabilizaram experiências envolvendo o exercício da fé e o contato com o sobrenatural. Nessas experiências, destacaram-se a devoção, a oração, o sentimento de gratidão e a necessidade da caridade, além do envolvimento nas festividades, procissões e rituais religiosos carregados de símbolos. Todo processo de formação escolar foi pensado a partir de uma moral religiosa que influenciou diretamente o currículo, o calendário escolar, a rotina e as festas escolares. Esse vínculo de fé com a religião era potencializado pela participação nas companhias salesianas.

As **práticas culturais** reforçavam a predominância e a valorização da cultura legítima. Elas possibilitaram aos estudantes não somente a aquisição de um capital cultural institucionalizado na forma de capital escolar, mas também um capital cultural incorporado com a internalização de esquemas de apreciação. Isso foi realizado por meio do contato com obras clássicas musicais, literárias e teatrais. Acrescente-se que a aquisição de capital cultural era potencializada pela participação nos grêmios estudantis.

As **práticas sociais** são representadas por apresentações em grandes eventos sociais, possibilitando o desenvolvimento e o domínio de uma oratória. Além disso, colaboravam com a aquisição de um capital social por meio das atividades envolvendo intercâmbios colegiais

realizados em competições, festas, desfiles e excursões. Essas atividades colocavam os “futuros dirigentes” do estado em contato com outros “futuros dirigentes” e, assim, possibilitavam a construção de uma rede de relações socialmente úteis. Esses foram os incentivos comuns recebidos por internos e externos, independente da participação ou não nas atividades extraescolares oferecidas pela instituição.

Apesar do esforço de identificar como os diferentes tipos de práticas contribuíram para a formação dos estudantes salesianos, vale ressaltar a inexistência de fronteiras fixas entre elas. Sobre isso, é possível afirmar que, em todas as práticas, estiveram presentes elementos pertencentes à dimensão religiosa, na qual a religião católica atuava como motor gerador dos diferentes tipos de ações práticas.

Adverte-se, ainda, que todas as práticas possibilitavam a aquisição de um capital simbólico, isso pelo próprio prestígio que a Congregação Salesiana havia conquistado no campo educacional, e também por causa dos investimentos dos estabelecimentos na promoção social do alunos como em cursos de diferentes áreas do conhecimento.

Além disso, todas essas práticas contribuíram para a internalização de uma estrutura geradora de um *habitus* salesiano, pois em todas elas havia um controle, uma vigilância, uma coerção para que se pudesse assegurar que os estudantes fossem asseados, limpos, disciplinados, pontuais, autorregulados, discretos e neutros.

Isso acontecia também em outros tipos de práticas não destacadas na seleção acima, como as **práticas cotidianas** do internato, que marcavam a convivência e a rotina dentro da instituição. E, as **práticas esportivas**, sobre as quais reunimos poucas informações, mas que sugerem indícios de elementos investigativos para a uma análise mais completa.

Algumas dessas práticas foram potencializadas pela participação dos agentes nas organizações de atividades extracurriculares como grêmios e companhias religiosas, no entanto esse não era considerado um fator decisivo para a incorporação de disposições. Os diferentes tipos de práticas relacionadas estiveram acessíveis aos externos.

Por certo, nem todos os agentes que passaram pelas instituições salesianas se apropriaram do “jeito salesiano”, já que a estruturação efetiva de todas as disposições necessárias para isso dependeram de alguns fatores como afinidade de *habitus* e tempo dentro da instituição.

Essa afinidade de *habitus* ocorria nos casos em que a socialização primária e familiar continha disposições religiosas necessárias para a assimilação da visão de mundo salesiana, como no caso, por exemplo, de Pierre Adri, que estudou no Colégio Dom Bosco em regime de externato, apenas no ensino secundário, quando ele já tinha por volta de 10-12 anos.

O tempo atuava como um elemento importante para a estruturação desse *habitus*, podendo ser eficiente até em casos nos quais as disposições religiosas familiares se fizessem ausentes. No caso de agentes que estivessem estudado em regime de internato durante o ensino primário, secundário e colegial, haveria tempo suficiente para que as práticas e valores impostos pelas instituições salesianas fossem internalizados e incorporados. Isso porque as instituições salesianas tinham dispositivos culturais e estratégias de controle, subversão e vigilância que se intensificavam no internato.

Com o término dos estudos e a saída dessas instituições, existiam possibilidades de os alunos formados continuarem o contato com a Congregação Salesiana dentro das associações de ex-alunos. Essas associações dispunham de um estatuto próprio, uma anuidade e um jornal específico para noticiar suas atividades e aspirações. Para as instituições escolares, os ex-alunos eram uma das principais propagandas que os colégios poderiam ter a respeito da eficácia do ensino salesiano. Essas associações constituíam-se de estudantes que haviam alcançado o “sucesso escolar” e que, devido ao *habitus* salesiano, optaram por manter contato com a instituição em eventos, campanhas missionárias, ações de caridade e momentos religiosos. Juntos, colégios e associações de ex-alunos, atuaram para a solidificação da posição dos salesianos no campo escolar.

Muitas das vivências, experiências, documentos e registros escolares evidenciam esse cuidado especial dos educadores salesianos com o grupo de alunos que estudavam no regime de internato. Os salesianos educaram esses agentes para compor a vitrine da educação salesiana, o modelo perfeito da juventude que desejavam formar para a sociedade. Agentes com um *ethos* e uma *hexis* corporal conformados pelo jeito salesiano de ser e estar na sociedade.

Essas evidências aqui reunidas tornaram-se possíveis por meio do cruzamento de fontes realizadas entre legislação, documentação escolar e fontes memorialísticas, que auxiliaram na construção de um panorama das participações da Congregação Salesiana no campo educacional, similar a um quebra cabeça no qual a ausência de algumas peças deixam entrever um esboço da imagem.

Nesse sentido, as peças memorialísticas mobilizadas como fontes foram fundamentais, principalmente para compreender a visão dos professores acerca do ensino oferecido e para identificar como os ex-alunos que passaram por essas instituições representavam a educação salesiana. As obras memorialísticas exemplificaram, com situações muito particulares, o cotidiano escolar, que viabilizou uma melhor compreensão dos Regimentos Escolares, por exemplo.

Sem essas obras, o acesso à cultura escolar ficaria restrito apenas à prescrição da legislação educacional, que poderia ou não ter sido seguida, e à idealização da educação salesiana, impressa nos documentos escolares restritos a uma visão romântica do sucesso, inovação e benefício do Sistema Preventivo.

Essa filosofia educacional criada por Dom Bosco, ampla e ininterruptamente utilizada pelas instituições salesianas ainda na segunda década do século XXI, promoveu-se como um modelo educativo e inovador para que pudesse se adequar às tendências pedagógicas escolanovistas. No entanto, o que se observa é tão somente um ensino tradicional travestido de inovação, a qual foi imposta pela própria legislação com a criação de laboratórios, salas especiais, revistas e jornais estudantis e aula-passeio. Mas, também com uma inovação possibilitada pelas músicas, brincadeiras, acampamentos e gincanas, que, inevitavelmente, atraíam a atenção da juventude carente de opções para entretenimento.

Algumas peças desses quebra-cabeças foram possibilitadas pelas pesquisas que já haviam sido realizadas. Estas, apesar de um enfoque diferente, auxiliaram a construção do conhecimento aqui apresentado, tal como Manfroi (1997), Oliveira (2014), Ortiz (2014), Guindo (2018). Com essa tese, contribui-se com mais elementos para pensar a educação salesiana no sul do antigo Mato Grosso, sem esgotar, no entanto, as possibilidades investigativas da atuação da congregação.

Dentre essas peças faltantes, destacou-se, anteriormente, o caso das práticas esportivas nas quais as fontes apontam para uma intensa participação dos salesianos. Outras peças faltantes, por exemplo, dão-se pela ausência de obras memorialísticas que auxiliem a compreensão do cotidiano escolar da instituição feminina corumbaense sob a ótica específica de membros do corpo discente. A ausência dos jornais estudantis corumbaense também foi outro ponto limitante na identificação de práticas específicas vinculadas à cidade de Corumbá.

Outras questões carecem, posteriormente, de aprofundamento investigativo como a análise dos manuais para a formação de professores salesianos, o funcionamento e os objetivos específicos das congregações de ex-alunos.

Aqui foram analisados os casos de maiores sucessos da Congregação e sua atuação no ramo do ensino secundário, o que não significa que a instituição tenha tido acertos em todos os seus investimentos. Alguns deles não prosperaram, da mesma forma como o caso do ginásio feminino implantado em Ladário, do Ginásio Bom Jesus, em Três Lagoas, e também do Ginásio Industrial Domingos Sávio, em Corumbá.

De acordo com os elementos reunidos por essa pesquisa, não há dúvidas da contribuição da Congregação Salesiana para o desenvolvimento do estado de Mato Grosso do Sul durante a

primeira metade do século XX, e nisso está o seu potencial investigativo. A educação oferecida pelos salesianos fez parte da constituição de agentes intelectuais, escritores, políticos e profissionais liberais pertencentes a diferentes frações sociais da sociedade sul-mato-grossense.

Em suma, principalmente para esses grupos, os salesianos contribuíram para a constituição de um modo específico de ser e estar na sociedade, um *habitus* salesiano. Na base estrutural desse *habitus*, estiveram presentes as seguintes disposições: erudição, religiosidade, organização, autorregulação, disciplina, limpeza, discrição e neutralidade. Essa estrutura foi possibilitada por uma filosofia pedagógica utilizada na socialização da cultura escolar católica, no interior de um ramo de estudos altamente elitista.

.
.
.
.
.

*Para quem depois de completado o ciclo oferecido
aparece o adeus, apenas do cotidiano, mas sempre
viva com o passar dos anos, pois existe o respingo
presente em cada momento e em cada lembrança.
(ADRI, 206, p. 11).*

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Danilo Araújo de. **A educação religiosa no Colégio Salesiano Sagrado Coração do Recife**. 2014. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.
- ALVES, Laci Maria Araújo. Breve ensaio sobre o processo de expansão escolar em Mato Grosso (1719-1946). **Coletâneas do Nosso Tempo**, Rondonópolis v.1, n.1 p. 7-25, 1997.
- ANDRADE, Fernanda Chaves. **A imprensa como fonte histórica: os impressos Jornal do Comércio e O Progressista**. 2011. Disponível em: <https://baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/pdf/anais2010/04-aimprensa.pdf>. Acesso em: maio 2020.
- AQUINO, Maurício de. As Congregações e Ordens religiosas de Portugal em diáspora no Brasil do início do século XX: instituições eclesiais, modernidade e tensões sociais. **Revista do NUPEM**, v. 8, p. 117-127, 2016.
- AQUINO, Mauricio de. Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n.63, p. 143-170, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v32n63/07.pdf>_Acesso em: maio 2019.
- ASTOFE, Abigail. F. A. **Campanha Nacional de Educandários Gratuitos: em Perspectiva o ensino secundário no sul de Mato Grosso (1949-1963)**. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.
- AZZI, Riolando. **Igreja Católica na formação da sociedade brasileira**. Aparecida: Santuário, 2008.
- AZZI, Riolando. **Os salesianos no Brasil: à luz da história**. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1983.
- BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008
- BERGAMASCO, Ceci Mara Spagolla. **O fio de Ariadne: a religiosidade nas festas comemorativas escolares**. 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2009.
- BITTAR, Mariluce. Escola confessional. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Livia Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.p. 1-5.
- BITTAR, Marisa; FERREIRA JR. Amarílio. De freguesia a capital: 100 anos de educação em Campo Grande. In: CUNHA. Francisco Antonio Maia da. (Org.). **Campo Grande, 100 anos de construção**. Campo Grande: UFMS, 1999. p. 169-194.
- BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Uma educação para a vida: as práticas educativas dos salesianos para formação de meninos em Sergipe (1911-1945)**. 2017. 195f. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas 2017.

- BORGES, Vera Lúcia Abrão. Francisco Campos, Ideólogo do Pensamento Autoritário Brasileiro. 1925 a 1945. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira, 2002, Natal. **Anais do II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira**. Natal: Ed. MAC, 2002.
- BOSCHILIA, Roseli. Juventude, Ultramontanismo e Educação Católica. **História: Questões & Debates**. n. 43, p. 87-102, Curitiba: Editora UFPR, 2005.
- BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, dez. 2003, p. 378-397.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 4ª edição, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **La noblesse d'état: grandes écoles et esprit de corps**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1989. (Le sens commun).
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Introdução, organização e seleção: Sérgio Miceli. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção Estudos, n. 20).
- BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.39-64.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). **Escritos de educação**; 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 39-64.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p.65-69.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira – 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora da UFSC, 2015.
- BRANDÃO, Zaia; ALTMANN, Helena. Algumas hipóteses sobre a transformação do habitus. **Boletim SOCED**, Rio de Janeiro, n.1, p. 1-12, 2005.
- BRITO, Ângela Xavier de. **“O saldo é positivo”**: cultura escolar católica e socialização das elites femininas brasileiras, 1920-1970. Paris: CERLIS-CNRS, 2005.
- BRITO, Paula Sônia de. **A luta do Bispo Dom José de Medeiros Delgado por educação escolar para todos (Caiacó-RN, 1941-1951)**. 2004. 166f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- CALONGA, Maurilio Dantielly. **Jornal do Comércio: arranjos políticos e representações da guerra em Mato Grosso (1930-1945)**. Dourados, MS: UFGD, 2014.

- CAMPELO, Cristiano Roberto. **A “Política do Pai Nosso” como dimensão articuladora para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”**. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Centro Universitário Salesianos de São Paulo, Americana, 2014.
- CARVALHO, Marta M. Chagas de. **Molde Nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.
- CASTRO, Celso. In corpore sano. **Os militares e a introdução da educação física no Brasil**. Antropolítica, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.
- CENTENO, Carla Villamina. **Educação e fronteira com o Paraguai na historiografia mato-grossense (1870-1950)**. 2007.257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- CERIA, Eugênio. Porque Memórias? In: BOSCO, São João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales: 1815-1855**. São Paulo: Editora Salesiana, 2012.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**– entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CUNHA, Luiz Antônio. **A Educação Brasileira na primeira onda laica: do Império à República**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2017. v. 1. 529p.
- CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. São Paulo: Cortez. 1986.
- DALCIN, Andréia. **Cotidiano e práticas salesianas no ensino de matemática entre 1885-1929 no Colégio Liceu Coração de Jesus de São Paulo: construindo uma história**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) -Faculdade de Educação. UNICAMP, 2008
- DALLABRIDA, Norberto. **A Fabricação escolar das elites**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- DALLABRIDA, Norberto. A força da tradição: ex-alunos do Colégio Catarinense em destaque e em rede. **História da Educação** (UFPel), Pelotas, v. 12, p. 141-163, 2008.
- DALLABRIDA, Norberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.
- DALLABRIDA, Norberto. Usos sociais da cultura escolar prescrita no ensino secundário. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 12, n. 1, p. 167-192, jan. / abr. 2012.
- DIEGOLI, R. **Sólida instrução e educação esmerada: as estratégias disciplinares no Colégio Santo Antônio, Blumenau – SC (1932-1942)**. 2006. 156 f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado de Santa Catarina, 2006.
- FERREIRA, António Gomes. A Europa e a herança cultural da escola. **Educação em Questão**, Natal, v. 40, n. 26, p. 10-30, jan./jun.2011.
- FERREIRA, Rejiane Platero. O Museu das Culturas Dom Bosco: História, Identidade e Potencialidades de desenvolvimento Local na Educação Básica. 2010. 97f. Dissertação – (Mestrado em Desenvolvimento Local). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2010.

- FIGUEIREDO, Milene Moraes; GRIMALDI, Lucas Costa. SEMANA DA PÁTRIA: A preparação dos alunos do Colégio Farroupilha/RS para as festividades (1937-1945). In: Anais eletrônicos do X Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Educação Luso-Brasileira, Curitiba, 2014, p. 1-15.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- FRANCISCO, Adilson José. **Educação e modernidade: os salesianos em Mato Grosso (1894-1919)**. Cuiabá: EdUFMT- Entrelinhas, 2010.
- FRANCISCO, Adilson José. Memória e identidades: o cotidiano no Liceu Salesiano em Mato Grosso. In: XXVII Simposio Nacional de História, 2013, Natal - RN. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História**. Natal - RN: UFRN, 2013. p. 1-12.
- FURTADO, Alessandra Cristina. **Por uma História das Práticas de Formação Docente**: um estudo comparado entre duas Escolas Normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964). 2007. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo - SP, 2007.
- GALVÃO, A. M. de O.; LOPES, E. M. T. **Território plural**: a pesquisa em história da educação. São Paulo, SP: Ática, 2010.
- GONÇALVES, Nadia Goiofatto. Para além da reprodução: possibilidades e contribuições de Pierre Bourdieu para a História da Educação. In: Congresso Brasileiro de História da Educação - O Ensino e a Pesquisa em História da Educação, 5, Aracaju, SE, 2008. **Anais...** Aracaju, SE: UFSE, 2008. v. 1. p. 1-15.
- GUINDO, Luciani Coelho. **Elementos da História do ensino de Matemática no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora entre 1930 a 1970 no sul do Mato Grosso uno**. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2018.
- HILSDORF, M. L. S. Cultura escolar/cultura oral em São Paulo (1820-1860). In: VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. (Org.) **Tópicos em História da Educação**. São Paulo: Edusp, 2001. p.67-96.
- HOBBSAWN, Erick. **A era das revoluções – 1979-1848**. 32. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. **Rev. Bras. Hist. Educ.** Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LEITE, Gervásio. **Um século de instrução pública**: história do ensino primário em Mato Grosso. Cuiabá: Inst. Hist. de Mato Grosso, 1970.
- LEMOS, Daniel Cavalcanti de Albuquerque. Os cinco olhos do diabo: os castigos corporais nas escolas do século XIX. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 627-646, maio/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/16.pdf>. Acesso em: junho 2020.
- LOPES, Ivone Goulart.. **Asilo Santa Rita, Educação Feminina Católica (1890-1930)**. 1ª. ed. Cuiabá: Cuiabá-MT, Central de Texto: EdUFMT, 2006, Coleção Coletânea Educação e Memória, v.1., 2006. v. 1.000. 163p.

- LOPES, Ivone Gourlat. **O projeto educativo das salesianas na Escola Normal Nossa senhora Auxiliadora, Campos/RJ e a tessitura da identidade da professora católica: 1937-1961**. 2013. 253 f. Tese (Doutorado em Educação) -PUC. Rio de Janeiro, 2013.
- MAGALHÃES, Justino. Mediações da cultura escolar: a prática como normatividade. In: GÓMEZ FERNÁNDEZ, Juan; ESPIGARDO TOCINO, Glória; BEAS MIRANDA, Miguel. (Ed.). **La escuela y sus escenarios**. El Puerto de Santa María: Concejalía de Cultura, 2007. p. 197-205.
- MANFROI, José. **A missão salesiana e a educação em Corumbá: 1889-1996**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 1997.
- MANOEL, Ivan. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Unesp, 1996.
- MARCIGAGLIA, L. **Os Salesianos no Brasil: ensaio de crônica dos primeiros vinte anos da Obra de Dom Bosco no Brasil (1883-1903)**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1955.
- MELO, Valéria Alves. **As filhas de Imaculada Conceição: um estudo sobre educação católica (1915-1970)**. 2008. 125f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.
- MESTRINER, Maria Luiza. A intrincada relação histórica entre a assistência social e a filantropia no Brasil. In: STUCHI, Carolina G. PAULA, Renato F. dos S. PAZ, Rosângela D. (Org.). **Assistência Social e filantropia: cenários contemporâneos**. São Paulo: Veras, 2012.
- MESURAM, D.; VIEIRA, L.; DALLABRIDA, N. As mudanças experimentadas pela cultura escolar no Ensino Secundário devido à implementação da Reforma Capanema de 1942 e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961. In: VIII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania, 2013, Florianópolis - SC. **Anais Eletrônicos do VIII Colóquio Ensino Médio, História e Cidadania**. Florianópolis - SC: Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), 2013. v. 3. p. 01-1.
- MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira: 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MIRANDA, Margarida. A Ratio Studiorum e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa moderna. **Humanitas**, Coimbra, Portugal, v. 63, p. 473-490, 2011.
- MORAES, Thais Palmeira. **O atendimento à criança pobre, abandonada e sem-família e Corumbá (MT): 1904-1927**. 2011. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.
- MORAES, Thais Palmeira; KASSAR, Monica de Carvalho Magalhães. Notas sobre o acolhimento e o atendimento à criança pobre, abandonada e sem - família em Corumbá (mt): o Colégio Salesiano Imaculada Conceição e a Santa Casa. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil: História da Educação Brasileira: experiências e peculiaridades, 9, João Pessoa, 2012. **Anais eletrônicos...**, João Pessoa, 2012.
- NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Claudio M. Martins. **Bourdieu & a Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

- NUNES, Maria José Rosado. Prática político-religiosa das congregações femininas no Brasil – uma abordagem histórico-social. In: **Os religiosos no Brasil** – enfoques históricos (org.) Azzi e Beozzo. São Paulo: Edições Paulinas e Cehila, 1983.
- OCAMPO, Mário Maurício. **La cultura escolar de las escuelas católicas: entre la tradición y el mercado**. 2012. 254 f. Tese (Doutorado em Educação) - Escuela de Educación, Universidad de San Andrés, Buenos Aire, 2012.
- OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino. **Campo Grande e a Rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade**. 182f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e tecnologia da UNESP, Presidente Prudente, 2003.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; CHAVES JUNIOR, Sergio Roberto. Os espaços para a educação física no ensino secundário paranaense: um estudo comparativo entre os anos finais da ditadura varguista e os anos da ditadura militar brasileira pós 1964. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 33, p. 39-56, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000100004. Acesso em: abril de 2020.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. “A teoria do trabalho religioso em Pierre Bourdieu”. In: TEIXEIRA, Faustino. (org.) **Sociologia da Religião no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- OLIVEIRA, Stella Sanches de. **Implantação e organização do curso ginásial no Sul de Mato Grosso: expressões de um projeto de modernização (1917-1942)**. 2014. 282 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.
- ORLANDI, Miguel Antônio. **Obras sociais maristas e formação do *habitus* religioso**. 2007. 272 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- ORTIZ, Fernanda. Ros. **A Escola Normal de moças das elites: um estudo das práticas escolares, culturais e sociais do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1946 1961)**. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.
- PEIXOTO, Patrícia Rodrigues Luiz. **O educandário Nossa Senhora Aparecida–Ipameri-GO (1936-1969)**. 2013. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2013.
- PEREIRA, Heloísa Helena Daldin. **O *habitus* cajuruense: cultura escolar do curso Normal do Colégio Nossa Senhora de Lourdes na década de 1960**. 2014. 332f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tuití do Paraná, Curitiba, 2014.
- PETITAT André. **Produção da escola, produção da sociedade: análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente**. Tradução Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PIERUCCI, A. F. (1997), **Interesses religiosos dos sociólogos da religião**. In: Oro, A. & Steil, C. (org.). **Globalização e religião**. Petrópolis, Vozes, p. 249-62.
- PROENÇA, Augusto César. **Corumbá de todas as graças**. Campo Grande: 2003.
- QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Caminhos e fronteiras: vias de transporte no extremo oeste do Brasil. p. 99- 138. In: GOURLARTI FILHO, Alcides; QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó (Org.) **Transportes e formação regional: contribuições à história dos transportes no Brasil**. Dourados: Editora UFGD, 2011.

RAHE, Marta Banducci. **Inovações incorporadas ou “modernidade abandonadas”?** Uma investigação sobre os materiais didáticos para as aulas de Línguas vivas em dois ginásios de Campo Grande, Sul do Estado de Mato Grosso (1931-1961). Campo Grande, 2015. 199f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

RAMPI, Dorcelina de Fátima. **A formação de professoras da Escola Normal do Colégio Santa Inês:** a educação salesiana no Brasil inserida na pedagogia católica (1927-1937). 2007. 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

RANQUETAT JR, C. A. Laicidade, Laicismo E Secularização: Definindo E Esclarecendo Conceitos. **Revista Sociais e Humanas**, v. 1, n. 21, p. 67–75, 2008.

RENZO, Ana Maria Di. **A constituição do Estado Brasileiro e a imposição do Português como língua nacional:** uma história em Mato Grosso. 2005. 297f. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas: São Paulo, 2005.

ROCHA, Marcelo Pereira. **As instituições escolares no projeto de ocupação da fronteira do Brasil com o Paraguai:** território federal de Ponta Porã (1943 -1946). 2019. 253f. Tese (Doutorado em Educação) -Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

RODRÍGUEZ, Margarita Victoria; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. **História das políticas educacionais brasileiras do século XX:** a escola normal no sul do estado de mato grosso (1930- 1950). In: V Jornada da Educação, Sorocaba, SP: 2005. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 13 de março. 2021.

ROLON, Renata Beatriz B. **No fundo do mato virgem nasceu uma literatura:** história e análise de obras direcionadas para crianças e jovens em Mato Grosso. 2014. 288f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo 2014.

SCARAMUSSA, Tarciso. **O sistema preventivo de Dom Bosco:** roteiro de iniciação. Belo Horizonte: CESAP, 1993.

SETTON, Maria da Graça. A moda como prática cultural em Pierre Bourdieu. **Revista de Moda, Cultura e Arte**, São Paulo. v.1, n. 1 abr./ago. 2008. p. 119-141. Disponível em:http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaara/wpcontent/uploads/2015/01/05_IARA_Setton_versao-final.pdf>. Acesso em: maio de 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza e. Colégio Salesiano e Escola Estadual Santa Teresa em Corumbá: o convênio celebrado entre os salesianos e o Estado de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (1972-1987) .In: Congresso Brasileiro de História da Educação: Circuitos e fronteiras da História da Educação no Brasil, 7, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá,20-23 maio 2013. **Anais...**, Cuiabá: SBHE, UFMT, 2013.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza e. **História das práticas pedagógicas e cultura escolar do Colégio Salesiano de Santa Teresa**, Corumbá-MS (1972-1987). 2009. 179 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2009.

SOUZA, Ney de. Ação Católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, v. 14, n.55, abr/ jun, p. 39-59, 2006. Disponível em:

oemmnndcblldboiebfnladdacbdadm/https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15033/11226. Acesso em: dezembro de 2019.

SOUZA, Rosa de Fátima. A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920–1960). **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, p.72-90, Jan/Jun, 2009. Disponível em: . Acesso em: 10 set. 2012

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)**. São Paulo: Cortez, 2008.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Edward Palmer. La sociedad inglesa del siglo xviii: ¿Lucha de clases sin clases?. In: THOMPSON, Edward Palmer. **Tradición, revuelta y consciencia de clase: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

TOLENTINO, T. L. **Ocupação do sul de Mato Grosso antes e depois da Guerra da Tríplice Aliança**. São Paulo: Fundação Escola da Sociologia e Política de São Paulo, 1986.

UZUN, Júlia Rany Campos. Educar meninas para tirá-las dos perigos do mundo: o projeto religioso das Filhas de Maria Auxiliadora para a Primeira República brasileira (1892-1934). 2020. 200 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP.

VALENTE, Gabriela Abuhab. Laicidade, Ensino Religioso e religiosidade na escola pública brasileira: questionamentos e reflexões. **Proposições**, [s.l.], v. 29, n. 1, p. 107-127, abr. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0108>>. Acesso em: 17 de jul. 2020.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da Educação**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

VILLA-LOBOS, Heitor. Canto orfeônico. São Paulo/ Rio de Janeiro: Irmãos Vitale, 1951. v. 2.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

WACQUANT, L. J. D. Poder simbólico e fabricação de grupos: como Bourdieu reformula a questão das classes. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 96. p. 87-103, 2013.

WIRTH, Morand. **Dom Bosco e os Salesianos: cento e cinquenta anos de história**. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1971.

XAVIER, Maria do Carmo. A educação no debate do desenvolvimento: as décadas de 1950 e 1960. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições Ltda., 2012.p. 205-232.

DOCUMENTOS PÚBLICOS (Leis, Decretos, Regulamentos)

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Portaria Ministerial n. 478, de 24 de junho de 1954**. Dispõe sobre o registro dos licenciados por Faculdades de Filosofia para exercício do magistério no curso secundário. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP. Rio de Janeiro, v. XXII, n. 55, p. 192-194, jul./set. 1954.

BRASIL. **Decreto nº 1.665, de 24 de Maio de 1937.** Concede auxílios relativos ao exercício de 1937 a várias instituições nos Estados de S. Paulo, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-1665-24-maio-1937-459873-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 1.686, de 31 de Maio de 1937.** Concede auxílios relativos ao exercício de 1937 a diversas instituições no Distrito Federal e nos Estados de S. Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-1686-31-maio-1937-459895-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 11.456, de 3 de Fevereiro de 1943.** Autoriza que o Ginásio Municipal Dom Bosco, com sede em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, funcione como colégio. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-11456-3-fevereiro-1943-463775-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 11.470, de 3 de Fevereiro de 1943.** Autoriza que o Ginásio Feminino Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, funcione como colégio. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1943. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-11470-3-fevereiro-1943-463805-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 172, de 24 de Dezembro de 1934.** Concede auxílios no 2º semestre de 1934 a instituições nos Estados do, Maranhão, Ceará, Pernambuco, Sergipe, Rio de Janeiro, Distrito Federal, S. Paulo, Paraná Santa Catarina Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goyaz e Matto Grosso.. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-172-24-dezembro-1934-502935-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 19.444 de 01 de dezembro de 1930.** Dispõe sobre os serviços que ficam a cargo do Ministério da Educação e Saúde Pública, e dá outras providências. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1930. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19444-1-dezembro-1930-506386-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 09 março de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18/04/1931.** Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/>>. Acesso em: fevereiro de 2018.

BRASIL. **Decreto nº 2.186, de 20 de Dezembro de 1937.** Concede auxílios relativos ao exercício de 1937a diversas instituições nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Pernanbuco, Alagoas, Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-2186-20-dezembro-1937-346535-norma-pe.html> Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 2.628, de 4 de Maio de 1938.** Concede inspeção permanente ao Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, com sede em Campo Grande, Mato Grosso. Câmara dos

Deputados, Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-2628-4-maio-1938-346029-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 21.242, de 4 de Abril de 1932.** Suprime um cargo de administrador geral na Inspetoria dos Serviços de Profilaxia, a cargo do Departamento Nacional de Saúde Pública, e transforma dois de administrador de desinfectório. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1932. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21242-4-abril-1932-498493-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 23.697, de 2 de Janeiro de 1934.** Confere inspeção permanente ao Ginásio Municipal de Campo Grande, Estado de Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23697-2-janeiro-1934-508401-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 289, de 12 de Agosto de 1935.** Concede auxílios relativos ao exercício de 1935 a várias instituições nos Estados do Amazonas, Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Minas Geraes, Goyas e Matto Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1935. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-289-12-agosto-1935-513106-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 3.123, de 4 de Outubro de 1938.** Concede auxílios a instituições nos Estados de Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás, e no Distrito Federal, no corrente exercício. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-3123-4-outubro-1938-348953-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 3.743, de 14 de Fevereiro de 1939.** Concede inspeção permanente ao Colégio Salesiano Santa Tereza, em Corumbá, Estado de Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-3743-14-fevereiro-1939-347934-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4.307, de 27 de Junho de 1939.** Concede auxílios a instituições nos Estados de Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás, para o exercício de 1938. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-4307-27-junho-1939-347738-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4.850, de 7 de Novembro de 1939.** Concede auxílios a instituições nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Goiás, no corrente ano. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1939. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-4850-7-novembro-1939-362377-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto nº 554, de 30 de dezembro de 1935.** Concede auxílios relativos aos 1º e 2º semestres de 1935 a várias instituições nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Geraes e Matto Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1935. Disponível em:

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-554-30-dezembro-1935-520814-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto nº 84, de 8 de Outubro de 1934. Concede auxílios no 1º semestre de 1934 a instituições nos Estados de Alagoas, Bahia, Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Gerais e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1934. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-84-8-outubro-1934-513031-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto nº 848, de 25 de Maio de 1936. Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a várias instituições nos Estados do Maranhão, Pernambuco, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1936. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-848-25-maio-1936-472595-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto nº 944, de 6 de Julho de 1936. Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a varias instituições nos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, São Paulo e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1936. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-944-6-julho-1936-450594-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto nº 954, de 7 de Julho de 1936. Concede auxílios relativos ao exercício de 1936 a varias instituições nos Estados de São Paulo, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1936. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-954-7-julho-1936-395182-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 2.334, de 22 de Junho de 1940. Abre, pelo Ministério da Educação e Saúde, o crédito especial de réis 18.258:000\$0 para pagamento de subvenções de 1940. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2334-22-junho-1940-412252-norma-pe.html>. Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 09 de abril de 1942. Lei Orgânica do ensino secundário. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/>. Acesso em: abril de 2011.

BRASIL. Decreto-lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de imigrantes estrangeiros no território nacional. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 20 de maio de 2021.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 527, de 1º de Julho de 1938. Regula a cooperação financeira da União com as entidades privadas, por intermédio do Ministério da Educação e Saúde. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1938. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-527-1-julho-1938-358395-norma-pe.html> Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.777, de 22 de janeiro de 1946.** Dispõe sobre o registro definitivo de professores de ensino secundário no Ministério da Educação e Saúde. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8777-22-janeiro-1946-416416-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em: 03 março de 2021.

BRASIL. Governo Provisório da Republica dos Estados Unidos do Brasil. **Decreto n. 119-A**, de 7 de janeiro de 1890. Prohibe a intervenção da autoridade federal e dos Estados federados em materia religiosa, consagra a plena liberdade de cultos, extingue o padroado e estabelece outras providencias. Coleção de Leis do Brasil, v. 1, p. 10, 1890. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-119-a-7-janeiro-1890-497484-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 13 de jan. de 2016.

BRASIL. **Lei nº 2342 de 25 de novembro de 1954.** Dispõe sobre a cooperação financeira da União em favor do ensino de grau médio. Câmara dos Deputados, Rio de Janeiro, 1954. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-2342-25-novembro-1954-361710-publicacaooriginal-1-pl.html> Acesso em: 9 de maio de 2021.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961: Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 1961. Disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=75529.htm>>. Acesso em: 25 jan. 2010.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Diretoria de Ensino Secundário. Seção de Prédios e Aparelhamento Escolar. **Relação dos estabelecimentos de ensino secundário - endereços e entidades mantenedoras.** Rio de Janeiro: 1960.

CAMPO GRANDE. **Resolução n. 116, de 05 de julho de 1917.** Determina a subvenção anual ao Instituto Pestalozzi e fixa as diretrizes para o seu funcionamento. Câmara Municipal, Campo Grande, 1917. Disponível em: < <http://www.camara.ms.gov.br/?secao=legislacoes>>. Acesso em: 05 de novembro de 2020.

CORUMBÁ. **Lei Ordinária nº 321 de 28 de novembro de 1961.** Concede auxílio de Cr\$ 250.000,00 a União dos ex-alunos de Dom Bosco, para a construção da escola profissional Alexandre Castro. Câmara Municipal, Corumbá, 1961. Disponível em: http://leis.camaracorumba.ms.gov.br/lei/1871?type_view=consolidada Acesso em: fevereiro de 2021.

MANIFESTO dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional no Brasil; a povo e ao Governo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932.

MATO GROSSO. **Lei nº443 de 30 de outubro de 1951.** Concede a subvenção anual de Cr\$36000,00, a Escola Normal e Ginásio Imaculada Conceição de Corumbá. Assembléia Legislativa do Estado de Matto-Grosso, Cuiabá, 1951.

MATO GROSSO. **Lei nº 1254 de 9 de setembro de 1959.** Declara utilidade pública estadual, à “União de Ex-alunas Madre Linda Lucotti” do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da cidade de Campo Grande. Assembléia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 1959. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-1254-1959.pdf> Acesso em: 25 de abril de 2021.

MATO GROSSO. **Lei nº 2488 de 20 de setembro de 1965.** Concede subvenção anual de Cr\$ 300.000 à Inspetoria de Ex-alunas Filhas de Maria Auxiliadora, em Campo Grande. Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 1965. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-2488-1965.pdf> Acesso em: 20 de abril de 2021.

MATO-GROSSO. **Lei nº 902 de 31 de outubro de 1956.** Concede uma subvenção de Cr\$ 24000,00 (vinte e quatro mil cruzeiros) ao Museu Regional “Dom Bosco”, de Campo Grande. Assembleia Legislativa do Estado de Mato-Grosso, Cuiabá, 1956. Disponível em: www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-902-1956.pdf Acesso em: 20 de abril de 2021.

MATTO GROSSO. **Lei nº 1058, de 9 de junho de 1930.** Concede à congregação das irmãs salesianas “Filhas de Maria Auxiliadora”, deste Estado um auxílio de vinte contos de reis para a construção de um prédio destinado ao Collegio de Mininas, na cidade de em Campo Grande, e dá outras providencias. Assembleia Legislativa, Cuiabá, 1930. Disponível no Instituto Memória Assembleia Legislativa. Acesso em: 15 de abril de 2021.

MATTO GROSSO. **Lei nº 950 de 30 de junho de 1926.** Autoriza o Poder Executivo a auxiliar a construção do prédio destinado ao Instituto Pestalozzi, de Campo Grande; Assembleia Legislativa do Estado de Matto Grosso, Cuiabá, 1926c. Disponível em: <https://www.al.mt.gov.br/storage/webdisco/leis/lei-950-1926.pdf> Acesso em: 15 de abril de 2021.

MATTO GROSSO. **Lei nº 956, de 12 de julho de 1926.** Concede à congregação das irmãs salesianas um auxílio de 10:000\$ para a construção de um prédio em Campo Grande. Assembleia Legislativa, Cuiabá, 1926a. Disponível no Instituto Memória Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso. Acesso em: 15 de abril de 2021.

MATTO GROSSO. **Resolução nº 953 de 03/06/1926.** Concede isenção do imposto de transmissão ao Gymnasio Pestalozzi. Assembleia Legislativa, Cuiabá, 1926b. Disponível no Instituto Memória Assembleia Legislativa. Acesso em: 15 de abril de 2021.

ENTREVISTAS E OBRAS MEMORIALÍSTICAS

ADRI, PIERRE. Entrevista em 24 de abril, 2016. In: ANDRADE, Heloise Vargas. **Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961).** Campo Grande, 2017. 280f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017, p. 241-250.

ADRI, Pierre. **O meu Colégio Dom Bosco.** Campo Grande, MS: [s.n], 2006.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Homenagens e mosaicos,** São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1988.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Notas e Mensagens,** São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1981.

BÁEZ, Renato. **Corumbá: Textos e Idéias,** São Paulo: Resenha Tributária Ltda, 1982.

BÁEZ, Renato. **Cenas de Minha Terra.** Tipografias e Livrarias Brasil S.A, Bauru, São Paulo: 1965.

BÁEZ, Renato. **O Profeta do Pantanal**. Comissão dos Ex-alunos Salesianos de Corumbá. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1988.

BARBOSA, José Corrêa. Entrevista em 24 de abril, 2016. In: ANDRADE, Heloíse Vargas. **Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961)**. Campo Grande, 2017. 280f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017. p.250-280.

BARROS, Abílio Leite de. Entrevista em 25 de maio, 2016. In: ANDRADE, Heloíse Vargas. **Ensino secundário e agentes intelectuais no sul de Mato Grosso (1931-1961)**. Campo Grande, 2017. 280f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2017, p.192 -238.

BARROS, Abílio Leite. **História de muito antes**. Campo Grande: Editora Uniderp, 2004.

CASTRO, Alceste de. **Corumbá de antigamente**. Corumbá, MT: Gráfica São Domingos, 1981.

MORAES, Maria do Socorro Matos de. Entrevista em 22 de maio, 2017. In: GUINDO, Luciani Coelho. **Elementos da História do ensino de Matemática no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora entre 1930 a 1970 no sul do Mato Grosso**. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Instituto de Matemática, Campo Grande, 2018, p. 142- 151.

PENTEADO, Yara. **Auxiliadora: 70 anos**. Campo Grande: Ruy Barbosa, 1996.

PEREIRA, Landes. **Relembranças do Cotidiano Político**. Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

SÁ ROSA, Maria da Glória. **Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1990.

SHNEIDER, José Luciano. **O último cruzado: biografia**. Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1977.

DOCUMENTOS SALESIANOS

BOSCO, São João. **Memórias do Oratório de São Francisco de Sales: 1815-1855**. São Paulo: Editora Salesiana, 2012.

BOSCO, São João. **Pequeno Tratado Sobre o Sistema Preventivo**. Carta de 1º de Maio de 1884.

CAVIGLIA, Alberto. **A pedagogia de Dom Bosco: o sobrenatural na educação**. Roma: Editora Laziale, 1934.

COGO, Jacy. O jeito salesiano de educar: reflexões para colaboradores leigos. [s.l.]: [s.n.], [19--]. [6] p.

CONSTITUIÇÕES SALESIANAS. Constituições e regulamentos da Sociedade São Francisco de Sales, 1984.

LEMOYNE, Giovanni Battista. **Memórias Biográficas do Venerável Servo de Deus João Bosco**. Torino: Scuola Tipografica e Libreria Salesiana, 1903. v. III.

MARTINUZ, Ervino. **Atendendo pedido do P. Carrara** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida pelo Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa em 13 nov. 2003.

OLIVEIRA, Helvécio Gomes de. **Missões salesianas em Matto Grosso 1894-1908**. Helvécio de Oliveira. [s.l.]: [s.n.], 1908. 171 p. 1 ex.

REGULAMENTO da Companhia de Imaculada para alunos estudantes da Congregação Salesiana. São Paulo: Instituto Teológico Pio XI, 1942. 25p.

REGULAMENTO da Companhia de São Luiz de Gonzaga para alunos estudantes da Congregação Salesiana. São Paulo: Instituto Teológico Pio XI, 1947.

REGULAMENTO da companhia de São Luiz Gonzaga. para os alunos estudantes da congregação salesiana. 2 ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1952.

REGULAMENTO da companhia de São Luiz Gonzaga. para os alunos estudantes da congregação salesiana. 2 ed. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1952.

JORNAIS E PERIÓDICOS

A CRUZ. **D. Bosco**: o conquistador de almas. Ano XXI, n. 934, 1930. Cuiabá. Matto Grosso, 1930. p.2 Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765880&pesq=&pagfis=3807>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

A CRUZ. **Gymnásio Municipal**. Ano XXI, n. 925, 1930. Cuiabá. Matto Grosso, 1930. p. 3 Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=765880&pesq=&pagfis=3771>. Acesso em: 06 de janeiro de 2019.

ECO DIOCESANO, **Arrecadação de Ofertas**. Diocese de Corumbá, Mato Grosso, ano 2 n. 12-13, jun-jul. 1949. 1949. Disponível no Centro Salesiano de Documentação e pesquisa.

ECO DIOCESANO, **Ofertas para a emissora do Papa**. Ano 1, maio. 1949. Corumbá, Mato Grosso, 1949. Disponível no Centro Salesiano de Documentação e pesquisa.

ECO DIOCESANO. **Ação Católica em Corumbá**. Ano 1, jan. 1949. Corumbá, Mato Grosso, 1949. Disponível no Centro Salesiano de Documentação e pesquisa.

ECO DIOCESANO. **Quem quer vir de graça ao Rio? Quem quer ir de graça a Roma?** Diocese de Corumbá, Mato Grosso, ano 2, n. 12-13, junho e junho de 1949, p.5. Disponível no Centro Salesiano de Documentação e pesquisa.

ECOS JUVENIS. **“Laura de Vicuña”**. Orgão das Alunas dos Colégios das F.M. Auxiliadora da Inspetoria de Mato Grosso. jan.jul, 1947. Campo Grande, Mato Grosso, 1947. p.25.

ECOS JUVENIS. **O Meu Colégio**: Alice Kanshiro – 1º Básico (Trabalho feito em classe). Orgão das Alunas dos Colégios das F.M. Auxiliadora da Inspetoria de Mato Grosso. jan.jul, 1947. Campo Grande, Mato Grosso, 1947. p.20.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Exames de suficiência**. Campo Grande, Mato Grosso, ano 28, n. 5319, 1949, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=10.000,00&pagfis=4970>
 Acesso em: 17 de maio de 2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. **O colégio Dom Bosco ofereceu um almoço aos seus alunos, à imprensa e pessoas amigas**. Campo Grande, Mato Grosso, Ano 23, n. 3994, 23 de agosto de 1944. Disponível no Arquivo Histórico de Campo Grande.

JORNAL DO COMÉRCIO. **O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora é um educandário modelar**. Campo Grande, Mato Grosso, ano 19, n. 2644, 1940, p. 2. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=10.000,00&pagfis=4688>
 Acesso em: 17 de maio de 2021.

JORNAL DO COMÉRCIO. **Procissão Luminosa**. Campo Grande, Mato Grosso, Ano 26, n. 3791, 25 de setembro de 1944. Disponível no Arquivo Histórico de Campo Grande.

JORNAL DO COMMERCIO. **Câmara Municipal**: Acta da sessão de 16 de julho de 1927. Campo Grande, Matto-Grosso, Anno 7, n. 280, p.1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=10.000,00&pagfis=339>
 Acesso: 6 de julho de 2021.

JORNAL DO COMMERCIO. **Collegio Nossa Senhora Auxiliadora**. Campo Grande, Matto-Grosso, Anno 7, n. 440, p.4. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=800597&pesq=10.000,00&pagfis=542>
 Acesso: 6 de julho de 2021.

O ESTADO DE MATO GROSSO. **Atenção**. Ano XVII, n. 2699. Cuiabá, Mato Grosso, 1955. p. 1. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098086&pesq=IMACULADA&pagfis=11766>
 Acesso em: 25 de maio de 2021.

O ESTADO DE MATO GROSSO. **Juizo de Direito da Comarca da Capital**. Ano VII, n. 1470. Cuiabá, Mato Grosso, 1946. p. 4. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098086&pesq=IMACULADA&pagfis=6910>
 Acesso em: 25 de maio de 2021.

O ESTADO DE MATO GROSSO. **Juizo de Direito da Primeira Vara**. Ano XVII, n. 2252, Cuiabá, Mato Grosso, 1956. p. 4.
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098086&pesq=IMACULADA&pagfis=12118>
 Disponível em: Acesso em: 31 de maio de 2021.

O ESTADO DE MATO GROSSO. **Juizo de Direito da Primeira Vara**: Cartório do Sexto Ofício. Ano XIX, n. 3191. Cuiabá, Mato Grosso, 1958, p. 3.

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098086&pesq=IMACULADA&pagfis=13072>. Disponível em: Acesso em: 31 de maio de 2021.

O ESTADO DE MATO GROSSO. **Última semana no Rio**. Ano 111, n. 722. Cuiabá, Mato Grosso, 1942. p. 1. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=098086&pesq=IMACULADA&pagfis=3216> Acesso em: 25 de maio de 2021.

O GINÁSIO. **A capela do Ginásio**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano IV, n. 26, nov-dez, 1940. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1940. s.p.

O Ginásio. **Alegria! Nos Recreios, alegria!** Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano II, n. 12, Mai-Jun 1938. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1938.

O GINÁSIO. **Descrição do Ginásio**: o prédio do ginásio. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano I, n. 6, jul-ago., 1937. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1937.

O GINÁSIO. **Enxoval para os internos**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano I, n. 3, dezembro, 1936. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1936. s.p.

O GINÁSIO. **Festa escolar do Ginásio Dom Bosco**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano III, n. 20, nov-dez, 1939. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1939. s.p.

O GINÁSIO. **Festa escolar do Ginásio Dom Bosco**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano III, n. 20, nov-dez, 1939. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1939. s.p.

O GINÁSIO. **Homenagem ao presidente Getúlio Vargas**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano V, n. 27, abril, 1941. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1941. s.p.

O GINÁSIO. **Salão de Barbearia e Gabinete Dentário do Ginásio Municipal Dom Bosco**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano VI, n. 32, nov-dez, 1941. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1941. s.p.

O GINÁSIO. **Uma parte do salão dormitório**. Órgão dos alunos do Ginásio Municipal D. Bosco, ano I, n. 4, abril, 1937. Tipografia Trouy, Campo Grande, Mato Grosso, 1937. s.p.

REVISTA LEITURAS CATÓLICAS. **A Múmia de Tibiriçá**: comédia em 3 atos, à imitação da comédia italiana “BRITÂNICO”. Ano LXVIII, n. 808, nov., 1957. Escola Industrial Dom Bosco, Niterói, 1957.

TRIBUNA. **Liga das senhoras catholicas**: convite. Ano XVIII, n. 6530, 1929. Corumbá, Mato Grosso, 1929. p. 1. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=765546&Pesq=%22senhoras%20cat%c3%b3licas%22&pagfis=523>. Acesso em: 12 de abril de 2021.

DOCUMENTOS ESCOLARES

Colégio Dom Bosco

ACTA de exame de admissão, 27 mar. 1926. Campo Grande, MT, Exames do curso de admissão, Gymnasio Pestalozzi, 1926 a 1947

Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

ATA da fundação do Grêmio Littero-Dramático “Auxilium” Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1935-1957. Livro nº 5. Campo Grande, MT, 1957.

RELATÓRIO Ginasio Feminino “N. S. Auxiliadora”, 1949. Campo Grande, MT, Correspondência Exp. Ginásio 1950.

CNSA HISTÓRICO. **Livro de fatos importantes e Crônicas (1926-1959)**. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, MT. s.d.

OFÍCIO Nº 497, **Livro de Correspondências 1940-1950**. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, 1950,

Ginásio Santa Teresa

CRÔNICA do Ginásio Santa Teresa, 1936. Corumbá, MT. **Livro de Crônicas**, 1941.

CRÔNICA do Ginásio Santa Teresa, 1938. Corumbá, MT. **Livro de Crônicas**, 1941.

INSPETORIA Santo Afonso Maria de Ligório. Carta Inspetorial, Bonfim, abril, 1940. In: **Circulares Inspetoria Salesiana**, Colégio Salesiano Santa Teresa. Corumbá, MT, 1960.

INSPETORIA Santo Afonso Maria de Ligório. Carta Circular n. 8, dezembro, 1941. In: **Circulares Inspetoria Salesiana**, Colégio Salesiano Santa Teresa. Corumbá, MT, 1960.

CADERNO MEMORIAL do Diretor. **Lembrete**. Inspetoria S. Afonso de Mato Grosso & Goiaz. Corumbá. Brasil, 1943.

REGIMENTO Interno do Colégio Santa Teresa, 1940. Corumbá, Mato Grosso, 1938.

REGULAMENTO interno do Collegio Santa Tereza em Corumbá, Matto-Grosso, 1932.

RELATÓRIO de Inspeção do Ginasio “Santa Tereza”, 1936. In. Relatórios do Curso Ginásial, Corumbá, Mato Grosso, 1938.

RELATÓRIO de Inspeção do Ginasio “Santa Tereza”, 1937. In. Relatórios do Curso Ginásial, Corumbá, Mato Grosso, 1938.

RELATÓRIO de Inspeção Ginasio “Santa Tereza”, 1938. In. Relatórios do Curso Ginásial, Corumbá, Mato Grosso, 1938.

CRÔNICAS DE FUNDAÇÃO. Carta Pe. Ângelo Cavatarta, Ano da Fundação, 1899. Resumo Histórico (1899-1925). Collegio Santa Tereza em Corumbá, Matto-Grosso, 1925.

Ginásio Imaculada Conceição

REGIMENTO interno ou regulamento do Colégio Imaculada Conceição, 1943. Corumbá, MT, Estatuto ou regimento interno, 1943.

REGIMENTO interno ou regulamento do Colégio Imaculada Conceição, 1949. Corumbá, MT, Estatuto ou regimento interno, 1949.

CRÔNICA do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1940. Corumbá, MT.

CRÔNICA do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1941. Corumbá, MT.

REGULAMENTO interno ou regimento do Colégio Imaculada Conceição, 1940. Corumbá, MT, Estatuto ou regimento interno, 1940.

RELATÓRIO do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1937-1939. Corumbá, MT, Relatório do Curso Ginásial, 1939.

RELATÓRIO do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1940. Corumbá, MT, Relatório do Curso Ginásial 1940.

RELATÓRIO do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1941. Corumbá, MT, Relatório do Curso Ginásial 1941.

RELATÓRIO do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1942. Corumbá, MT, Relatório do Curso Ginásial 1942.

GENIC HISTÓRICO, Livro de histórico e anotações sobre o Colégio Imaculada Conceição. Corumbá, MT, [s.d].

Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

ATA da fundação do Grêmio Lítero-Dramático “Auxilium” Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1935-1957. Livro nº 5. Campo Grande, MT, 1957.

CIRCULAR N.1. **Divisão de Educação Extra Escolar.** Departamento Nacional de Educação, 1947. Rio de Janeiro, novembro, 1947. Correspondência Recebidas, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Campo Grande, 1950.

CNSA HISTÓRICO. **Livro de fatos importantes e Crônicas (1926-1959).** Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, MT. S.d.

LIVRO de Matrículas do internato. **Relação de matrículas curso secundário.** Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, 1947. Livro de matrículas internato (1954-1955). Campo Grande, Mato Grosso.

OFÍCIO N. 209. **Conservatório Nacional de Canto Orfeônico:** Esclarecimento sobre a portaria 594. Ministério da Educação e Saúde. Diretoria do Ensino secundário. Rio de Janeiro, novembro, 1949. Correspondência Recebida, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Campo Grande, 1950.

OFÍCIO N. 497. **Resposta ao diretor do INEP:** Informações sobre o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Jan. 1950. Campo Grande, MT, Correspondência Exp. Ginásio, 1950.

OFÍCIO N. 559. **Processo 243/1953:** Autorização de funcionamento do curso ginásial noturno, 1954. Livro de Correspondências 1940-1950. Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, 1954.

OFÍCIO N. 6. **Comunicação:** fiscal José Barbosa Rodrigues. Fev. 1950. Campo Grande, MT, Correspondência Exp. Ginásio, 1950.

PONTOS DE PROVA. **Pontos para segunda prova parcial:** Canto Orfeônico. 1947. Relatório Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”, Campo Grande, Mato Grosso, 1947.

RELATÓRIO DE INSPEÇÃO do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. **Atestado:** Maria Aparecida de Oliveira Barros, 1949. Ginásio Feminino Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, 1949.

RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora” 1949. Campo Grande, MT, Correspondência Exp. Ginásio, 1950.

RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”, **Atestado de Inspeção e autorização de funcionamento do segundo ciclo**, 1943. Ginásio Feminino Nossa Senhora Auxiliadora. Campo Grande, Mato Grosso, 1943.

RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”, **Quadro geral de matrículas:** curso secundário, 1947. Campo Grande, Mato Grosso, 1947.

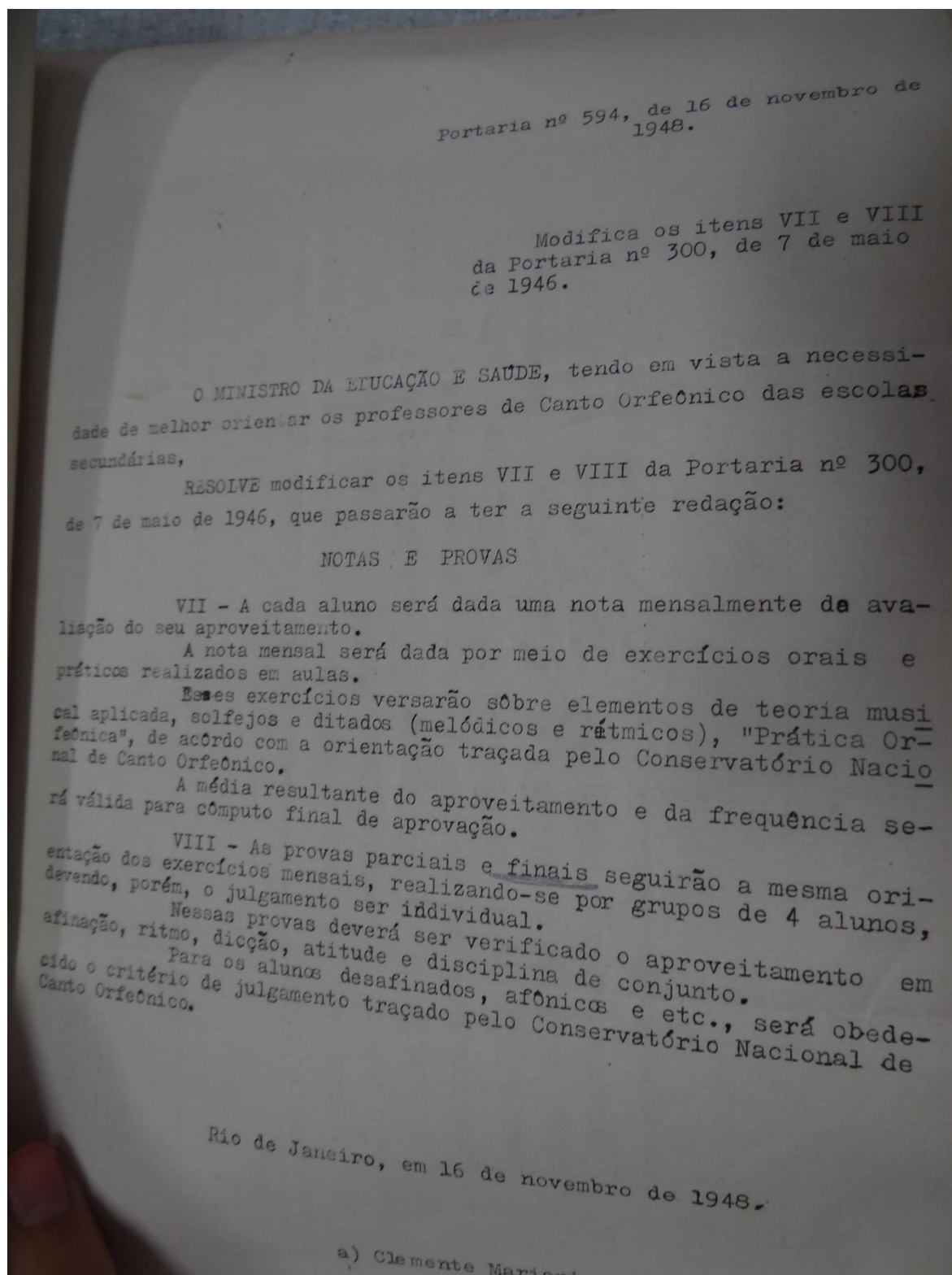
RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”, **Quadro geral de matrículas:** curso secundário, 1948. Campo Grande, Mato Grosso, 1948.

RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”, **Quadro geral de matrículas:** curso secundário, 1948. Campo Grande, Mato Grosso, 1950.

RELATÓRIO Ginásio Feminino “N. S. Auxiliadora”. **Resultado Maratona Caquetica Feminina**, 1949. Campo Grande, Mato Grosso, 1949.

ANEXOS

ANEXO A – Portaria nº 594, de 16 de novembro de 1948. Correspondência Recebidas, Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, Campo Grande, 1950.



ANEXO B – Músicas: Padre José Valentim. Hino do Colégio Dom Bosco e da Aula de Catecismo. Centro Salesiano de Documentação e Pesquisa (CSPD).

5718.41 V155(PA)
V155hc

Hino do Catecismo P. J. Valentim

1 { entre cantos de galateu - ni e Da arien - cia na
2 { festa grande e ce - leste dou - trina Da da mundo por
3 { Nada existe que os homem con - fite como a fé, a espe -
Vamos pois reco - ther to - de a - roma Da doutri - na - mo -

1 { rosea manha Vamos vamos com doce ale - gria a - prender a dou -
2 { Cristo Jesus Censi - na - da na Igreja divina E o qui - a que
3 { sanca, amor! Nas desgra - ças no fronte e na morte so - ffe - sus no in -
tal de Je - sus Que partiu - do dos cimos de Roma tricheg mundo de

1 { tri - na crista - - duy Luz ao ci - os con duy Luz ao ci - os con -
2 { fide de va - - ter - - duy de en - canto e de duy de en - canto e de
3 { cantos de - - duy de en - canto e de duy de en - canto e de

1 { duy .
2 { 3 - la o ho - mem frustado e - le - va
3 { duy .
2 { Deo - ce - a - - no da vi - da no a - bismo

1 { O mais al - to man - san - to i - de - al E fa - nel - no caminho da te - va
2 { Não re - ce - io jamais não fragar se espreci - tos do meu cate - cismo

1 { E a - me - dio na dor e no mal E re - me - dio na dor e no mal.
2 { Ou bem firme cumprir e guardar Ou bem firme cumprir e guardar.

mel. A. Rodrigues.

entre cantos de galateu - ni e Da arien - cia na rosea manha Vamos vamos com
doce alegria Aprender a doutri na crista Vamos vamos com doce alegria Aprender a doutri na crista

Letra de A. Rodrigues.

Hino do Colégio Dom Bosco

Letra D. AQUINO CORRÊA
da Academia Brasileira

Música do P^{te} J. L. VALENTIM - S.D.B.

Andante con moto

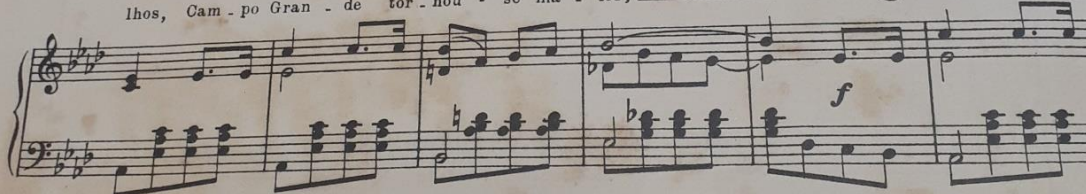


ESTRIB.

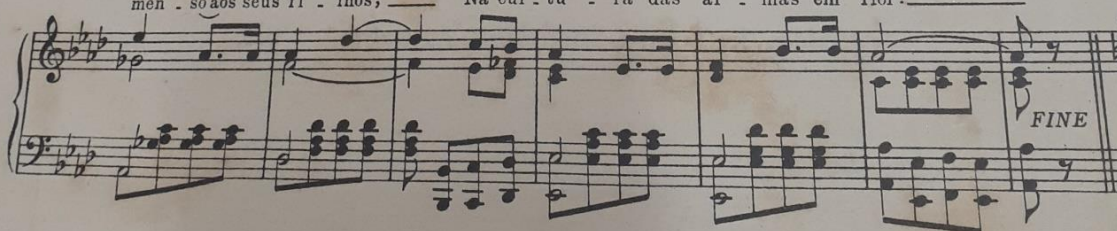
O Co - lê - gio Dom Bos - co, aos teus bri -



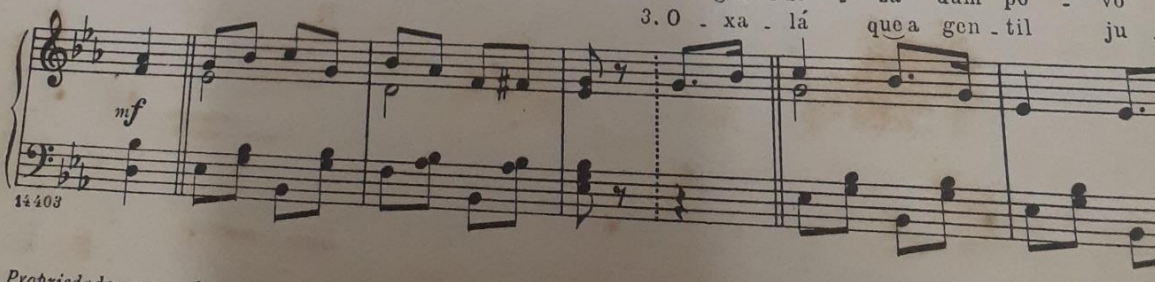
lhos, Cam - po Gran - de tor - nou - se ma - ior, ————— Pois sea - briu cam - poi -



men - so aos seus fi - lhos, ————— Na cul - tu - ra das al - mas em flôr! —————



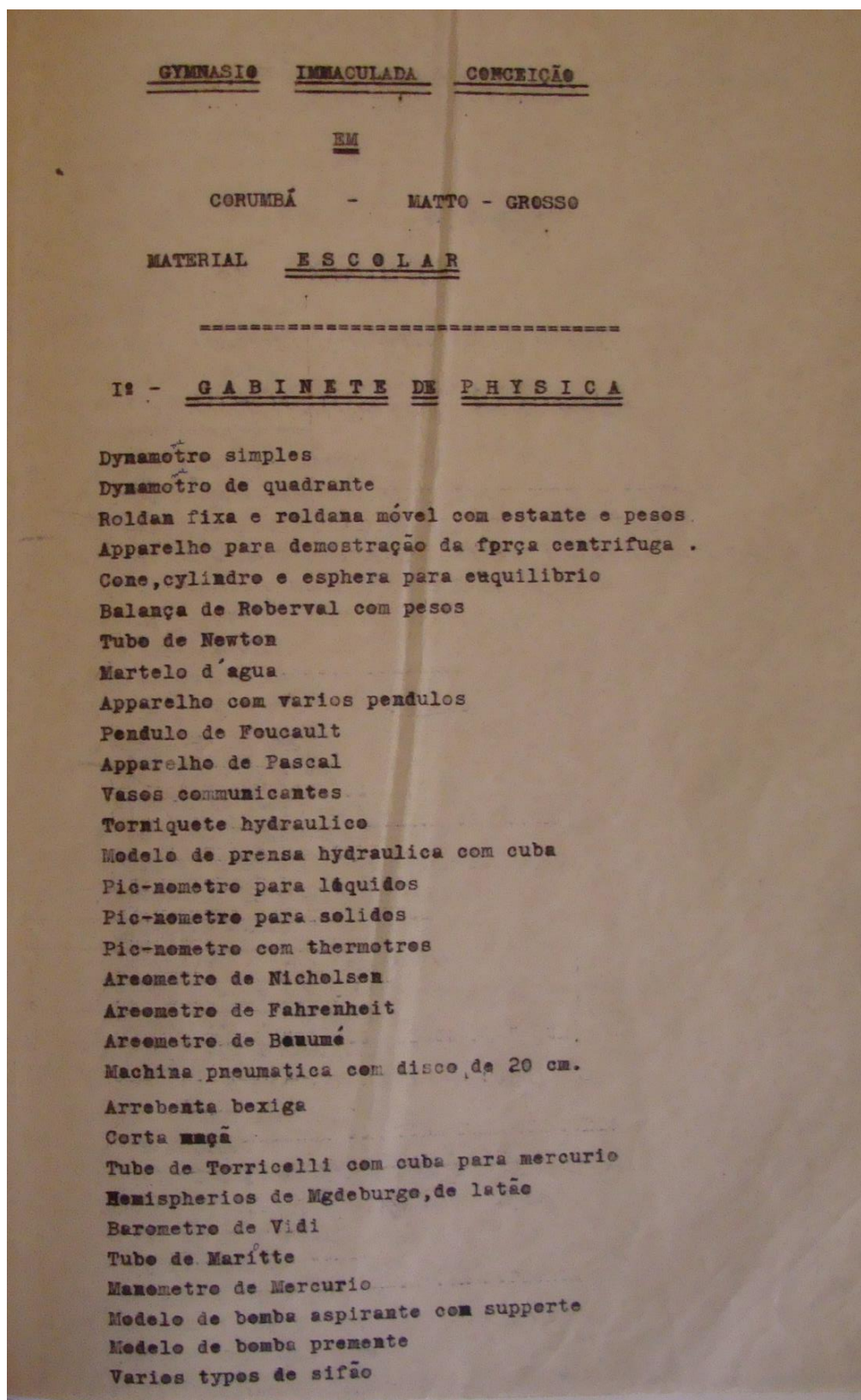
1 A gran - de - za dum po - vo
3. O - xa - lá que a gen - til ju -



14403

Propriedade reservada

Anexo C – Relação de Material Escolar para Gabinetes e Laboratórios - Ginásio Imaculada Conceição (Corumbá) – 1937. RELATÓRIO do Gymnasio “Immaculada Conceição”, 1937-1940. Corumbá, MT, Relatório do Curso Ginásial, 1937.



Material escolar - Nº 2

Pyrometro de quadrante
 Anel de Gravesande
 Appareilho de Tyndall com estante, chapa de parafina e forma.
 Campainha no interior de uma esphera de vidro eca.
 Sereia acustica.
 Sonometro de 4 cordas
 Jogo de espelhos: plano, concavo e convexo, 10cm.
 Banco optico, com 10 accessorios (1 Metro)
 Disco de Newton
 Pendulo electrico
 Bastão de Flinghas
 Bastão de ebenite
 Bastão de enxofre
 Alcosmetro de Gay-Kussac
 Conductor evoide
 Electroscope com folhas de ouro
 Machina electrostatica- disco 20 cm.
 Excitador com cabo
 Garrafa de Leyde desmontavel
 Pilha de Volta
 Pilha de Daniel
 Pilha de Bunsen
 Pilha de Leclanche
 Pilha de Grenet
 Galvanometro vertical
 Electro-iman de 15 cm.
 Bobina de Ruhmkorff
 Tube de Geissler, um type
 Meter electrico de laboratorio
 Receptor Radio-Telephonico galena
 Telephone de demonstração

=====

GABINETE DE CHIMICA

Um frasco de Woulff bitubulado
 Um balão fundo, redondo, de 500 cm³ Jena
 Um matraz fundo, chato, de 500 "
 Um matraz conico de " "
 Um balão colle longo, graduado, de 500 cm³
 Meie Kg. tubes de vidro, 8 e 6 mm.
 Um tube em U, 15 cm.
 Um funil de 100 cm³.
 Um funil de 250 "
 Um jogo de relhas de berracha, diversos tamanhos

Material escolar - 3

Um jogo de relhas de cortiça setidas, 100 gr.
 Um chytallizador de 250 cc.
 Uma campanula com botão - 21 x 15
 Uma proveta graduada com pé - 125 cc.
 Uma capsula de porcelana arredada - 75 mm.
 Um cadinho de porcelana - 25 cm.
 Um cálice graduado - 250 cc.
 50 tubos de ensaio, -140/14 mm.
 1 Almejaris de vidro com pilão - 250.
 4 pinças de madeira para tubos.
 Um a retorta com tubulura, vidro Pirex.
 Um jogo de latão para furar relhas.
 Um suporte Universal com haste de aço, pinças, garras e anéis.
 Um tripé de ferro ~~XXXX~~
 Tres telas de amianto e arame
 Um suporte de madeira para 12 tubos c/u
 2 lampadas de alcool 30 e 60 c.
 12 agitadores de vidro
 1 lima triangular
 1 lima cylindrica.

REAGENTES E REATIVOS

500 gr. de acido clorídrico puro
 " " " " sulfurico "
 " " " " nítrico "
 " " " " acético "
 100 " " " oxalico
 100 " " " tartarico
 100 " " potassa caustica
 500 " " cal viva
 100 " " soda caustica
 500 " " amoniacal 0,960.
 100 " B bióxido de Manganéz
 100 " " óxido de Bario
 300 " " agua oxigenada
 100 " " óxido de cobre cuprico
 100 " " carbonato de potassio
 100 " " " " sódio
 100 " " " " calcio
 100 " " chloreto de Bario
 25 " " " " estrocinio
 100 " " " " magnesio
 50 " Z " " zinco

Material escolar - 4

100 gr de chloreto de ferro
 100 " " " " anemie
 50 " " " " mercurio
 100 " " nitrate de potassio
 50 " " " " chumbo
 25 " " " " prata
 100 " " sulfato de sodio
 100 " " " " cobre
 100 " " " " E ferro
 100 " " " " manganez
 100 " " " " magnesia
 100 " " " " zinco
 50 " " sulfureto de anemie
 50 " " " " sodio
 100 " " " " ferro
 50 " " brometo de potassio
 100 " " sulfito de sodio
 100 " " phosphate de sodio
 100 " " permanganato de potassio
 100 " " bi-chromato de potassio
 100 " " acetato de chumbo
 50 " " arseniato de sodio
 50 " " reagente de Fehling
 100 " " carvão animal
 100 " " chlороpherme
 100 " " essencia de terebentina
 50 " " glicose
 100 " " amido
 50 " " tintura de tornasel
 Um livro de pael tornasel- pacote grande (azul)
 Um " " papel " vermelha - pacote grande

 25 gr. de phenol-thaleina
 25 " " iodo metallico
 250 " " flôr de enxofre
 250 " " enxofre em bastões
 50 " " antimonio
 50 " " zinco em fragmentos
 100 " " cobre em pó
 100 " " mercurio metallico
 250 " " ferro em limalha pure para analyse,

MATERIAL ESCOLAR - 5 -GABINETE DE HISTORIA NATURAL

1 Terço humano
 1 modelo anatomico de ouvido
 Uma collecção grande de mineraes
 Uma escala de dureza de Mohs
 1 modelo anatomico do coração
 1 modelo anatomico da larynge
 1 modelo anatomico do olho humano
 1 tucano de bico verde
 1 trinta-reis
 1 canário de Ceará
 1 bem-te-vi
 1 garça branca
 1 macaco bugiu
 2 beija-flôres
 1 papagaio
 Uma cascavel
 1 ganço
 Uma coruja de Igraja
 Uma piaçoca
 Uma preguiça
 1 tatú gallinha
 1 serlepe
 1 gambá
 1 gavião aguiá
 1 filhote de ema
 Mais de 200 outros passaros diversos
 1 sucuri
 1 gibeia
 28 cobras em alcool
 1 jacaré
 1 onça
 Uma corça
 2 coatis
 1 cachorro
 1 gato
 2 cachinguelês
 8 caixas grandes com 145 borboletas
 8 caixas com insectos diversos
 13 " pequenas de exemplares diversos.

GABINETE DE HIS. Nat.MATERIAL ESCOLAR - 6 -

(continuação)

- 9 quadros de " a FAUNA BRASILEIRA" pelo Prf. Dr. Conrado Gunter.
 88 " " Historia Natural do Brasil organizados pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro.
 6 ENSINO INTUITIVO por Renato Seneca Fleury (20 quadros)
 50 quadros murais pequenos sobre lições de ceusas.
 Um pequeno herbario.

=====

MINERALOGIA

Granito	Basaltine	Marmore
Delemie	Meteorite	Agata
Estalotita	Ematita micacea	Muscovite
Feláspathe	Quartzos leitosos	Quartzos
Quartzos reses	Quartzos hialinos	Ametista
Quartzos amorphos	Quartzos com turmalina	Opala de madeira
Resina	Flusspato	Jaspe
Tepazio branco	Amazonite	Opala
Turmalina	Tepazio de ouro	Agua Marina
Cerund	Mica branca	Schisto de carvão
Citrino	Apatite	Areia monazitica
Fossil de Madeira	Calcarea crystalline	Calcite
Talco	Amiantho	Dextrina
Turmalina verde	Machita azufrita	Garnierita
Galena	Mineria de cobre	Apatite
Mineria de nikel	Pirite	Limonite
Pyretita	Columbite	Magnetite
Ematita vermelha	Martitas	Oligiste
Pyreluzite	Ematita mer.	Manganiz
Itabyrite	Agatha	Antracite
Ferro	Limonite	Selinite
Talco	Redinita	Redonite
Quartzos enfumagados	Estalotite	Manganite
Delemie	Basaltine	Fluorite
Espato calcareo	Quartzos amorphos	Pirite
Hulha	Smitsemite	Phytolite-ardesia
Melede	Conglomerato de quartzos	Rutile
Crystaes relados	Spinelle	Geodo de quartzos
Diamante	Corindon	Ematite
Augite	Merexeno	Limonite negro
Formacao de diamante	Michaschite	Tremolite
Calcio	Esmeralda	Ferre especualr
Flogopite-mica	Talchoschiste	Calcite
Quartzos opaleonete	Calcedonia	Turmalina negra

INSTALAÇÕESSCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES : - CHIMICA

MESA DE LABORATORIO. - Pia com torneira e tampa d'agua. Gerador de corrente electrica (Bacterias de Filhas.)
 Aquario escolar. Terrario escolar. Varios quadros murais de representações eschematicas. 2 epidiascopes com 500 diapositivas.